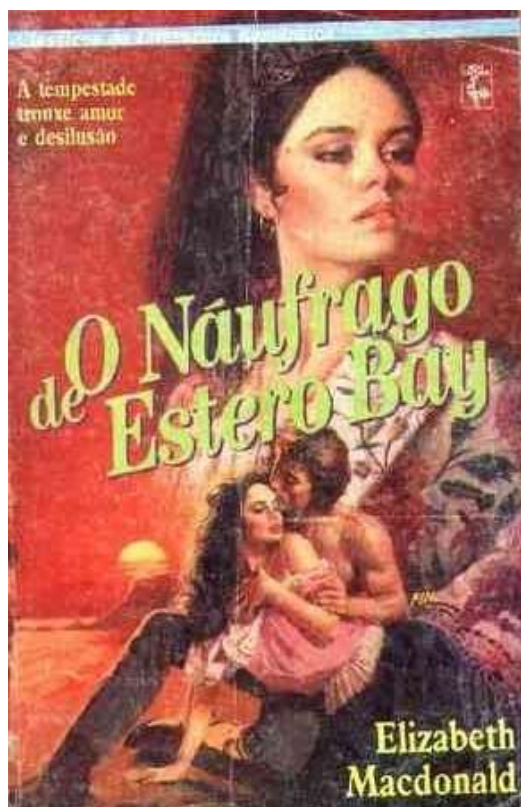


O Náufrago de Estero Bay

Esteros Bay

Elizabeth Macdonald



Uma onda gigantesca abate-se sobre o navio, jogando Lucas de encontro ao convés. Seu grito foi abafado pelos ruídos da embarcação, que afundava entre perigosos rochedos.

Horas mais tarde, Consuelo fitava o rosto ao mesmo tempo forte e vulnerável do náufrago resgatado. Uma estranha atração a magnetizava, provocando-lhe profunda irritação. Aquele era um maldito estrangeiro, igual a todos os outros que invadiam a Califórnia depois da guerra civil em busca de riquezas, arruinando os filhos da terra.

Devia desejar-lhe a morte, mas não conseguia ficar impassível. Era uma questão de humanidade ajudá-lo. Só não podia suspeitar que seu gesto fosse lhe trazer um inesperado amor... e uma profunda decepção!

Uma comovente descrição da ocupação da Califórnia, depois da guerra civil.



Digitalização: Polyana
Revisão: Cris Paiva



Elizabeth Macdonald - O Naufrago de Estero Bay
(Clássicos da Literatura Romântica)

Título em português: O Naufrago de Estero Bay

Copyright © 1991 by Elizabeth Macdonald
Publicado originalmente em 1991 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial,
sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.
todos os personagens desta obra, salvo os históricos,
são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas
vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Estero Bay

Tradução: Vera Maria Marques Martins

Copyright para a língua portuguesa: 1992
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410
São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 9442

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Telefone: (011) 881-8266

Cartas para "Central de Atendimento"
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 — 4º andar
CEP 01410 — São Paulo

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda
Impressão e acabamento: Gráfica Circulo

PRÓLOGO

O primeiro oficial Lucas Morgan ouviu o grito do marinheiro avisando que o navio rachara a estibordo. Agarrou-se à corda, lutando para manter o equilíbrio no convés invadido pela água. Olhou na direção indicada pelo homem e gemeu em desespero. O vapor costeiro *Golden Gate* fora avariado de forma irreversível. Batia nas rochas, açoitado pelo vento que varria as ondas com violência, elevando-as a uma altura descomunal. Os gritos aterrorizados dos marinheiros perdiam-se no rugido do oceano enfurecido. Uma onda gigantesca abateu-se sobre Lucas, jogando-o no chão. Gritou, mas a voz foi abafada pelos gemidos do navio que de repente parecia um enorme animal ferido de morte.

— Maldito litoral! — bradou Lucas, erguendo-se com a ajuda da corda.

A costa da Califórnia era traiçoeira, mas nem isso impedira o irresponsável capitão de embebedar-se. Ficara na cabine, embriagado, exatamente como fizera durante toda a viagem de ida e volta até San Diego.

— O navio está rachando, sr. Morgan! — tornou a gritar o jovem marinheiro.

À luz dos relâmpagos cegantes o rosto imberbe estava branco como cera e os olhos mostravam-se esgazeados de pavor. Lucas não teve tempo, de responder. Novo impacto violento contra as rodas aumentou a rachadura por toda a extensão do barco e a água inundou o porão.

— Homens! — berrou Lucas. — Para os barcos salva-vidas! Todos! A corda molhada feria-lhe as palmas das mãos enquanto ele abria caminho no convés oscilante. Em vinte anos de vida no mar, nunca vira ondas tão altas nem nevoeiro tão espesso.

Trabalhando com verdadeiro desespero, a tripulação tentava escapar da embarcação que se abria sob seus pés. Lucas praguejou ao ver um escaler ser jogado na água e virar no mesmo instante.

— Saltem! — ordenou, tentando não imaginar quantos marinheiros pereceriam. Felizmente não levavam passageiros. — Atirem todos os barcos no mar e saltem. Abandonem o navio!

Os homens pularam por cima da amurada, desaparecendo na espuma rodopiante, enquanto Lucas murmurava impropérios contra o irresponsável

capitão. Ele já servira de primeiro oficial a bêbados inveterados antes, mas jurava que aquela seria a última vez. Se escapasse, naturalmente. Já estava farto dos demônios do oceano, cuja fúria desencadeava-se inesperadamente e que nada parecia aplacar, a não ser muitas e preciosas vidas humanas.

— Vá para o inferno, capitão Wyatt! — resmungou, arrastando-se na direção da cabine do superior, com a água chegando-lhe ao meio das coxas.

Por mais que estivesse furioso, não podia permitir que o infeliz morresse afogado, pensou, desviando-se de uma arca que flutuava no corredor.

Na cabine, na claridade amarelada de uma lanterna suspensa no teto, Lucas viu o capitão, boiando de rosto para baixo. Ergueu-lhe a cabeça e forçou as pálpebras a abrirem. As pupilas estavam fixas e embaçadas. O miserável afogara-se na própria cabine. Lucas sentiu-se nauseado ao ver uma garrafa vazia de rum boiando na água entre pedaços de pão.

O navio rangeu e balançou com mais força. Talvez não afundasse e se ele permanecesse a bordo a Companhia de Vapores Pacific reconheceria seu mérito.

— Não! — Lucas ralhou consigo mesmo. — Já chega! Não quero mais saber desta vida maldita no convés de um navio!

Uma vida que já durara uma eternidade, desde que começara, em 1850. Lucas embarcara pela primeira vez aos doze anos de idade, como camareiro. O barco rodeara o cabo Horn, ele quase morrera enregelado e sofrerá a cruel zombaria da tripulação. Passara da infância à maturidade numa única viagem. Tudo acontecera vinte anos antes.

No mês anterior ficara frustrado ao perder a chance de capitanear um navio. Concorrera ao posto tendo com oponente o cunhado do proprietário do barco, que acabara sendo o escolhido. E não passava de um bêbado igual ao capitão do *Golden Gate*, se não fosse pior.

Sobre a escrivaninha chumbada no chão, o diário de bordo ficara aberto. A tinta que o capitão usara para escrever a última anotação escorria no papel molhado. Quinze de agosto de 1870.

Na parede, a caixa-forte ficara aberta. Uma bolsa de couro com alças fora puxada para fora, mas não chegara a ser retirada. O capitão Wyatt planejava abandonar o navio, mas não conseguira.

Voltavam para San Francisco levando moedas e pepitas de ouro, resultado das transações efetuadas ao longo da costa. Era óbvio que o capitão tencionara salvar a bolsa de ouro. Lucas, ocupando o segundo lugar no comando, tinha o dever de salvá-la do naufrágio.

Segurou as alças da bolsa e puxou-a, tentando ignorar o corpo do homem batendo de encontro às suas pernas. Amarrava a bolsa na cintura, sob o casaco de lona, quando um movimento mais forte da água virou o cadáver e os olhos sem vida do capitão fixaram-se em seu rosto. Lucas fez uma careta de desgosto e apressou-se em sair da cabine transformada em túmulo.

Voltando ao convés, teve a certeza de que o navio não ficaria na superfície da água até o amanhecer. As ondas encapelavam-se com mais fúria e a embarcação afundava lentamente entre os rochedos. Escorregando e caindo, chegou à amurada que o adernamento deixava quase no nível do mar revolto.

A tripulação desaparecera, mas ele ouvia gritos distantes através do nevoeiro. A linha costeira estava invisível, todavia ao longe brilhava uma luz tênue, despertando-lhe alguma esperança. Era costume dos habitantes da região acender fogueiras na praia quando percebiam que uma embarcação enfrentava dificuldades.

Lucas saltou sobre a amurada. Que o navio e a companhia de navegação fossem para o inferno! Lucas Morgan ia pensar em si mesmo e tratar de salvar a pele!

Olhou para a água turbilhonante e apalpou a bolsa presa na cintura. Então, mergulhou. As ondas o empurraram para a frente, quando ele deu as primeiras braçadas na direção da luz na praia.

CAPÍTULO I

O nevoeiro era um cortinado cinzento que abafava o estrondo dos vagalhões contra os rochedos da praia. Na areia a fogueira brilhava vencendo a névoa como um sol extraviado e pousado à beira do mar.

Consuelo Estrada, de pé na porta da extensa casa de adobe, tentava devassar a escuridão com o olhar ansioso. Ouvia as vozes dos vaqueiros e do pai, trazidas pelo vento que varria a praia. Assim que um índio chegara com a notícia de que

um navio encontrava-se em apuros, dom Augustino dera ordens para que acendessem uma fogueira na areia. Era este o costume dos californianos: ajudar as embarcações avariadas pelas constantes tempestades ia perigosa costa rochosa.

Consuelo apertava as mãos nervosamente, pensando que o pai não devia ter acompanhado os homens na missão de socorro. Já não era jovem e, desde que perdera o filho Felipe numa briga de taberna, tornara-se mais frágil e cansado. Às vezes até dava a impressão de não ter consciência do que o rodeava, imerso em tristes devaneios. Alheara-se dos problemas da fazenda e Consuelo fora obrigada a tomar importantes decisões em seu lugar, naquele ano que sucedera a morte do irmão. Para ficar mais tranqüila quanto à segurança do pai, ela confiara-o à constante vigilância de Rafael, o velho criado de confiança.

Atrás dela, na sala aquecida pela imponente lareira, a tia reclamava da porta aberta, que deixava entrar o ar frio da noite. Consuelo entrou e pegou o xale aberto no encosto de uma poltrona, sem olhar para tia Isabel, que bordava ao pé do fogo. Envolveu-se no amplo agasalho e atravessou o pátio na direção do muro de adobe.

O vento soltou algumas mechas do longo cabelo preto que ela prendia para trás, expondo o rosto delicado e de belas feições. Com um gesto impaciente, ela arrumou os fios rebeldes no coque, sempre procurando ver alguma coisa através da bruma. Talvez devesse ir até a praia e tentar convencer o pai a deixar o salvamento dos malditos anglo-americanos por conta dos vaqueiros e dos índios...

— Consuelo! — A voz monótona da tia alcançou-a. — Volte para dentro. O vento frio vai lhe fazer mal.

— Já vou.

Era uma resposta automática, destinada a aplacar a mulher, mas que não significava que ela pretendia obedecer. Consuelo apertou o xale contra o corpo e estremeceu sob uma rajada mais impetuosa de vento. Não demoraria para que o céu pesado se abrisse, despejando chuva. Ela perscrutava a escuridão, tentando não deixar que o velho ressentimento contra a tia a dominasse. Que mulher irritante! Submetia-se a todos os desejos de dom Augustino, mesmo que isso significasse perigo para o velho. Nem se dera ao trabalho de procurar dissuadi-lo da idéia insensata de acompanhar os homens à praia.

Consuelo sentiu uma onda de remorso ao pensar tão asperamente na tia. Afinal, a mulher era uma parente pobre agregada à casa do irmão e nunca vencera o complexo de inferioridade que a fazia sentir-se pouco mais que uma criada. Tomara sobre si a tarefa de dirigir o trabalho doméstico e mostrara-se eficiente governanta. Jamais era grosseira, mas também não demonstrava grande afeto a ninguém.

Um súbito pensamento causou-lhe um arrepio de medo. O pai e tia Isabel eram pus únicos parentes. Quando eles se fossem ficaria sozinha no mundo. Não era justo que o pai se arriscasse, ajudando os arrogantes americanos descendentes de ingleses que ela tanto detestava. Era por culpa deles que a mãe e o irmão estavam mortos. Raiva poderosa a fez andar de um lado para outro, inquieta, enquanto ela tentava tomar uma decisão.

O ruído das rodas de uma carreta na estrada de areia chamou-lhe a atenção e ela correu ao seu encontro, aflita. A Virgem Maria não permitiria que o carro puxado por bois estivesse transportando o pai, vitimado por um ataque cardíaco. O que faria, se isso acontecesse? Não suportaria o sofrimento de vê-lo sucumbir prestando ajuda aos odiados marinheiros!

Que os americanos fossem todos condenados ao inferno, ela pensou furiosa. Por que eles tiveram de ir para a Califórnia, depois da guerra civil e monstruosa, criada por sua própria maldade? Se ao menos a terrível seca de 1865 não tivesse matado quase todo o gado de dom Augustino... Se os advogados americanos contratados pelo pai para defender a posse das terras tivessem sido menos ambiciosos... Se...

Mas acontecera uma tragédia atrás da outra e a vida deles mudara radicalmente.

Consuelo perdera a mãe aos seis anos de idade, mas ainda guardava doces lembranças daquele tempo feliz. A mãe, Amparo, usava vestidos de seda chinesa vindos de Paris, colares de ouro entremeados de pérolas. O pai vestia-se de veludo e as jaquetas curtas eram rebordadas a ouro. Desde a chegada dos americanos, porém, tudo fora vendido, desde as jóias até as selas com enfeites de prata, para que o pai pudesse pagar os advogados insaciáveis. A seca tornara a terra estéril e a fazenda não produzia nem mesmo o alimento necessário para o sustento de seus habitantes.

A maior tragédia, porém, fora a morte da mãe, contaminada por um doença trazida pelos americanos, a terrível varíola.

Consuelo mordeu os lábios, reprimindo as lágrimas que lhe ardiam nos olhos escuros. Ela fora separada da mãe, para que não contraísse a moléstia. Mas, em sua tenra idade, não compreendera o motivo e revoltara-se, abrigando no coração uma torturante amargura que nunca desaparecera. Ouvia por trás das portas, chorando desesperada sempre que alguém comunicava a morte de algum índio ou americano contaminado pela peste. E num dia terrível, que ela jamais esqueceria, a mãe também morrera.

O padre Amadeo sempre lhe dizia que não era próprio de uma cristã alimentar ódio contra os americanos. Não era justo culpá-los pela morte de Amparo, pois fora Deus que escondera sua querida mãe para viver com os anjos no paraíso. As admoestações, porém, caíam em ouvidos surdos. Consuelo não se livrava do ódio pelos americanos. Eles eram os culpados pela morte da mãe e o seu adorado irmão. E não era só isso. Havia destruído a vida aprazível e pacífica dos antigos californianos.

Os guinchos das rodas da carreta estavam mais próximos e logo o vulto maciço do veículo destacou-se da cortina de névoa. Angustiada, Consuelo viu que não era o pai que cavalgava ao lado do carro, mas Pablo, o chefe dos vaqueiros. O homem chamou pela caseira, que seguia a cena da varanda da cozinha.

— Rosa! Precisamos das mulheres para cuidar dos feridos! Tia Isabel saiu correndo da casa atraída pelo barulho e reuniu-se a Consuelo.

— O que foi? — perguntou. — Trouxeram sobreviventes?

— Trouxeram — respondeu Consuelo por entre os dentes. — Minhas preces não foram ouvidas. Os americanos sobreviveram.

A tia lançou-lhe um olhar de censura, que ela ignorou, fixando a estrada na tentativa de distinguir o cavalo montado pelo pai. Mas nenhum outro cavaleiro vinha pela trilha da praia.

— Meu pai! — ela gritou, correndo para junto do vaqueiro. — Onde ele está, Pablo?

O homem afastou-lhe a mão do poncho molhado, num gesto impaciente, e desceu do cavalo. Era alto e forte e foi sem nenhuma dificuldade que ergueu um marinheiro inconsciente da parte de trás da carreta e levou-o para o galpão dos vaqueiros.

— Papai está bem? — Consuelo perguntou quando ele se afastava com a odiada carga.

Não obteve resposta. Bufou, irritada. Dom Augustino não devia estar na praia, exposto ao frio e à umidade, ajudando a tirar os miseráveis marinheiros da água. Impulsivamente, ela correu para o cavalo de Pablo e montou-o, fazendo-o disparar na direção do mar.

Chegando ao círculo de luz da fogueira, puxou as rédeas, olhando freneticamente em volta. O pai não se encontrava entre os homens que arrastavam marinheiros feridos para uma carreta.

Um dos vaqueiros retirou um corpo da carreta e deitou-o na areia. O coração de Consuelo apertou-se de tristeza. Apesar de todo o antagonismo contra os americanos, nunca era fácil encarar a morte e era óbvio que o homem retirado do carro morreria.

A voz do pai, em algum ponto à frente, desviou a atenção de Consuelo e ela fez o cavalo seguir para lá. Começara a chover e ela perdera o xale durante a cavalgada. O frio perpassava o tecido molhado da blusa, deixa*do-a enregelada.

— Papai! Papai!

Em resposta ao seu grito angustiado, dom Augustino trotou em sua direção. Consuelo suspirou de alívio. Montado em seu animal favorito, o pai quase parecia o mesmo de tempos atrás: forte e autoritário.

Quem o visse naquele momento, não suspeitaria que o homem passara um ano alheio a tudo, sufocado pela dor da perda de um filho.

Um vaqueiro juntou-se ao patrão, trotando rapidamente.

— Vasculhamos a praia toda, senhor. Não encontramos mais nenhum sobrevivente.

— Está certo — respondeu o fazendeiro, fazendo um gesto para que o condutor da carreta se pusesse a caminho.

Só então voltou-se para Consuelo, franzindo a testa numa atitude desaprovadora.

— Volte já para casa, menina.

Ela não obedeceu, mantendo o cavalo parado e olhando obstinadamente para o pai.

— Não ouviu o que eu disse, Consuelo? Volte...

— Achamos outro! — O grito de um vaqueiro interrompeu-o.

Dois índios sustentavam um homem inconsciente, segurando-o por baixo dos braços e arrastando-o pela areia. Quando o colocaram na carreta abarrotada, ajeitando-o entre os marinheiros que gemiam de dor ou continuavam desacordados, Consuelo percebeu, pela roupa, que se tratava de um oficial. Conhecia as divisas exibidas nas mangas dos oficiais, pois sempre fora de navio para a escola de Monterey. Uma pontada de dor, provocada por tristes recordações, fez com que ela lançasse um olhar magoado para o pai.

A fazenda não era lugar para uma menininha sem mãe, o pai explicara no cais, ao chegarem pela primeira vez em Monterey. Gaivotas volteavam no céu, e ela se lembrava do latido de um cão vagabundo que corria atrás de um gato. Havia lágrimas nos olhos do pai, mas Consuelo não chorara. Sentia-se petrificada por dentro, perdida e abandonada. A mãe morrera e o pai a mandava embora de casa. O mundo era uma vastidão hostil, onde ela não encontrava nenhum refúgio.

Compreendera, em seu coração de criança, que a vida nunca mais seria o que fora. Nos anos passados na escola das freiras, desenvolvera a certeza de que seu mundo fora destruído pelos americanos. A fazenda Estrada ficara empobrecida, sua mãe morrera,

Dom Augustino fez novo gesto imperioso com a cabeça, indicando-lhe o rumo de casa, mas Consuelo ignorou-o. Emparelhou o cavalo com a carreta que se movia pesadamente, seguindo-a a passo lento. Olhou para o oficial largado no fundo do carro, dominada pelo velho sofrimento.

— Deviam tê-lo deixado morrer! — exclamou, contendo-se para não chorar.

— Consuelo! — reprovou-a o pai com severidade.

Ela não desviou o olhar do corpo inanimado do americano. A água da chuva diluía o sangue que escorria dos ferimentos e o rosto exibia cortes profundos produzidos pelas rochas. Era um rosto ao mesmo tempo forte e vulnerável. Observando-o, Consuelo lembrou-se de um sonho que tivera na adolescência. Um estranho, destinado a ser o amor de sua vida, encontrava-se com ela, vindo do mar. Como os heróis dos romances singelos que lia no convento de Monterey, o homem era alto, moreno e bonito. Impetuoso, ele venceria todos os obstáculos entre eles e a faria feliz por todo o sempre.

Bobagens, ela pensou. Já estava com dezoito anos. Era quase uma solteirona e aprendera que sonhos não se tornavam realidade.

O pai alinhou o cavalo ao lado do dela.

— Uma noite trabalhosa — comentou. — Voltaremos para buscar os mortos, quando os feridos estiverem acomodados.

— Não se canse, papai — ela suplicou, examinando-lhe o rosto à procura de sinais de exaustão. — O médico disse para se cuidar.

— Estou bem — ele afirmou.

Ela esperava que fosse verdade. Não suportaria, se algo acontecesse a dom Augustino. De seus queridos só restara ele. Havia também tia Isabel, claro, que lhe despertava tanto ternura quanto ressentimento, causando-lhe sérios conflitos íntimos.

Tornou a olhar para o rosto do oficial, mas, irritada com a estranha atração que a magnetizava, incitou o cavalo a trotar, afastando-se da carroça.

— Teremos de vigiá-los, quando se recuperarem — gritou para o pai. — São miseráveis americanos!

Na fazenda, assistiu ao transporte dos feridos para o galpão, entre penalizada e furiosa. Rosa e as mulheres índias entregaram-se à tarefa de lavar e atar ferimentos, seguindo o preceito cristão de fazer o bem sem olhar a quem.

Tremendo nas roupas ensopadas, Consuelo entrou na casa grande para trocar-se. Depois foi ao salão, aquecer-se diante da lareira. Tia Isabel passou por ela, carregando a sacola de remédios, ervas medicinais e ataduras.

— Precisamos de ajuda para cuidar de todos os feridos, Consuelo — avisou com severidade.

Dois anos antes, por ocasião do décimo sexto aniversário de Consuelo, a tia lembrara-a de que um dia ela seria a patroa da fazenda. Deveria aprender a tratar de quantos necessitassem de cuidados, fossem amigos ou inimigos. Ela ficara satisfeita com a atenção da mulher e dedicar-se ao aprendizado com entusiasmo. Fora fascinante descobrir que era capaz de entalar um braço quebrado e fazer um parto, mas tratava-se de coisa muito diferente prestar assistência aos odiados americanos

A raiva contra eles superava a compaixão. Virou-se de costas para não ver o olhar reprovador da tia. Depois de alguns segundos, a mulher suspirou desanimada e saiu da sala.

Ignorando a voz da consciência, que tentava fazê-la sentir-se culpada, Consuelo

estendeu as mãos para o fogo. Fora à praia impelida pela preocupação com o pai. Sabendo que ele se encontrava bem, simplesmente esqueceria a presença dos marinheiros na fazenda. Contudo, se achasse que se demoravam demais na propriedade, pediria ao pai que os enxotasse.

Não ia servir de enfermeira para aquela gente. Rosa e as índias que dessem conta do recado sozinhas, ajudadas por Isabel. Ela nem ouviria os gritos que cortavam o silêncio da noite.

Um grito mais desesperado, porém, penetrou-lhe a couraça. Mesmo quando cessou, continuou a ecoar em sua mente, torturando-a. O coração bondoso, disfarçado na casca de indiferença, condoeu-se. Os sofrendores podiam ser americanos, mas eram seres humanos também. Vencida, ela apanhou outro xale e caminhou para a varanda.

Tochas brilhavam em estacas ao redor do pátio. A luz bruxuleante criava uma atmosfera misteriosa ao atravessar a chuva fina. Ela preparava-se para atravessar o pátio, quando dois vaqueiros aproximaram-se carregando um homem inconsciente entre eles. Eram guiados por dom Augustino, que levou-os para a última porta aberta para a varanda. O quarto que pertencera a Felipe!

Não! Ela não podia permitir tal falta de respeito. Desde que o irmão tivera morte violenta nas mãos de um americano, ninguém mais usara aquele quarto. Ninguém, a não ser o padre Amadeo, que aparecia na fazenda uma vez por mês.

Furiosa, correu atrás do pai e agarrou-o pelo braço, obrigando-o a encará-la.

— Nenhum americano nojento vai dormir no quarto de Felipe! — gritou descontrolada. — Por favor, papai!

— O homem era um oficial do navio — o pai explicou com aspe-reza. — Não posso deixá-lo no meio dos vaqueiros e dos marinheiros.

Era o oficial que tanto a atraía no caminho para a fazenda. O fato apenas aumentou sua raiva.

— É um porco americano! — bradou, controlando-se para não explodir em lágrimas. — Igual ao que matou meu irmão! Um americano, como aquele que tirou a vida de seu único filho!

Como sempre acontecia quando alguém mencionava Felipe, os olhos do velho encheram-se de lágrimas. Os ombros curvaram-se, como se toda a energia o

abandonasse de repente.

— Quem matou seu irmão foi um bêbado, na taberna onde Felipe estava jogando — considerou com voz estrangulada. — Não pode culpar este homem apenas porque ele é da mesma raça do assassino. Tremendo convulsamente, Consuelo emitiu um soluço seco.

— Está sendo tolo em ajudá-los, papai. Pense em todo o mal que lhe fizeram!

O rosto enrugado e aristocrático de dom Augustino endureceu-se quando ele olhou para a filha. A antiga arrogância venceu a amargura e orgulho feroz brilhou nos olhos úmidos.

— Nem mesmo você, Consuelo, me fará esquecer a hospitalidade dos californianos. A fazenda Estrada sempre estará aberta a todos os que necessitarem de ajuda.

O cheiro de madeira de pinho queimada permeava o ar do salão. O brilho avermelhado das chamas da lareira tremulava nas paredes brancas. Numa cadeira espanhola de couro, junto da longa mesa de refeições, Consuelo olhava sem ver para os livros de contabilidade da fazenda, abertos a sua frente. Decidira fazer um balanço da situação, pois o pai já não parecia importar-se com as finanças e era imperativo-que encontrasse uma forma de pagar os salários dos vaqueiros.

Muitos dos mais jovens já haviam abandonado a fazenda e procurado empregos mais seguros. Os mais velhos, com suas famílias, permaneciam com os Estrada por pura lealdade.

O pai sempre fora muito carinhoso com ela, desde que a mãe morrera. Nunca lhe falara tão asperamente como fizera momentos antes. Dominada pela ira, antes que começasse a chorar ou gritar como louca, retirara-se para o salão, determinada a não fazer nada pelos náufragos. Seu impulso de bondade fora sufocado pela raiva diante da atitude absurda do pai.

Dom Augustino estava errado! Por que insistia em obedecer à tradição de hospitalidade dos californianos? Tudo aquilo acabara com a chegada dos americanos. O antigo modo de vida não existia mais. A generosidade acabara, exterminada pela necessidade de luta constante contra os predadores sempre ávidos por dinheiro e terras.

Ela não entendia o que fizera o pai sair tão subitamente da apatia em que caíra desde a morte de Felipe. Ela fora obrigada a tomar a direção da fazenda com

mãos inexperientes, mas aprendera depressa. Fora ela quem estabelecera o preço dos maravilhosos cavalos de sangue espanhol, vendidos no mês anterior. Com o dinheiro, pagara pessoalmente os fornecedores da vila de Cambria e fizera novas compras.

De repente, dom Augustino lembrava-se de que era o senhor da propriedade e abria as portas para os americanos, como se ainda vivesse na fidalguia dos velhos tempos tranqüilos. Nada mais era tranqüilo para os californianos, porém. Os americanos haviam roubado, tirado legalmente, segundo eles, muitos hectares de terra da fazenda. Por causa da raça maldita ela crescera sem mãe e o pai envelhecia sem a presença confortadora de seu único filho.

Ela empurrou um dos livros para longe. Não era preciso examinar coisa alguma para saber que o balanço era negativo. O dinheiro conseguido com a venda dos cavalos acabara. As moedas pareciam não ter mais valor, evaporando-se rapidamente como nevoeiro ao sol da manhã. Mas nem sempre fora assim. Antes da seca, que matara a maior parte do gado, o pai sempre tivera fartura de couro e de animais para vender. E o que restara? Algumas míseras cabeças de gado e uns poucos cavalos de raça.

Chegara a nota dos impostos devidos pela fazenda. Consuelo fechou os olhos, desanimada. Nem queria pensar na possibilidade de não ter dinheiro para pagá-los, quando chegasse o momento. Ela precisava conservar a propriedade a qualquer custo. Era seu mundo. Ela não viveria longe das colinas ondulantes que desciam até o mar, da grama aveludada, tão verde na primavera, dos campos promissores no verão, e pesados de grãos no outono, a estação em que estavam. A terra era sua única defesa contra os americanos invasores.

— Consuelo, preciso de você. — A voz da tia, suplicante, interrompeu-lhe os pensamentos.

Consuelo suspirou, resignada. Isabel não desistiria até vê-la render-se. De pé na porta, a mulher alta mantinha uma postura determinada de quem não admitiria mais desobediências. O rosto era aquilino, revelando o sangue espanhol, e o cabelo grisalho vivia preso no mesmo estilo severo que ela ensinara a Consuelo.

— Todas as mulheres estão cuidando dos marinheiros — anunciou. — Você precisa me ajudar a tratar do oficial. Não se esqueceu do costume de nossa gente, não é? Nunca negamos socorro a quem quer que seja.

Os protestos de Consuelo morreram na garganta, quando ela fitou os

penetrantes olhos da tia. Aquele olhar traduzia uma vontade férrea, normalmente disfarçada sob calma indiferença. Consuelo o conhecia bem e sabia que de nada adiantaria discutir. Sem uma palavra, seguiu a tia pela varanda.

Estacou na porta do quarto de Felipe ao deparar com os olhos intensamente azuis do homem deitado na cama. Os olhos estavam injetados de sangue, mas mostravam-se alertas e desconfiados. Prendiam os olhos dela com a força de imã poderoso.

— Ajude-me a tirar-lhe as roupas — ordenou a tia, começando a puxar o casaco de lona ensopado de água.

Consuelo obedeceu, ainda fitando os olhos do oficial. Tão azuis! Completamente diferentes dos olhos escuros de seu herói de sonho. O cabelo castanho-claro colava-se à testa em caracóis brilhantes de sal. O rosto, apesar de machucado, era inegavelmente bonito. Lentamente, os lábios cheios e másculos abriram-se num sorriso tímido.

— *Bella senorita* — murmurou em espanhol, antes de prosseguir em inglês: — Um lindo anjo.

Surpreendida pelas palavras inesperadas, Consuelo recuou, deixando o casaco de lona cair no chão. O homem começou a tossir até cuspir sangue na bacia que Isabel colocou à sua frente.

— Como se chama, *senor* — perguntou a mulher, quando o acesso de tosse passou e ele reclinou-se nos travesseiros empilhados.

— Lucas — ele respondeu, rouco, fazendo um trejeito de dor com os lábios partidos. — Primeiro oficial Lucas Morgan.

— Teve muita sorte, senhor — declarou a mulher. — Escapou da morte e agora encontra-se em segurança na fazenda Estrada.

Ela começou a desabotoar a camisa ensopada e naquele instante a caseira irrompeu no quarto, cheia de aflição.

— Dona Isabel, venha depressa, por favor. Um deles está morrendo!

— Cuide do oficial Morgan, Consuelo — ordenou a tia, pegando a sacola de medicamentos e correndo atrás da caseira.

Lucas observou Consuelo detidamente, aumentando-lhe o desconforto. Não bastava que estivesse sozinha com um desprezível americano. Ele tinha de ser

ousado!

Novo ataque de tosse atacou-o e quando tudo serenou ele fechou os olhos, exausto.

Consuelo obrigou-se a vê-lo como uma pessoa que sofria e não como um odiado inimigo. Reunindo toda a coragem que possuía, desabotoou-lhe a camisa e puxou-a pelos ombros, expondo o torso musculoso e bronzeado.

Lucas abriu os olhos por um instante.

— Linda — murmurou, erguendo a mão para afagar o rosto inclinado sobre o dele.

Consuelo corou, sentindo o coração disparar no peito.

Lucas flutuava numa nuvem de calor. Sentia-se deliciosamente aquecido, a despeito dos tremores involuntários que lhe sacudiam o corpo. Um anjo de olhos ternos aparecia e desaparecia diante de seus olhos anuviados. Mãos delicadas tocavam seu rosto dolorido e o cheiro penetrante de unguento invadia-lhe as narinas.

Ele gemeu, quando o líquido penetrou num ferimento mais profundo. A dor rasgou-lhe o cérebro, a mente girou vertiginosamente e ele mergulhou num túnel de trevas.

Lucas gemia e do peito largo escapava um estranho som rascante. As mãos pendiam inertes e os olhos mantinham-se fechados. Uma onda de pânico envolveu Consuelo. O homem estaria morrendo? Instintivamente colocou a mão na região do coração e suspirou aliviada ao constatar que as batidas eram fortes, apesar de irregulares.

Os dedos esguios demoraram-se no peito coberto de pêlos ásperos e ela percorreu o corpo musculoso com o olhar. Da cintura pendia uma bolsa de couro que ela não notara antes. Era necessário livrá-lo do peso para que ele ficasse mais confortável. Tentou desatar o nó das alças, mas o couro molhado resistia a seus esforços. Retirou uma faca pequena e afiada do bolso da saia estampada e cortou as alças. Abriu a bolsa e prendeu a respiração, atônita. Estava cheia de ouro!

O americano carregava uma verdadeira fortuna! Naturalmente, a raça de ladrões devia ser imensamente rica. Alguns de seus representantes haviam empobrecido sua família. Nada mais justo que ela ficasse com o ouro, como

compensação por todos os sofrimentos que experimentara por causa dos amaldiçoados americanos.

Sabia que não teria coragem de roubar, pois honestidade era algo marcante em seu caráter, mas era bom devanear, imaginando vinganças. Guardaria a bolsa em lugar seguro. Os vaqueiros não venceriam a tentação de apossar-se do ouro, se o vissem. Guardou o tesouro no bolso, olhando furtivamente para a porta para ter certeza de que não havia testemunhas.

Com movimentos apressados, acabou de tirar as roupas do oficial Lucas Morgan. Apalpou o corpo forte e transbordante de masculinidade, fingindo que sua nudez não a afetava. Encontrou algumas costelas partidas e dedicou-se ao trabalho de envolver o torso musculoso em ataduras firmes.

A dor lancetou-o impiedosa, quando Lucas despertou e tentou sentar-se na cama. Gemendo, largou-se nos travesseiros. Uma vela brilhava na mesa de cabeceira, pondo reflexos trêmulos nas paredes de adobe e no teto baixo, com vigas aparentes, do pequeno quarto. O perfume de eucaliptos molhados de chuva penetrava pela janela aberta.

As lembranças o invadiram de repente e ele apalpou a cintura, procurando o cinto onde prendera a botija de ouro. Descobriu que estava nu sob o cobertor e todo enfaixado. O desespero apertou-lhe o coração. Teria perdido a bolsa no mar? Ou fora roubado pela gente que o socorrera? Talvez a própria moça com rosto de anjo achara-se no direito de apossar-se da fortuna que ele carregava. Fosse como fosse, perdera o fruto de uma viagem inteira e a companhia de navegação o responsabilizaria por isso.

O sono lhe fugia, enxotado pela preocupação e por recordações do passado. Pensou em Gloucester, a cidade inglesa de sua meninice. Todos os homens do lugar iam para o mar, com exceção dos comerciantes e dos armadores. O pai de Lucas fora marinheiro, um vagabundo que dormira com a bela criada de taberna e desaparecera ao sabê-la grávida, nunca mais voltando.

Lucas crescera na taberna, servindo como menino de recados e cantando para os marinheiros que ali se embebedavam noite após noite. Fora assim que conseguira ganhar algumas moedas e teria sido feliz se não fosse pela vergonha de saber que a mãe submetera-se a todos que desejaram levá-la para a cama.

Ele odiara o sorriso cativante que ela reservava para os homens, tão diferente do sorriso terno que lhe dirigira ao contar-lhe velhas histórias.

A mãe fantasiara sobre o futuro de seu adorado filho, imaginando-o rico e poderoso, longe de toda a podridão em que fora criado. Lucas a amara e odiara os homens que se aproveitavam de sua miséria. Ela não tivera escolha. Ou se prostituía, ou arriscava-se a morrer de fome, junto com o menino. No fim, fora a extrema pobreza que a matara. Lucas estava com doze anos quando a vira morrer de inanição no quartinho frio e apertado nos fundos da taberna. Partira então para o mar, a bordo do *Marybelle*,

Lutara bravamente para fugir da miséria e das lembranças amargas. A luta muitas vezes exigira que ele trapaceasse e mentisse, de acordo com as regras duras da vida de marinheiro. Nos últimos meses começara a odiar o mar e as incessantes viagens. Estava cansado dos perigos, da má alimentação, das tempestades e dos companheiros ignorantes e quase sempre desonestos, arruaceiros e bêbados contumazes.

O desastre do *Golden Gate* fora um sinal do destino. Ele nunca mais voltaria para o mar, nem mesmo para ocupar o posto de capitão. Talvez começasse uma nova vida naquele lugar tranqüilo, entre os hospitaleiros californianos.

Era um sonho, ou realmente o anjo retornara? Ele sorriu de leve quando a jovem morena ergueu-lhe a cabeça para ajudá-lo a beber uma poção com sumo de papoulas. Seus olhares se encontraram na claridade fraca da vela e ele achou que olhos tão límpidos não podiam pertencer a uma ladra.

— Onde está o ouro? — perguntou com dificuldade. Ela hesitou por um momento muito breve.

— A salvo — respondeu por fim, cobrindo os dedos nos lábios ressequidos para silenciá-lo. — Durma agora, senhor.

Tranqüilizado, ele tocou na mão ainda pousada em seus lábios. O chá de papoula começava a surtir efeito e ele se sentia sonolento. Fechou os olhos e mergulhou num sono reparador.

CAPÍTULO II

Lucas revirava-se na cama, afastando o cobertor. Mas nem a brisa noturna refrescava-lhe o corpo escaldante. No delírio da febre, murmurava palavras

desconexas, resmungando sem cessar.

Sentia algum alívio, pois sossegava, quando Consuelo esponjava a pele quente com um pano úmido. Ao perceber que a inquietação voltava, ela umedeceu-lhe o peito e os braços, finalmente colocando a compressa molhada na testa febril, deixando-a lá. Aos poucos ele se acalmou e a respiração tornou-se regular.

Tia Isabel achava que ele devia estar com infecção interna, porque os ferimentos externos não tinham má aparência. Preocupava-se com o fato de Lucas cuspir sangue sempre que tossia demais, considerando que havia a possibilidade de uma costela fraturada ter afetado algum órgão. De todos os sobreviventes, Lucas Morgan era o único ainda incapacitado.

O salvamento ocorrera três dias antes e os marinheiros já se mostravam irritados com a inatividade, mesmo o que quebrara o braço em dois lugares. Pela porta aberta do galpão, vinha o som de vozes rudes e gargalhadas exageradas, enquanto os homens tentavam distrair-se jogando cartas.

Virando-se para molhar outro pano na bacia de louça, Consuelo lançou um olhar aborrecido na direção do galpão. Alimentar todos aqueles homens causaria grande prejuízo ao estoque de mantimentos, já desfalcado. Para piorar a situação, Rosa viera com a novidade de que os marinheiros estavam tentando seduzir as jovens índias. Dom Augustino tinha de mandá-los embora, mas Consuelo sabia que o pai não tomaria essa iniciativa. Mais uma vez, ela seria obrigada a agir no lugar dele. Ela suspirou, imaginando quando terminaria a longa sucessão de problemas.

Era sua vez de ficar com o oficial Morgan e banhá-lo com o pano sempre que a febre subisse. A tia garantia que ele logo ficaria bom, mas enquanto isso não acontecesse, ela seria obrigada a dividir com Isabel a desagradável tarefa de tratá-lo.

Pousou panos molhados nas dobras dos braços grossos, um recurso valioso no combate à febre. Olhou para o rosto vermelho e suado, novamente reconhecendo que não conseguia ver Lucas Morgan como inimigo. Notou o esboço de uma covinha no queixo quadrado e passou os dedos pela antiga cicatriz em forma de meia lua que marcava a face esquerda.

Seu olhar desceu para os ombros de largura impressionante, empolados de músculos, onde a pele brilhava, bronzeada. Pêlos acastanhados apareciam acima das ataduras e Consuelo percebeu que sua pulsação se agitava e que

estranhas idéias tentavam invadir sua mente. Lutou contra o impulso de correr as mãos pelos ombros maciços e sentiu-se corar quando viu que ele abrira os olhos e a fitava.

— *Senorita...* — ele murmurou por entre os lábios secos, apontando com dificuldade para a mesa de cabeceira.

Ela ergueu a moringa de barro e verteu água numa caneca. Depois, passou um braço por baixo da cabeça de Lucas para ajudá-lo a beber. Ele gemeu de dor, mas tomou até a última gota.

Para Consuelo, estar praticamente abraçada a ele era uma experiência agradável e terrificante. Seu corpo se aquecia de modo estranho, quando ela precisava ficar tão junto dele, e o coração batia descompassado.

Ela puxou o braço e ele afundou a cabeça no travesseiro.

— Percebi que fala inglês, senhorita — ele observou em tom fraco.

— Todos nós, na fazenda Estrada, falamos seu idioma — ela informou rispidamente, irritada com sua reação à proximidade dele. — Espanhol é nossa língua nativa, mas aprendemos inglês. Notei, pelo sotaque, que o senhor não é americano.

— Sou inglês, mas vivo nos Estados Unidos.

Ela se calou para não declarar que odiava não só os americanos mas também seus ascendentes europeus. Todos faziam parte da mesma raça gananciosa e cruel.

Lucas olhava-a com firmeza e sem disfarçar a admiração. Consuelo sentia-se mal, desejando que a tia aparecesse para substituí-la. Mas sabia que era um desejo vão. Isabel não iria ao quarto do doente um minuto antes do momento combinado. A tia era assim mesmo. Inflexível, embora comedida, gentil sem arroubos, teimosa sem discussões estéreis. Os anos passados no convento, de onde saíra para cuidar de Consuelo, tornaram-na uma freira em tudo, apesar de ela não ter proferido os votos da ordem.

— Você é muito gentil — comentou Lucas com um breve sorriso.

— Somos conhecidos por nossa hospitalidade, aqui na Califórnia — ela explicou.

Negava até para si mesma que cuidaria dele com todo o desvelo, mesmo que não fosse esse o costume de sua gente. Desviou o olhar, encabulada com o

franco exame dos olhos azuis.

Pouco depois, ouviu a respiração profunda de Lucas. Ele adormecera, mas o rosto mostrava-se novamente vermelho demais. Ela recomeçou o processo de molhar o pano, torcê-lo e passá-lo pelo corpo quente. A febre precisava ceder, do contrário o inglês começaria a enfraquecer e alguma complicação poderia até matá-lo.

Rosa tirou o enorme caldeirão de feijão do fogo, resmungando impropérios contra os marinheiros que viviam esfomeados. Isabel pegou uma tigelinha de cerâmica e encheu-a de feijão recém-cozido, testando-lhe o gosto cuidadosamente. Em seguida foi até a mesa comprida de madeira crua, onde Consuelo moia pimenta vermelha desidratada. Espalhou uma pitada do pó de pimenta sobre o feijão e entregou a tigela a Consuelo.

— Leve-a para o oficial Morgan — ordenou. — Agora que já está convalescendo, deve alimentar-se bem para recuperar as forças. Consuelo abriu a boca para reclamar da incumbência, mas desistiu. Fazia três dias que a febre de Lucas cedera e desde então a tia forçava-o a comer, levando-lhe até mesmo petiscos fora dos horários de refeição.

Notando que Consuelo relutava em obedecer, a mulher olhou-a daquele modo severo e exigente que a tornava intimidadora. Resignada, Consuelo levantou-se e marchou empertigada para a varanda pavimentada de tijolos.

Lucas encontrava-se sentado na beira da cama, fumando uma das cigarrilhas de dom Augustino. O dia estava quente e ele usava apenas a calça de lona, que as ajudantes índias de Rosa haviam lavado e passado. No instante rápido que ele demorou para notar-lhe a presença. Consuelo observou o cabelo castanho encaracolado na nuca, a postura orgulhosa da cabeça, os ombros amplos e bronzeados riscados por finas cicatrizes esbranquiçadas. Uma sensação agradável tomou conta do íntimo de Consuelo e ela prendeu a respiração, como que apanhada em falta, quando ele virou-se e a viu.

Ela achou inacreditável, mas não havia como duvidar de que ele ficara rubro de embaraço e apressara-se em apanhar a camisa estendida na cama. Não deixou de notar que ele mordida os lábios de dor, ao executar os movimentos para vestir a camisa. As costelas fraturadas ainda o incomodavam, e muito, mas ele estava bem melhor.

— Tia Isabel acha que deve comer mais. — Ela quase gaguejou, apresentando-

lhe a tigela de feijão, admirada com as batidas aceleradas do próprio coração.

Ele pousou os olhos maravilhosamente azuis nos dela e deu uma risadinha.

— Sua tia está pretendendo me matar, forçando-me a comer desse jeito! — Mas aceitou a tigela e começou a comer, enquanto Consuelo caminhava para a porta.

— Por favor, senhorita, não vá embora.

Ela queria fugir dos olhos da cor do céu de primavera e do delicioso sotaque de Lucas. Tudo nele a encantava, até mesmo a língua odiada que ela fora forçada a aprender. Os sentimentos que ele despertava em seu coração não eram absolutamente os que ela desejara experimentar por alguém da raça desprezível, fosse americano, ou inglês. Contudo, a cortesia, traço marcante das pessoas de sua terra, obrigou-a a parar na porta e virar-se para ele.

— Andei pelo quarto a manhã toda — Lucas confidenciou. — Se não for pedir demais, senhorita, gostaria que me acompanhasse num passeio pelo pátio.

— Tem certeza de que se sente bastante forte? — ela questionou a sugestão.

— Não vou me fortalecer, deitado nesta cama — ele argumentou, pousando a tigela vazia na mesa ao lado da cama.

Consuelo observou-o abotoar a camisa, nervosa com a perspectiva de ser tocada por ele. Lucas levantou-se e endireitou o corpo cautelosamente, antes de andar até ela e pegar-lhe o braço, procurando apoio.

Ela tremeu g; leve ao sentir a palma da mão calejada em sua pele sensível. Decidida a ignorar tão inadmissíveis sensações, andou com ele pela comprida varanda até chegarem aos degraus que levavam ao pátio.

Passearam alguns minutos ao sol, até que Lucas parou, empalidecendo. Consuelo guiou-o até o muro de adobe, onde ele se recostou, suspirando de alívio. Do outro lado, diante do galpão, os marinheiros conversavam e jogavam, sentados no chão de terra batida.

— Eles estão causando muito incômodo? — Lucas preocupou-se, olhando o grupo barulhento.

— Acho que eles deviam ir embora para San Simeon — ela sugeriu com ríspida sinceridade. — Lá há tabernas e mulheres. Estão perturbando as índias.

Lucas franziu a testa, aborrecido,

— Se seu pai providenciar transporte, eu os mandarei embora amanhã mesmo

— prometeu.

— Terão transporte amanhã bem cedo — ela afirmou, decidida a cuidar pessoalmente do assunto.

— Ótimo. — Ele sorriu, agitando o coração de Consuelo.

Ela surpreendeu-se com o fato de ele preocupar-se com o pessoal da fazenda, admitindo que seus rudes colegas podiam estar se comportando mal. Solicitude não se encaixava no quadro preconceituoso que ela criara do povo de língua inglesa. Americanos e britânicos eram gananciosos, rudes e egoístas. Não pensavam em ninguém, a não ser em si mesmos.

— Por que está com essa expressão sombria, senhorita? — ele perguntou, analisando o rosto lindo de Consuelo.

Ela corou, como se ele fosse capaz de ler seus pensamentos agressivos.

— Estava pensando... A-Acho que o senhor não pode partir ainda — respondeu para seu próprio espanto.

Ele sorriu largamente e os olhos azuis refletiam genuína alegria.

— Esperava ansiosamente que me dissesse isso, bela senhorita. Consuelo baixou os olhos, fixando-os na camisa aberta no peito moreno.

— Onde conseguiu essas cicatrizes nos ombros? — ela quis saber, mais uma vez surpreendendo-se com a ousadia de suas palavras.

Lucas corou e abotoou a camisa até em cintura.

— Um capitão bem intencionado decidiu que devia me transformar num homem digno. À força de chibatadas —Explicou com amarga ironia.

— Oh, meu Deus! — ela murmurou horrorizada imaginando as feridas abertas pelo chicote, o sangue escorrendo.

— Eu tinha dezesseis anos e era rebelde — ele prosseguiu. — Aprendi a lição.

Dezesseis anos! Consuelo sentiu os olhos se umedecerem. Quase uma criança! Ser chicoteado era um castigo muito cruel para as travesseiras de um adolescente. Lucas Morgan não tivera, afinal, a vida fácil que ela imaginara.

Dom Augustino, que saía da casa para fumar à sombra das trepadeiras que subiam pela varanda, observava-os em silêncio. Consuelo acenou-lhe e quando virou-se novamente para Lucas, viu-o extremamente pálido outra vez. Pegou-o pelo braço, apontando para a varanda.

— Vá se sentar perto de papai — sugeriu. — Penso que se cansou demais.

Depois de ajudá-lo a acomodar-se numa cadeira de braços com assento de couro, foi para o salão, onde teria paz para analisar os sentimentos confusos que o estrangeiro despertava em sua alma.

Lucas sorriu ao constatar como era fresco na varanda sombreada por trepadeiras floridas e de folhagem exuberante.

— *Buenos dias* — cumprimentou o dono da fazenda com um sorriso polido, oferecendo uma cigarrilha a Lucas.

Fechou os olhos, então, relaxando no banco encostado na parede. Soprou a fumaça para o ar quente e parado.

Lucas alongou o olhar na direção de uma nesga de mar além dos rochedos. A água azul-escura brilhava ao sol como brocado precioso. Lá, em algum ponto de suas profundezas, jaziam o *Golden Gate* e seu infortunado capitão.

Cinco marinheiros afogados receberam sepultura digna no cemitério da fazenda. Na manhã seguinte, os sobreviventes partiriam para San Simeon, onde encontrariam bebida, mulheres e, talvez, um navio para San Francisco. Quanto a ele, relutava em deixar um lugar tão tranquilo e uma jovem belíssima que começava a significar muito para ele.

Olhou em volta, languidamente, olhando o cenário que já se tornara familiar. Além do pátio, a terra estendia-se por colinas douradas e ao longo das margens sombreadas por salgueiros-chorões do rio Villa.

Observando o que se passava mais perto dele, Lucas viu duas índias moendo milho com pedras chatas. O fubá conseguido daquela forma primitiva era usado no preparo de *tortillas* assadas no forno de barro atrás da cozinha. A porta do depósito encontrava-se aberta e ele viu os barris de milho e feijão enfileirados ao longo da parede de onde pendiam mantas de carne seca.

A seu lado o proprietário da fazenda fumava, sonolento. Lucas tirou uma baforada da cigarrilha e ficou olhando para o rosto de dom Augustino, tentando adivinhar os pensamentos do generoso hospedeiro.

No topo do muro baixo que cercava a casa, dois gatos dormiam, enquanto galinhas preguiçosas ciscavam a terra sem muita convicção. Um velho mexicano, sentado ao sol, fumava seu cachimbo, de vez em quando afagando o cão de pelagem amarela e marrom que dormia junto dele.

Do rio subiam as vozes e os risos das mulheres que lavavam roupa. Crianças gritavam, brincando na água, talvez. Dois índios carregavam capim para o estábulo, nos limites de um grande cercado, onde cavalos de raça pastavam calmamente.

Lucas volveu o olhar para seu anfitrião. A idade marcara as feições de fidalgo espanhol com flacidez no queixo e bolsas sob os olhos escuros. A camisa de algodão mostrava-se rala, depois de infinitas lavagens e o colete de couro já vira dias melhores. O vasto cabelo preto estava estriado de prata e embora de estatura elevada, dom Augustino parecia encolher-se em si mesmo diante das adversidades. Como sentindo o exame indiscreto de Lucas, o velho virou-se para ele.

— Disse alguma coisa, senhor? — perguntou distraído. Lucas embaraçou-se e pigarreou para limpar a garganta.

— O gado passa o verão nas montanhas? — perguntou, apontando para o sopé das montanhas de Santa Lúcia.

— Passa — respondeu o homem com seu sotaque carregado. — As poucas reses que sobreviveram defendem-se sozinhas.

Encolheu os ombros num gesto de desamparo e os olhos profundos exibiram amargura e um ar de derrota.

— A fazenda tinha muito gado, sr. Estrada?

— Muito. Durante anos a fio, minha fazenda foi a maior fornecedora de couro da costa da Califórnia. As escunas aportavam aqui seguidamente, para negociar. Cinco anos atrás fomos atingidos pela grande seca. Não choveu o inverno todo e na primavera os pastos estavam secos. O gado morreu. Tirávamos o couro assim que a rês morria, mas em vão. Todos os outros fazendeiros faziam o mesmo. O mercado do couro ficou com excesso de oferta e os preços caíram.

O velho expeliu fumaça, criando espirais azuis no ar parado.

— Salvei os cavalos, mas foi impossível salvar o gado. Agora, os que restaram estão procriando. Talvez, algum dia, eu tenha tantas cabeças quantas já tive nos bons tempos.

Parou de falar por alguns instantes, cuspiando no chão em atitude de desprezo.

— Os americanos. - recomeçou, tornando a fazer uma pausa. — Quando a

Califórnia tornou-se parte dos Estados Unidos, exigiram que os californianos provassem a posse das terras. Esta terra foi concedida a meu pai pelo governador Figueroa. Mas os americanos, com suas leis corruptas, decretaram que eu precisava pagar por ela, cedendo parte da propriedade. Minha fazenda encolheu. Só as dívidas crescem.

Lucas imaginou que as terras não podiam ter "encolhido" tanto, pois não se viam outras habitações, até aonde a vista podia alcançar.

— Quanta terra possui agora, sr. Estrada?

— Nada, se compararmos com o que havia. — O homem suspirou, olhando para a brasa da cigarrilha. — Os bons tempos acabaram. Os americanos roubam tudo o que podem e Hearst está tentando comprar toda a extensão da costa.

Na noite anterior, ao jantar, Augustino Estrada contara que Domingo Pujol comprara terras de um fazendeiro empobrecido. Mais tarde, o fazendeiro vendera as mesmas terras a George Hearst, provavelmente sob ameaças. Pujol recorrera à justiça e obtivera ganho de causa. Augustino rira ao contar que, pelo menos uma vez, um californiano derrotara um americano.

Hearst, porém, possuía recursos quase ilimitados e continuava comprando propriedades ao longo da costa. Nesse ponto da narrativa, Lucas olhara para Consuelo e vira a expressão de ódio nos olhos negros.

Concluía que a vida na fazenda não era tão fácil e agradável como as aparências faziam supor. Com uma sensação de melancolia, ele compreendera que o tempo de facilidades e doce indolência esgotava-se inexoravelmente. Os americanos invadiam a Califórnia, um processo iniciado após a Guerra Civil. Vinham cheios de ambição, em busca de ouro, terras sem dono, fortuna fácil.

Criadores de gado chegavam atraídos pelas extensas pastagens e mineiros participavam da corrida do mercúrio, ou azougue, como diziam vulgarmente, descoberto nas montanhas da região. Lucas compreendeu que havia a possibilidade de enriquecimento rápido para quem possuísse algum capital. Se não houvesse perdido o ouro no mar, ele o entregaria à companhia de navegação e receberia a recompensa estipulada. Seria um começo.

De repente, um pensamento surpreendente ocorreu-lhe. Ele poderia, simplesmente ficar com o ouro. Quem saberia? Para todos os efeitos, o ouro afundara com o navio. Mas, de que adiantava ficar sonhando com algo impossível? A bolsa contendo uma fortuna, jazia no fundo do mar.

Lembrava-se vagamente de haver perguntado pelo ouro a Consuelo. Não se lembrava da resposta. Provavelmente tudo não passasse de fantasia criada pela febre.

Suspirou longamente. Inútil lamentar chances perdidas.

CAPITULO III

Cavalgando ao lado de Lucas, Consuelo fez um gesto largo com o braço, abrangendo a terra que se estendia das montanhas até o mar.

— Tudo isso faz parte da fazenda Estrada — informou com orgulho.

Lucas suspirou de alívio ao vê-la parar a montaria e escorregar para o chão. Ela não podia adivinhar que para um marujo era muito difícil a transição entre o balanço de um navio e os solavancos experimentados no lombo de um cavalo. Nem uma única vez ela fizera a linda égua preta diminuir o passo, obrigando-o a sofrer para acompanhá-la. Ele atravessara o istmo do Panamá. No passado, montado em uma velha mula, mas aquilo fora muito diferente. O cavalo que montava no passeio pelas colinas da Califórnia era um puro-sangue espanhol, que só se satisfazia com galopes desenfreados.

Ele desceu do animal e observou Consuelo. O vento marítimo enfurnava a saia de algodão ao redor do corpo esguio, enquanto ela afagava a longa crina da égua e oferecia-lhe um torrão de açúcar. A blusa branca comprimia-se contra os seios redondos e Lucas sentiu o sangue agitar-se. Lembrou-se do toque suave das mãos delicadas em seu corpo devorado pela febre e o desejo aumentou. Envergonhado com a reação imprópria, ele reprimiu o impulso de tomar Consuelo nos braços.

Pela manhã, durante a primeira refeição, dom Augustino decidira que Lucas já podia cavalgar pela fazenda. Não muito certo de que não sentiria dores com um exercício tão forte, Lucas concordara, relutante. Desejava conhecer o lugar e sabia que não podia entregar-se à inatividade para sempre.

O fazendeiro declarara que o acompanharia pessoalmente, mas um pouco antes de saírem, um mensageiro de uma fazenda vizinha aparecera querendo falar com ele. Sem maiores explicações, dom Augustino informara que Consuelo o

substituiria no passeio. O fato obviamente não a deixara nada satisfeita, mas ela não fizera objeções. Lucas gostara da mudança de planos. Era delicioso olhar para o rosto moreno de Consuelo, como naquele momento, em que ela se perdia na contemplação do mar, a distância. O cabelo escuro, preso atrás da cabeça, soltara-se quase todo. Mechas onduladas flutuavam no vento, roçando as faces aveludadas. Ele sentiu estranha emoção, deliciosa mistura de desejo e ternura. Nunca se sentira daquele modo por causa de outra mulher. O coração, e não apenas os sentidos, fora tocado pela beleza de Consuelo, por suas maneiras orgulhosas e pela natureza apaixonada que ele adivinhava sob a aparência virginal.

— Este é meu lugar favorito — ela confidenciou em tom doce. — Sempre venho aqui.

Lucas olhou a paisagem abaixo da elevação. O terreno ondulante, coberto pelo dourado da aveia selvagem, brilhava ao sol. À direita, o cabo Estero entrava pelo mar e a baía desenhava contornos caprichosos na costa enfeitada de espuma. Ao sul, o morro Rock despontava do mar e mais além o cabo Buchon formava a outra ponta da baía Estero. Lucas conhecia todos aqueles marcos naturais muito bem, depois de dois anos de viagens constantes ao longo do litoral da Califórnia.

Ele continuou parado ao lado dela, plenamente consciente do perfume que emanava do cabelo brilhante e da suavidade da curva do pescoço esguio.

— E muito lindo — concordou depois de alguns segundos de silêncio. — Eu ficaria para sempre neste lugar,

"Como todos os abutres de sua raça" pensou Consuelo, mordida por súbito ressentimento. Olhou para ele pelo canto dos olhos, rapidamente. O pai não devia tê-la mandado acompanhar o inglês. Dom Augustino, porém, não podia adivinhar que ela sentia estranho alvoroço na presença daquele homem alto e forte, de olhos tão sedutoramente azuis.

Nunca experimentara nada parecido perto de qualquer outro homem. Ramón, amigo de seu irmão Felipe, olhava-a com algo mais que simples admiração, mas Consuelo não sentia nada especial por ele. Por que precisava ser diferente com um inglês? Era o mesmo que ser atraída por um asqueroso americano. Precisava descobrir se ele pretendia demorar-se muito tempo 'na fazenda.

— Deve ter visto muitos lugares bonitos em suas viagens — comentou.

Ele sorriu de leve, sem percebera armadilha oculta na pergunta. Então, hesitante a princípio, mas logo animado pelo ar de fascinação no rosto de Consuelo, começou a falar dos lugares exóticos que conhecera como marinheiro. Falou de Hong Kong e de seu porto movimentado, das adoráveis ilhas Sandwich e de San Francisco, onde colinas verdes margeavam um mar muito azul.

Desciam a encosta, seguidos pelos animais. Em certo ponto, depararam com um monte de pedras bem ordenadas. Para surpresa de Lucas, Consuelo o fez desmoronar e chutou às pedras a esmo.

— Caçadores de azougue! — sibilou com raiva. — Ramón, nosso vizinho, formou uma patrulha para enxotá-los, mas eles insistem em invadir nossas propriedades.

Ela limpou as mãos na saia e sentou-se numa grande pedra chata. Embora furiosa com a prova de que mineiros invasores andavam por suas terras, ela continuava encantada com as histórias de Lucas sobre países distantes que jamais veria.

— Nunca fui além de San Luis Obispo e Monterey, onde eu freqüentei a escola — confessou melancólica.

— Monterey é um lugar tão bonito quanto os que descrevi — ele consolou-a com um sorriso. — Estudou muito tempo lá?

— Fiquei no convento do Sagrado Coração até os dez anos. Depois, papai não pôde mais me manter na escola. Tia Isabel saiu do convento e veio para a fazenda comigo. Minha mãe morreu quando eu estava com seis anos.

Ela se calou por alguns momentos, revivendo a tristeza da perda.

— De varíola... — prosseguiu por fim, com os lábios trêmulos. Para sua surpresa, Lucas tomou-lhe a mão num gesto de conforto. Os olhos azuis fitavam os dela com inesperada compaixão.

— Ah, pobre menininha — disse baixinho. — Imagino como deve ter sofrido e se sentido sozinha.

Ela baixou os olhos, meneando a cabeça,

— Tudo mudou depois que perdi mamãe. Fiquei longe de casa até não haver mais dinheiro para a escola. Depois chegaram os americanos e veio a seca. Não houve mais festas, nem alegria.

Ela virou o rosto para esconder as lágrimas e Lucas soube, por intuição, o que dizer para consolá-la.

— Eu também perdi minha mãe muito cedo. Aos doze anos. A idade com que fui para o mar, para fugir da tristeza e da solidão.

E da fome.

— Marinheiro aos doze anos?! — ela espantou-se, esquecendo a própria desventura.

Órfão aos doze anos. Apanhando impiedosamente de um capitão perverso aos dezesseis, ela se lembrou. Lucas Morgan sofrerá muito. De certa forma, isso o tornava diferente dos outros britânicos. Tanto os de nascimento, como de origem.

— Comecei como camareiro — ele continuou. — Não queria ser marinheiro, mas não tinha escolha. Apesar disso, fui um bom marujo. Ganhei meu sustento sem roubar nem pedir nada a ninguém. Novas lágrimas umedeceram os olhos de Consuelo. Estaria chorando pela mãe, ou por um menino inglês que sofrerá tanto quanto ela, talvez mais?

— Mas e seu pai? — ela se interessou. — Como permitiu que... O rosto de Lucas fechou-se numa máscara de amargura. Ele soltou a mão de Consuelo e tirou uma cigarrilha do bolso.

— Não conheci meu pai — declarou.

Ela observou-lhe o rosto, enquanto ele acendia a cigarrilha. O que acontecera com o pai dele? Abandonara a família? Morrera antes do nascimento de Lucas? Ou... ou ele seria um filho bastardo, fruto de uma amor passageiro e traiçoeiro? Não ousava perguntar.

Lucas sentou-se junto dela, fumando e olhando para o mar. O silêncio cresceu, incômodo, até que ele limpou a garganta e voltou a falar.

— Seu pai me contou sobre seu irmão.

Consuelo levantou-se abruptamente e afastou-se alguns passos. Lucas seguiu-a, pousando a mão calejada em seu ombro.

— Um americano o matou — ela informou com raiva mal contida, — Por causa de uma mulher, disseram. Um maldito americano!

— Essas coisas acontecem — ele comentou em tom baixo.

— Mas não podia acontecer com Felipe! — ela gritou. — Ele foi um tolo, se... — Parou de falar, sufocada pelas lágrimas.

— O que posso dizer? Sinto muito, senhorita. Não deve ficar assim. Precisa superar a dor.

Ela adiantou-se alguns passos, fugindo à proximidade de Lucas, Não devia sucumbir à gentileza dele.

Em silêncio, Lucas a observava. Tinha vontade de abraçá-la e oferecer-lhe conforto, mas ainda era cedo demais para isso, Ela não aceitaria seu abraço e o julgaria um desrespeitador.

Acabou de fumar, com o olhar perdido na imensidão do oceano, lá embaixo.

— Ainda não há nenhum porto decente ao longo da costa — mudou de assunto.
— Nem transporte terrestre adequado.

Consuelo olhou-o, surpresa.

— Não, não existe nada disso — concordou. — As estradas são simples trilhas. Afunda-se até os joelhos na poeira, ou na lama, quando chove. É mais fácil levar mercadorias até os navios usando barcos pequenos.

— Algo quase impossível, mesmo com a maré alta — ele replicou. — Havia um embarcadouro em San Simeon, mas o lugar é muito rochoso, o que significa grande perigo para os navios. Em Harford costumavam usar rampas ou cordas de transporte que iam do topo do rochedo ao convés das embarcações, métodos lentos e perigosos. Com um olhar de esguelha para Consuelo, ele descobriu que acabara de topar com uma idéia que talvez lhe permitisse radicar-se na Califórnia, mais precisamente, no litoral. Supriria uma necessidade dos californianos da costa, ao mesmo tempo ajudando a gente hospitaleira que o acolhera.

Era uma pena que os descendentes de espanhóis, generosos e românticos, fossem privados de uma terra que sempre fora apenas sua. Mas a Califórnia passara a pertencer aos Estados Unidos e não havia alternativa a não ser habituar-se à idéia. Num estado novo, um homem com algum dinheiro poderia abrir caminho para a fortuna. Um homem qualquer, menos ele. Nada possuía de seu. Ah, se ainda estivesse em poder da sacola de ouro do *Golden Gate*. Mas não estava. O melhor era esquecer tudo e ponto final.

Logo abaixo de onde se encontravam, corria um rio, descendo as colinas rumo

ao mar. Água potável, compreendeu Lucas, reprimindo uma onda de entusiasmo.

— O fundo da baía é sólido? — perguntou.

Consuelo olhou-o, atônita. Que espécie de interesse seria aquele? Só mesmo um marinheiro para pensar em tais excentricidades.

— Claro que é — ele mesmo respondeu, examinando as rochas que margeavam o rio.

De repente, ele visualizou um ancoradouro construído no rio e entrando pelo mar. Um cais para navios de cabotagem. A região necessitava desse recursos - italianos e suíços, dedicados a indústria de laticínios, estabeleciam-se na costa californiana, comprando terras a preço baixo. Exatamente como seus compatriotas já haviam feito em Marin County, do outro lado da baía de San Francisco. Teriam de mandar manteiga e queijo, provavelmente também ovos, para os mercados das grandes cidades. A mineração explodia na vila vizinha de Cambria. Muito se falara à mesa das refeições, na fazenda, sobre as fortunas escondidas no minério de cinabarita, para a produção de mercúrio.

Fazendeiros, leiteiros, mineiros. Todos precisariam de um meio seguro e eficiente de transporte para suas mercadorias. Um cais! O atracadouro de Lucas Morgan! Ele o construiria, mesmo sem o ouro perdido. Sem dúvida, os banqueiros de Cambria veriam as possibilidades de sucesso de seu projeto e não lhe negariam empréstimo. Antes de convencer o capitão King a engajá-lo como camareiro, ele trabalhara nos atracadouros de Gloucester. Desde então, analisara cuidadosamente os cais existentes nos maiores portos do mundo. Conhecia-os pelo direito e pelo avesso. Sabia como fazê-los funcionar. A idéia era perfeita. Até mesmo madeira havia em abundância na região. Só precisaria de um carroção para mandá-la às serrarias de cambria e ir buscá-la de volta. Compraria um barco dos pescadores de baleias de San Simeon, para iniciar um modesto serviço de transporte, enquanto se construía o atracadouro.

Dom Augustino Estrada não se recusaria a vender-lhe o pedaço inútil de terra à beira do mar.

Ele poderia viver ali, naquele lugar lindo. Com o coração disparado sob o impacto do entusiasmo crescente, viu Consuelo recolher as rédeas da égua. Olhando para o belo rosto, pensou que tinha mais um motivo de alegria. Começava a conquistar a confiança da linda mulher. Ela dividira com ele suas

tristezas secretas, compadecera-se de sua vida difícil de órfão e aprendiz de marinheiro. Talvez ela já lhe dedicasse alguma afeição.

Lucas sorriu, motivado pelas imagens de seu sonho atrevido. Um dia ele a abraçaria e ela não o repeliria. Beijaria os lábios sedutores e seus beijos seriam retribuídos.

Sim, tinha muitos motivos para desejar ficar na baía Estero. O mais excitante deles não era o cais que projetara, mas um anjo moreno, de olhos escuros, lábios carnudos e corpo sensual.

CAPÍTULO IV

Foi com imenso alívio que Lucas seguiu Consuelo pelo pátio da casa. A dor nas costelas tornara-se mais insistente a cada minuto da cavalgada, que lhe parecerá interminável.

Um garoto índio tornou-as rédeas dos dois animais e levou-os para a estrebaria. Lucas achou estranho o movimento nas vizinhanças do curral. Meninos e meninas empoleiravam-se na cerca de madeira, gritando excitados enquanto contemplavam o touro formidável aprisionado no quadrado. Vaqueiros reuniam cavalos, levando-os para o cercado atrás do galpão, mergulhados na poeira espessa que o sol dourava.

Lucas apertou os lábios para não gemer de do acompanhando Consuelo para o interior da casa. Se ela percebera seu sofrimento, não dera nenhuma demonstração. O rosto adorável mantinha-se sereno, como acontecera durante toda a volta para a fazenda. Era como se os momentos de confidências, sonhos e amarguras partilhados nunca houvessem existido.

— Agora, você precisa descansar — ela decretou, subindo os degraus da varanda.

Então, ela percebera seu desconforto. A preocupação nos olhos escuros comoveu-o e Lucas ergueu a mão para acariciar-lhe o rosto. Consuelo, porém, recuou, fugindo ao toque.

— Acho que vou ficar na varanda para assistir ao pôr-do-sol — ele disse, observando uma índia que saía correndo da cozinha na direção do depósito. —

Está todo mundo agitado por algum motivo.

O que será?

Consuelo franziu a testa e mordeu os lábios, obviamente nervosa.

— Estão preparando uma luta entre o touro e um urso, para quando Ramón aparecer na fazenda, daqui a alguns dias — explicou, caminhando na direção da cozinha.

Sozinho, Lucas sentou-se no banco que corria ao longo da parede. O sol, já bem próximo do horizonte, riscava um caminho de ouro na superfície do mar. Uma terra cheia de encantos, pensou Lucas mais uma vez. Teria de falar com dom Augustino sobre seu plano de construir um atracadouro e escolher com cuidado o momento propício.

A dor nas costelas diminuía e ele recostou a cabeça na parede, fechando os olhos. Um resmungo, quase um gemido, despertou-o do cochilo, pouco depois. Abriu os olhos e viu dom Augustino, que se sentara no banco, a alguma distância.

— Gostou da fazenda? — perguntou o velho, oferecendo uma cigarrilha.

Lucas inclinou-se para acender a cigarrilha na chama do isqueiro que o homem lhe estendia. Soprou a primeira baforada e sorriu.

— Gostei muito, dom Augustino. Sua terra é bonita. — Fez uma pausa, considerando que o velho parecia de bom humor. Afinal, decidiu-se a abordar o assunto que o preocupava. — Estive pensando... Se conseguir um empréstimo, o senhor me venderá uma faixa de terra?

Os olhos do fazendeiro cintilaram de surpresa e curiosidade.

— Está pensando em ficar aqui?

— Estou.

— E que pedalo da minha fazenda escolheria? — o homem interessou-se.

— Já escolhi dom Augustino. Perto do mar, para construir um ponto de atracação.

O velho não respondeu. Para perplexidade de Lucas, levantou-se de repente, olhando para a estrada. Seguiu-lhe o olhar e viu uma coluna de poeira se aproximando.

— Rafael! — gritou para o homem que se encontrava sentado no chão, fora da

varanda. — Quem vem lá?

Gemendo, o velho empregado levantou-se e colocou a mão em concha sobremos olhos perscrutando a distância.

— Pode ser Tomás, de San Simeon, *senor*.

Dom Augustino agarrou o velho *sombrero* e saiu da varanda, começando a atravessar o pátio. O cavaleiro chegou com estardalhaço, assustando as galinhas que ainda ciscavam no chão de terra. Os cães latiam furiosamente, calando-se apenas quando Rafael ralhou com eles.

O dono da fazenda e o recém-chegado trocaram amabilidades e o cavaleiro deu seu recado, apontando para Lucas em certo momento. Lucas descobriu que, se desejasse radicar-se ali, teria de aprender espanhol. Só conhecia as frases mais comuns, o que o impedia de compreender a enxurrada de palavras do mensageiro.

Se ele permanecesse no lugar... Seus pensamentos foram interrompidos por Consuelo e tia Isabel, que saíam da cozinha para saudar o visitante. Consuelo atravessou o pátio e ergueu o rosto para o cavaleiro, com um sorriso que iluminava as feições perfeitas. Lucas pensou no perfume da pele morena, que ele sempre associaria ao cheiro dos eucaliptos que invadia seu quarto. Nos momentos críticos de sua doença, só percebia cheiros e nunca esqueceria a doce mistura que lhe chegava às narinas, dando-lhe a certeza de que continuava vivo.

Era incrível, mas Consuelo o afetara profundamente. E seria mentira afirmar que só sentia gratidão por seus cuidados de enfermeira. Também não era simples atração pela beleza exótica. Ela o atraía também pelas qualidades que ele lhe adivinhava na alma. Era por causa dela que ele se sentia em casa, naquele rincão da Califórnia. Era por causa dela que decidira viver ali.

Consuelo sabia que estava sendo observada. Mesmo enquanto falava com Tomás, sentia o olhar de Lucas como um toque físico. Apenas com muito esforço da vontade ela impediu-se de olhar para trás e fitar os olhos azuis que a seduziam. Lucas Morgan, o inglês. Ela não podia esquecer que odiava todos os britânicos. Mas por que motivo, então, o olhar azul acendia emoções tão quentes e deliciosas em seu íntimo?

Ramón, o homem que o pai queria que ela aceitasse como marido, olhava-a também com intensidade. Mas, por uma razão, ela achava desagradável aquela

admiração e sentia-se mal quando Ramón fixava o olhar em seu corpo.

Ela não pôde conter o rubor e levou alguns instantes para vencer o súbito embaraço provocado pelos pensamentos errantes. Deixando o pai e a tia conversando com Tomás, caminhou para Lucas, evitando olhar para ele. Pouca diferença fazia se o inglês despertava-lhe sensações esquisitas. Sua estada na fazenda terminava. Lucas Morgan ia partir no dia seguinte.

— Tomás disse que um vapor da Pacific chegará aqui amanhã — comunicou. — Traz um agente da companhia para investigar o naufrágio do *Golden Gate*. Toda a tripulação voltará para San Francisco.

— Amanhã? — Lucas endireitou o corpo no banco, enrugando o rosto de dor, enquanto apertava o flanco. — O navio chegará amanhã?

Recebera a notícia com verdadeiro espanto. Já quase se esquecera de que o mundo existia além dos limites da fazenda Estrada.

— Amanhã — ela repetiu.

Lucas silenciou, apertando os lábios, enquanto olhava na direção do oceano. Ela rodopiou e a saia ampla roçou os joelhos dele. Ficou olhando para o pátio, com um aperto insuportável na garganta. O que se passava com ela, afinal? Estaria lamentando a partida de Lucas Morgan? Por quê? Seria um britânico a menos para rondar a região, esperando tirar alguma vantagem da crise que a assolava.

Os momentos de doces confidências, no topo da colina, significavam para ela mais do que seria próprio admitir. Abrira seu coração para ele, falara da mãe, dos sofrimentos da infância. Impossível encará-lo como um simples estranho, acolhido na fazenda pela hospitalidade do pai.

O instante em que ela o vira pela primeira, em que se lembrara do sonho que tivera na adolescência, voltou-lhe à memória. Não. Lucas Morgan não era o amante sonhado. Era quase loiro, tinha olhos azuis. O outro era moreno e arrebatado. Lucas mostrava-se paciente e quase tímido, às vezes.

E o que a deixava desconfiada era o fato de ele jamais ter falado da bolsa de ouro, a não ser durante a enfermidade, consumido pela febre. Ela escondera a bolsa embaixo de seu colchão, sem saber ainda o que faria com ela. Podia ser ouro roubado. Lucas talvez fosse um ladrão. Mas a consciência soprava-lhe que ela não era melhor que ele. Retinha a fortuna, quando deveria tê-la devolvido há muito tempo. Estava cedendo à tentação de ficar com o ouro, embora justificasse com a idéia de que a fazenda encontrava-se endividada. Na bolsa

havia mais do que o suficiente para saldar as dívidas e efetuar algumas melhorias tão necessárias na propriedade.

De toda a forma, era errado. Como se pudesse fugir do conflito, mantendo-se ocupada, disparou para vizinha.

— Não se salvou nada? — esganiçou o agente da companhia Pacific, sem esconder a suspeita.

Relanceou o olhar pela mesa de refeições, onde Rosa e suas ajudantes índias colocavam os pratos do almoço.

— Não conseguiram salvar uma arca, ou a caixa-forte? — o homem insistiu, fixando o rosto de Lucas. — Difícil de acreditar!

Lucas apertava as mãos, revoltado com as insinuações do agente. Suas suspeitas ofendiam também dom Augustino. O agente era um tolo enfatuado. O que sabia dos perigos da costa da Califórnia. O que sabia dos costumes dos californianos? Evidentemente, nada. Ao mesmo tempo em que os habitantes da região não negavam socorro aos navios de qualquer bandeira, também tinham a tradição de ficar com o que se salvasse de um naufrágio. Era a lei deles, a despeito de todas as objeções das companhias de navegação.

Mais cedo, ou mais tarde, o agentealaria claramente do ouro transportado pelo *Golden Gate*. Lucas reviu o brilho tentador das moedas aninhadas na bolsa de couro. Todos os anos de trabalho árduo, com pouca recompensa, passaram por sua mente. Reviveu com horror os dias de extrema pobreza numa taberna imunda de Gloucester. E o desejo pelo ouro cresceu em seu íntimo, tão poderoso quanto o desejo por uma mulher.

Dinheiro significava fugir para sempre da miséria. Garantia de um novo modo de vida. Mas, mesmo que quisesse roubá-lo, ou ficar com ele a título de empréstimo, o ouro do navio se fora. A vida que desejava para si, no futuro, teria de ser construída com trabalho duro e imensos sacrifícios. Não havia o que temer, porém. Estava habituado às dificuldades. Sua existência inteira sempre fora sacrificada.

Educado como sempre, dom Augustino Estrada apenas suspirava e dava de ombros.

— Só chegaram à praia pedaços de madeira do navio — explicou. — As ondas

trouxeram também alguns barris de açúcar, mas estavam rachados e o açúcar se perdeu.

— Barricas de rum? — o agente forçou, comendo com apetite voraz.

— Nenhuma — afirmou o fazendeiro, olhando nos olhos do homem.

Consuelo e a tia permaneciam caladas, falando ai mas quando precisavam dar alguma ordem às criadas.

— Não havia carga — continuou o velho californiano. — O que poderia chegar à praia?

O agente lançou-lhe um olhar penetrante.

— Havia ouro a bordo, produto da venda da carga com que o navio saiu de San Francisco.

Lucas captou um brilho de interesse nos olhos escuros de dom Augustino.

— Que pena! — lamentou o fazendeiro, olhando para o mar pela janela aberta.

— Estou precisando de ouro. Posso muito bem passar sem rum e não há necessidade de tanto açúcar. Mas ouro...

O velho teria encontrado a bolsa e ficado com ela? Lucas olhou para o rosto enrugado, tentando descobrir a verdade, antes de voltar-se para o representante da companhia de navegação.

— Talvez encontrem a bolsa encalhada nos rochedos, no fundo do mar — sugeriu.

Frustrado, o homem examinou-o com um olhar de desprezo.

— Seria muito cômodo, fazer-nos acreditar que o dinheiro se perdeu! Com a morte do capitão, cuidar da bolsa era obrigação sua!

Lucas deu um murro na mesa, furioso, e levantou-se.

— Eu não roubei o maldito ouro!

Não negava que experimentara a tentação de roubá-lo, mas não o fizera. Todavia, não podia contar que se lembrava de ter amarrado a bolsa na cintura antes de jogar-se na água. Isso exporia dom Augustino Estrada e o velho fora muito bom para ele- Devia a vida àquela gente hospitaleira.

— Não o estou acusando de nada, sr. Morgan — disse o agente em tom meloso.

— Só digo que o ouro estava sob sua responsabilidade. Falhou em cumprir seu

dever. Está despedido, sr. Morgan. Tomarei providências para que nenhuma outra companhia lhe dê emprego.

— Você pode ir para o inferno, se quiser — Lucas explodiu e fez uma pausa para controlar-se. — E não vou para San Francisco com vocês! Pretendo ficar aqui!

O silêncio ao redor da mesa o fez imaginar se fora muito precipitado. Dom Augustino olhou-o atônito. Isabel levou a mão aos lábios para abafar um grito de surpresa. Consuelo manteve os olhos baixos, embora Lucas olhasse para ela, querendo saber sua reação.

O representante da companhia olhava-o incrédulo e zombeteiro.

— E o que vai fazer numa fazenda? Você é marinheiro, e não vaqueiro. Não sabe fazer nada em terra firme.

— Tem certeza? — revidou Lucas em tom sarcástico. — O que eu faria em San Francisco, se nenhum navio me aceitasse? Mas não se preocupe comigo, cavalheiro. Sei cuidar de mim.

A névoa azul-acinzentada envolvia o navio da Pacific, ancorado em alto mar à espera do escaler que conduzia o agente. Debruçado no muro do pátio, Lucas observava a partida do homem. O pequeno bote subia e descia entre as ondas, à mercê das forças naturais.

Lucas sentiu a presença de Consuelo antes mesmo de vê-la. O suave perfume que emanava da pele morena a anunciava sempre. Virou-se para encará-la, mas ela desviou o olhar, fitando o navio distante.

— Que os gringos tenham boa viagem e desapareçam daqui — murmurou.

Ele riu baixinho.

— Também sou gringo.

Algo no olhar que ela lhe lançou fez o sangue de Lucas correr com mais força nas veias. Ele ergueu a mão para pegar uma mecha de cabelo escuro que dançava provocadora na brisa, mas Consuelo voltou-se para dom Augustino, que entrava a cavalo no pátio.

— Acho que meu pai vai abrir uma garrafa de conhaque, hoje. Lucas observou o velho desmontar e caminhar para eles puxando o animal pelas rédeas. Imaginou se o brinde com conhaque salvo de algum naufrágio seria para celebrar a posse uma certa bolsa cheia de ouro.

O conhaque provocara uma severa dor de cabeça em Lucas. Inquieto e deprimido, sentou-se na cama e vestiu a calça. O vento frio do mar entrava pela janela, enchendo o quarto com o cheiro pungente de eucalipto. Mas de nada adiantava ficar na cama se remexendo. Se andasse um pouco, talvez relaxasse.

Dom Augustino Estrada não mencionara o ouro durante o jantar, nem depois, enquanto conversavam na varanda. Nada deixava supor que ele soubesse alguma coisa a respeito e Lucas concluiu que o tesouro devia estar mesmo repousando no fundo do mar.

As preocupações entrechocavam-se na mente de Lucas. Dom Augustino teria interesse em entrar como sócio na construção do atracadouro? Os banqueiros lhe cederiam um empréstimo? Ele não passava de um estrangeiro que nada possuía para oferecer como garantia. O que mais o perturbava, porém, era não entender por que Consuelo o evitara durante o tempo todo, naquele dia.

Saiu para o pátio e começou a andar, surpreendendo-se ao divisar o vulto de Consuelo, a camisola branca destacando-se na escuridão do grupo de eucaliptos. Compreendeu que ela estivera parada lá, observando a janela de seu quarto. Alegria intensa o percorreu e ele sorriu no escuro, enquanto corria para ela.

— Consuelo — chamou baixinho.

Ela encarou-o. Os olhos negros fulguravam como estrelas à luz do luar.

— Lucas!

Era a primeira vez que ela o chamava pelo nome de batismo, mais um motivo para que ele se sentisse feliz. Adiantou-se mais, até chegar tão perto que sentiu o perfume do corpo adorável e viu os mamilos eretos marcados pela musselina fina da camisola.

— O que está fazendo aqui fora, a esta hora, Consuelo?

— Tentando decidir — ela respondeu enigmaticamente. Idéias loucas invadiram a mente de Lucas. Com certeza ela não estivera tentando decidir se ia até o quarto dele, ou não. Uma atitude impensável, em se tratando de uma moça de família. Contudo, só de pensar na deliciosa hipótese, Lucas experimentou uma onda de desejo.

Ela o via perto demais, mas não encontrava energia suficiente para recuar. Os pés pareciam grudados no chão, enquanto ela contemplava o rosto másculo,

meio escondido na sombra, Uma lufada de vento vergou os galhos do eucalipto e a luz prateada da lua iluminou os olhos azuis. A paixão evidente naqueles olhos a prendeu com mais força do que as mãos vigorosas que a pegaram pelos ombros, puxando-a para si.

Estava tudo errado! Ele era um britânico, talvez um ladrão! E ela? Não era uma ladra também? Deixara o agente da companhia de navegação ir embora sem o ouro que ela escondera. Pensara em devolvê-lo, mas receara ser acusada de havê-lo roubado de Lucas.

Enrijecendo o corpo, ela impediu o abraço. Não, não estava certo sentir-se tão atraída por um homem de quem nada sabia.

Desde a hora do jantar estivera em luta íntima, tentando tomar uma decisão. Não tinha provas de que Lucas pretendia ficar com o ouro para si, mas por que ele não explicara ao agente que saíra do navio com a bolsa amarrada no cinto? Para proteger os Estrada? Que tolice! Por que ele se daria ao trabalho de protegê-los?

As moedas e pepitas de ouro brilhavam tentadoramente à luz do lampião de sua mesa de cabeceira. Ela as espalhara sobre a coberta, acariciando-as, imaginando o que poderia fazer com aquela fortuna. Num impulso repentino, decidira que precisava entregá-las a Lucas, antes que a tentação se tornasse forte demais. Esperaria que ele dormisse e entraria em seu quarto, escondendo a bolsa entre os lençóis.

Contudo, ele demorara a apagar o lampião e ela voltara a ficar indecisa. Mas nunca esperara ser surpreendida no posto de observação e era óbvio que Lucas imaginava que ela pensara em ir ao seu quarto para seduzi-lo.

As mãos fortes continuavam em seus ombros e ela sentia-se incapaz de fugir. Lucas voltou a puxá-la, envolvendo-a nos braços. Apertou-a tanto que ela sentiu a aspereza dos pêlos do peito musculoso contra os seios. Os mamilos endureceram e palpitararam, ansiosos.

Quando a boca firme pousou na sua, Consuelo sentiu-se inundar por estranha e violenta alegria. Não resistiu mais. Abandonou-se ao abraço, retribuindo o beijo, guiada pelo instinto.

— Consuelo... — O murmúrio era uma carícia. — Linda, linda.

Comprimindo os lábios no pescoço esguio, Lucas traçou um caminho de beijos escaldantes, pegando-a pelos quadris para apertá-la contra o corpo.

A pulsante virilidade de encontro às coxas de Consuelo, despertou-a do doce abandono. Bateu desesperadamente no peito amplo e quando Lucas a soltou, empurrou-o, fazendo-o perder o equilíbrio.

Ele apoiou-se no tronco do eucalipto, olhando-a perplexo.

— Deixe-me em paz! — ela exigiu, arfante. — Meu pai o matará, se souber que tentou abusar de mim.

— Por favor, Consuelo... Eu não quis abusar de você. Escute...

Recuando, ela se abaixou e apalpou a camada espessa de folhas caídas. Encontrou a bolsa de ouro, que atirou sobre ele.

— Pegue! — ordenou em tom de raiva. — Pegue seu ouro e desapareça. Vá para bem longe e nunca mais volte aqui.

Saiu correndo, apertando as mãos na boca para abafar os soluços.

CAPITULO V

O aroma delicioso de temperos e feijão cozinhando subia no ar, escapando pela porta da grande cozinha. As índias entravam e saíam, levando tabuleiros cheios de pão para assar nos fornos de barro, no pátio traseiro. Perto dos fornos, um pequeno índio girava um novilho no espeto, assando-o sobre brasas.

Consuelo moia pimenta vermelha, numa das pontas da mesa. Virava a manivela do pequeno moinho com força desnecessária, olhando o movimento todo com ar acabrunhado. Um mensageiro da fazenda Santa Lúcia chegara à propriedade dos Estrada antes do amanhecer. Dom Ramón e seus homens mandavam avisar que chegariam à fazenda de dom Augustino naquele dia levando o urso capturado para a luta. Tia Isabel colocara todos numa verdadeira roda-viva, comandando os preparativos para a festa.

Consuelo ouvira os visitantes chegar, mas recusara-se a sair para cumprimentá-los. Desde a morte do irmão, ressentia-se com a presença de Ramón. Um sentimento sem a menor lógica, porque o irmão fora morto por um americano. Mas, se Felipe não tivesse saído para beber e farrear com Ramón, não teria morrido.

Embora Ramón fosse mais velho que Felipe, os dois eram grandes amigos. Felipe admirava os modos extravagantes do outro, mais vivido e de gênio extrovertido, o que lhe angariava muitas amizades. Com apenas dezenove anos de idade, o irmão de Consuelo considerara uma honra ser incluído no grupo de amigos íntimos de Ramón. Participar das atividades nem sempre louváveis do líder era a glória para o rapaz inexperiente. Assim, nada o fazia perder as corridas de cavalos e rodeios na fazenda Santa Lúcia, nem as noites de jogo e bebedeira nas tabernas da vila.

Consuelo recordou com dolorosa tristeza de como o irmão ficara entusiasmado quando Ramón o presenteara com um revólver. Se ele não sacasse a arma, na noite em que fora morto...

O desespero ressurgiu de seu recanto no coração de Consuelo, quando ela lembrou-se do rosto sem vida de Felipe, do colete rebordado, de que ele se orgulhava tanto, empapado de sangue. Ramón chorara e jurara vingança contra o assassino. Mas o homem desaparecera da costa e o xerife americano não fizera o menor esforço para encontrá-lo. E o crime ficara impune.

Consuelo reprimiu um soluço. Matando o rapaz, o assassino tirara a vida também de dom Augustino. O velho era uma sombra do que fora. Existia simplesmente, não vivia.

Assustou-se quando um braço rodeou-lhe a cintura.

— Ah, minha Consuelo!

Ela arrepiou-se de desgosto ao ouvir a voz rouca de Ramón e sentir-lhe o hálito de rum.

— Não sou sua, dom Ramón¹ — protestou furiosa, livrando-se dele.

Encarou-o, sustentando o olhar arrogante e possessivo do homem. Não era feio. Muito pelo contrário, tinha aparência bastante atraente. Os olhos eram pretos e brilhantes, o sorriso revelava dentes fortes e brancos, deixando o rosto moreno muito charmoso.

— Trouxe um presente para você, menina — ele anunciou, ignorando os modos agressivos de Consuelo. — Um urso para lutar com o touro. Um presente raro, levando-se em conta que os ursos tornam-se cada vez mais escassos.

— Sangue e morte não são presentes que eu aprecie, dom Ramón. Ela estremeceu, recordando a única luta daquele tipo a que assistira. Ficara doente

de horror.

Tia Isabel entrou na cozinha, analisando Ramón com um olhar desconfiado. Nutria uma raiva quase irracional contra ele e nunca perdia oportunidade de repreendê-lo por seus modos nada cavalheirescos.

Vendo a mulher, Ramón resmungou, aborrecido. A antipatia era mútua.

- Não devia estar preparando o espetáculo horroroso que deseja nos impingir?
- perguntou a mulher friamente.

Ele sorriu, indulgente,

- Espetáculo horroroso? Só para mulheres, talvez. Pablo me disse que vocês têm um hóspede estrangeiro. Aposto que o gringo vai gostar.

Consuelo discordou mentalmente. Lucas Morgan não era do tipo que apreciava a violência. Não podia ser. Num lampejo, ela *reviu* o rosto másculo e belo inclinar-se para o dela, no momento do beijo inesquecível. Todo seu corpo reagiu à lembrança e ela coroa. Mas já lhe devolvera o ouro e ele provavelmente iria embora. Ela o esqueceria. Esqueceria os instantes de paixão à luz do luar.

De manhã, Lucas fora com dom Augustino para Cambria, numa misteriosa missão. Nenhum dos dois dera explicações para a viagem súbita, mas Consuelo esperava que Lucas não voltasse para a fazenda. Mentira! Seu coração doía, quando ela pensava na possibilidade de nunca mais tornar a vê-lo. Desejara o beijo tanto quanto ele. Quisera ficar entre os braços musculosos. Precisara de toda sua força de vontade para fugir do contato de sua masculinidade exuberante.

- Temos muito o que fazer, com tanta gente para comer — declarou a tia rispidamente. — Por favor, dom Ramón, vá para junto dos outros homens.

Ele riu, observando as formas do corpo de Consuelo acintosamente. Tomou-lhe a mão e depositou um beijo úmido nos dedos esguios.

- Até mais tarde, minha Consuelo. Isabel seguiu-o com um olhar furioso.
- Ele é atrevido demais. Vocês ainda não estão noivos.

O comentário bastou para que Consuelo adivinhasse que a tia e o pai andavam discutindo um possível noivado entre ela e Ramón. Sentiu um aperto doloroso no coração. Talvez o pretendente já falara com dom Augustino. Talvez já conseguira sua aprovação. Quis abordar o assunto com a tia, mas pensou melhor calou-se.

Não sentia nenhum afeto especial por Ramón. Ele fora apenas amigo de seu irmão. Depois da morte de Felipe, o homem tentava amenizar a dor de dom Augustino, visitando-o constantemente, talvez pretendendo substituir o filho muito amado. Mas Consuelo não podia casar-se com ele. Absolutamente, não!

A vila de Cambria, erguida sobre morros, crescera desordenadamente às margens do rio Santa Rosa. Aninhada entre as montanhas cobertas de pinheiros, era a comunidade mais progressista e movimentada da região.

Descendo a rua principal, Lucas e dom Augustino passaram por um rebanho de porcos, a caminho do açougue. Alguns deles, mais ousados, escaparam da vigilância do menino que os tangia e dispersaram-se. Dois invadiram um jardim bem cuidado e a dona da casa correu atrás deles aos gritos, brandindo uma vassoura. Dom Augustino soltou uma gargalhada e Lucas sorriu, apesar das preocupações que o assediavam.

A cidadezinha parecia ter sido tirada da Nova Inglaterra e transplantada para a Califórnia, com suas casas de madeira. Até a igreja católica, erguida numa elevação que dominava a vila, era igual às que Lucas vira na costa atlântica dos Estados Unidos.

Mas a semelhança terminava aí. Não havia trânsito frenético e desordem nas ruas das cidadezinhas da Nova Inglaterra. Ali em Cambria era constante o tráfego de carretas abarrotadas de lenha e suprimentos com destino às minas de cinabarita. Carroções de fazenda, carruagens e charretes corriam ao lado de cavaleiros, erguendo uma eterna nuvem de poeira. Pedestres esbarravam um no outro nas calçadas de madeira em frente aos estabelecimentos comerciais e algumas lojas as estendiam, erguendo plataformas para facilitar o trabalho de carga e descarga. E esses pedestres representavam todas as classes profissionais e sociais. Damas abastadas, acompanhadas por criadas, entravam e saíam das lojas, ombreando com mineiros de botas sujas e bêbados que cambaleavam para fora dos *saloons*. Nas longas horas insones que seguiram o encontro inesperado com Consuelo, Lucas fantasiara sobre o futuro. Calculara a madeira necessária para a construção do cais e já o vira pronto, fervilhante de atividade. O filho bastardo de Rose Morgan seria um homem próspero. A fé que ela tivera nele não fora em vão. Um dia voltaria a Gloucester, rico e poderoso, para erguer um túmulo de mármore para a mãe.

Raramente pensava no homem que lhe dera a vida, mas naquela noite dedicara-lhe alguns pensamentos. Desejava que ele ficasse sabendo, quando Lucas

Morgan, o filho desprezado, vencesse na vida. A bolsa de ouro ficara escondida sob seu travesseiro. Com o que construiria a partir daquele capital, provaria a todos que era um homem inteligente e trabalhador. Talvez, então, Consuelo deixasse de lutar contra os laços que evidentemente os uniam.

Ouro roubado. As agulhadas da consciência o fizeram revolver-se na cama, inquieto, mas ele apaziguara o remorso dizendo a si mesmo que o agente da companhia o despedira sem complacência. Atirara-o ao desemprego sem nenhuma recompensa pelo tempo de bons serviços prestados. Estavam quites. Além disso, pretendia devolver cada centavo, cada grama de ouro, assim que seu negócio frutificasse.

Quando voltara a propor, naquela manhã, que dom Augustino lhe vendesse a faixa de terra ao longo da baía, o homem mostrara-se entusiasmado. Lucas refletira que os Estrada realmente precisavam de dinheiro, do contrário o fazendeiro relutaria em abrir mão da terra. O pai de Consuelo até insistira para que fossem a Cambria imediatamente, fechar o negócio.

Lucas retomou ao presente quando chegaram diante do Coast Bank. Amarraram os cavalos nas estacas apropriadas e subiram aos escritórios, no andar de cima. Apenas para descobrir que o advogado de dom Augustino, Vicente Rios, fora a San Luis Obispo, a sede do condado.

— Voltará dentro de dois dias — informou o velho escrivão.

— Diga-lhe que voltaremos para falar com ele — pediu Lucas, antes de seguir o fazendeiro, que já descia as escadas sujas apressadamente.

— Não precisamos esperar por Vicente — declarou o velho, quando chegaram à rua. — Iremos ao banco e Lathrop, meu amigo, fará a transferência de propriedade.

Lucas o olhou, surpreso com a pressa do homem. Nos olhos geralmente apáticos, viu então o brilho inconfundível do desejo por dinheiro. Ele não estava disposto a esperar, depois que vislumbrara a possibilidade de amenizar seus problemas financeiros.

— Tem certeza de que esse Lathrop sabe o que fazer para legitimar a transação?

— duvidou Lucas.

— Claro que sabe — afirmou o velho, empurrando a porta de vidro da casa bancária. — Ele sempre cuida dessas coisas.

Bert Lathrop tinha a aparência de um leitão gordo e lúcido. Sentado atrás de sua mesa, às vezes cocando a cabeça quase calva, ouviu impassível o pedido de dom Augustino. Depois, voltou-se para Lucas.

— Esta região está crescendo e prosperando — disse pomposamente. — Um cais na baía Estero será muito útil. E sempre estamos dispostos a receber de braços abertos pessoas progressistas como o senhor.

Levantou-se e retirou uma garrafa de uísque e três copos de um armário. Beberam ao sucesso do projeto de Lucas e Lathrop deixou-os para ordenar a preparação dos papéis necessários.

Tornaram a beber quando ele voltou e exibiu os documentos, pedindo a Lucas e a dom Augustino que os assinassem.

Lucas entregou ao fazendeiro as moedas de ouro na quantidade acertada para a compra e tornou-se proprietário de um pedaço de terra.

Descendo as colinas em direção à fazenda distante, Lucas permitiu-se sonhar. No dia seguinte iria à baía para examinar o terreno e detalhar os planos para a construção. Depois, encomendaria o corte da madeira necessária e contrataria operários.

Imaginou o que Consuelo pensaria de tudo aquilo. Pela manhã não a vira, porque ela ficara com a tia na cozinha. Ele ansiara por vê-la, mas não ousara forçar a situação. Mas sabia que, olhando nas profundezas dos olhos escuros, encontraria a verdade: a doce paixão, revelada no beijo ardente, ou a raiva indomável, refletida no gesto brusco de atirar-lhe a bolsa de ouro.

— *Dios!* — exclamou o fazendeiro, arrancando Lucas do devaneio. — Veja que movimento nos currais!

Chegavam à fazenda e Lucas viu que realmente a atividade era anormal. Cavalos galopavam de um lado para outro, cavaleiros gritavam excitados. Um urso furioso, preso numa canga, era arrastado por um burro robusto,

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Meu amigo, Ramón Salazar, chegou com o urso cinzento que prometeu trazer — explicou o velho, animado. — A fazenda dele limita-se com a minha, nas montanhas de Santa Lúcia. Ele cria gado, cabritos monteses e cavalos. Gosta de jogar, sr. Morgan?

— Não — respondeu Lucas com um sorriso.

— Ramón gosta e vive apostando em tudo. Principalmente em seus cavalos. — O fazendeiro riu, satisfeito., — Mas os dele não se comparam com os meus puros-sangues.

Lucas lançou-lhe um olhar disfarçado. Sob o poncho volumoso, o homem carregava o dinheiro obtido com a venda da terra e que se recusara a depositar no banco. Mas, se gostava de jogar, arriscava-se a perder tudo. Lucas fez um voto silencioso para que o velho fosse cauteloso e poupasse o dinheiro. Pelo bem de Consuelo.

— Será uma festa — prosseguiu o velho. — Assistiremos a uma luta entre o urso e um touro.

Incapaz de se conter, o homem esporeou o cavalo e galopou para os currais.

Lucas saiu para o pátio, depois da *siesta*. Dom Augustino e outro homem fumavam na varanda. Numa mesa entre as poltronas, viam-se garrafas e copos. O rosto afogueado do fazendeiro era sinal de que ele já bebera um bocado.

— Reuna-se a nós, *senor* Lucas Morgan — chamou o velho. Gritou por Rosa, ordenando-lhe que levasse mais vinho para a varanda e virou-se para Lucas, que se acomodava no banco.

— Este é meu amigo, Ramón Salazar — apresentou. — Graças a ele, o senhor terá um grande divertimento, hoje.

O homem sentado perto dele esticou-se languidamente para encarar Lucas.

— O inglês? — perguntou em tom insultuoso.

Os dois amigos riram e Lucas sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Procurou dominar a raiva, ponderando que os homens estavam com o efeito de muito álcool. Normalmente, dom Augustino portava-se com bastante cortesia.

A caseira chegou a varanda com outra garrafa de vinho e um copo para Lucas.

— Beba com os californianos — convidou o visitante, passando a falar rapidamente em espanhol com o fazendeiro.

Lucas tomou um gole do vinho seco, observando Ramón. O homem parecia folgazão, mas havia uma arrogância ofensiva em suas atitudes. Não era alguém que merecesse confiança, concluiu. Difícil entender como dom Augustino, um fidalgo no íntimo, cultivava tal amizade.

Para seu desapontamento, Lucas não conseguira ver Consuelo, A julgar pelo

número de índias em constante atividade, era evidente que o trabalho na cozinha continuava.

Olhando para um dos currais, viu vários vaqueiros conduzindo o touro que ele vira preso. A enorme criatura de chifres poderosos escavava o chão, bufando de fúria impotente. O grupo desapareceu atrás de uma elevação, tornando o rumo do rio. Logo atrás, outros vaqueiros arrastavam o urso amordaçado.

Pouco depois, um vaqueiro entrou no pátio fazendo o cavalo revoltear, espalhando poeira.

— Está tudo pronto! — avisou, galopando para o rio. Ramón esvaziou o copo e levantou-se. Dom Augustino imitou-o, cambaleando ligeiramente.

— Quer apostar, sr.. Morgan? — perguntou com voz pastosa. — O touro, ou o urso?

— Não jogo — replicou Lucas friamente, provocando um sorriso sarcástico do amigo do fazendeiro. — Jogar é passatempo tolo e perigoso.

Os olhos de Ramón flamejaram e Lucas descobriu que ganhara um inimigo. Notando o que se passava, dom Augustino pegou o amigo pelo braço, conversando com elegem espanhol. Pelo pouco que conhecia da língua, Lucas não entendeu quase nada, más supôs que estivessem estabelecendo as apostas. O mais moço ria, provavelmente incitando o velho a aumentar a oferta.

— Venha, sr. Morgan — chamou o fazendeiro. — Vocês não conhecem esse tipo de luta. Vai se divertir muito.

Enganava-se. Lucas vira anúncios de tais barbaridades em San Francisco tempos atrás. Mas a cidade se civilizara, deixara de ser uma selvagem vila de fronteira e ele esperava que tais atividades já fossem proibidas. Pelas descrições que ouvira, preferira ficar longe de espetáculos tão deprimentes, mas ali na fazenda Estrada não tinha outra alternativa a não ser acompanhar os outros homens até a clareira atrás dos currais, na beira do rio.

A multidão barulhenta comprimia-se ao redor de uma cova circular, pouco profunda, onde os dois animais, o urso e o touro, eram mantidos separados por vaqueiros que seguravam cordas retesadas. Uma das pernas do touro fora laçada por uma corda e ligada à do urso.

Ao sinal dado por Ramón, os homens soltaram os uni mais e o silêncio caiu sobre o ajuntamento. Os adversários se encararam e então os espectadores

começaram a gritar, produzindo um barulho ensurdecedor.

O touro bufou, escavou o chão e investiu contra o urso. Ágil, o urso agarrou-o pelos chifres com as patas dianteiras e mordeu-lhe o focinho.

O sangue incitou a assistência a aumentar a intensidade dos gritos selvagens. Sob a nuvem de pó erguida pelos combatentes, os homens tinham a aparência de demônios entretidos em perversa diversão, pensou Lucas, enojado.

O touro livrara-se da boca do urso e recuara, tomando impulso para nova investida. O oponente aguardava-o, equilibrado nas patas traseiras. O touro atacou. Apesar de sua agilidade e dos golpes desferidos com as patas, o urso não resistiu ao ataque e rolou no pó.

Sentindo-se cada vez pior, Lucas observava os rostos bestiais que o cercavam. Não era nenhum ingênuo. Vira brigas e testemunhara assassinatos nas vielas escuras ao redor de muitos portos do mundo. Assistira ao chicoteamento de um marinheiro acusado de motim e quando o castigo terminara as costas do infeliz estavam transformadas numa pista sangrenta. Ele próprio apanhara de chicote e ainda conservava as marcas. A cicatriz no rosto era a recordação de uma facada e, daquela vez, ele escapara da morte por pouco. Mas reunir dois animais numa batalha era totalmente desumano. Crueldade gratuita, destinada a satisfazer instintos mais baixos dos homens.

Percebendo que Ramón o observou com ar de mofa, ele procurava manter o rosto impassível. Dom Augustino mostrava-se profundamente interessado no espetáculo e Lucas descobriu que o fato o desgostava.

Olhou para a arena no momento em que o urso se erguia e voltava a enfrentar o touro. Atacaram-se e rolaram pelo chão, entre berros e aplausos. Os chifres pontiagudos dilaceravam o corpo peludo do belo animal cinzento. Garras afiadas e dentes aguçados cravavam-se na carne rija do touro. O sangue jorrava, empapando a terra revolta.

De repente os animais se soltaram e o urso arrastou-se para o lado. Com um tremendo esforço, o touro se pôs de pé e abaixou a cabeça para mais um golpe. Acertou e, com um rugido, o urso moribundo ainda tentou escapar, movendo-se no chão. O touro investiu mais uma vez e os chifres rasgaram o ventre do adversário. O urso estremeceu e ficou imóvel.

O vencedor ferido ergueu a cabeça e emitiu um berro de triunfo, andando depois lentamente para o outro lado da cova. Os uivos dos assistentes louvaram

sua vitória, mas após alguns passos o touro caiu. Lutou para se levantar, mas a cabeça maciça pendeu, enquanto o corpo entrava em convulsões violentas. O animal rolou, caindo pesadamente no lodo feito de sangue. Morto.

Lucas arrepiou-se de compaixão pelas pobres bestas exploradas e torturadas até a morte inútil. Mantendo o rosto calmo, engoliu o bolo amargo que se formara na garganta. Ao redor dele, os vaqueiros abraçavam-se rindo, furiosamente excitados pelo horrível espetáculo. Comentavam momentos da luta, cobrando o pagamento de apostas.

Dom Augustino, o mais polido e hospitaleiro dos cavalheiros, estava transfigurado, com os olhos postos no corpo dilacerado do urso. Os olhos negros cintilavam de feroz alegria.

Nauseado, Lucas começou a caminhar para a casa grande.

Das sombras da varanda, Consuelo via Lucas fumando, debruçado no muro do pátio. Ele mantinha os olhos fixos no mar, que a lua estriava de prata. Ela suspirou, recordando o beijo que a transportara para um mundo de sonho. Evitara Lucas o dia todo, com medo da força poderosa que parecia arrastá-la para ele.

Na luz trêmula das tochas que iluminavam o pátio, ela viu o velho Rafael, desacordado de tanto beber, com o fiel cachorro dormindo a seu lado. Rosa ficaria furiosa quando descobrisse que o marido bebera até perder os sentidos.

Um dos vaqueiros de Ramón, que tocara o fandango no baile da noite, sentara-se de encontro ao muro e dedilhava a guitarra preguiçosamente. A festa acabara. Nada restara do novilho assado, a não ser a ossada. Quase todo o pão fora consumido e as panelas de feijão encontravam-se vazias. Todo o vinho desaparecera.

Com um suspiro, ela desceu os degraus da varanda e atravessou o pátio, dirigindo-se ao ponto onde Lucas continuava fumando. Ele pressentiu-lhe a presença e virou-se, estendendo-lhe a mão.

— Consuelo, preciso falar com você.

Não. Ela não podia correr o risco de sucumbir outra vez ao encanto dos feiticeiros olhos azuis. Rodando nos calcanhares, ela correu de volta para a casa.

Um lampião brilhava na mesa onde o pai e Ramón jogavam cartas, relutantes em dar o dia agradável por terminado. Lágrimas de raiva marejaram os olhos

de Consuelo, quando ela parou na porta, observando a cena. Dom Augustino entregava-se ao seu mais terrível vício: o jogo. Os olhos tinham um brilho doentio e o suor escorria pelo rosto envelhecido, embora a noite estivesse fresca.

Em dado momento, Ramón deu uma gargalhada e pousou as cartas na mesa. Dom Augustino deu de ombros e colocou algumas moedas de ouro na mesa.

Onde o pai teria conseguido dinheiro para jogar? Lucas teria dado aquelas moedas ao velho? Se ele soubesse da fraqueza de dom Augustino, não teria feito tamanha tolice.

Ramón levantou-se como para parar o jogo, mas dom Augustino segurou-o pela manga, obrigando-o a sentar-se.

— Mais uma. A sorte pode mudar.

Com um gesto indulgente, Ramón pegou as cartas para embaralhá-las. Tremendo de raiva, Consuelo correu até a mesa.

— Chega, papai! — gritou asperamente. — Chega de jogo por hoje.

Rindo, Ramón percorreu-lhe o corpo com os olhos cobiçosos.

— Seu pai quer jogar mais uma partida, Consuelo. Só mais uma.

Ela encarou-o furiosa.

— Você conhece papai, Ramón. Não devia incentivar-lhe o vício.

O homem apenas sorriu, reclinando-se na cadeira.

Pegando dom Augustino pelos ombros, ela tentou fazê-lo levantar-se.

— Vá dormir, papai — ordenou com firmeza. Ele fitou-a, carrancudo.

— Deixe-me em paz, Consuelo. Tenho dinheiro para jogar até ganhar e tirar de Ramón tudo o que ele tem.

Naquele instante, Lucas entrou, olhando a cena com curiosidade. Consuelo virou-se para ele, desdenhosa.

— Deu dinheiro a meu pai? — inquiriu. — Para que ele jogasse?

— É claro que não! — ele exclamou surpreso. — Paguei a terra que comprei dele, hoje.

— Que terra? — ela perguntou, trêmula de raiva e medo. O pai seria tão idiota a ponto de vender a fazenda para ter dinheiro para jogar? — Que terra você comprou, gringo?

— A faixa ao longo da baía — Lucas esclareceu. — Vou construir um atracadouro.

— A baía? — ela gritou agoniada. — O dote de minha mãe? Meu dote? Papai não a venderia. Não poderia, mesmo que quisesse.

— Por que não? — Lucas enfrentou-a. — O nome dele estava no registro das terras. Foi uma transação legal.

Consuelo lutava para conter as lágrimas que lhe comprimiam a garganta.

— O juiz americano colocou tudo em nome de papai, mas ficou estabelecido que a faixa da baía seria minha! — Virou-se para o pai, pálida e angustiada. — Papai, você prometeu! Como pôde vender algo que me pertencia?

Com os cotovelos fincados na mesa, dom Augustino olhava para as cartas espalhadas. Nada respondeu.

— E você seu inglês porco! — ela agrediu Lucas. — Você é igual a George Hearst. Estão destruindo os californianos o mais depressa que podem!

Ramón riu baixinho e Consuelo fulminou-o com um olhar. Mesmo em seu descontrole, ela arrependeu-se da injustiça. Não era Ramón o traidor, o ladrão de terras, o nojento aproveitador das misérias alheias.

— Consuelo... — Lucas murmurou, tentando apaziguá-la. Ela apertou os olhos, fitando-o com asco.

— Cometi um terrível engano ao devolver-lhe o ouro — disse por entre os dentes. — Quero que saia desta casa amanhã ao alvorecer. E não me olhe com esse ar chocado, sr. Morgan. O senhor não é mais bem-vindo na fazenda Estrada!

CAPITULO VI

— Esse é nosso costume — assegurou o pai de Consuelo, entregando as rédeas a Lucas. — Emprestamos montaria e arreios aos nossos hóspedes que partem. Pode devolver o animal quando não precisar mais dele.

— Precisarei dele por muito tempo, sr. Estrada. Deixe-me pagar e...

— Não, não! — o velho rejeitou a oferta com veemência. — Minha filha me deixou envergonhado, ontem à noite. Quero que o senhor não duvide da hospitalidade da fazenda Estrada. Por favor, leve o cavalo.

A manhã estava cinzenta e o sol era apenas uma mancha indefinida por irás das nuvens. Lucas podia ouvir o tagarelar alegre das mulheres que limpavam os fornos no pátio traseiro. Da estrebaria vinham as vozes de Ramón e seus vaqueiros, que também se preparavam para partir.

Consuelo não aparecera para a primeira refeição. Relanceando o olhar para a porta da cozinha, ele viu Isabel que observava a tudo com ar aborrecido. Era capaz de jurar que Consuelo encontrava-se escondida atrás da mulher, vendo-o partir.

Deprimido, Lucas finalmente tomou as rédeas das mãos de dom Augustino. O dia anterior fora pleno de promessas, com planos brilhantes para o futuro e esperança de uma nova vida ao lado da mulher que roubara seu coração tão rapidamente. Mas Consuelo não o queria. Não poderia ter sido mais clara.

— *Bueno* — o fazendeiro sorriu para ele. — Todos os habitantes da costa estarão acompanhando a construção de sou atracadouro, sr. Morgan. Desejo-lhe toda a sorte do mundo.

— Muito obrigado, dom Augustino. Muito obrigado também por sua generosa hospitalidade. — Lucas apertou a mão do homem com firmeza. — Talvez um dia eu possa retribuir tudo o que fez por mim.

O velho apenas sorriu e fez um gesto de despedida com a mão, antes de dirigir-se para o grupo de Ramón.

— *Vaya com Dios* — gritou por cima do ombro, quando já se distanciara bastante.

— *Gracias* — respondeu Lucas.

Não partiu imediatamente, mas ficou observando o fazendeiro montar e seguir Ramón e seus homens, que saíram a galope em direção às colinas.

— Pode dar a mim o dinheiro pelo cavalo e os arreios. — Uma áspera voz feminina soou atrás dele. Lucas voltou-se e deparou com Isabel, que o fitava com hostilidade. — Não vivo no passado, como meu irmão, e não vou perder o dinheiro no jogo.

Sem uma palavra de protesto, Lucas retirou algumas moedas de ouro do bolso

e depositou-as na mão estendida da mulher.

— Gostaria de me despedir de Consuelo — pediu, quando ela já se afastava.

Isabel girou nos calcanhares, encarando-o com frieza.

— Não, senhor. Ela já se despediu, ontem à noite. Meu irmão decepcionou a filha, como fez com todas as mulheres de sua vida. Desta vez, foi com sua ajuda, Lucas Morgan. Minha sobrinha não tem nada a dizer ao senhor.

A mulher deixou-o e apressou-se a entrar na cozinha, batendo a porta com força.

Desconsolado, Lucas montou e rumou para a trilha que levava a Cambria. Não levava nada, a não ser as roupas de marinheiro, limpas e passadas, e as moedas de ouro que tilintavam na bolsa presa ao cinto. Os projetos para o futuro haviam perdido um pouco do brilho, pois seu coração recusava-se a esquecer uma jovem morena de olhos profundos que o expulsara, de sua casa e de sua vida.

Escondida no meio dos eucaliptos, Consuelo acompanhou a cavalgada de Lucas ao longo da costa, até que ele desapareceu por trás das colinas douradas. O mar rugia surdamente sob o céu de chumbo, aumentando a depressão que lhe pesava na alma.

Ela não entendia por que sofria tanto com a partida de Lucas. Era-lhe quase insuportável continuar olhando para a trilha vazia, por onde ele desaparecera numa curva rodeando os morros.

Enxugando uma lágrima inesperada, ela saiu do esconderijo, repreendendo-se por sua fraqueza. Lucas Morgan era igual a todos os outros estrangeiros. Não merecia confiança. Desonesto e voraz, não perdia nenhuma oportunidade de arrancar alguma coisa dos mais fracos e ingênuos.

Aproveitando-se do vício de dom Augustino, ele comprara a terra que fora reservada para representar seu dote. Desde menina ouvia aquela promessa. Sempre percorrera a faixa de terra ao longo do mar com interesse de proprietária, admirando com orgulho cada árvore, cada penhasco batido pelas ondas. O inglês estragaria a beleza do lugar com seu malfadado cais.

De súbito, ela recordou como retribuía o beijo de Lucas com paixão. Fora vergonhoso. Uma fraqueza da qual se arrependia amargamente. Procurando consolo, ergueu uma prece à Virgem, pedindo-lhe perdão. Não adiantou muito.

Continuou oprimida pela lembrança das sensações que a invadiram, fazendo-a desejar algo desconhecido com força imperiosa. Nunca imaginara que a atração entre um homem e uma mulher fosse tão forte, tão esmagadora.

Muitas vezes sonhara em ter um namorado, mas sempre repelira os jovens rudes que vinham das fazendas vizinhas e mesmo de Cambria para fazer-lhe a corte. Sabia que cochichavam por trás dela, dizendo que ela se julgava superior por ter estudado num convento de Monterey. Não era isso. O fato era que, depois da morte de Felipe, ela se tornara o amparo e a consolação do velho Augustino. Não tinha coragem de assumir um compromisso que, mais cedo ou mais tarde, a levaria para longe dele. Preferia ficar solteira.

O pai parecia querer atirá-la nos braços de Ramón. Naquela manhã, ficara aborrecido quando ela se recusara a ir despedir-se do vizinho. Consuelo, porém, não queria ver Ramón, assim como não desejava voltar a encarar Lucas.

— Você está ficando desobediente — o pai acusara. — E grosseira. Sabe que Ramón gosta muito de você. Custa muito despedir-se dele?

Ela o olhara com ar de desafio.

— Custa, pai. Ramón está se aproveitando do senhor. Gostaria que ele se aproveitasse também de sua filha?

Chocado e incrédulo, o velho avançara em sua direção.

— Tenha mais respeito comigo! Vou acompanhar Ramón e quando voltar, conversaremos.

— O inglês me pagou pelo cavalo que levou — a tia contou a Consuelo.

As duas trabalhavam à mesa da cozinha, preparando *enchitadus* para o jantar. Atrás delas uma prateleira ostentava réstias de alho penduradas, potes de pimentas secas e galhos de louro entrançados. O antigo fogão de barro com grelhas de ferro ocupava toda uma parede. Os ladrilhos que o revestiam mostravam-se desbotados e sujos de fuligem. Armários de pinho corriam pelas outras paredes.

— Pagou? — repetiu Consuelo, sem muito interesse.

— Pagou. E obriguei seu pai a me entregar uma parte do dinheiro que conseguiu vendendo a terra.

Consuelo encarou a tia, surpresa.

— Papai lhe entregou parte do dinheiro? Que argumento a senhora usou, tia Isabel?

— A festa de seu aniversário. Seu pai está planejando uma grande festa. Quer trazer os cavalos do Jockey Clube de Cambria para correr aqui e até pensa em contratar músicos para um baile.

Espantada, Consuelo continuava a observar o rosto da mulher.

— Papai sabe que não podemos dar festas! Os bons tempos acabaram. Temos de poupar dinheiro!

Quando ela era criança, antes da seca e da morte da mãe, sempre havia festas na fazenda e a vida era um eterno divertimento. Tudo era motivo para comemoração, ali na fazenda Estrada e nas propriedades vizinhas: Santa Rosa, Piedra Blanca, San Juan. Todos os fins de semana havia rodeios, lutas, corridas de cavalos, bailes.

Consuelo foi dominada pela nostalgia. Com um longo suspiro, começou a enrolar outra panqueca recheada com carne e molho.

— Lembra, tia, como era antigamente? Mamãe dançava com o vestido rodado, vindo de Paris, e a mantilha de renda na cabeça. Papai era jovem e bonito e só usava a sela com enfeites de prata.

Lágrimas toldaram-lhe a visão e Isabel olhou rigidamente para a mesa, como se não tivesse ouvido.

— Parece que tudo o que era bom morreu com mamãe — prosseguiu Consuelo em tom magoadado. — Veio a seca, os americanos chegaram e tudo mudou. E vai mudar ainda mais. Um dia teremos de vender a fazenda a George Hearst, como tantos outros já foram obrigados a fazer.

— Ninguém tem o poder de ver o futuro — a tia admoestou-a, ríspida. — E o que passou, passou. O que importa é o presente. Seu pai quer uma festa para celebrar seus dezoito anos e assim será feito.

— Dezoito anos... — murmurou Consuelo. — Estou ficando solteirona.

— Por que quer — a mulher lembrou-a, arrumando as *enchiladas* num tabuleiro.

— Você não se casou, tia. Posso querer ficar solteira também.

O rosto da mulher fechou-se ainda mais, como sempre acontecia quando se falava dela. Recusava-se sistematicamente a recordar o tempo em que ainda não

se recolhera ao convento do Sagrado Coração, em Monterey. Observando a tia entregar o tabuleiro a Rosa, para que a criada o levasse ao forno de barro, Consuelo imaginou o que acontecera na vida de Isabel.

— *Enchiladas!* — exclamou o pai, cruzando com a caseira, ao entrar na cozinha.

— Muito bom! Uma pena Ramón não ter ficado mais um dia. Vai perder um jantar e tanto.

— Quase não há bastante para nós — retrucou a irmã com mau humor. — Acho bom não ter de alimentar outra vez aqueles bandoleiros.

Dom Augustino deu de ombros num gesto de pouco caso, ignorando o comentário azedo.

— Venha, filha — convidou, pegando Consuelo pelo braço. — Precisamos conversar.

Consuelo ergueu os olhos receosos para a tia. Dom Augustino não esquecera seu mau comportamento. Ela agredira Lucas verbalmente e tratara Ramón com ofensiva frieza. Mas o pai não cultivava o aborrecimento por muito tempo e ela esperara que ele não tocasse no assunto ao voltar para casa.

Em silêncio, acompanhou-o até o salão, onde o fogo brilhava fracamente na lareira. Pretendia não replicar às censuras, mas nada do que o pai dissesse desfaria a amargura que a perda da terra lhe causara.

— Isabel lhe falou da festa de seu aniversário, Consuelo? — ele perguntou, andando de um lado para outro, inquieto.

— Falou, sim, papai. Mas acho que não podemos gastar com...

— Dezoito anos! — ele a interrompeu. — E ainda solteira. Ramón falou comigo, hoje de manhã. Quero anunciar o noivado de vocês, na festa da semana que vem.

Abalada, Consuelo empalideceu. Não podia casar-se com Ramón! O pai teria coragem de forçá-la a uma união tão indesejável?

— Oh, papai! Como pode querer me casar com um homem a quem não amo?

Dom Augustino mostrou-se genuinamente surpreso com a reação.

— Ramón é meu amigo, quase um filho, para mim — alegou. — Além disso, é rico. Possui uma fazenda de cavalos e cabeças de gado. Ele cuidará bem de você e nem mesmo exige dote.

— Está me vendendo, papai! — gritou Consuelo, ainda mais pálida. — Mamãe ficaria envergonhada com sua atitude e eu estou arrasada em saber que significo tão pouco para o meu próprio pai!

— É para seu bem, filha — explicou o velho, com os olhos repentinamente cheios de lágrimas. — Quero vê-la em segurança e faz tempo que Ramón deseja casar-se com você. Só não dei meu consentimento antes porque não podia perdê-la depois de perder Felipe.

Consuelo começou a chorar em silêncio. O pai agarrara-se a ela depois da morte do filho querido. Ainda era muito apegado e nunca insinuara que gostaria de vê-la casada com Ramón ou outro qualquer. Uma suspeita insinuou-se em seu coração, O que acontecera para provocar mudança tão repentina?

— Não amo Ramón, papai — declarou, sufocada.

Sem que ela esperasse, o velho segurou-a pelo braço, enterrando os dedos na carne macia.

— Tem de me obedecer! — gritou. — Vai se casar com Ramón, queira, ou não!

— Papai! — ela gritou angustiada, lutando para soltar-se. Livrou-se, por fim, e correu para fora da sala, incapaz de pensar num meio de salvar-se.

Lucas passou pela *Luis Merchandise*, a maior loja de Cambria, e pelo *saloon* Camozzi, onde tomara um drinque com dom Augustino, depois de comprar a terra dele. Sentia-se um verme ao lembrar que Consuelo o acusara de roubar a terra do pai irresponsável, tirando-lhe o dote. Talvez fosse bom procurar o advogado Rios e aconselhar-se com ele. Também precisava de alguém com quem discutir seus planos para o futuro. Havia algo escorregadio no banqueiro que efetudara a transação. Tinha de saber se ela era legítima. Além disso, ia precisar de um advogado, quando o cais começasse a funcionar.

Deixando o cavalo numa estrebaria, Lucas tomou um, quarto no hotel Davis. A seguir, voltou a sair para a rua movimentada. Olhava tudo com o máximo interesse, pois Cambria seria sua cidade, daí por diante. Admirou o vôo das gaivotas que descreviam círculos no céu cinzento, despertando a curiosidade de algumas mulheres que passavam por ele. De longe, chegava-lhe aos ouvidos o zumbido das serras de cortar madeira, às vezes abafado pelo barulho de rodas, relinchos de cavalos e grunhidos furiosos de porcos transportados em carroças gradeadas.

O escritório de Rios, em cima do Coast Bank, ficava na esquina da rua Main e

da Bain, não demorou a chegar lá e subiu a escada empoeirada com passos determinados. Abriu a porta de vidro fosco e olhou espantado para o homenzinho baixo, ainda muito jovem, sentado atrás da escrivaninha gigantesca.

Vicente Rios levantou-se com ar inquisitivo. Era seguramente trinta centímetros mais baixo que Lucas, tinha brilhantes olhos escuros e ostentava bigode preto bem aparado. O cabelo farto fora penteado para trás, expondo a testa larga, que dava aparência de inteligência ao rosto agradável. Vestia terno cinza e a corrente de ouro de um relógio cruzava o colete preto.

— Em que posso servi-lo, senhor...

— Lucas Morgan. Vim procurar sua orientação sobre alguns assuntos.

Apertaram-se as mãos e Lucas sentou-se na poltrona indicada pelo advogado.

— Ah, sim, Lucas Morgan. Corre o boato de que o senhor vai construir um atracadouro na baía Estero.

— Certo. Suponho que eu precise de uma licença do condado para isso. — Lucas tirou o chapéu de abas largas que comprara ao chegar à vila e colocou-o na cadeira ao lado.

— Uma vez tentou-se construir um cais em Cambria — revelou o advogado. — As ondas arrastaram a estrutura, na metade da construção.

— Não arrastarão a minha — afirmou Lucas, aceitando o charuto que o homem lhe ofereceu.

— Existe um cais, ao norte daqui — avisou o advogado.

— Eu sei. O cais de Leffingwell. Mas não é grande o suficiente. Só pode receber barcos pequenos.

Rios fumava em silêncio, observando Lucas através da fumaça azulada.

— Dom Augustino Estrada o aprecia muito, sr. Rios — continuou Lucas. — Gostaria de contratar seus serviços. Espero que possa me indicar comerciantes honestos e bons carpinteiros.

— As minas de cinabarita estão absorvendo toda a mão-de-obra da região, sr. Morgan. Os homens que não trabalham nas minas estão empenhados em suas próprias explorações. — O homenzinho fez uma pausa breve. — Temos uma aldeia indígena ao sul de Cambria, chamada Reserva de Bain. Vá lá e procure

por um homem chamado Soledad. Ele é trabalhador e de confiança.

Lucas passou mais de uma hora conversando com Vicente Rios e expondo os planos para a construção do atracadouro. Fizeram relações dos materiais necessários: vigas, sarrafos, estacas, ferragens e ferramentas. Ficou acertado que procurariam um barco para Lucas comprar e começar um pequeno barco de transportes, enquanto o cais era construído.

O advogado mostrou-se entusiasmado quando descobriu que Lucas entendia realmente do assunto e que planejava tudo cuidadosamente. Não era mais um aventureiro em busca de lucros fáceis. E, quando se despediram, Lucas saiu com a certeza de que encontrara um amigo na cidade.

Dirigiu-se, então, para a *Luis Merchandise*, pretendendo encomendar parafusos, porcas e pregos. Também compraria algumas roupas e um par de botas.

No interior da loja, aquecida por uma aquecedor de ferro que parecia uma enorme chaleira, foi atendido pelo proprietário, que desdobrou-se em gentilezas ao perceber que ele tinha dinheiro.

Pegando as roupas embrulhadas em papel pardo, Lucas viu o xale exposto na parte envidraçada embaixo do balcão. As rosas vermelhas destacavam-se sobre fundo preto e espessa franja de seda escarlata davam acabamento fino à peça. Lucas imaginou Consuelo usando o xale nos ombros delicados. Os olhos dela brilhariam de prazer com um presente tão lindo.

Sentiu um aperto no coração ao lembrar-se do modo como se haviam separado. Ela lhe ordenara que desaparecesse. Mas ele não acreditava, não podia acreditar que nunca mais se veriam.

— O xale — pediu ao proprietário. — Também vou levá-lo.

CAPITULO VII

— Papai gosta muito de se exhibir — criticou Consuelo, falando com a tia. — É mais por ostentação do que por qualquer outra coisa que ele deseja comemorar meu aniversário com uma festa.

Não estavam em condições de gastar dinheiro com festas, mas dom Augustino,

cada vez mais irresponsável, insistia numa recepção grandiosa. Já gastara uma quantia considerável em *aguardiente*, a cachaça fabricada na região. Mais do que seria prudente gastar. Além disso, fizera questão de comprar ingredientes caros para pratos sofisticados.

Isabel, moendo folhas de manjerição, virou a manivela do moedor com força desnecessária, revelando sua irritação.

— Ele quer anunciar seu noivado em grande estilo — comentou com voz trêmula. — Ramón estou, como faz com quase todo mundo, mas eu... — Não finalizou a frase, despejando o conteúdo do moedor num caldeirão de feijão quase cozido.

— Disse a papai que não desejo me casar com Ramón. Eu não o amo — lamentou-se Consuelo. — Chego a querer que pudesse gostar bastante dele. Isso tornaria tudo mais fácil.

— Talvez — resmungou a tia, ceticamente.

Consuelo juntou as cascas de legumes e palha de alho espalhadas na mesa escalavrada, jogando tudo no barril de lixo.

— Papai ficou muito zangado quando confessei que não amo Ramón e não posso me casar com ele.

A mulher suspirou.

— Sua teimosia não vai resolver nada desta vez, minha querida — avisou. — Aqui são os homens quem decidem. E sempre vencem.

Consuelo olhou surpresa para a tia.

— Mas eu, de certa forma venci. Papai disse a Ramón que gosto dele, mas não o amo. Aconselhou-o a me cortejar e tentar me conquistar.

Não acrescentou que sabia, no fundo do coração, que jamais amaria o abastado fazendeiro.

Isabel não respondeu e Consuelo observou-lhe o rosto fechado. Os comentários amargos da tia sobre os homens deixaram-na perplexa. A mulher costumava vencer nas discussões com o irmão, pelo menos nas que se referiam ao governo da casa. Em todos os outros assuntos não se envolvia. Consuelo lembrava-se bem de que Isabel evitava tomar partido quando dom Augustino brigava com os filhos. Pela primeira vez, viu a tia como ela era exatamente: uma parenta pobre, agregada à casa. Adivinhou que a mulher detestava a situação, mas se

submetera a ela por amor aos sobrinhos órfãos. Num impulso, abraçou-a, deixando Isabel atônita.

— Tia, vou dar um passeio a cavalo, antes que os convidados cheguem.

— Consuelo! — ralhou a mulher. — Acha mesmo que...

— Não tenho mais nada a fazer, a não ser trocar de roupa, tia.

Saiu da cozinha, passando por Rosa e suas ajudantes, que se comprimiam ao redor do fogão, mexendo em panelas e caldeirões de comida deliciosamente aromática.

Induzindo a pequena égua preta a galopar, Consuelo pensou com tristeza nos dias em que o irmão Felipe cavalgava com ela. Mas isso fora há muito tempo, quando o rapaz ainda não se tornara um homem turbulento e amante dos prazeres desregrados.

O comportamento dele mudara depois que o jovem ligara-se a Ramón e sua turma. Mais um motivo para Consuelo não aceitar o vizinho como marido. Mas o pai não entendia. A briga com o velho fora dolorosa, principalmente porque ela pressentia que o pai estava confuso e sofria também, mesmo insistindo em querê-la noiva de Ramón.

No topo da colina, Consuelo fez a miúda égua Mirlo parar. Abaixo, os morros ondulavam, dourados pelo outono, até o mar. Retalhos verdes, formados por pinheiros e eucaliptos sobressaíam na paisagem. Ao longe, o mar cintilava, azul-prateado, no sol do meio-dia. No cabo China, ao norte, erguiam-se as ruínas de uma velha casa de pedra, silenciosa entre árvores altaneiras.

A baía Estero estendia-se diante dela, ondas arrebatando na praia em cristas de espuma. A terra que a orlava pertencera ao avô de Consuelo, dom José Carrillo, que a estabelecera como dote da filha Amparo. Por voltas inexplicáveis do destino, passara a pertencer a um inglês. Frio ressentimento cresceu no coração de Consuelo, quando ela pensou em Lucas Morgan.

Ele já se apossara da terra que fora sua. Mesmo de longe, ela podia ver o início de uma construção. Homens, minúsculos como formigas, trabalhavam, erguendo o que parecia ser uma parede.

Apesar da raiva, ela era obrigada a reconhecer que havia algo de admirável na determinação de Lucas. Ele se propusera a construir um cais e estava construindo. Dom Augustino, com sua natural indolência, jamais seria capaz de

tanta força de vontade. O pai sempre deixava tudo para o dia seguinte, protelando decisões. Certas coisas, nunca chegavam a ser concretizadas.

E o cais, forçoso admitir, seria de inestimável utilidade para todas as propriedades da área, mesmo para a fazenda Estrada, quando o pai tivesse novamente gado para vender.

Parte de sua irritação desapareceu, enquanto ela observava o movimento dos trabalhadores. Lucas não conseguira o dinheiro por vias muito legais, mas usava-o para criar um serviço útil à comunidade. Estava trabalhando e procurando progredir.

Quando percebeu que tentava distinguir o vulto de Lucas entre os outros, Consuelo resmungou, irritada consigo mesma. Pôs a égua a galope, distanciando-se da elevação.

— Maldito inglês! — gritou para o vento. — Que vá para o inferno!

Os convidados já chegavam à fazenda, quando ela entrou no pátio e entregou o animal ao jovem índio Sancho, cuja única obrigação era cuidar dos cavalos de uso da família.

— Vá se olhar no espelho! — gritou a tia, agastada, quando Consuelo invadiu a cozinha. — Está despenteada, suada e vermelha como um pimentão. Os convidados já começam a chegar. Vá se arrumar.

Consuelo dirigiu-se para a porta que levava ao interior da casa mas a tia chamou-a, lembrando-se de algo.

— Sancho viu a carruagem de Vicente Rios na estrada do literal.

— Difícil seria não ver, mesmo a distância — Consuelo comentou com um sorriso.

Depois de se banhar, e enquanto escovava o cabelo, ela pensou no advogado Vicente Rios. Riu baixinho, divertindo-se. O elegante homenzinho conduzia uma carruagem que ostentava flâmulas esvoaçantes dos dois lados, o que tornava impossível não ver o carro, mesmo de muito longe.

Consuelo gostava dele e de sua mulher, Angelita, gorducha e carinhosa. A moça era mais velha que Consuelo, mas as duas tornaram-se amigas e sempre se viam com prazer.

De súbito, a festa deixara de ser um aborrecimento. Seria muito agradável conversar com Angelita e, a despeito de suas maneiras ocasionalmente

pomposas demais, Vicente era animado e divertido.

A família do advogado sempre fora amiga dos pais dos Estrada. Alguns anos mais velho que Consuelo, Vicente já chegara à adolescência, enquanto ela ainda era menina. Por ser pequeno e franzino, o rapaz sofria as chacotas implacáveis de Felipe e dos outros rapazes, mas sempre pudera contar com a defesa corajosa de Consuelo. Ela se orgulhava do amigo, que estudara e tornara-se cidadão importante de Cambria. Ele pertencia ao grupo dos realizadores, como Lucas Morgan.

Nervosa ao constatar que todos os pensamentos acabavam despertando a lembrança de Lucas, ela acabou de pentear o cabelo, vestindo a melhor saia de chita, com três babados fartos na saia. Escolheu uma blusa branca bordada e olhou-se no espelho, satisfeita, antes de correr para o pátio ao encontro de Vicente e Angelita Rios, que acabavam de chegar.

Estacou na porta, empalidecendo e sentindo-se gelar. O veículo dos Rios já parará diante da varanda, com suas bandeirinhas coloridas tremulando ao vento. O cocheiro índio continuava sentado em seu lugar, enquanto Lucas Morgan ajudava Angelita a descer da carruagem, ladeado por Vicente e padre Amadeo.

Lucas estava bem trajado, usando roupas novas e um chapéu de feltro cinza muito elegante. Consuelo observou-o longamente, deixando que a raiva substituísse a surpresa e o primeiro impulso de alegria. Ele era mesmo petulante e desavergonhado. Agia como se fosse bem-vindo à propriedade, sem se importar com o fato de não ter sido convidado para a festa.

Angelita viu-a e correu para ela, abraçando-a efusivamente. A moça estava grávida e usava um vestido solto, de flores em tom pastel. Consuelo retribuiu o abraço, olhando para Lucas com desagrado, por cima do ombro da amiga.

Vicente aproximou-se para cumprimentá-la e Consuelo ofereceu-lhe o rosto para um beijo.

— Seu pai pediu que convidássemos Lucas Morgan para a festa — declarou o advogado. — Ele está construindo um atracadouro na Baía Estero e é bom que vocês travem um bom relacionamento. Vão ser vizinhos.

— *Senorita Estrada* — cumprimentou Lucas, tirando o chapou de abas largas e fitando-a com expressão enigmática.

Ela meneou a cabeça educadamente e desviou o olhar dos magnéticos olhos

azuis, afastando-se para abraçar padre Amadeo, curvado e magro em sua batina marrom.

No quarto de Consuelo, Angelita livrou-se do xale e do chapéu, apressando-se em afrouxar um pouco o laço que prendia o corpete do vestido embaixo do busto. Era baixinha e redonda, possuindo um rosto bonito, de pele perfeita. Vaidosa, preferia vestir-se à moda americana, ignorando o desconforto dos vestidos rebuscados e dos chapéus presos ao cabelo por longos alfinetes.

Pela tagarelice descontraída da amiga, Consuelo deduziu que Lucas fora aceito pelo casal e que uma grande amizade nascia entre os três. Vicente conseguira a licença para a construção do cais, ajudara Lucas a encontrar o material e a mão-de-obra necessários para o empreendimento e até decidira investir no projeto.

— Meu pai pediu que vocês o convidassem para o meu aniversário? — perguntou Consuelo, ainda em dúvida, quando a amiga fez uma pausa na enxurrada de palavras.

— Pediu — afirmou a moça, ajeitando o cabelo diante do espelho. — Por quê? Tem algo contra?

— Eu disse a Lucas Morgan que não voltasse a pôr os pés em nossa propriedade — Consuelo confessou.

— Não! — exclamou a amiga, incrédula. — Você não fez isso! A hospitalidade dos Estrada é legendaria. Com certeza seu pai quis remediar a situação, convidando-o.

— Com certeza — respondeu Consuelo, lacônica.

Não queria discutir sobre Lucas com Angelita, nem com ninguém. Desviou o assunto, fazendo a jovem falar do bebê, uma grande alegria para o casal, depois de três anos de casamento estéril.

Quando as duas foram para a varanda, Angelita desfiava os últimos mexericos da vila, já esquecida da animosidade de Consuelo contra Lucas. O padre Amadeo conversava com tia Isabel. Vários casamentos e batizados seriam realizados durante a visita do religioso e a mulher falava-lhe dos planos para as cerimônias coletivas.

Na sala de jantar, as criadas arrumavam os presentes trazidos para Consuelo, empilhando-os na grande mesa. No pátio, vaqueiros preparavam os cavalos para a corrida planejada por Ramón. Por toda a parte havia atividade e alegria.

Apenas Consuelo mostrava-se triste e preocupada. Observando os cavalos que começavam a ser levados para a pista, desejou ardentemente que o pai não se deixasse levar pelo vício das apostas, pondo em perigo o pouco dinheiro que lhes restava. Já gastara demais com a festa, chegando ao exagero de contratar um grupo de músicos para animar o baile.

As mulheres serviriam o almoço ao ar livre, e Rafael, o velho marido de Rosa, supervisionava a armação das mesas no pátio. Consuelo examinou-lhe as roupas sujas e franziu a testa, aborrecida. Sempre fizera questão de que os empregados usassem roupas limpas e decentes.

— Rafael! — chamou autoritária. — O que é isso na sua calça?

— Barro, senhorita — explicou o homem, tentando limpar a sujeira com a palma da mão. — Caí do cavalo quando estava laçando o novilho para o churrasco. Ainda não tive tempo de me trocar.

Consuelo sorriu para ele, arrependida da repreensão precipitada.

— Estou com fome — reclamou a amiga, cochichando ao ouvido de Consuelo.
— Desde que fiquei grávida, vivo esfomeada.

— As mulheres já vão servir o almoço — afirmou Consuelo. Não demorou para que as mesas ficassem prontas, cobertas por toalhas brancas. As índias começaram a levar sopeiras fumegantes e travessas de legumes frios para fora, enquanto Rafael e um índio cortavam a carne do novilho assado em fatias. Um empregado abriu um barrilete de aguardente. Para as senhoras haveria chá.

Os convidados acercaram-se das mesas e acomodaram-se. Pouco depois, Isabel e Consuelo já davam ordens para que as índias trouxessem mais comida da cozinha. Damas da sociedade, trajadas à moda inglesa, comiam com o mesmo apetite de seus maridos vestidos em ternos europeus.

Os californianos, mais descontraídos, usavam roupas tradicionais, de forte influência espanhola, coloridas e enfeitadas. Os homens vestiam calças escuras com listas bordadas nas laterais, e camisas brancas de mangas largas. As mulheres ficavam lindas em suas saias rodadas de cores brilhantes e blusas bordadas com babados no decote. Consuelo imaginava o que levara o pai a convidar os americanos e ingleses presentes à festa. Ela não gostava daquelas mulheres que riam alto e conversavam livremente com os homens, todos parecendo formigas devoradoras que não paravam de comer. Nem de beber. Horrorizada, Consuelo via desaparecer não apenas as jarras de *aguardiente*,

como também garrafas e mais garrafas de fino conhaque.

Dom Augustino parecia feliz. Seu orgulho estava satisfeito. Ninguém precisava saber que a fazenda Estrada afundava em dívidas. Nenhum esnobe ali presente jamais suspeitaria que não haveria dinheiro para pagar os impostos daquele ano também.

Ramón, se ficara triste com a notícia de que não iam anunciar o noivado naquele dia, nada demonstrava. Ele se movia no meio da multidão, dirigindo galanteios às tolas americanas, que se derretiam com os cumprimentos exagerados. Sabia que era bonito e a confiança que tinha em si mesmo aumentava seu poder de atração.

Consuelo gostaria de vê-lo como as outras mulheres o viam: encantador e lisonjeiro, bonito e bem-humorado. Seria muito mais fácil suportar-lhe a corte. Mas só de pensar em beijá-lo, um arrepio de repulsa a percorria. No entanto, quando beijara Lucas...

Ela olhou para o grupo formado por Vicente, Lucas, um banqueiro e dois proprietários de minas, que conversavam à mesa. Lucas virou-se e fitou-a. Consuelo baixou a cabeça, acanhada por ter sido apanhada a olhar para ele.

Depois do almoço, com o sol ainda alto, as mulheres e os idosos procuraram recantos tranqüilos para descansar, enquanto os homens voltavam à pista de corridas.

Consuelo e Isabel orientavam os empregados, pois ainda haveria a ceia e o pátio precisava ser preparado para o baile.

O crepúsculo chegou, dourando o horizonte. O conjunto musical, duas guitarras e uma rabeca, tocava para alguns pares dançarem. A maior parte dos convidados estava ocupada, servindo-se dos pratos enfileirados na mesa da cozinha.

Mais tarde, quando a multidão saciada espalhou-se pelo salão, pela varanda e pelo pátio, Angelita aproximou-se de Consuelo.

— Chegou o momento de abrir os presentes, minha querida. Consuelo riu, sabendo que a moça estava mais curiosa que ela para ver o que havia nos pacotes. Foi até à mesa de jantar, enquanto a amiga batia palmas na varanda, anunciando que a aniversariante ia começar a ver os presentes. Os músicos não pararam de tocar e os dançarinos continuaram a rodopiar, enquanto apenas um pequeno grupo dirigia-se ao salão.

Quase todos os presentes eram prosaicos, visando as necessidades do dia-a-dia. Havia um saco de grão-de-bico, uma sela, um par de chinelos de couro, dado por Vicente e Angelita. Algumas das americanas e inglesas a presentearam com toalhinhas de linho e sapatilhas de tecido guarnecidas com rendas de crochê. Consuelo sorriu, pensando na inutilidade de tais peças na vida dura do fazenda.

Notou que Lucas entrara no salão acompanhado por Vicente, e seu coração disparou. Pouco vira Lucas durante a tarde, deduzindo que ele fora assistir às corridas, com os outros homens. Olhou-o de lado, não ousando enfrentar os brilhantes olhos azuis. Esforçou-se por continuar sorrindo, mas perdera toda a naturalidade. A proximidade de Lucas provocava intensas emoções em seu íntimo, algo que a irritava mais do que qualquer outra coisa que ele lhe fizera.

— Abra este — instruiu a amiga, passando-lhe um pacote embrulhado no papel pardo usado pelas lojas de Cambria. — Tenho certeza de que vai gostar.

Angelita olhou para o marido, que piscou para ela sugestivamente. Lucas, apoiado no batente da porta, olhou para os próprios pés, subitamente corado.

Intrigada com a troca de olhares entre os amigos, Consuelo abriu o pacote e desdobrou o lindo xale de seda chinesa. Nem por um momento duvidou de que fosse o presente de Lucas. Em fundo preto, as maravilhosas rosas bordadas brilhavam à luz dos lampiões. A franja era escarlate, longa e farta.

As mulheres soltaram exclamações admiradas e Angelita deu um gritinho deleitado.

Consuelo afagou a maciez da seda, adorando a beleza da peça, mesmo sabendo que o lindo presente fora dado por alguém que ela declarara ser seu inimigo.

— Ponha o xale nas costas. Vamos ver como fica — sugeriu a amiga.

Consuelo aceitou a idéia e envolveu-se no agasalho. O contato da seda na pele era suave e delicioso. Fazia pensar nas mãos de Lucas em seus ombros, na noite em que a beijara sob os eucaliptos. Corando com violência, retirou-o dos ombros.

Vicente acercou-se dela e tomou-lhe o xale, examinando a franja vermelha.

— Da cor da cinabarita, Consuelo — declarou com um sorriso.

— Combina muito bem com sua pele morena.

— Obrigada — ela murmurou, dirigindo o agradecimento tanto ao amigo

quanto a Lucas, que curvou a cabeça com graça.

Seus olhares se encontraram e ela não foi capaz de fugir da atração. Ficou olhando para Lucas, fascinada. Ele adiantou-se e tirou o xale das mãos de Vicente, passando-o pelos ombros de Consuelo.

— Agradeça-me, senhorita, concedendo-me uma dança — cochichou.

Ela não teve tempo de recusar. Lucas já a guiava para o pátio, onde os músicos tocavam uma valsa. Os braços fortes a envolveram e os dois seguiram o ritmo sensual e envolvente. Consuelo mal notou que Ramón os observava, com ar desgostoso.

Abalada pelo contato de Lucas, ela não tinha forças para fitar os olhos dele. Em certo momento o xale escorregou e Lucas apertou-a mais contra o corpo para evitar que o delicado agasalho caísse na poeira.

— Gostou do xale? — perguntou baixinho.

— Gostei — ela afirmou sem olhar para ele, temerosa de revelar o tumulto de emoções que agitava seu coração, — Mas é um presente muito caro, sr. Morgan. Somos simples conhecidos, afinal.

— Não, Consuelo. Não somos "simples conhecidos" — ele murmurou em seu ouvido, fazendo-a arrepiar-se.

Os corpos apertavam-se e soltavam-se, voltando a se procurar, na cadência da música. Estranhos desejos brotavam no íntimo de Consuelo. Ela precisou lutar contra o impulso de deitar a cabeça no ombro largo e fechar os olhos, entregando-se às deliciosas sensações. Nunca sentira nada igual, dançando com os jovens da vizinhança ou com Ramón.

Esqueceu-se de tudo o que a rodeava, entregue ao sonho. Se Lucas não fosse um inglês, se houvesse alguma esperança de um relacionamento, se...

A música parou e ela sentiu-se frustrada. Não podia acabar tão cedo! Fora tão bom sonhar nos braços de Lucas!

— Devo voltar para os meus convidados, senhor — balbuciou.

— Podemos dançar outra vez, mais tarde? — ele pediu.

— Talvez.

Correu para o quarto e guardou o xale na arca da China, de madeira laqueada, que pertencera à mãe. O móvel guardava o que restara dos tesouros de

Amparo: a mantilha de renda negra, o pente alto, de tartaruga, adornado com diamantes, e o vestido de noiva, de seda dourada. Era ali que o xale devia ficar. E ser esquecido.

Lucas seguiu o vulto de Consuelo com os olhos, quando ela entrou correndo na casa. Seus braços pareciam vazios, sem o corpo esguio que tinham amparado na dança. Ela era linda, orgulhosa e forte, ele pensou, tentando ignorar a onda de desejo que ainda o agitava. Mas o detestava, culpando-o pelos desatinos de dom Augustino e também não o perdoando por ser inglês.

Olhou para o balcão, onde dom Augustino jogava cartas com alguns convidados. Ramón voltava para lá, naturalmente para retomar o jogo que abandonara ao ver Consuelo dançando. O velho apostara grandes somas nos cavalos, durante o dia, e Lucas sabia que ganhara apenas uma ou duas vezes. Dom Augustino era viciado. Não demoraria muito para que acabasse com o dinheiro que recebera pela venda da terra ao longo da baía.

Ninguém jogava tanto, sem ficar arruinado no fim. O que aconteceria a fazenda Estrada, quando a falência batesse à porta do velho? O que seria de Consuelo? Desde que a vira, após recuperar-se da febre, sentira o desejo de protegê-la, comovido com sua luta contra a pobreza e a fraqueza do pai.

Mas o que poderia fazer por ela? Também não tinha nada. Possuía apenas um pedaço de terra e uma cabana que construía à margem do rio Coiote para proteger-se dos ventos marinhos e isolar-se. Não suportava a balbúrdia produzida pelas famílias índias que contratara.

Começaria a prosperar, disso não duvidava, quando o cais ficasse pronto. Até lá, porém, não teria coisa alguma a oferecer a Consuelo.

Uma cortina de pó encobriu a estrada que margeava o litoral, quando os convidados partiram para suas casas, no fim da festa. A manhã já ia em meio e as índias ainda lavavam os utensílios usados na primeira refeição de toda aquela gente.

Dom Augustino viu partir a última carruagem e voltou para a varanda. Ninguém dormira a noite toda, dançando, comendo, bebendo e jogando até o sol surgir acima das montanhas Santa Lúcia.

Consuelo notou a palidez do rosto do pai e preocupou-se. Ela também estava cansada, mas dom Augustino já não podia passar noites em claro. Não tinha mais resistência para isso.

— Papai — ela chamou baixinho. Ele pareceu desorientado, depois virou-se em sua direção, vendo-a entre os músicos cansados. — Precisamos pagar os músicos, papai.

Percebendo o constrangimento do pai, Consuelo pegou-o pelo braço e levou-o para um canto da varanda.

— Ouviu o que eu disse, pai? Precisamos pagar os homens que tocaram a noite toda. Não são amigos, mas músicos contratados.

Dom Augustino olhou em volta como um animal acuado, procurando fugir do predador.

— Papai?

No longo silêncio, ouvia-se apenas, a conversa abafada das mulheres na cozinha. As cordas de uma guitarra gemeram, quando um dos músicos pegou o instrumento encostado na parede.

— Não tenho dinheiro — confessou o fazendeiro finalmente.

— Perdeu tudo no jogo, pai? — perguntou Consuelo, gelada de aflição.

— Tudo.

— Não sobrou nada?

O homem baixou a cabeça, envergonhado.

Atônita, Consuelo continuou olhando para o pai. Dom Augustino continuava imóvel, como se a confissão lhe roubasse as últimas energias.

Dominando-se para não dizer ao pai tudo o que lhe ia no coração, humilhando-o ainda mais diante de estranhos, Consuelo foi até os músicos.

— Aceitariam um cavalo como pagamento? — perguntou num fio de voz, pois a garganta se estreitara de angústia.

— Não podia ter feito uma coisa dessas! — gritou o fazendeiro, pouco depois, quando viu os músicos partirem em sua carreta, levando um dos melhores cavalos amarrado na traseira do veículo. — Todos os animais agora pertencem a Ramón.

— Santa Mãe de Deus! — murmurou a tia de Consuelo, entrando na varanda a tempo de ouvir as palavras do irmão.

— Papai! — gemeu Consuelo. — Como pôde causar essa ruína?

Começou a chorar, de desgosto e raiva contra Ramón. O homem conhecia a fraqueza de dom Augustino e se aproveitara dela. O velho fitou-a com severidade.

— Pare de chorar. Não faz diferença que os cavalos pertençam a mim ou a Ramón. Quando vocês se casarem, formaremos uma única família.

CAPÍTULO VIII

Da varanda, Consuelo assistia ao trabalho dos vaqueiros de Ramón, que reuniam os maravilhosos puros-sangues para levá-los à fazenda Santa Lúcia. Não podia censurar Pablo, que anunciara sua partida, decidido a ir trabalhar para Ramón. Do jeito como as coisas estavam, eram apenas privações que os moradores da fazenda Estrada podiam esperar. Difícil, porém, seria perdoar o pai, cuja imprudência causara tudo aquilo.

Ao lado dela, a tia murmurava pragas contra Ramón, intercaladas com invocações à Virgem. Quando Ramón, já montado, acercou-se da varanda para as despedidas, a mulher deu-lhe as costas e entrou.

Os olhos de Consuelo encheram-se de lágrimas. Ramón puxava Mirlo, sua adorada égua, pelas rédeas. Era crueldade demais que ela tivesse de perder também seu animal de estimação. Conteve as lágrimas e encarou o homem com ar de desafio. Ele sorriu, meio incerto.

— A égua é sua, Consuelo. Meu presente de aniversário.

— San generosidade é inacreditável, *senor* — ela zombou, embora soubesse que a culpa de tudo era principalmente do pai.

Ignorando-lhe o sarcasmo, Ramón olhou-a com um sorriso largo.

— Sei quanto Mirlo significa para você, minha menina.

— Obrigada, Ramón.

Ela estendeu a mão e acariciou o focinho aveludado do animal. Um pouco de sua amargura contra o jovem fazendeiro dissipou-se. Era óbvio que ele se achava extremamente generoso. Um filho da pobreza, Ramón, crescera nos arrabaldes de San Luis Obispo e dizia-se que sua mãe dormia com soldados por

dinheiro, para alimentar a prole numerosa. O menino não conhecia o próprio pai e saíra de casa muito cedo.

Quando a chegada dos americanos facilitou a aquisição de terras, ele escolhera as menos cobiçadas, nas montanhas. Corriam boatos de que ele enriquecera escondendo bandidos em suas terras. Fosse como fosse, era uma pessoa marcada pela infância miserável. Sob a máscara encantadora, de folgazão, escondiam-se traços de impetuosa arrogância, como se ele sempre buscasse vingança contra o passado.

— Não me agradeça, Consuelo — ele pediu em tom bajulador. — Sabe que sou um homem generoso. Vai saber até que ponto, quando se tornar minha mulher.

Consuelo voltou-se para o pai, que se postara atrás dela, sem dizer uma palavra. O velho evitou-lhe o olhar. Ela suspirou. O pai perdera também a ela no jogo? Seria obrigada a casar-se com Ramón, para saldar a dívida que pesava sobre a família?

— Até logo, senhor — ela despediu-se friamente do pretendente. — Peça a Sancho para levar Mirlo ao pasto, por favor.

Entrou em casa, com o coração apertado e a mente em tumulto.

Dom Augustino não quis almoçar, alegando cansaço. Levantou-se à tardinha e tomou uma tigela de sopa, antes de voltar para seus aposentos. Fugia da filha. Não queria conversar com ninguém, talvez sufocado pela vergonha.

Consuelo e a tia ficaram acordadas até tarde, procurando uma solução para o problema criado pela irresponsabilidade do chefe da família. Os cavalos dos Estrada, famosos por sua rapidez em pistas de corrida e notável resistência, estavam perdidos. Restavam apenas alguns animais menos jovens, para uso dos vaqueiros e do senhor da fazenda.

Consuelo não duvidava de que o pai começaria a vender partes da propriedade para conseguir o dinheiro suficiente para a sobrevivência. Havia o gado, mas eram poucas cabeças. Consuelo e Isabel não podiam calcular quantas poderiam ser reunidas, num rodeio.

— A colheita foi boa este ano — a tia comentou, tentando não se entregar ao pessimismo. — Ainda temos algumas reses para abate. Com feijão, milho e carne, pelo menos não passaremos fome.

— Com que pagaremos os impostos? — replicou Consuelo. — Com feijão?

— Os americanos querem ouro, ou dinheiro deles — murmurou a mulher, como se Consuelo desconhecesse o fato. — Não sei o que faremos, menina. Mas estou cansada demais para pensar. Vou para a cama e rezarei para que a Virgem Santíssima nos ajude.

Consuelo acreditava pouco em milagres, mas não disse nada. Era bom que a tia ainda encontrasse refúgio na religião.

Isabel envolveu-se no longo xale de lã e levantou-se da mesa.

— Amanhã irei a Cambria, falar com Vicente — decidiu Consuelo, mostrando mais confiança do que realmente tinha.

O céu da manhã estendia-se brilhante e sem nuvens sobre a terra. A brisa era morna, trazendo o perfume dos eucaliptos e dos pinheiros. Batia suavemente na saia de Consuelo, que, de pé nos degraus da varanda, esperava que Sancho lhe levasse a égua. Sob a saia ela vestira pantalonas de montaria, pois não gostava de montar de lado, como as damas de sangue inglês. Completara o traje com blusa solta e uma jaqueta de algodão grosso.

Não tinha muita esperança de que o amigo Vicente tivesse solução para seu problema. No máximo, ele poderia oferecer um empréstimo que possibilitaria o saldo das dívidas mais prementes. Mesmo assim, era cauteloso, e não gostava de emprestar dinheiro sem garantias, nem para velhos amigos.

Foi Rafael, e não Sancho, quem conduziu Mirlo até os degraus da varanda. Consuelo irritou-se ao ver que ele continuava com a calça suja do dia da festa. Manchas vermelhas de barro grudavam-se à roupa grosseira.

Da cor da cinabarita. As palavras de Vicente sobre o xale que Lucas lhe dera, vieram-lhe à mente. As montanhas fervilhavam de mineiros em busca de cinabarita!

— Rafael! — ela gritou, assustando o velho. — Onde foi que você caiu? Onde sujou a calça com esse barro vermelho?

Ele olhou para o chão, embaraçado.

— *Senorita...* Desculpe...

— Não faz mal — ela afirmou animada, deixando o homem ainda mais confuso.

— Pegue um cavalo e leve-me ao lugar onde você caiu.

Enquanto o fiel empregado se afastava, ela imaginou se a Virgem ouvira as preces de tia Isabel.

Rafael levou-a até as margens de um riacho entre pequenas elevações de velhos carvalhos. Uma fonte jorrava do chão e a terra sempre úmida favorecera o crescimento de capim, samambaias e ervas daninhas.

Consuelo imaginou que talvez por estar tão encoberta pela vegetação fora que a terra vermelha da cinabarita escapara aos olhos argutos dos prospectores. E o lugar pertencia à propriedade dos Estrada, disso ela estava certa.

Rafael escavou a encosta de um morro baixo com a picareta que Consuelo o mandara levar. A luz do sol bateu no minério vermelho, fazendo-o cintilar.

Com o calor, gotas de mercúrio porejaram até à superfície, brilhantes e maravilhosamente abundantes, na terra vermelha.

Com gestos rápidos e precisos, apesar da grande excitação, Consuelo encheu um lenço com punhados de terra, amarrando-o numa pequena trouxa.

Mandou Rafael voltar para casa e fez a égua tomar o rumo da estrada de Cambria.

Vicente Rios ficou quase tão excitado quanto Consuelo, quando ela abriu o lenço em sua mesa. Ele já vira muito daquela terra para reconhecer que era realmente rica em cinabarita.

— Nas terras da fazenda? — perguntou talvez pela décima vez, sorridente. — Vamos preencher uma declaração, imediatamente. Adiantarei o dinheiro para que você mande testar o minério, mas tenho certeza de que encontrou uma mina. A fazenda Estrada sairá do apuro em que se encontra, minha querida.

Consuelo já lhe contara a que desastre financeiro o vício de dom Augustino os levara e ele se sentia feliz em constatar que tudo poderia se arranjar.

— Quanto acha que o minério vai me render? — ela perguntou, rindo satisfeita.

— Veja como são as coisas — o amigo filosofou. — Poucas horas atrás, você estava arrumada. Agora, já pensa em lucros.

— Foi um milagre — ela concedeu. — Mas, Vicente, dá para calcular o que a descoberta me renderá?

— Tudo depende do tamanho do veio — respondeu o advogado, refletindo. — Meu primo Henry trabalhou nas minas de New Idria. Depois que a declaração de descoberta for enviada ao governo, pedirei a ele para fazer uma avaliação.

— Não temos dinheiro para lhe pagar, Vicente. Terá de aceitar uma parte dos

lucros, mas faremos sobre isso depois. Agora vamos. Angelita jamais me perdoaria, se eu não a levasse para almoçar lá em casa.

Consuelo cavalgava sem pressa, saindo de Cambria e tomando a direção da estrada costeira. Angelita relutara em deixá-la partir, mas o vento quente que começara a soprar de repente a deixara preocupada. Podia ser prenúncio de temporal.

Ela passara bons momentos na casa dos Rios, conversando e rindo com eles, novamente alegre depois do tormento por que passara, julgando tudo perdido. Despedira-se dos amigos sentindo-se tranqüila, mas ao iniciar a viagem solitária ficara tensa, de repente.

Com relutância, admitiu que de tanto ouvir falar de Lucas Morgan ficara com vontade de vê-lo. Angelita e Vicente davam a impressão de adorá-lo e admiravam sua tenacidade em atingir os objetivos. Já comprara o barco desejado e os operários erguiam um armazém na orla, ao mesmo tempo em que construíam os alicerces do cais. Ela olhou para o sol, calculou a hora, e decidiu que havia tempo para passar pela baía Estero e ver o que Lucas já conseguira fazer. Não pôde deixar de sonhar, ao pensar no atracadouro. Um dia, a mina de cinabarita dos Estrada estaria embarcando mercúrio no cais de Lucas Morgan.

O vento já não estava tão quente, mas o sol de outono continuava a brilhar no céu sem nuvens, quando ela desceu para o rio Coiote. Os salgueiros agitavam os longos ramos verdes numa lânguida saudação e ela sorriu, admirando as lindas árvores flexíveis.

Os castores haviam construído uma represa num ponto do rio sombreado pelos salgueiros, formando uma lagoa tentadora. De repente, um homem emergiu da água mansa e ela puxou as rédeas, assustada.

Lucas. Mal podendo acreditar no que via, ela continuou parada, incapaz de qualquer movimento. Ele olhou para ela, em silêncio. Naquele momento, tudo deixou de existir. Foi um instante suspenso no tempo.

Ela admirou o corpo musculoso, o peito largo coberto de pêlos reluzentes de água. Sentiu a pele aquecer-se com um calor diferente. O coração palpitou com mais força e ela achou que ia sufocar, tal a ânsia que a dominou, impelindo-a para o homem que jurara odiar.

O grito de uma gaivota quebrou o encanto. Ela baixou os olhos quando Lucas saiu da água e vestiu a calça que deixara pendurada no galho de uma árvore.

Arquejando por causa do exercício, ele atravessou o espaço que os separava, afundando os pés nus na grama alta. Olhava deslumbrado pra o rosto afogueado de Consuelo. Os lábios entreabertos eram um convite. Os olhos escuros tinham o brilho da paixão. Ela era linda. Ele a queria como jamais quisera qualquer outra mulher.

— Os operários estão fazendo a *siesta* — ele comentou, apenas para dizer alguma coisa. — Tive vontade de me refrescar, antes de voltar no trabalho.

Ela ficara mais vermelha e não o encarava.

— Vicente andou elogiando tanto seu trabalho que decidi ver por mim mesma — declarou por fim. — Espero que não se incomode.

— É claro que não. — Ele sorriu, os olhos fulgurantes como pedras preciosas, tal a alegria de vê-la. — Se quiser ir comigo até a praia, terei o maior prazer em lhe mostrar tudo.

Ele calçou as botas rapidamente e vestiu a camisa, antes de montar o cavalo que estivera oculto pelos salgueiros.

— Este é o atracadouro de Morgan — disse, quando chegaram à praia.

Consuelo olhou atônita para tudo o que já fora feito em tempo tão curto. O armazém, alicerçado na rocha, já estava coberto e entrara em fase de acabamento. Pilhas altas de madeira elevavam-se num ponto que nem a maré alta poderia alcançar. No acampamento índio, um pouco abaixo, os trabalhadores dormiam. Apenas um bebê chorava, perturbando o silêncio.

Consuelo permanecia calada, admirando o cenário. Travava luta íntima, tentando não pensar no corpo viril de Lucas, cuja visão, na água límpida, lhe despertara um desejo primitivo e quase incontrolável. Dominada pela emoção, mal ouvia as explicações que Lucas lhe dava, com orgulho compreensível.

O barco que ele comprara encontrava-se amarrado num cais temporário, construído na praia. Lucas comentou que logo precisariam usar um bate-estacas para a colocação dos pilares de madeira definitivos. Desejava terminar o atracadouro antes que chegassem as tempestades de inverno.

Consuelo considerava que ele já fizera mais do que ela jamais julgara possível. Outro inglês ganancioso, enriquecendo-se às custas dos antigos habitantes.

— Fez tudo com dinheiro roubado — observou em tom cortante, arrependendo-se no mesmo instante.

Os olhos azuis de Lucas alargaram-se de surpresa e uma sombra de mágoa cobriu seu rosto.

— Vou pagar até o último centavo, assim que o cais começar a funcionar — declarou.

Encararam-se por longo tempo, numa batalha em que a atração mútua combatia o antagonismo de Consuelo e a tristeza de Lucas.

— Posso lhe oferecer uma xícara de café? — ele perguntou finalmente.

Acompanhou-o pela trilha de grama ao longo do rio, pensando que a curiosidade a colocara numa enrascada. Menosprezara o poder de Lucas sobre suas emoções. Chegaram à pequena cabana onde ele vivia e Consuelo observou-o descer do cavalo e caminhar em sua direção. Ele ergueu as mãos para pegá-la pela cintura e ajudá-la a desmontar. Os olhos que a fitavam eram mais azuis que o céu refletido na água mansa. Consuelo estremeceu, reconhecendo que não teria forças para resistir à onda de paixão que a inundava.

O coração batia furioso no peito, quando Lucas a colocou no chão e puxou-a contra o corpo. Os seios latejaram, comprimidos contra o peito duro e ela arquejou, subjugada pelo desejo implacável que via nos olhos magníficos.

A boca firme cobriu a sua num beijo a princípio gentil. Mas a carícia tornou-se exigente e profunda, fazendo-a gemer e apertar-se contra os músculos rijos. Ela entregou-se, então, ao desejo que nascera no primeiro instante em que fitara os olhos sedutores.

Contudo, quando ele desceu os lábios pelo pescoço sensível, ela resistiu, reprimida por uma vida inteira de velhas regras, noções falsas e preconceitos.

— Não... Lucas.

— Minha Consuelo — ele murmurou, desabotoando-lhe a blusa. Beijou o vale morno entre os seios redondos e a resistência que ela ensaiara, desapareceu no torvelinho da paixão.

Ela apertou-lhe a cabeça contra o peito, fechando os olhos sob a avalanche de delícias provocada pelos lábios úmidos em seus seios.

As bocas sedentas voltaram a se encontrar e Lucas segurou-a pelos quadris, forçando-a a sentir a fúria de seu desejo. A mesma urgência aquecia o corpo de Consuelo, umedecendo-a e deixando-a palpitante, pronta para a entrega.

Como num sonho, percebeu que ele a erguia do chão e logo depois a pousava no leito de grama macia, sob o dossel de um salgueiro.

Lucas deitou-se a seu lado, tirando-lhe a blusa, deleitando-se com a beleza dos seios morenos. Tomou um mamilo ereto entre os lábios, atormentou-o com a língua.

Consuelo estremeceu em doce convulsão e entregou-se às mãos que a despiam cuidadosamente. Sensações indescritíveis a fizeram prender a respiração, quando ele correu a mão por suas coxas até tocar no ponto mais sensível de sua feminilidade. Lânguida de prazer, gemeu um protesto quando ele parou de acariciá-la para tirar a roupa.

Sorriu, trêmula e febril, ao ser novamente abraçada. Imitando os movimentos de Lucas, ela também o acariciou, deslumbrando-se ao descobrir-se capaz de fazê-lo ofegar de prazer. Os dedos tímidos, então, tocaram no membro rijo de excitação e ela pensou que ia desfalecer de desejo.

— Lucas... por favor...

— Consuelo, querida... Você me quer?

— Quero, Lucas. Oh, por favor... eu quero você. Cautelosamente, ele estirou-se sobre ela e pressionou o corpo virgem com investidas lentas, penetrando-o devagar.

Impulsiva, Consuelo não teve paciência de esperar. Agarrou-o pelos quadris e arqueou-se contra ele, forçando a penetração no segredo úmido e quente de sua virgindade. Surpreendeu-se quando sentiu dor, emitindo um pequeno grito.

— Minha querida... — Lucas cochichou-lhe ao ouvido. — Fique quietinha um instante e a dor passará.

Mas a delícia de sentir Lucas dentro de si era maior que o medo de uma dor passageira. Guiada pelo instinto, moveu o corpo, querendo recebê-lo por inteiro.

— Meu amor — Lucas balbuciou, iniciando os movimentos eternos da dança do prazer.

Consuelo o seguia, ávida, entregando-se frenética ao delicioso ritual. Ela já não via com clareza os ramos do salgueiro ondulando no vento. O mundo transformou-se num borrão e de repente ela foi apanhada no centro de um torvelinho, perdida em sensações que jamais conseguiria descrever.

Subiram nas loucas espirais e, quando tudo explodiu, em prazer agudo e avassalador, Consuelo gritou. O grito de Lucas foi um eco do seu.

Aos poucos, a realidade tomou forma. Lucas beijava-lhe o rosto molhado de lágrimas de paixão e alegria. Os corpos ainda agitados pelas últimas ondas de prazer, colavam-se, suados.

Lucas rolou para o lado e aninhou-a nos braços. Só o farfalhar das folhas quebrava o silêncio trazido pela saciedade.

A paixão refluía, como a água da maré baixa. Percebendo o que fizera, Consuelo experimentou uma pontada de remorso. Cometera um pecado. Pior ainda, tivera como cúmplice um homem a quem devia detestar, um inimigo de sua gente.

Mas Lucas voltou a beijá-la e ela considerou que algo tão belo, que fora natural e inevitável, não podia ser pecaminoso.

Afagou a cabeça castanha, que ele reclinara em seu peito.

— Meu querido... — sussurrou.

Lucas ergueu a cabeça para fitá-la, imaginando se ouvira bem.

— O que disse, Consuelo?

— Meu querido — ela repetiu. — Meu amor.

Ele ajeitou-se a seu lado e ela repousou a cabeça no ombro largo.

— Eu sabia que você seria meu amor, Consuelo, desde o momento que vi pairando como um anjo no alto da minha cama.

Ela sorriu. Seu amante viera mesmo do mar, afinal. De nada adiantara lutar contra o destino. Eles se amavam. Seria tão bom se pudessem ficar ali para sempre, aconchegados na proteção dos salgueiros! Não haveria pecado, nem preocupações. Só eles dois, num mundo isolado da dura realidade.

Ficaram em silêncio, gozando os momentos de paz e felicidade. Foi só quando o martelo de um operário soou na praia, que Lucas sentou-se relutante, pegando a calça.

— Precisamos ir, minha querida.

Consuelo olhou-o através das lágrimas. Lucas inclinou-se e beijou-a ternamente.

— Por que está chorando, minha bela Consuelo?

- Eu queria ficar aqui para sempre — ela confessou. — Com você.
- Um dia, meu amor, será para sempre — ele prometeu. Ajudou-a a vestir-se, tão terno quanto fora apaixonado.
- Não quero me separar de você! — ela exclamou, jogando-se nos braços dele.
- Oh, Lucas, quando ficaremos juntos?
- Logo, meu amor. Isto é uma promessa. Amanhã... — Ele fez uma pausa, perscrutando os olhos escuros, enevoados de lágrimas. — Amanhã irei à fazenda Estrada para dizer a seu pai que vamos nos casar.

CAPÍTULO IX

O vento amainara durante a noite, mas a neblina coroava a orla marítima, quando Lucas levantou-se da cama. Bocejando, acendeu o fogo e colocou água para ferver. A cabana não oferecia muita proteção contra o frio noturno e não poderia abrigá-lo, quando chegassem as chuvas de inverno. Ele fizera planos para estar morando no armazém que estava sendo construído, antes da estação chuvosa, mas o que acontecera no dia anterior mudara tudo.

Teria de construir uma casa para receber Consuelo. Algo tão urgente quanto terminar a construção do cais. Passara a noite agitado, pensando, recordando os momentos apaixonados, mas também se arrependendo. Fora loucura perder o controle como perdera, mas não forcara Consuelo a nada. Ela o desejara com intensidade e alcançara o prazer total.

No correr dos anos, mantivera relacionamento amoroso com várias mulheres, mas nenhuma conseguira dominar seu coração.

Consuelo o conquistara desde o primeiro momento e ele sabia que não poderia viver sem ela.

Durante as semanas que passara na fazenda, ele a observara, esperando que ela demonstrasse interessar-se por ele. Mas o ressentimento que ela nutria contra os ingleses fora uma barreira entre eles. No dia anterior, porém, a barreira ruíra e ela entregara-se, confiante e ardente. Ele prometera que falaria com dom Augustino e cumpriria a promessa, naquele dia mesmo.

Enquanto bebia o café escaldante, Lucas pensava no confronto com o fazendeiro com alguma apreensão. E havia muitas outras coisas a resolver. Consuelo era católica. Padre Amadeo insistiria num casamento que obedecesse a todas as normas da Igreja. Teriam de esperar que corresse os proclamas, marcar um dia para a cerimônia. Mas a tudo ele se submeteria de bom grado, desde que tornasse Consuelo sua legítima esposa.

Foi arrancado das reflexões pelo ruído de passos apressados, lá fora. Dirigiu-se para a porta da choupana e viu o índio mestiço, Soledad, que corria, contornando um grupo de salgueiros. O homem parou diante dele, ofegante.

— *Senor Morgan!* Um navio está ancorado ao largo, fazendo sinais. Lucas apanhou as bandeiras sinalizantes atiradas num canto da cabana e seguiu o mestiço. Soledad corria velozmente, afundando os grandes pés nus na terra úmida. Era mais alto que os índios puros tinha pele mais clara. Os olhos negros tinham o brilho da inteligência e seu poder de liderança era inegável. Lucas não tivera dificuldade em confiar nele e os dois trabalhavam bem juntos. Se não fosse pelo índio, que lhe servia de intérprete, Lucas não teria como comunicar-se com os operários que não falavam inglês.

Na praia, Lucas começou a agitar as bandeiras vermelhas. Depois, decifrou a mensagem de resposta, olhando pelo binóculo. O capitão do *Electra* desejava chegar à praia. Lucas conhecera o capitão Roberts em San Francisco. Era um homem honesto e bom, de quem ele gostava. Contudo, não deixava de ser estranho que o capitão se desse ao trabalho de chegar à praia apenas para visitá-lo.

Sentou-se numa pedra ao lado da fogueira que os trabalhadores acendiam todas as manhãs, observando o escaler enfrentar as ondas altas.

George Roberts, um homem robusto, de farto bigode ruivo, desceu e apertou a mão de Lucas com vigor, sorrindo-lhe amigavelmente.

— Ouvi dizer que obtive licença para construir um atracadouro na baía, Lucas — comentou, olhando o trabalho já feito. — Queria ver em que pé estavam as coisas. Sempre me pareceu estranho que ninguém pensasse em construir um cais aqui.

— De fato — concordou Lucas.

— As ondas nesta baía não são turbulentas como aquelas de San Simeon. É uma verdadeira praga fundear naquele lugar. Você foi inteligente e corajoso. Vai

prosperar aqui.

— Espero que sim — respondeu Lucas com um sorriso feliz. — E espero que você me honre, aceitando meus serviços.

A mulher de Soledad aproximou-se com um bule de café e encheu duas canecas de lata, oferecendo-as aos homens. Lucas tomou um gole e apontou para o barco que comprara em San Simeon.

— Enquanto o cais não fica pronto, pretendo trabalhar como baleeiro, levando carga para portos mais próximos.

Roberts olhou ceticamente para as toras de madeira que serviriam de pilastras ao atracadouro.

— Vai precisar de um bate-estacas — declarou.

— É claro que sim. Quer me levar até San Francisco, quando passar por aqui, na volta? Já pensei em ir lá alugar um bate-estacas.

— Por que não vai comigo agora? — propôs o capitão. — Acabaram de colocar os pilares de sustentação de um cais, em Santa Bárbara. Terão demandar o bate-estacas de volta para San Francisco. Você pode alugá-lo por um preço menor, já que vai trazê-lo pessoalmente.

Lucas encarou-o, pesando as vantagens da proposta. Existiam poucos bate-estacas na costa norte e era muita sorte encontrar um ali tão perto. Ele já ficara desanimado ao calcular o tempo que levaria para trazer um aparelho daqueles de San Francisco. Semanas inteiras. Um atraso e tanto na construção do atracadouro. Começou a entusiasmar-se. Quanto antes terminasse o trabalho essencial de fixação das pilastras, melhor. O cais ficaria pronto antes do que ele imaginara. E a casa para Consuelo também.

No entanto, prometera ir à fazenda Estrada falar com dom Augustino. Seria impossível faltar com a promessa, depois que ela se dera a ele com tanto amor e confiança. Inquieto, afastou-se do capitão Roberts, andando pela areia, enquanto tomava uma decisão.

O amigo observava-o intrigado, estranhando sua hesitação em aproveitar uma oportunidade tão valiosa.

— Partiremos antes da mudança de maré — avisou.

Lucas olhou-o rapidamente, refletindo. Tudo andaria mais depressa, depois que as estacas fossem fincadas no fundo do mar. Ele faria economia de tempo e de

dinheiro, além de poder iniciar os negócios mais rapidamente.

— Preciso de uma hora para ajeitar umas coisas — disse por fim. — Mas vou para Santa Bárbara com você.

Enquanto o capitão e os dois marinheiros que o acompanharam a praia tomavam café e comiam as *enchiladas* oferecidas pela mulher do mestiço, Lucas levou tudo o que possuía da cabana para um quarto já pronto do armazém. Deixou o cavalo aos cuidados de Soledad, instruindo-o para que levasse os companheiros de volta para casa, até que ele retornasse e os mandasse chamar.

— Preciso que você que faça mais um favor, Soledad — declarou Lucas. — Leve uma mensagem à fazenda Estrada, para a *senorita* Consuelo.

Arrancou uma folha do caderno que comprara para marcar as despesas com a construção e mordeu o lápis por alguns segundos, pensativo.

"Meu amor, preciso quebrar a promessa que lhe fiz de ir hoje falar com seu pai. Nosso futuro depende do cais que estou construindo. Tenho certeza de que entenderá quando souber que é por causa dele que estou indo para Santa Bárbara, no navio de um amigo."

Explicou rapidamente que precisava alugar um bate-estacas e prometeu que a procuraria assim que voltasse, antes de finalizar:

"Eu te amo, minha querida Consuelo. Meu coração anseia pelo dia em que ficaremos juntos para sempre. Todo seu, Lucas."

Dobrou o papel e entregou-o ao mestiço.

— Vá imediatamente, com meu cavalo — ordenou. — A mensagem é urgente.

Consuelo acordou cedo, sorrindo com a lembrança de Lucas. Sonhara com ele e com os incríveis momentos de sua união. Seu corpo desperto para a paixão, aquecia-se de desejo com a recordação do prazer que a levava à beira da loucura.

Suspirando, virou a cabeça no travesseiro para olhar para a cama de Isabel, no outro lado do quarto. Estava vazia. A tia levantava-se antes do sol, todos os dias, e já devia estar ocupada com os afazeres da casa.

Mas Consuelo não queria pensar na tia, no pai e muito menos nas enfadonhas tarefas domésticas. Queria pensar em Lucas. Ele iria vê-la e falar com dom Augustino. Animada, sentou-se na cama, sentindo o coração bater com mais força. A dor estranha no corpo era a lembrança de seu pecado. Ela pecara.

Bravamente, tentou sufocar a voz da consciência. Por que seria condenada por amor? Além disso, ele se casaria com ela. E se dom Augustino não desse permissão? Antes que os pensamentos sombrios a deixassem deprimida, saltou da cama e se vestiu.

Estava ajudando a tirar a mesa do café, quando ouviu cavalos entrando no pátio e Rafael gritando uma saudação. Correu para a porta, em alvoroço, mas desapontou-se ao ver Vicente, chegando com o primo Henry.

Pouco depois, sentados à mesa de jantar, os visitantes comiam *tortillas* quentes recheadas com queijo, acompanhadas de café. Vicente falou do trabalho do primo nas minas de mercúrio em New Idria. Henry fora dispensado do trabalho por um capataz intransigente, que não o desculpara por faltar um dia, por causa de gripe. Aborrecido, dedicara-se à prospecção por conta própria, na região de Cambria.

— O minério que você me levou é de boa qualidade — o advogado revelou a Consuelo. — Já preparei os documentos para a posse da jazida, mas Henry precisa examinar o local e descobrir a profundidade do veio. É preciso saber se valerá a pena explorá-lo.

Consuelo procurava prestar atenção às explicações do amigo. Tudo o que ele dizia era muito importante para a fazenda Estrada. Porém, não cessava de olhar para fora, desejando ver Lucas chegar.

— Precisa ir junto comigo e Henry até o local onde encontrou o minério, Consuelo — avisou o amigo, acabando de comer um último pedaço de *tortilla*.

— E-estou esperando uma pessoa — ela gaguejou. — Rafael irá com vocês.

— Rafael é apenas um empregado — argumentou o advogado. — Você é a proprietária. Parece que não está dando muita importância à descoberta, Consuelo. O que aconteceu?

— N-Nada! — ela gritou assustada, apressando-se em dominar o nervosismo.

— É claro que isso é muito importante para mim.

— Então, não há motivo para delongas — decidiu o homem. — Vamos até lá.

Consuelo resignou-se. Afinal, Lucas também tinha trabalho a fazer e talvez só aparecesse na parte da tarde. Ela tentaria voltar cedo, mas se Lucas chegasse antes, Isabel lhe pediria para esperar. Apesar de tudo, odiava ter de se ausentar. Gostaria de ficar esperando por ele. Talvez pudesse ir ao encontro dele, na

estrada, e abraçá-lo, beijá-lo, antes que a presença dos outros lhes negasse o menor contato.

Vicente foi ao quarto de dom Augustino cumprimentá-lo. Desde o aniversário de Consuelo, o velho não saía da cama. Não apresentava nenhum sintoma alarmante, mas tornara-se apático e sempre se queixava de fadiga. Para azar de Consuelo ninguém revelou ao fazendeiro o motivo de sua presença.

— Seu pai nem parece o mesmo — comentou o amigo, enquanto esperavam que Rafael trouxesse os cavalos.

— Não é o mesmo — concordou Consuelo. — É um homem acabado.

A princípio ela pensara que o pai fingia abatimento para forçá-la a casar-se com Ramón. Mas com o passar dos dias, concluía que ele não estava bem. E naquela manhã parecia pior.

— Por favor, Vicente, peça ao médico e ao padre Amadeo que venham ver papai — pediu, quando saíam do pátio.

Sentada numa pedra à margem do riacho, Consuelo seguia o trabalho de Henry, que escavava a terra com uma pá. Vicente observava o barro vermelho, com os olhos brilhantes de excitação. Apenas o velho Rafael, encostado numa árvore, não parecia muito interessado. Talvez não compreendesse a importância do que descobrira, ao levar um tombo e sujar a calça.

Consuelo, apesar de atenta, não cessava de pensar em Lucas. Receava que ele ficasse aborrecido por não encontrá-la à espera. Certamente não iria embora, mas ela não queria que ele falasse a sós com dom Augustino.

Incapaz de ficar parada por muito tempo, levantou-se da pedra e andou pela margem, impaciente.

— Parece que temos um veio excelente, aqui — decidiu o mineiro, finalmente.

— Quanto vale? — perguntou Consuelo, indo direto ao ponto. Vicente e o primo trocaram um olhar de incerteza.

— Estão pedindo vinte mil dólares pela mina de Keystone — respondeu o advogado.

Vinte mil dólares não significavam nada, pensou Consuelo. Tinham dívidas e muita gente para sustentar: o pai, a tia, Rosa, Rafael, os vaqueiros e suas famílias, os índios.

— E esse é o preço de uma mina operando — acrescentou o mineiro. — Com fornalha e estradas construídas. Aqui não há nada disso e é preciso muito dinheiro para a compra do equipamento.

O coração de Consuelo apertou-se, desapontado.

— Podemos vendê-la como está, Vicente? — ela perguntou, esperançosa.

O amigo sorriu-lhe, animador.

— Vamos nos esforçar ao máximo, Consuelo.

Amarrando cavalo no poste de madeira e atravessou o pátio na direção da varanda. Vivera naquela casa quando era criança e ainda se lembrava do frescor dos cômodos de paredes de adobe. Era a hora da sesta, um momento inadequado para bater à porta de alguém, mas ele não tinha tempo a perder. Precisava voltar à baía Estero, onde os companheiros o esperavam para retornar à reserva Bain.

Entrou no salão deserto e tornou a sair para a varanda, onde as portas dos quartos se alinhavam. Ouviu uma voz de homem, resmungando alguma coisa, e espiou pela porta aberta do primeiro quarto. Dom Augustino remexia-se na cama amarfanhada.

— O que você quer? — perguntou o fazendeiro com aspereza. Entre aqui.

Hesitante, Soledad acercou-se do grande leito.

— Trago um bilhete do sr, Morgan para a srta. Consuelo — explicou. — Ela está, senhor?

— Não. Um bilhete de Morgan, hein? — O velho estendeu a mão, autoritário. — Entregue a mim.

O mestiço relutava, sem saber o que fazer. O patrão Morgan dissera que devia entregar o papel à senhorita. Seria certo deixá-lo com o pai dela?

— Dê-me o bilhete! — exigiu o fazendeiro.

Durante toda sua vida, o mestiço obedecera às ordens dos californianos. Até a chegada do inglês, que o encarregara de comandar operários, nunca mandara em ninguém, a não ser na mulher. Num gesto rápido, entregou o bilhete ao velho. E nada pôde fazer, quando o homem amassou-o.

Consuelo acenou para Vicente e Henry, que se afastavam da casa a galope. Haviam retornado das colinas e jantado, mas Lucas não aparecera.

Protegendo os olhos com a mão, evitando os raios do sol poente, ela perscrutou a estrada costeira. Ao longe, o mar brilhava, incendiado. Nenhum cavaleiro levantava nuvens de pó, vindo para a fazenda. Ela não podia desanimar. Lucas ainda viria. Ele prometera.

Rafael aproximou-se dela, segurando o velho *sombrero* nas mãos enrugadas.

— *Senorita!* Nós vamos ter uma mina de azougue? — perguntou timidamente.

Ela fitou-o, suspirando.

— Não, Rafael. É preciso muito dinheiro para fazer uma mina funcionar. Vicente tentará vendê-la.

— Por que nós mesmos não trabalhamos nela? — sugeriu o empregado.

Ela foi obrigada a sorrir, apesar da tristeza pela ausência de Lucas-..

— Poderíamos fazer isso, Rafael, se tivéssemos dinheiro para comprar equipamento. Gente não falta. Os vaqueiros e os índios não têm nada para fazer, agora que não há gado, nem cavalos.

— Mas a fazenda Estrada tem gado — teimou o velho. — Toda primavera fazemos o rodeio e reunimos o gado nas colinas, para marcá-lo.

— Por que meu pai não o vendeu? — perguntou Consuelo, surpresa.

Ela não conhecia aquele detalhe. Como mulher sempre fora deixada à margem dos acontecimentos. Via o movimento dos vaqueiros, na primavera, mas nunca soubera o motivo. Falha sua, repreendeu-se. Falta de curiosidade, conformismo com sua situação. Só tomara as rédeas da fazenda, quando o pai caíra em depressão pela morte do filho. Assim mesmo, acabava de descobrir, havia muita coisa que desconhecia. Só conhecia bem o total de dívidas a pagar.

Depois de casada com Lucas, ainda teria de ficar na direção da fazenda. Não podia mais confiar em dom Augustino. Sendo assim, era imperativo que se aprofundasse no assunto e conhecesse todas as possibilidades de soerguimento.

— O patrão só pensa em vender couro, como nos bons tempos — respondeu o empregado, numa crítica velada. — Mas ninguém mais quer comprar couro. Dom Ramón vende o gado dele para corte, em San Francisco. E é rico.

"Por ser rico, meu pai o quer como genro", pensou Consuelo com amargura. "Mas eu quero Lucas".

Lucas. Mais tarde pensaria na venda do gado e na mina de mercúrio. No

momento, continuaria à espera de Lucas, junto de quem construiria uma vida de amor e felicidade.

Ainda permanecia no muro do pátio, quando a noite desceu. Os olhos ardiam no esforço de enxergar através da escuridão, fixos na direção da estrada.

Da casa vinham os sons da noite: as mulheres amassavam *tortillas* para o café da manhã, uma criança choramingava, não querendo ir para a cama, Isabel ralhava.

Sons que ela amava. Naquela noite, porém, seu coração estava frio e pesado no peito. Lucas declarara-lhe amor, prometera casar-se com ela. Mas, talvez, promessas nada significassem para os ingleses, quando eles desejavam o corpo de uma mulher. Ela se entregara a ele, cometera um grande pecado, cheia de alegria e amor.

Por que se desesperava? Acontecera alguma coisa que o impedira de ir à fazenda. No dia seguinte, porém, ele a procuraria e ficariam noivos. Ela confiava nele, apesar de que sempre achara muito difícil

Não tivera motivos para confiar no pai irresponsável, no irmão imprudente, na tia, que sempre ocultava os próprios pensamentos. Mas amava Lucas e confiava nele. Não podia abrigar o pensamento de que ele abusara dela e a abandonara, como tantos americanos haviam feito com moças californianas.

No entanto, o medo a fustigava. Pecara e talvez estivesse sendo castigada. O padre Amadeo não se cansava de dizer que o pecado levava à infelicidade. Mas amar era pecado?

Confusa e cansada, Consuelo debruçou-se no muro, chorando.

CAPITULO X

A curva perfeita da baía de Santa Bárbara abraçava a água lisa e brilhante naquele dia sem vento. Lucas permanecia ao lado do capitão Roberts, na casa do leme, enquanto o *Electra* lançava âncora e os marinheiros desciam os escaleres.

A pouca distância da praia, as ilhas do canal, Santa Rosa, Santa Cruz e Anacapa,

erguiam-se envoltas em névoa cintilante. A vila de Santa Bárbara, aninhada no anfiteatro formado por colinas e montanhas distantes, era um quadro tranqüilo. O outono já usara suas cores acastanhadas na vegetação dos morros e acima da cidade a antiga missão refulgia, muito branca, ao sol. O campanário dominava a paisagem, podendo ser visto do mar, a quilômetros de distância.

Abaixo, mais perto da curva dourada da praia, casas de telhado vermelho e enormes carvalhos rodeavam, velho presídio.

— Iremos a terra no primeiro escaler — Chamou o primeiro oficial para substituí-lo e sorriu para Lucas, indicando o novo cais projetando-se na baía. Contudo, o atracadouro não era comprido o bastante para que o *Electra* pudesse fundear.

— Lá está seu bate-estacas, Lucas.

Lucas olhou para o aparelho montado numa barçaça amarrada ao novo cais. O grande e pesado malho repousava no convés da barçaça, preso por cabos à caldeira a vapor que dava energia ao equipamento. Tinha de falar com o proprietário sem perda de tempo, antes mesmo de ir com o capitão à casa de dom Carlos Silva. O filho de dom Carlos, um garoto de nome Antônio, viajara no *Electra* em companhia do pernóstico tutor inglês.

O menino e o professor foram para a praia no mesmo escaler que Lucas e o capitão. A travessia foi rápida. Logo, o barco chegava à areia, produzindo um rangido irritante. Os marinheiros que o conduziam puxaram-no para fora da água e os passageiros desembarcaram.

Roberts apontou um casarão de adobe, na encosta de um morro antes de afastar-se com o rapazinho e seu altivo tutor.

— Aquela é a casa de dom Carlos. Encontre-se comigo lá, depois que tiver resolvido seus assuntos.

Lucas observou o grupo distanciar-se, subindo para a vila. Antonio devia ter a mesma idade de Lucas, quando ele embarcara pela primeira vez. Mas a vida do menino era completamente diferente do que fora a sua. Com um suspiro melancólico, Lucas caminhou para o cais. Antônio era criado no luxo e estudava em San Francisco. Gostara de Lucas e lhe confidenciara que viajaria para a Espanha, na primavera, onde completaria seus estudos.

Lucas não sabia dizer por que ganhara a simpatia do garoto, que se mostrava arrogante com todos, sentindo-se o dono do mundo. Por estranha associação de

idéias, imaginou se Felipe, o irmão de Consuelo, fora como Antônio. Ela própria, mesmo sendo uma moça, mostrava muito orgulho e uma certa arrogância, que pareciam estar no sangue dos californianos.

Pensar em Consuelo o fez desejar terminar logo o que o mantinha longe dela. Andou mais depressa para a barcaça do bate-estacas, onde o proprietário, Patrick Murphy, saudou-o alegremente.

Lucas explicou o que desejava e o homem fitou-o admirado.

— Um cais na baía Estero! — exclamou. — Até que enfim alguém teve a idéia!

Com um leve sotaque irlandês, contou a Lucas que estava a espera de um navio que rebocasse o bate-estacas de volta para San Francisco.

— Se alugar o aparelho, terá de rebocá-lo até a baía Estero — explicou.

— Isso não será problema — assegurou Lucas. — O capitão Roberts concordou com o reboque. — Quando não precisar mais do bate-estacas eu o mandarei para San Francisco.

Acertaram os detalhes da transação, bebendo uísque numa taberna perto do cais. Prometendo entrar em contato no dia seguinte, Lucas despediu-se do homem e marchou pelas ruas poeirentas até a casa de dom Carlos Silva.

A enorme construção quadrada ostentava corredores nos quatro lados, todos levando para um pátio central, calçado de ladrilhos. Flores brilhantes tombavam de vasos pendurados no teto da varanda que rodeava o pátio. No centro do quadrado interno jorrava urna fonte. O som da água caindo na concha de pedra era deliciosamente calmante.

Lucas encontrou o capitão e o dono da casa tomando vinho na varanda. Dom Carlos era um homem de meia-idade, de fartos cabelos e vasto bigode. Trajava calça branca e a camisa, da mesma cor, que exibia uma pala rebordada em tons vibrantes.

Chamou uma das criadas e mandou-a levar um copo para Lucas e ralhar com duas crianças, que brincavam em volta da fonte, fazendo muito barulho.

— O capitão esteve me dizendo que o senhor está construindo um cais na baía Estero — o homem educadamente ofereceu assunto para conversa.

Ouviu interessado, enquanto Lucas detalhava os planos para o cais, e os três acabaram por conversar animadamente. A garrafa de vinho encontrava-se quase vazia, quando a dona da casa apareceu. O marido a viu e piscou para os

visitantes.

— Ela vem nos dizer que é hora de parar de beber e começar a comer — avisou com um riso afetuoso.

Dona Ramona era rechonchuda e possuía rosto calmo e agradável. O sorriso era lindo, espontâneo e brilhante. Ficou de pé ao lado do marido, segurando-lhe a mão, enquanto convidava todos para o almoço.

Lucas sentiu um aperto de saudade no coração ao notar o afeto que os unia. As duas crianças pararam de brincar e correram para a mãe, abraçando-a pela cintura. A mulher riu e inclinou-se para beijá-las. Ele queria uma família assim, unida pelo amor, com filhos que alegrassem a casa. Desejava, de todo o coração, ser feliz com Consuelo.

Perdeu-se em devaneios, pensando na casa que construiria para ser seu lar. O sangue agitou-se nas veias ao pensar nas longas noites de amor que teriam. Amor que frutificaria em filhos, crianças saudáveis e felizes, que nunca conheceriam as agruras da miséria. Sentiu os olhos úmidos e desviou-se dos sonhos. Os companheiros talvez achassem ridículo que ele se emocionasse com a idéia de ter uma esposa e filhos para amar.

Mais tarde, quando as empregadas índias retiravam os pratos sujos do almoço, dom Carlos comunicou que teria de ausentar-se com a esposa.

— Lamento precisar sair, mas a mãe de um amigo morreu e temos de ir ao velório — explicou. — Os amigos mais chegados não devem faltar à reza do terço, antes do enterro. Por favor, desculpem. Quero que fiquem à vontade em minha casa, mesmo na minha ausência.

Lucas e o capitão levantaram-se prontamente, curvando-se diante da dona de casa e agradecendo o delicioso almoço. O anfitrião orientou uma empregada, dizendo-lhe que servisse conhaque às visitas, no salão, antes de sair da sala de refeições com a mulher.

No salão, Roberts degustou o conhaque com prazer indisfarçável e reclinou-se na poltrona estofada com ar satisfeito.

— Dom Carlos vive bem, não é? — comentou Lucas, olhando em volta.

Tapetes chineses cobriam o chão e vários sofás e cadeiras espalhavam-se harmoniosamente pelo recinto. Móveis pesados, entalhados à mão, encostavam-se nas paredes que sustentavam tapeçarias e quadros espanhóis.

O capitão acendeu um charuto e então olhou para Lucas, compenetrado.

— Dom Carlos Silva é um californiano tradicional, de antes da corrida do ouro e da guerra do México, que transformou a Califórnia numa parte dos Estados Unidos. Os que vieram depois, são conhecidos simplesmente como mexicanos, aventureiros em busca de ouro ou gente fugida da repressão no México.

— Como se explica que certos californianos, como dom Carlos, continuem abastados, enquanto tantos outros foram reduzidos à pobreza? — perguntou Lucas, intrigado.

— Homens iguais a dom Augustino Estrada? — replicou o capitão. — Ora, ele é um jogador inveterado. Outros, porém, quando os americanos chegaram aqui, depois que o comércio do couro acabou, ofereceram empréstimos a juros exorbitantes. Sonhadores e ingênuos, incapazes de encarar a ruína, não perceberam a armadilha e se enredaram em dívidas. Quando perceberam, estavam sendo obrigados a vender jóias, cavalos, terras e outros bens para saldar os débitos de jogo.

— Não esta querendo dizer que dom Carlos é um desses endividados, está? — indagou Lucas.

— Infelizmente — concordou o capitão, sombrio. — Mergulhado em dívidas para manter o fausto e para pagar pela educação do filho, que jamais terá recursos para viver como está acostumado.

Lucas ficou olhando para o fogo crepitante na lareira. Quando chegara à fazenda Estrada, fora atingido pela tristeza de descobrir que os californianos passavam por uma fase de transição e que os velhos tempos de fartura e serenidade chegavam ao fim. Dom Carlos Silva vivia com muito mais luxo que os Estrada. Em compensação, seu mergulho na pobreza seria muito mais doloroso.

Mas Consuelo não continuaria a sofrer, prometeu silenciosamente. Ainda menino, ele jurara escapar das garras da miséria. Já progredira bastante e um dia poderia dizer que se encontrava a salvo.

Sorrindo, relaxou na poltrona, deixando que a mente se deleitasse com ternas e felizes imagens de um futuro não muito distante.

Na manhã seguinte, o capitão Roberts partiu cedo para supervisionar o carregamento do *Electra*. Lucas acompanhou-o e os dois foram falar com Patrick Murphy para discutir o reboque do bate-estacas até a baía Estero.

Enquanto caminhavam para a praia, onde os escaleres aguardavam, o capitão bateu no ombro de Lucas.

— Aceitarei ações do cais como-pagamento pelo serviço de reboque.

Lucas sorriu-lhe, aliviado. Precisava controlar cuidadosamente o dinheiro e toda oportunidade de economizar era bem-vinda. Assim que a construção do atracadouro estivesse em andamento, o banco não lhe negaria um empréstimo. Pelo menos, Vicente Rios lhe garantiria isso. Até lá, porém, todo cuidado era pouco.

— Obrigado, Roberts. Negócio fechado.

O navio ainda iria até San Pedro, antes de retornar a San Francisco. *Dona* Ramona Silva, convidara Lucas a ficar com eles até que o *Electra* passasse por Santa Bárbara, na volta. Ele aceitara. Teria tempo para estar com Patrick Murphy e aprender a operar com o bate-estacas.

Até o momento, não podia queixar-se da sorte.

CAPITULO XI

As primeiras chuvas caíram monotonamente por dias e dias. O tempo demorava a passar para Consuelo, que sentia-se sufocar, presa dentro de casa. O dr. Frame e o padre Amadeo não podiam ir à fazenda ver dom Augustino, pois as estradas estavam transformadas num mar de lama.

Naquela tarde, Consuelo ficou parada na porta, olhando para a chuva que não cessava de cair. Mesmo que quisesse ir à baía à procura de Lucas, não poderia, com aquele tempo horrível. Mas, se houvesse sol e as estradas estivessem em boas condições, ela não iria, de qualquer forma. O orgulho bania de sua mente a idéia de procurá-lo.

Ele prometera. Ela confiara nele. Não pedira nada em troca de seu coração. Fora Lucas quem decidira que deviam casar-se. O que acontecera? Se ao menos tivessem meios de descobrir o que o impedira de ir à fazenda...

Suspirou, encostando a cabeça no batente da porta. Isabel, remendando roupas perto da lareira, olhou-a com curiosidade.

— Por que não vai descansar, Consuelo? — sugeriu, interpretando mal o longo suspiro. — Seu pai está dormindo. Vá se deitar um pouco também. Talvez a chuva pare até amanhã e o dr. Frame possa vir.

— Talvez — murmurou Consuelo, distraída.

Ela não estava pensando no pai, embora o estado dele a preocupasse muito. O velho ainda passava a maior parte do tempo na cama, levantando-se apenas para a refeição do meio-dia. Perdera peso e estava muito fraco.

Onde estava Lucas? O pensamento repetia-se, incansável, enquanto ela lutava para acreditar que não fora enganada. O abatimento a fez recordar os piores momentos de sua vida, num processo doentio que apenas aumentava sua angústia. Pensou na morte da mãe, na separação do pai para ir estudar em Monterey, no jeito frio e distante da tia, que não entendera sua carência de afeto. E em Felipe; Saber que o irmão também afundara na irresponsabilidade não diminuía seu sofrimento e a falta que sentia dele.

Para completar o rosário de amarguras, entregara-se a um homem que a abandonara. Tornara-se uma mulher perdida. A idéia chocou-a. Felizmente não engravidara e ninguém saberia de sua vergonha.

— Mas eu amo Lucas — murmurou sem sentir.

E ele dissera que a amava também. Oh, o amor deles fora maravilhoso! A união de dois seres predestinados. Com certeza algo alheio à sua vontade impedira Lucas de ir à fazenda. Ele voltaria. Seriam felizes.

No dia seguinte, o tempo melhorou, embora o céu continuasse nublado e o vento soprasse com força, muito frio, uivando com um animal enfurecido.

O dr. Frame e o padre Amadeo chegaram, a cavalo, porque nenhum veículo seria capaz de transitar pelos caminhos enlameados sem atolar.

O padre entregou um bilhete de Vicente a Consuelo, que abriu-o, numa ansiedade frenética. Talvez o advogado estivesse mandando notícias de Lucas. Mas não ousou lê-lo diante dos amigos. Levou os dois homens até o quarto de dom Augustino e voltou ao salão, onde sentou-se junto ao fogo, para ler.

Correu os olhos rapidamente pelo papel e quase chorou ao ver que o nome de Lucas não era mencionado. Vicente afirmava que estava tentando vender a mina e avisava que os impostos venceriam no mês seguinte.

Consuelo sentiu-se mais deprimida. Contava vender a mina a tempo de pagar

os impostos. Teria de pedir um empréstimo ao advogado. Mas como faria para pagar, depois? Restava uma alternativa: vender a fazenda a George Hearst. Mas isso...

— O capim de inverno agora vai crescer — observou a tia, entrando inesperadamente no salão. Seus olhos pousaram na carta do advogado. — Quais são as novas?

— Os impostos estão para vencer e Vicente ainda não vendeu a mina — respondeu Consuelo, exasperada. — Ótimas notícias, não?

A mulher apertou os lábios.

— Rafael disse que o gado vai começar a descer das colinas, atraído pelo capim novo — comentou, evasiva.

O empregado continuava insistindo em que os Estrada ainda possuíam muitas reses, desgarradas pelas colinas. Prometera a Consuelo que a levaria para ver, assim que a chuva parasse.

— Ele quer formar uma turma para rodear o gado e trazê-lo para a fazenda — prosseguiu a tia, evitando fazer* uma sugestão clara.

— Rafael já foi chefe de nossos vaqueiros — Consuelo lembrou. — Tenho certeza de que poderá liderar um rodeio.

Tornou a olhar para o bilhete de Vicente, onde as palavras "impostos sobre propriedade" saltavam do papel, malignamente.

— Os vaqueiros estão ficando preguiçosos e briguentos, por falta do que fazer — disse a tia, em tom de crítica.

Consuelo sorriu ironicamente. Isabel lançava sugestões veladas, como sempre. Por que não a aconselhava simplesmente a deixar que Rafael e os vaqueiros fossem em busca do gado dispersado? Esse modo de ser da tia a irritava profundamente, mas Consuelo sabia que seria inútil tentar modificá-la. Tinha de ser indulgente, para não se aborrecer.

— Os impostos estão para vencer — repetiu baixinho. Vicente talvez vendesse a mina, mas poderia ser tarde demais. O gado estava perto, apenas disperso nas colinas. A solução era reuni-lo e vendê-lo, sem consultar dom Augustino. Levantou-se, decidida.

— Vou mandar Rafael começar o rodeio imediatamente.

Isabel arregalou os olhos, espantada, mas não teve tempo de dizer nada. O médico entrou no salão, cofiando a barba encaracolada nervosamente.

— O que aconteceu, doutor? — perguntou Consuelo, alarmada.

— Seu pai teve um ataque cardíaco.

Consuelo oscilou, agarrando-se à tia, que correra para junto dela.

— Ele vai ficar bom? — perguntou a mulher.

O médico analisou os rostos aflitos, decidindo até que ponto poderia ser franco.

— O coração ficou bastante danificado, mas penso que com muito repouso e cuidados adequados dom Augustino sobreviverá.

Consuelo olhou para a tia com um sorriso aliviado, mas o médico ergueu as mãos, indicando que ainda não terminara.

— A vida dele está por um fio. Será difícil, mas terão de fazê-lo desistir do fumo, da bebida, das corridas de cavalos e dos jogos de cartas. Nada de excitação. Nada de emoções fortes. Fui claro?

Consuelo assentiu lentamente. Amava o pai, a despeito de seus inúmeros defeitos. Sabia que ele também a amava, apesar do jeito autoritário e orgulhoso. Pensar em perdê-lo causava-lhe dor profunda, mas o médico não o desenganara e ela se agarraria à esperança.

— Consuelo, seu pai quer vê-la — anunciou o padre, entrando no salão.

Ela correu para o quarto do velho, deixando Isabel a fazer companhia aos amigos.

— O dr. Frame está muito preocupado com o senhor, papai — ela contou, sentando-se ao lado da cama e tomando uma das mãos enrugadas nas suas. — Terá de se cuidar.

Dom Augustino olhou-a e ela encheu-se de remorso ao pensar que estivera tão absorvida nos seus problemas que não percebera como o pai estava doente.

— Terei de me cuidar para viver — ele disse baixinho. — Nada de bebidas, nem de excitação. Que vida maravilhosa!

Ele procurava brincar, mas Consuelo lia pavor nos cansados olhos escuros.

— Vai obedecer, não é, papai?

— Vou, filha — o velho prometeu. — Mas isso não garante que... Não suporto

pensar que posso morrer e deixá-la sozinha, desamparada.

— Não pense! — ela implorou, contendo as lágrimas.

— Você precisa de um marido, minha filha. Ficarei feliz se você aceitar meu amigo Ramón.

— Ramón! — ela gritou revoltada. — Não amo Ramón, papai.

— Por favor, filha. Ramón é rico e adora você. — O velho respirou fundo, comprimindo o peito na altura do coração. — Aprenderá a amá-lo, com o tempo. Terá tudo o que desejar e eu... eu poderei morrer em paz.

Consuelo chorava. Se o pai a amava, como podia exigir tal sacrifício? Tinha vontade de gritar-lhe que não era justo mas as palavras do médico reteve o impulso.

— Lucas Morgan deseja pedir minha mão, papai — conseguiu murmurar.

Os olhos de dom Augustino arregalaram-se, incrédulos.

— O inglês! — exclamou como se cuspsse. — Um sonhador maluco. Está gastando dinheiro à toa com aquele cais. As tempestades de inverno vão arrasar com tudo e ele terá de voltar para o mar. Um miserável marinheiro!

— Por favor, papai, não diga mais nada — ela pediu, afagando o ombro magro.

— Espere até falar com Lucas.

Lucas tanto podia ir à fazenda para cumprir o que prometera, como nunca mais aparecer. De qualquer maneira, ela o usaria como desculpa para protelar o momento em que teria de aceitar Ramón como marido.

— O que vai fazer, minha filha? — perguntou o padre, caminhando na varanda ao lado de Consuelo.

Ela alongou o olhar pelo pátio. Folhas mortas rodopiavam no piso lajeado, levadas pelo vento. As nuvens que se atropelavam no céu cobriam o sol e tornavam a descobri-lo, produzindo sombras no chão. Um gato dormia descuidado, na segurança do topo da mureta.

Foi com os olhos toldados de lágrimas que ela olhou para o velho padre, encurvado em sua batina surrada. Além de seu confessor, ele era seu amigo e Consuelo lhe devotava o amor que dedicaria a um tio carinhoso. Felizmente, ele não se lembrara de convidá-la à confissão. Como poderia contar que se entregara a Lucas, que conhecera os prazeres da carne antes do casamento?

— Estou tão desanimada, padre Amadeo!

O velho suspirou, desanimado.

— Tudo seria diferente, se Felipe fosse vivo. Ele não teria deixado que a situação da fazenda se agravasse tanto.

Ela observou o rosto enrugado, procurando deter a onda de ressentimento que se erguia em seu íntimo. O padre estava enganado! Por mais que ela amasse o irmão e sofresse com sua morte, não era possível esquecer que ele fora sempre egoísta e despreocupado com tudo o que não lhe desse prazer. Talvez, com a maturidade, ele pudesse cuidar da fazenda, substituindo o pai. Mas a situação já estaria ruim e de nada adiantava perder-se em conjecturas inúteis. Felipe morrerá. Cobia a ela salvar a família da ruína completa.

— Precisa casar-se, Consuelo — aconselhou o religioso. — Seu pai me contou que Ramón Salazar a deseja como esposa. Pelo bem de dom Augustino, e pelo seu próprio, peço-lhe que o aceite como marido.

Estavam todos contra ela, pensou Consuelo desesperada. O pai, o padre, até Lucas, que a abandonara. De súbito, ela descobriu que precisava saber o que acontecera. Esqueceria o orgulho e iria à baía para falar com ele. De acordo com o resultado, ela desistiria dele e procuraria a ajuda das pessoas que a amavam. Juntos, ela, Rafael, Rosa, tia Isabel, encontrariam um meio de salvar a fazenda sem que ela precisasse se prender a Ramón.

— Vou pensar, padre Amadeo — prometeu, percebendo que o homem não ficara muito satisfeito com a resposta.

— Mas não demore muito, pensando — ele advertiu. — Seu pai quer vê-la em segurança, antes de morrer.

— Ele não vai morrer! — ela gritou, começando a chorar,

O padre abraçou-a para confortá-la e não insistiu no assunto.

Começou a chover outra vez, pouco depois da partida do médico e do padre, mas o dia seguinte amanheceu ensolarado e morno. Consuelo preparava-se para ir à baía Estero, quando Ramón e seus vaqueiros apareceram, envergando roupas novas e exibindo botas reluzentes. Acabavam de voltar de San Francisco, aonde tinham ido levar uma boiada. Estavam todos cheios de dinheiro e Pablo pavoneava-se, declarando que sua vida melhorara infinitamente depois que ele deixara a fazenda Estrada e fora trabalhar para

Ramón.

Consuelo desculpou o ex-empregado, não podendo tirar-lhe a razão, mas doía-lhe comparar o bando bem vestido e satisfeito com os pobres vaqueiros da fazenda Estrada.

Isabel não disfarçou o aborrecimento por ter de providenciar comida para toda aquela gente e foi para a cozinha resmungando.

Observando Ramón, Consuelo tentava descobrir o que era que atraía tanto o afeto de dom Augustino. Não se podia negar que era um homem bonito e encantador, quando lhe convinha. Era famoso por suas conquistas e muitas mulheres ficariam loucas de alegria se ele lhes propusesse casamento. Generoso, gostava de dar presentes e daquela viagem a San Francisco trouxera um casaco de lã para dom Augustino e um terço de contas de prata para tia Isabel.

Na hora do almoço, ele ajudou o fazendeiro a vestir-se e levou-o para a mesa, apesar dos protestos do velho, que preferia o isolamento do quarto. Mas dom Augustino acabou por animar-se um pouco, com as brincadeiras do homem que desejava ser seu genro.

Quando estavam todos acomodados ao redor da grande mesa, Ramón exibiu um pacote, olhando para Consuelo.

— Trouxe um presente para você, de San Francisco — anunciou. Com relutância, ela pegou o pacote.

— Abra — ele sugeriu em tom de comando, fitando-a com ar possessivo.

Consuelo olhou para a tia. A mulher mantinha os olhos desdenhosos no rosto de Ramón, sem esforçar-se por esconder a antipatia.

O presente era uma mantilha de renda branca, com as bordas trabalhadas em intrincado bordado.

— Para usar no dia do casamento — decretou o pretendente com um sorriso sugestivo.

— Obrigada — murmurou Consuelo, deixando a mantilha numa cadeira ao lado.

Ramón franziu a testa, desgostoso, mas Isabel distraiu-o, pondo um prato fumegante na frente dele. Quando começou a falar da viagem a San Francisco, Consuelo decidiu que poderia obter informações úteis. Encantado com a

atenção que ela lhe dispensava, fazendo perguntas seguidas, Ramón revelou a rota mais fácil para boiadas, a localização dos currais, ao sul da cidade de San Francisco, e até os preços que podiam ser alcançados.

O pai sorria para ela, satisfeito com seus modos gentis, mas Isabel assistia a tudo com um brilho sarcástico no olhar, adivinhando os verdadeiros motivos de Consuelo.

Depois de um pausa, esgotado o assunto da viagem, Ramón dirigiu-se a dom Augustino.

— Parei em Cambria, na volta para cá. Dizem que Lucas Morgan, seu hóspede inglês, abandonou o projeto de construção do cais na baía. Nem Vicente, que investiu no negócio, sabe onde ele está.

— Não! — exclamou Consuelo, sufocada de angústia. — Não acredito

Ramón olhou-a carrancudo.

— Talvez ele tenha achado o trabalho duro demais — opinou o velho fazendeiro. — Era um marinheiro vagabundo.

— Lucas Morgan não é nenhum vagabundo! — Consuelo defendeu-o, esquecendo a prudência. — Ele jamais desistiria de um sonho!

Ramón olhou-a com ironia contundente.

— Gosta de olhos azuis, não é? Pois esqueça qualquer ilusão tola. "Olhos Azuis" está navegando em alto mar.

Consuelo não podia olhar para o rosto zombeteiro de Ramón. Até o pai a fitava com expressão triunfante. Procurando não perder a compostura, ergueu-se e saiu da mesa, dirigindo-se à cozinha.

A égua Mirlo suava profusamente quando Consuelo puxou as rédeas, diante do armazém semiconstruído de Lucas. Da porta pendia um cadeado pesado, que o ar marinho já começava a cobrir de ferrugem. O acampamento dos índios desaparecera, só restando as pedras enegrecidas pelo fogo, com as quais as mulheres haviam improvisado.

Então, era verdade. Como Ramón dissera, Lucas, o vagabundo trazido pelo mar, voltara para sua vida errante. Pela primeira vez, na longa sucessão dos dias de agonia, ela admitia que Lucas a enganara.

Chorava, enquanto guiava a égua pela margem do rio Coiote. A cabana estava

vazia. Uma goteira no teto criara uma poça no meio do cômodo. Carvões num canto, entre pedras amontoadas, eram o único sinal de que um dia ele vivera ali. Desespero profundo abateu-se sobre ela. Era cruel demais para ser verdadeiro. Sonhos tão lindos, transformados em pó. Promessas de amor esquecidas. Tudo não passara de uma ilusão. O sofrimento foi se transformando em raiva e ela lembrou-se de que Ramón falara de um investimento feito por Vicente, no projeto do cais. Lucas Morgan era um ladrão. Roubara o ouro da companhia de navegação e roubara o advogado também. Pegara o dinheiro e desaparecera. Fora para outro lugar, enganar novas pessoas, iludir outras jovens tolas e românticas.

Saindo da cabana, Consuelo deixou-se cair na grama sob os salgueiros.

— Maldito seja, Lucas Morgan! — gritou para o vento. — Você me pagará por tudo o que estou sofrendo! Eu juro! Um dia você me pagará!

CAPÍTULO XII

Ignorando a chuva que voltara a cair com fúria, Consuelo galopou de volta à fazenda. Não se lembrara de pegar uma capa e ficou ensopada, mas isso não a preocupava. Lágrimas de desespero escorriam pelas faces, misturadas à água da chuva. Culpava-se, sem cessar, chamando-se de tola e fraca. Lucas a seduzira porque ela permitira. Julgara-o diferente, iludida por seu carisma, por seu jeito tranquilo, por seu olhar que sabia tão bem fingir amor.

A tia gritou alarmada, quando a viu chegar, entrando aos tropeções na cozinha. Consuelo não opôs resistência quando a mulher levou-a para o quarto e obrigou-a a vestir uma camisola de flanela. Deitou-se, cobrindo-se até o queixo, mas tremia de modo incontrollável.

Isabel foi à cozinha e voltou com um cobertor de flanela. Colocou-as na cama, junto aos pés de Consuelo, que logo começou a sentir um agradável calor. Ainda não satisfeita, a tia foi ao salão buscar a garrafa de conhaque de dom Augustino. Irritada, percebeu que o nível da bebida baixara. Ramón e os vaqueiros haviam bebido *aguardiente*. Era óbvio que o irmão andara bebendo às escondidas.

Obrigou Consuelo a tomar um pouco da bebida forte e ficou de guarda ao lado da cama. Durante a noite, a febre começou e Isabel viu, preocupada, o rosto de Consuelo tornar-se muito vermelho. A temperatura subiu de modo alarmante e Consuelo entrou em delírio, chamando Lucas com um desespero que deixou a tia perplexa.

— Lucas, meu amor... Você não podia me abandonar — ela se lamentava, chorando. — Volte, Lucas... Volte...

A mulher compreendeu que laços muito fortes uniam Consuelo a Lucas. Não ousava afirmar nem para si mesma que os dois haviam se relacionado intimamente, mas não podia afastar a suspeita. Isabel chorou, deixando que as lágrimas molhassem o rosto envelhecido, normalmente impassível,

Na manhã seguinte, a febre se fora, mas Consuelo permanecia numa espécie de estupor. Falava com a tia, mas parecia distante de tudo, completamente desinteressada do que a rodeava. Nem os cuidados atenciosos de Isabel, ou o carinho de Rosa, que preparara o doce preferido de Consuelo, tentando animá-la, despertaram qualquer reação. A tia, experiente, reconhecia os sintomas de pneumonia e sabia como tratar a doença. Todavia, sentia-se impotente diante do mal maior que acometia Consuelo: coração partido.

No meio da manhã, dom Augustino foi ao quarto da filha, olhando-a com preocupação. Curvou-se e afagou o cabelo úmido, colado à testa delicada. Consuelo sorriu para ele, voltando a cochilar, isolando-se da realidade. Despertou sobressaltada, ouvindo vozes alteradas na varanda.

— Precisamos chamar o padre Amadeo — dizia o pai, exasperado.

— Por quê? — retrucou a tia. — Consuelo não está morrendo.

— Não, não é isso — negou o velho, baixando o tom de voz. — Eu é que não estou bem e quero ter certeza de que minha filha não ficará sozinha, quando eu me for. Padre Amadeo anunciará o noivado de Consuelo com Ramón. Em seguida, fará correr os proclamas, na paróquia.

— Não pode fazer isso! — gritou a irmã, enfrentando-o. — No estado em que se encontra, Consuelo não é responsável por seus atos. E será que você não vê que Ramón Salazar não serve para sua filha?

Inquieta, Consuelo virava a cabeça no travesseiro. Ouvia as palavras com clareza mas não conseguia apreender todo seu significado.

— Não possuo mais nada — confessou o velho. — Tudo está nas mãos de Ramón, como penhor. Mas ele prometeu cancelar as dívidas no dia do casamento.

— Você não venderia nem uma índia como escrava, Augustino. — respondeu a irmã com voz carregada de desprezo. — No entanto, está vendendo sua própria filha.

— Cale-se, mulher! — o homem berrou, começando a tossir, o que colocou fim à discussão.

Depois de algum tempo, dom Augustino retornou ao quarto de Consuelo e tomou-lhe a mão. Fitou-a nos olhos, numa súplica muda por compreensão.

Através da névoa que lhe toldava o cérebro, ela lembrou-se que o pai queria vê-la casada com Ramón. E por que não? O homem a quem adorava saía de sua vida para sempre. Contudo, não suportava olhar para o rosto do pai, pois se sentia traída.

— Mandei chamar o padre Amadeo — ele informou. — Quero anunciar seu noivado com Ramón.

Consuelo voltou os olhos inundados de lágrimas para ele.

— Não chore, filha — o velho consolou-a. — Ramón é meu amigo e pertence à nossa raça. Não tenho escolha, Consuelo. Por favor, tente compreender.

Quando o padre chegou, conversou com ela, tentando persuadi-la de que devia obedecer ao pai. Repetiu a frase de sempre, dizendo que os pais sempre sabiam o que faziam. Consuelo não se deu ao trabalho de responder que, se fosse realmente assim, eles não estariam arruinados.

Ela passava por breves momentos de lucidez, voltando a mergulhar na apatia. Então, nada mais parecia real, nada mais importava. Todavia, algo a perturbava. Descobrira uma aliada em tia Isabel, mas não entendia por que a mulher lhe repetia, várias vezes por dia, que não se curvasse aos desejos do pai. Depois da visita do padre, a tia chegara a pedir-lhe que não deixasse o velho pároco induzi-la a concordar com o casamento com Ramón. Mas sentia-se cansada demais para pensar e compreender o que acontecera para que Isabel saísse de sua passividade irritante.

Nem podia imaginar que a tia ficara louca de raiva quando, no dia seguinte à visita do padre, dom Augustino mandara convidar amigos e vizinhos para a

festa de noivado. Ficaria atônita, se soubesse que Isabel rezava longamente à Virgem, implorando-lhe que mandasse Lucas Morgan de volta.

O Electra navegava distante da costa, rodeado por mar e céu, mas Lucas sabia que não tardariam a ver a terra firme ao debruçar-se na amurada e sorriu quando viu despontarem na distância os picos das montanhas. À medida que o navio se aproximava do litoral, tornavam-se visíveis também os morros mais baixos. As chuvas de inverno os tornara verdes, aumentando-lhes a beleza.

Cerca de uma hora mais tarde, quando já deixara o navio e caminhava pela praia com Patrick Murphy, na direção do armazém, respirou fundo, deliciando-se com o ar fresco e perfumado.

— Voltei, Consuelo — murmurou feliz, — Desta vez ficaremos juntos para sempre.

Nas semanas que passara em Santa Bárbara, à espera do *Electra*, que se demorara mais que o previsto em San Pedro, fora difícil refrear a impaciência. Depois, tivera de suportar a viagem lenta, por causa do reboque do bate-estacas.

A lembrança de Consuelo povoara seus sonhos, seus devaneios, perseguira-o até causar-lhe uma dor quase física. Mas finalmente ele voltara para casa. Logo veria a mulher amada e nunca mais ficariam separados.

— Pode dormir aqui no armazém — disse ao proprietário-operador do bate-estacas. — Preciso ir à reserva Bain buscar meu cavalo e dizer aos trabalhadores que voltem.

— Terei muito com que me distrair na sua ausência — afirmou o irlandês, examinando o amplo galpão fechado onde se empilhavam tábuas e sacos de pregos e parafusos. — Pretendo terminar este trabalho depressa, para poder voltar para minha esposa e meus filhos. Depois de ajudar o homem a arrumar seus pertences nas prateleiras, Lucas mostrou-lhe o estoque de comida em conserva, mandando-o servir-se do que mais lhe apetecesse. Em seguida partiu para a reserva.

No início da caminhada de duas horas era mais fácil seguir pela praia. Enquanto andava, Lucas admirava o vôo gracioso das gaivotas e ria ao ver os caranguejos correndo de lado, atrás das ondas que voltavam para o mar.

Aos poucos mergulhou em reflexões, organizando mentalmente tudo o que precisava ser feito. Muito trabalho o esperava, na construção do cais, mas ele

precisava ir ver Consuelo primeiro. Apalpou o bolso onde guardara a aliança de ouro que comprara para ela, em Santa Bárbara. Consuelo devia estar à sua espera. Só de pensar no abraço que os uniria, quando se encontrassem, sentiu o desejo agitar-lhe o sangue. No dia seguinte ela estaria novamente em seus braços.

Na tarde seguinte, Lucas já dividira as tarefas entre os operários e o bate-estacas funcionava, cravando a primeira pilastra. Desesperado para falar com Consuelo, deixou o mestiço Soledad encarregado de supervisionar o trabalho. Vestiu o terno que adquirira em Santa Bárbara e se pôs a caminho, decidindo que primeiro passaria em Cambria, para falar com o advogado.

Vicente não se encontrava nem no escritório, nem em casa, mas Lucas não quis esperá-lo, dizendo a si mesmo que falaria com o amigo na volta. Rindo de alegria, fez o cavalo partir a galope, na estrada que levava à fazenda Estrada.

Teve de conter o ímpeto de correr quando descobriu que a chuva deixara os caminhos secundários cheios de lama. Desse modo, já anoitecia, quando ele chegou à fazenda. De longe ouviu música de dança, risos e conversas animadas no pátio. O cheiro delicioso de carne assada no espeto o fez pensar na festa de aniversário de Consuelo. Estranhou o ar festivo. Dom Augustino não estava em condições financeiras de oferecer festas. No entanto, por todos os lados viam-se carruagens e no pasto cercado pastavam os cavalos de inúmeros hóspedes.

Lucas entregou as rédeas a um garoto e passou pelas índias que tiravam pães dos fornos no quintal. Vicente o viu assim que ele se dirigia para a varanda.

— Lucas! Meu Deus, homem, que satisfação em vê-lo! — Separando-se de um grupo, o amigo foi ao seu encontro, apertando-lhe a mão com entusiasmo. — Nem imagina os falatórios que causou, desaparecendo! Chegaram a dizer que tinha abandonado a construção do cais.

Lucas olhou-o surpreso. Quando escrevera a Consuelo, pedira-lhe que dissesse a Vicente onde se encontrava. Era inacreditável, mas ela não o fizera.

— Fui a Santa Bárbara — explicou, confuso. — Aluguei um bate-estacas e cheguei ontem.

— Ah! — o advogado exclamou, satisfeito. — Ótimo! Mas por que não me avisou?

— Consuelo não lhe... — Lucas interrompeu-se, ao notar a expressão de espanto no rosto do amigo.

— Consuelo esteve muito doente. Só falei com ela, hoje — revelou o advogado, aumentando a perplexidade de Lucas.

— Ela está bem, agora?

Vicente não teve tempo de responder, pois Angelita apareceu a seu lado, pegando-o pelo braço. Sorriu para Lucas.

— Ficamos muito surpresos com o convite para esta festa — observou.

— Por quê? — perguntou Lucas, olhando os pares que volteavam à luz das tochas. — Que festa é essa?

Pressentindo o desastre, Lucas experimentou um aperto doloroso no peito.

— Noivado de quem? — obrigou-se a perguntar.

— De Consuelo e Ramón Salazar — respondeu o advogado, estranhamente sério.

Lucas pôs a mão no bolso e tocou a aliança. O contato pareceu queimar-lhe os dedos. Reviu Consuelo em seus braços, entregando-se a ele com total abandono. Ela confessara que o amava. Como tivera coragem de se comprometer com outro homem, depois de ter sido sua? Ela pertencia a ele.

Sem responder a algo que Vicente lhe perguntara, Lucas abriu caminho no meio da multidão e postou-se ao lado do pátio, onde prosseguia o baile. O sofrimento o deixou trêmulo, quando ele viu Consuelo, linda, num vestido antigo de seda, com uma mantilha branca presa no alto da cabeça por um pente de tartaruga. Linda, apesar da expressão vazia do rosto adorável.

Ramón abraçava-a pela cintura. Os olhos escuros do homem brilhavam, enquanto ele a fitava, triunfante. Raiva profunda apossou-se de Lucas. Ciúme impotente o fez morder os lábios. O que poderia fazer? Consuelo escolhera aquele rufião. Contudo, lembrando a paixão ardente que ela demonstrara ao pertencer-lhe, Lucas não podia crer que ela se unia a Ramón por vontade própria.

Isso não modificava o fato de que ela estava nos braços de outro. O par dançava. Ramón procurava apertá-la contra o peito e ela mantinha um sorriso fixo nos lábios tentadores.

Quando a dança terminou, Lucas entrou no círculo reservado para o baile e aproximou-se de Consuelo.

— Talvez me dê a honra da próxima dança, *senorita*.

Ela virou-se, chocada. Não conseguiu dizer uma palavra, muda de espanto. A música recomeçou. Uma valsa. Lucas rodeou-lhe a cintura com o braço e os dois rodopiaram para longe, antes que o noivo pudesse protestar.

Consuelo fitou os acusadores olhos azuis. Ele voltara. Não fugira. Não a abandonara. Não estava perdido. Estava, sim. Ela se comprometera com outro homem, renunciando ao verdadeiro amor. Por um instante, ela receou desmaiar, tão grande a dor que lhe comprimiu o coração.

— Por quê, Consuelo? — perguntou Lucas em tom de desespero e raiva. — Por que me traiu desse jeito?

Os lábios dela tremeram e os olhos magníficos fulguraram, inundados de lágrimas.

— Pensei que você tivesse ido embora para sempre. Fizera-me acreditar que você tinha desistido de tudo e voltado para o mar — ela explicou, dominando-se para não chorar.

— E você não podia esperar, não é? Tinha que se deitar depressa com outro homem, nem que fosse com o animal do Ramón Salazar — ele a insultou impiedosamente.

— Você não entende! — ela protestou, baixando o tom quando notou os olhares curiosos dos outros dançarmos. — Papai está muito doente. Aceitei Ramón para fazer-lhe a vontade.

— E está contente? — ele insistiu, sarcástico.

— Como poderia estar? Mas você foi embora, sem uma palavra...

— Mande um bilhete explicando que estava indo para Santa Bárbara, mas que voltaria o mais depressa que pudesse — ele revelou.

— Não recebi nenhum bilhete — ela afirmou num murmúrio. — Mas agora é tarde demais.

— Vai se casar com um verme? — ele persistiu, agressivo. — Como pode tolerar essa idéia?

— Papai estava desesperado. Ramón nos arruinaria, tirando tudo o que temos. Mas cancelará todas as dívidas, no dia do nosso casamento. Não posso deixar que meu pai conheça a desonra.

— Ele a está desonrando, Consuelo, vendendo-a a alguém que pode pagar o preço. Está tratando você como trataria uma égua de raça.

As lágrimas tombaram, irreprimíveis, dos olhos escuros e expressivos. Consuelo puxou-o de leve pelo Ombro, forçando-o a aproximar o rosto do seu.

— Tente compreender e perdoar, Lucas. É a você que eu amo.

— Agora você pertence a Ramón — Lucas rejeitou a declaração angustiada. — Ofereça seu amor a ele.

Largou-a e afastou-se em rápidas passadas. Sozinha no meio dos pares curiosos, Consuelo seguiu-o com o olhar.

Lucas saíra do espaço iluminado, quando ouviu uma voz de mulher que o chamava.

— *Senor Lucas!* Espere, por favor.

Ignorando-a, Lucas continuou andando para o cavalo amarrado numa estaca. Montou, sem saber para onde ir com sua desilusão. Considerou a idéia p de embriagar-se numa taberna qualquer de Cambria.

A mulher que o chamara agarrou-se aos arreios. Ele olhou-a e viu que era Isabel, que o fitava suplicante.

— Consuelo ama o senhor — ela confidenciou. — Por favor, acredite.

— Então, por que está planejando casar-se com outro? — ele inquiriu, acusador.

— Fizeram com que ela acreditasse que o senhor se fora da baía Estero, abandonando o projeto do cais. Augusto a chantageou usando o argumento de que está muito doente e pode morrer a qualquer instante.

A mulher começou a chorar e parou de falar, até controlar os soluços.

— Consuelo foi encurralada — prosseguiu depois de alguns segundos. — É muito fácil pressionar uma mulher indefesa. Eu sei, por experiência própria. Por favor, Lucas, só você pode ajudá-la agora.

— Se ela quiser ajuda, terá de me pedir — ele declarou, dominado pelo orgulho. Esporeou o cavalo, partindo a galope.

CAPÍTULO XIII

Sentada sob o lampião, na grande sala, Isabel olhou preocupada para Consuelo, que se acomodara numa poltrona à sua frente.

— Não vou permitir que se case com Ramón Salazar — declarou. — Nem que eu tenha de matá-lo.

Atônita, Consuelo olhou para ela. Não compreendia aquele súbito interesse da tia pelo seu destino. Havia determinação nos olhos escuros da mulher, mas Consuelo meneou a cabeça, desanimada.

— Não adianta lutar contra o inevitável, tia — aconselhou num suspiro. — Até padre Amadeo voltou-se contra mim. E sabe por quê? Porque Ramón contribui generosamente para as obras da paróquia. Papai está cometendo um erro, mas não podemos fazer nada. Talvez mude de idéia, até dezembro.

Isabel enfiou a agulha com raiva na camisa que estava remendando.

— Consegui fazê-lo concordar em esperar até o Natal para realizar o casamento. Muita coisa ainda pode acontecer.

Consuelo tornou a suspirar. Quando se restabelecera completamente da pneumonia, implorara ao pai e ao padre, para que a deixassem desfazer o noivado.

— Papai está arruinando minha vida — dissera ao pároco, que ficara horrorizado, ouvindo tal blasfêmia.

— Um pai não faz nada que não seja pela felicidade dos filhos — recitara convicto. — Depois, Ramón dará um bom marido.

Não era tanto a idéia de casar-se com Ramón que a repugnava, mas sim saber que se casaria com um homem, amando outro. Jamais conseguiria arrancar Lucas Morgan de sua mente e de seu coração.

— Sei que é dever de uma filha obedecer ao pai — murmurou.

— Mas papai não está em condições de decidir o que devo fazer da minha vida. Não está mais raciocinando com clareza e...

A voz morreu-lhe na garganta e ela tornou a olhar para carta que segurava nas mãos. Era a notificação dos impostos da fazenda Estrada. Não podiam pagar. Ramón pagaria, se ela pedisse, mas seria mergulhar ainda mais fundo no poço traiçoeiro que ele abrira com seu maldito dinheiro. Talvez Vicente Rios lhe

emprestasse a quantia necessária. Começou a desesperar-se, na tentativa de descobrir uma saída para o dilema.

Uma vez a tia lhe dissera que eram os homens que comandavam o mundo, inclusive tendo poder sobre as mulheres. Nada mais verdadeiro, mas ela não era passiva como Isabel. Encontraria um modo de saldar a dívida, E também se recusaria a casar sem amor. Uma luta que teria de enfrentar sozinha. Lucas não esboçara o menor gesto para impedi-la de se unir a Ramón.

— Por que não vai falar com Lucas Morgan? — sugeriu a tia, captando-lhe os pensamentos.

Consuelo desviou os olhos do olhar penetrante da tia. Fitou a lareira, onde as chamas lambiam um tronco, erguendo fagulhas.

— Lucas ama você — insistiu a tia. — Eu sei que ama. Tenho certeza de que tudo se acertaria, se você fosse procurá-lo.

A tia decidira realmente surpreendê-la naquele dia, pensou Consuelo, com o coração doendo à menção do amor de Lucas por ela.

— Não posso — respondeu entre magoada e irritada. — Ele me disse coisas que nunca esquecerei. Não teve o mínimo de compreensão.

— Não pode perdoar Lucas, mas perdoa Ramón e seu pai — criticou a tia.

Antes que Consuelo pensasse numa resposta, Rafael na sala. Estivera ausente da fazenda, levando os vaqueiros para o rodeio do gado disperso.

— Como está o patrão hoje, senhorita? — perguntou o velho com um sorriso.

— Como sempre. Agora está dormindo — respondeu a tia abruptamente, aborrecida com a interferência.

— Não está dormindo demais? — insistiu o empregado, sem se ofender com a resposta seca.

— Está — concordou a mulher. — Mas acredito que esse foi o modo que o bom Deus encontrou para curá-lo.

O homem tirou o chapéu e torceu-o nas mãos, lançando um olhar indeciso para Consuelo.

— Gostaria de falar com a senhorita.

— O que é Rafael? — prontificou-se Consuelo, sorrindo amigavelmente para o humilde servidor. — Como foi o rodeio?

O velho empertigou-se, orgulhoso e satisfeito.

— É sobre isso que quero falar, senhorita. Reunimos um grande rebanho. Os vaqueiros estão guardando as reses no curral, perto do rio Vila.

Consuelo olhou-o, surpresa. Um grande rebanho, ele dissera? O homem sorria, cheio de alegria. Era evidente que se sentia de volta aos velhos tempos, quando comandava os vaqueiros e rodeava e marcava a enorme boiada dos Estrada.

— Quantas cabeças, Rafael? — perguntou com cautela, temendo estar se iludindo demais.

— Venha comigo, senhorita, e eu lhe mostrarei.

Consuelo cavalgava ao lado do empregado, percorrendo a margem orlada de salgueiros do rio Vila. Procurava decidir o que fazer. Com dom Augustino confinado ao leito, cabia a ela tomar decisões que pudessem salvar a fazenda e a mina. Perdera as esperanças de vender a mina com a rapidez necessária. Mas, talvez, se houvesse bastante gado, se ela o vendesse em San Francisco, poderia associar-se ao primo de Vicente na exploração do mercúrio. Ela entraria com o dinheiro e Henry com a experiência que possuía de mineração. As possibilidades eram excitantes e também assustadoras. A venda do gado lhe permitiria pagar os impostos e os salários atrasados dos empregados. Garantiria o sustento de todos por algum tempo, mas o dinheiro não duraria para sempre. Com a mina, teria uma fonte de renda para o futuro. Cinicamente, pensou que daria bastante dinheiro à paróquia paia fazer o padre Amadeo bandear-se para o seu lado. O noivado com Ramón seria desfeito. Isso não significava que ela pudesse se unir a Lucas, mas não teria de submeter-se a um casamento indesejável.

As chuvas de inverno tinham deixado tudo verde. Retalhos cor de esmeralda contrastavam com o dourado da aveia selvagem, cujos pendões roçavam os estribos da égua. A neblina que recobrira a região durante grande parte da manhã tornava-se rala à medida que ela e Rafael seguiam em frente. O sol fraco começava a brilhar nas encostas das colinas e nas copas dos carvalhos distantes. Ao longe, as montanhas de Santa Lúcia erguiam-se, azuladas.

Muito antes de fazerem a curva do rio, em direção ao curral, ela já ouviu o mugido dos bois e os gritos dos vaqueiros. O curral era limitado por uma cerca rústica, onde pés de cacto intercalavam-se com os mourões feitos de troncos finos de árvores. Os espinhos dos cactos desencorajavam as reses fujonas e

impedia o ataque de ursos. Por fim, subiram numa elevação e viram o curral junto da fonte que dava origem ao rio. O pó subia em nuvens vermelhas, enquanto os vaqueiros, montados em seus cavalos, laçavam as reses não marcadas. O marcador pegava rapidamente o ferro em brasa e aplicava-o ao quarto traseiro de bois e vacas, marcando-o com o grande "E" dos Estrada.

Espantada, Consuelo olhou para o sorridente empregado.

— Nunca imaginei que houvesse tanto gado solto pelas colinas.

Era uma descoberta maravilhosa. A venda da boiada lhe permitiria fazer o que começava a planejar. Fora excelente idéia induzir Ramón a falar sobre as transações de gado em San Francisco. Ela sabia mais ou menos como deveria proceder.

— E lá vem mais — anunciou o velho, apontando para o turbilhão de pó ao longe.

Novas reses eram tangidas a toda pressa para o curral. A égua deu mostras de nervosismo e Consuelo acalmou-a, batendo-lhe de leve no pescoço.

— Quietinha, Mirlo. Não há perigo — disse em tom carinhoso, antes de dirigir-se ao empregado: — Você costumava levar boiadas a San Francisco, não é Rafael? Mas já faz muito tempo que não viaja. Acha que seria capaz de levar esse gado para lá?

— Naturalmente — ele afirmou em tom ligeiramente magoado por ela ter questionado sua capacidade. — Será uma boiada de pelo menos duzentas cabeças, senhorita.

— Todas as reses pertencem a nós, Rafael? — ela não conseguia acreditar. — Tem certeza?

O homem deu de ombros.

— Estão todas sem marca, senhorita.

Consuelo achou que não devia fazer mais perguntas, gado sem marca era de quem o juntasse. No caso, gado salvador. Salvaria a fazenda e a libertaria das garras de Ramón Salazar. Calculou o que seria necessário para a viagem a San Francisco, decidindo que precisariam levar uma mulher para cozinhar e carroças com utensílios e apetrechos para acampamento. Estava determinada a ir junto, mas antes precisaria falar com Vicente.

— Quando acha que poderemos partir? — indagou.

— Se não chover... — o empregado interrompeu-se de repente, espantado. — A senhorita disse "poderemos"?

— Disse. Eu vou junto.

— Não, senhorita! É uma viagem difícil e perigosa. Vai se cansar demais e...

— Você não sabe nem ler, nem escrever, Rafael — ela objetou, calma, mas firme.

— Quem efetuará a venda? Antigamente, papai ia com vocês, mas agora...

O homem silenciou, reconhecendo que ela estava certa. Consuelo mal podia conter o entusiasmo, olhando a cena movimentada lá embaixo. Novas ondas de poeira anunciavam a chegada de mais reses recolhidas nas encostas das colinas. Ela estava finalmente assumindo o controle da fazenda, zelando pelos interesses da família e começando a dirigir a própria vida. Consuelo Estrada não precisava de ninguém. Nem de Ramón, nem do pai. Não precisava nem mesmo de Lucas.

— Isso é loucura, Consuelo — protestou o advogado, sentado atrás da escrivaninha atravancada. — Mulheres não conduzem boiadas. É melhor você contratar um boiadeiro profissional.

— Para ser enganada? — ela obstinou-se, olhando muito compenetrada para o amigo. — Já tomei minha decisão, Vicente. Vou a San Francisco vender o gado. Terei dinheiro suficiente para pagar os impostos e fazer uma doação à paróquia.

— Uma doação à paróquia? — ele estranhou.

— Isso mesmo. A única maneira de acabar com meu noivado. O advogado sacudiu a cabeça, atônito, e então deu uma risadinha.

— Ah, Consuelo! O padre Amadeo cancelará o compromisso, se você lhe pedir, explicando seus motivos.

— Já pedi — ela replicou. — Ele não me atendeu. Ramón é generoso, quando se trata de ajudar nas obras da igreja. Bem, vejo que estou mesmo sozinha. Enganei-me ao julgar que você me ajudaria, Vicente.

— Não posso ir a San Francisco com você — ele explicou, paciente. — Não posso permitir que você vá.

Reclinou-se na cadeira giratória, alisando o bigode e fitando Consuelo com expressão severa.

Ela concluiu que era pura perda de tempo ficar discutindo com ele. Conhecia

Vicente muito bem para saber que não mudaria de idéia. Ela também era teimosa. Iria com a boiada e o amigo só saberia quando já fosse tarde demais para tentar impedi-la.

— Há outra coisa que desejo discutir com você — mudou de assunto. — As ofertas pela concessão de exploração da mina estão muito baixas. Se você e Henry concordarem em fazer sociedade comigo, nós mesmos a exploraremos. Terei dinheiro quando vender o gado e...

Vicente sorriu, obviamente achando que a dissuadira da "loucura" de ir com os vaqueiros a San Francisco.

— Ontem mesmo Henry esteve falando comigo sobre isso — revelou. — Descobriu onde se pode comprar uma fornalha a preço bem baixo.

Consuelo empolgou-se.

— Prepare os documentos, Vicente — ordenou. — Seremos donos de uma mina de azougue!

O homem pegou uma caneta e sorriu para ela.

— Qual será o nome da companhia, Consuelo?

— *Espanha* — ela sugeriu, sem precisar pensar. — Nada de nomes ingleses.

Quando ficasse rica, ela se vingaria de todos os ingleses e americanos. Principalmente de Lucas Morgan. Como, não fazia idéia. Por um instante, ela fechou os olhos, tentando acalmar a dor no íntimo.

O advogado escreveu algumas anotações e levantou-se.

— Vou encontrar um boiadeiro honesto para você — decidiu. — Agora, vamos para casa, almoçar. Angelita quase não sai mais, tão perto do fim da gravidez.

Um pintor itinerante pintara duas placas para Lucas. Uma fora pregada acima da porta do armazém: *Cais do Morgan*. A outra, na entrada do acampamento índio, anunciava que ali era o *Reduto Bain*.

Da porta do armazém, Lucas observava o longo carroção que comprara, puxado por um burro e guiado por um índio velho, que o levava para a praia. O carro ia cheio de queijos e engradados de ovos, para embarque.

Soledad, o mestiço, orientava o trabalho de carregamento do baleeiro que Lucas adquirira. O barco levaria a mercadoria para o navio *Vento do Oeste*, atracado ao largo. Soledad provara ter talento para marinheiro, mas Lucas iria pessoalmente

ao navio para pegar o conhecimento de embarque com o capitão.

O dia todo o armazém estivera em atividade febril, apinhado de comerciantes e fazendeiros interessados em despachar mercadoria. Havia de tudo: madeira, ovos, queijo, carne salgada e até uma manada de porcos, amarrados uns aos outros, que estavam fazendo um escândalo na praia, ao serem tangidos para o barco.

Lucas mal podia acreditar no milagre que lhe acontecia. Os negócios floresciam como num passe de mágica. Sempre havia movimento no armazém, mas em "dias de navio" era uma verdadeira confusão. À noite, porém, quando tinha tempo de refletir, Lucas deixava que sua tristeza empanasse a alegria que o sucesso lhe proporcionava. Estava realizando um sonho, mas Consuelo não estava com ele para compartilhar dessa ventura. Nunca estaria, por culpa de uma manobra suja e cruel.

Soledad jurava que entregara o bilhete para dom Augustino. Ele não tinha nenhum motivo para duvidar do mestiço, mas muitos para achar que o fazendeiro destruíra o bilhete, sem entregá-lo a Consuelo. Já percebera que o homem tivera o caráter enfraquecido pelo vício do jogo. Praticamente arruinado, não teria o menor escrúpulo em vender a filha a quem pudesse salvá-lo.

Mesmo tendo certeza de que ele e Consuelo haviam sido vítimas da trama do velho, Lucas não se livrava da sensação de que falhara miseravelmente. Falhara em resgatar Consuelo de um destino de amargura, assim como falhara em salvar a própria mãe da morte prematura. Nunca conseguiria dar felicidade às pessoas que amava? Seria um amaldiçoado? Ganharia muito dinheiro, isso era óbvio, mas jamais seria feliz.

Os anos não apagariam de seu coração o sentimento de culpa que o aguilhoava quando pensava em Rose Morgan. Num fatídico dia, a mãe ficara na enxerga, incapaz de se levantar, tossindo até perder o fôlego.

— Pegue o dinheiro, Lucas, meu filho — ordenara entre arquejos. — Vá à botica buscar o pó que eu tomo. Vá depressa, meu querido. Torturado pela piedade e pelo medo, ele olhara para a mulher, mal contendo as lágrimas.

— Já vou, mamãe.

Ele sabia que o pó do boticário já não curaria Rose, mas pelo menos lhe daria algum alívio e ela poderia dormir.

Levando as últimas moedas que lhes restavam, ele saiu para a rua suja nas imediações do cais. Começou a correr, lembrando-se que a mãe lhe pedira para ir depressa.

Passou correndo pelos rapazolas, verdadeiros ratos de cais, tão pobres quanto ele, mas ainda mais miseráveis por serem depravados e cruéis. Não deixou que os insultos o retardassem. Enquanto o chamavam de "bastardo, filho de prostituta", continuou em disparada para a botica.

Os rapazes correram atrás dele e o cercaram. Quatro dos mais fortes o esmurraram até atirá-lo ao chão, imobilizando-o. Revistaram-lhe os bolsos e riram satisfeitos ao encontrar as moedas. Deixaram-no em paz, por fim, fugindo com o dinheiro.

Tonto e sangrando pelo nariz, Lucas voltara para casa. O quarto horrível e gelado estava estranhamente silencioso. A respiração arfante de Rose Morgan cessara para sempre.

Por um longo tempo Lucas observou o rosto sereno, do qual haviam desaparecido todos os sinais de agonia. Chorou de dor e remorso, culpando-se por não ter cumprido a missão que ela lhe dera em sua última hora de vida.

Lucas ralhou consigo mesmo por estar rememorando os tristes acontecimentos de sua infância. Tudo ficara no passado. Ele precisava esquecer o garoto de doze anos que se culpara tanto por ter sido incapaz de aliviar os sofrimentos da mãe agonizante.

Olhou para o sr. Ward, gerente da Companhia de Mineração Keystone, que se aproximava do armazém. Ainda pensando na mãe, sentiu uma onda de revolta. Era como se Rose, entregando-se à morte, o houvesse traído. Consuelo também o traía, com sua falta de confiança. De nada adiantava pensar nela, porém. Assim como Rose, Consuelo também pertencia ao passado. Tinha de esquecê-la. Por sorte, andava muito atarefado com os negócios.

Mandara buscar mais madeira preparada para erguer um segundo andar sobre o armazém. Tivera a idéia de estocar mercadorias só encontradas em cidades grandes, para vendê-las aos fazendeiros e mineiros da região, quando eles fossem à baía Estero. Já decidira ir a San Francisco, para comprar o primeiro lote.

Entrou no armazém juntamente com Ward, que começou a desfiar instruções sobre a primeira carga que despachava através da firma de Lucas. Lá de fora

chegava-lhes o martelar pesado do bate-estacas e o homem quase precisava gritar. Por fim, assegurou, pomposamente, que a companhia seria cliente de Lucas se o primeiro trabalho fosse considerado satisfatório.

Os caixotes da Keystone, levando embalagens de trinta e oito quilos de mercúrio, cada uma, alinhavam-se ao longo das paredes do armazém, esperando o embarque. Cada gota do mercúrio representava dinheiro, pois valia três dólares o quilo. Lucas estava bastante consciente da responsabilidade e teve de armar-se de paciência para ouvir todas as recomendações do gerente.

— Ficarei muito satisfeito quando o cais estiver pronto e os navios aportarem aqui — o homem comentou. — O risco será menor, com a carga indo diretamente para o navio.

— As estacas estarão todas fincadas, no fim desta semana — garantiu Lucas. — O *Electra* virá para rebocar o bate-estacas até San Francisco e irei junto, acompanhando sua carga.

O gerente acendeu um charuto e dirigiu um sorriso irônico para Lucas.

— Já viu mercúrio, sr. Morgan? — perguntou. — Não é á toa que o chamam de azougue, ou prata viva.

Lucas assentiu. Naturalmente que já vira mercúrio. Não havia uma única casa comercial de Cambria que não exibisse um frasco do líquido brilhante na vitrina. Era o produto mais importante da cidade, embora os produtos agrícolas também fossem ter a mesma importância, quando houvesse facilidade de despachá-los para outros centros.

Ward ofereceu um charuto a Lucas e retirou do bolso um frasquinho, que colocou no balcão largo, no centro do armazém.

Lucas soprou uma nuvem de fumaça, deliciando-se com o aroma do tabaco de primeira qualidade. Examinou o frasco, que cintilava na suave obscuridade do armazém.

— Vou vender nossa velha fornalha de processamento a Henry Rios — contou o gerente da companhia de mineração. — A que compramos agora processa o minério duas vezes mais depressa.

Lucas conhecera Henry num dos muitos jantares na casa de Vicente e Angelita. O homem dedicara-se à prospecção independente, depois de ser demitido de New Idria.

— Então, Henry Rios encontrou uma mina! — comentou satisfeito, estendendo a mão para tocar no frasco brilhante.

— Foi o que ele disse — replicou o gerente. — Sabe como é, todos estão querendo ficar ricos com o mercúrio.

— Onde é a mina?

— Disso ele fez segredo — o homem revelou. — Contudo, ouvi dizer que fica nos limites da fazenda Estrada. O primo dele, Vicente Rios, parece estar no negócio também.

Um arrepio percorreu o corpo de Lucas e ele soltou o frasco, que se espatifou no chão. O mercúrio espalhou-se, fracionando-se em centenas de gotas que rolaram no piso, cintilando na luz fraca.

Rancho Estrada. Consuelo. Lucas mal ouviu, a exclamação de aborrecimento de Ward. Seria por causa da mina que Ramón desejava fazer parte da família Estrada?

Toda a dor pela perda de Consuelo abateu-se sobre Lucas, quando ele se abaixou para recolher as gotas reluzentes num vidrinho que retirou de baixo do balcão. Lembrou-se inevitavelmente de quando ela lhe pertencera. Momentos fugazes, mas tão perfeitos e completos que ele se iludira, julgando que seriam eternos.

As gotículas fugiam de seus dedos, mal ele as tocava. Assim como sua amada Consuelo fugira dele, não confiando em seu amor.

CAPITULO XIV

Ramón aproximou-se de Consuelo e fez o cavalo parar. Montada em Mirlo, ela assistia ao trabalho dos vaqueiros, que marcavam as últimas reses reunidas.

— Ouvi dizer que seus empregados andaram rodeando gado — ele observou, meio zombeteiro.

Consuelo olhou-o rapidamente, tomada de apreensão. Com as mãos subitamente geladas, agarrou-se às rédeas, como em busca de segurança. Vira-o, em companhia dos vaqueiros, descer das colinas e contornar o rebanho à

espera, na campina adjacente ao curral. Ela pretendia seguir o plano que traçara sem fazer alarde. Por alguma razão incompreensível, sentia que Ramón, principalmente, não devia saber que ela pretendia ir a San Francisco vender o gado.

Ele acendeu uma cigarrilha com gestos displicentes olhando para ela.

— Não se preocupe, se por engano marcaram algumas de minhas reses. De qualquer modo, serão todas minhas, quando nos casarmos. E isso será muito em breve, minha querida.

Rafael saiu de perto do fogo e caminhou para eles, mas Consuelo mandou-o embora com um gesto. O velho queria protegê-la de tudo e ainda não se conformara com sua idéia de acompanhar a boiada até San Francisco. Ela receava que, inadvertidamente, o empregado revelasse suas intenções.

— Vou vender o gado, Ramón — ela comunicou, controlando o nervosismo.

Não ia dizer-lhe que não pretendia casar-se com ele. Aceitara o noivado porque a doença a deixara apática e o pai, com a ajuda de padre Amadeo, aproveitara-se de sua fraqueza. Mas já decidira que desfaria o compromisso. Apenas, prudentemente, esperava pelo momento certo.

— Pode vendê-lo a mim, minha querida — o noivo sugeriu, inesperadamente pegando-lhe a mão.

Ela evitou fitá-lo, quando ele beijou-lhe os dedos, como um perfeito cavalheiro. A não ser quando a olhava como se a despisse com os olhos, Ramón nunca a desrespeitara, contrariando sua fama de audacioso conquistador. Na verdade, não existia nenhum motivo palpável para a aversão que Consuelo nutria contra ele. Mas, tê-lo como marido, nem pensar!

— Já entrei em contato com... — ela começou em tom decisivo.

— Se está preocupada com as despesas do casamento — ele interrompeu-a — descanse. Arcarei com tudo.

— Prefiro que seja minha família a pagar — ela respondeu, altiva.

— Ah, o orgulho dos nobres Estrada! É fabuloso!

Consuelo viu o ar de cobiça que passou pelos olhos escuros. Ramón saíra da pobreza. Conseguira reunir bens nada desprezíveis, mas nunca poderia orgulhar-se de um nome tradicional. Assim, ambicionava unir-se a uma família que pertencesse à história da Califórnia. E os Estrada pertenciam. Mais que isso,

eram aristocratas, descendentes de nobres espanhóis.

— Admiro sua altivez, Consuelo, mas quero que não faça nada com o gado, por enquanto — ele continuou, autoritário. — Quando eu voltar de San Luís, na próxima semana, decidirei, com seu pai, o que fazer com o rebanho.

Ela encarou-o, mostrando-se interessada.

— Vai a San Luís? — perguntou, evitando protestar contra a ordem que recebera.

Ele beijou a palma da mão que ainda segurava na sua. Um arrepio de repulsa fez Consuelo estremecer. Ela virou o rosto, para que ele não lhe visse a repugnância.

Ramón afastou-se e seus vaqueiros o cercaram. Homens rudes e arrogantes, gritavam brincadeiras insultantes contra os empregados de Consuelo, chamando-os de velhos incompetentes.

Um deles mandou Rafael esperar a morte rezando o terço e deixar o trabalho de vaqueiro para os jovens.

Consuelo precisou controlar-se para não gritar todo seu ressentimento. Rafael e seus ajudantes não haviam se queixado nem uma vez do longo e árduo trabalho do rodeio e da marcação das reses. Ramón acenou de longe.

— *Adios*, querida. Até a próxima semana! "Dentro de uma semana estarei a caminho de San Francisco", pensou Consuelo, acenando com má vontade. "Quero ver quem vai me deter, Ramón Salazar."

— Cuide do meu gado — ele gritou, antes de esporear o cavalo. Consuelo arrepiou-se. Havia um tom de ameaça nas palavras de Ramón. Ele poderia detê-la, se quisesse. Contava com a lealdade de todos os bandidos da região.

Ela contaria apenas com a companhia de Rafael e de mais cinco homens, quase todos velhos. Desistira de levar uma mulher para cozinhar, optando por contratar um cozinheiro chinês. Seriam seis homens e ela a lutar, no caso de um ataque.

Se desejavam evitar a interferência de Ramón, deviam partir imediatamente.

A boiada partiu ao romper do dia, movendo-se lentamente pelo leito de um riacho serpenteante. Consuelo e Rafael cavalgavam na frente da longa fila de reses, conduzidas pelos vaqueiros.

— A parte mais difícil da viagem é o trecho das montanhas de Santa Lúcia — explicou o velho empregado. — As trilhas são íngremes e pedregosas. Mas depois, seguiremos o rio Salinas. É terreno plano e arenoso.

De repente, Rafael virou o cavalo e berrou instruções ao homem mais próximo. Algumas cabeças desgarravam-se da manada, tentando fugir pelas encostas da colina.

Entusiasmada, Consuelo constatou a perícia do vaqueiro em fazer os extraviados voltarem. A despeito de sua decisão de seguir a boiada, estivera apreensiva. Mas os homens pareciam saber o que estavam fazendo, o que era bastante tranquilizador.

Rafael voltou pra junto dela, orgulho e satisfação brilhando no rosto curtido de sol. Ele provara ter espírito de liderança e seus companheiros o respeitavam. Afinal, nos velhos tempos, ele fora muitas vezes a San Francisco tocando boiadas. E, apesar da idade, ainda mostrava profundo conhecimento da tarefa, força física e disposição para o trabalho.

— Vai ser duro para a senhorita — repetiu pela centésima vez, desde que Consuelo revelara a intenção de acompanhá-los. — Ainda é tempo de voltar para casa. Não viajamos nem um dia inteiro.

Usando roupas de Felipe, calça, camisa e chapéu de aba larga, Consuelo cavalgava Mirlo sem demonstrar cansaço. Imaginava como seria passar a noite no campo. Com certeza esfriaria bastante, mas ela fora preparada. Além do cobertor, levava o poncho do irmão, numa bolsa amarrada à sela. Felizmente, Felipe não fora muito maior que ela, e as roupas serviam-lhe bem. Ela experimentara profunda tristeza ao vesti-las, mas não se deixara abater. O irmão morrera e ela estava viva. Precisava seguir em frente, fazendo o possível para garantir uma vida digna a todos os que a rodeavam.

Olhou para o empregado, que aguardava sua resposta.

— Não, Rafael, não vou voltar.

Tudo dependia da venda do gado: a mina, a fazenda, todo seu futuro. Rafael merecia confiança mas, sendo analfabeto, corria o risco de ser enganado.

— Viajar com boiadas não é para mulheres, senhorita.

— Fique tranquilo, meu amigo — ela sossegou-o. — Posso não ser de muita utilidade como ajudante de vaqueiro, mas não vou atrapalhar. E não me mande

mais voltar para casa, está bem? Será inútil.

O homem suspirou e olhou para as montanhas, aparentemente nuas e frias na luz mortíça do entardecer. Já passara a melhor época do ano para o transporte de gado e talvez tomassem muita chuva pelo caminho. Porém, uma vez ultrapassada a cordilheira do litoral, o clima seria mais seco e estariam livres dos gelados nevoeiros vindos do mar. Também estariam muito mais próximos de sua meta.

Consuelo calculou que não levariam muito para ficar praticamente a salvo de uma possível interferência de Ramón.

Estremeceu ao pensar no noivo. Ele não seria benevolente em relação à sua desobediência. Embora ainda não fossem casados, um noivado era considerado compromisso sério e dava certos privilégios. Aos homens, naturalmente. Para as mulheres era um período em que deviam conhecer os gostos dos futuros maridos e o que pudesse desagradá-los. Era dever de uma esposa, obedecer, servir, jamais interferir nas decisões do companheiro e torná-lo feliz.

Ramón, falsamente tolerante, tomaria medidas drásticas, se descobrisse o que ela fizera. Mas Consuelo estava confiante. Viajavam depressa e estariam em San Francisco antes que o noivo pudesse agir e frustrar-lhe o plano.

— Acamparemos um pouco adiante — anunciou o empregado. — Num pequeno vale onde há água e pastagem.

Deixou Consuelo para trás, avançando com um dos vaqueiros para mostrar-lhe onde passariam a noite.

O cozinheiro chinês passou por ela, montado em sua mula, ansioso por começar a preparar a refeição. Rafael fora contra a idéia de um carroção para o transporte de alimentos e utensílios. O pesado veículo apenas os atrasaria. Desse modo, tudo seguia no lombo de outras duas mulas que ficavam aos cuidados do chinês.

Mais tarde teriam de comprar mais mantimentos, que conseguiriam com o dinheiro que Isabel dera a Consuelo. A mulher guardara a quantia que exigira de Lucas pela compra do cavalo. As moedas iam escondidas numa bolsinha costurada numa das botas de Consuelo.

No acampamento, depois de cuidar de Mirlo e deixá-la junto com os outros cavalos, Consuelo foi até onde o cozinheiro trabalhava, na beira do riacho. Lee Sing já acendera o fogo e preparava a comida em panelões de ferro. O rosto

magro e pálido parecia sempre enrugado numa expressão de aborrecimento. Ela observou-o, encantada com o exotismo da roupa azul, calça larga e blusão comprido, e do longo cabelo trançado num rabicho que dançava em suas costas.

Quando o sol desceu, o ar esfriou e a neblina rodeou os picos das montanhas. Consuelo vestiu o poncho e sentou-se perto da fogueira, acompanhando os movimentos ágeis do chinês.

Os vaqueiros foram chegando. Nenhum deles era muito jovem e três, inclusive Rafael, podiam ser considerados velhos. Os empregados mais moços da fazenda Estrada haviam debandado, em busca de melhores salários. Consuelo pensou que fazia muito tempo que os leais servidores que ainda permaneciam com a família não recebiam coisa alguma, além de comida e um teto.

Os homens começaram a comer depressa. Dois deles teriam de voltar para junto do gado, para vigiá-lo durante a noite. José, Tomás, Juan e Luís, todos grisalhos, comiam sem olhar para Consuelo. Não estavam à vontade e ela sabia que era por sua causa.

— Como vai seu filho, Juan? — ela perguntou, procurando diminuir a tensão.

O velho riu, deslanchando numa descrição orgulhosa do sucesso do filho, que abrira um café, em San Luis Obispo.

Quando o homem começou a se repetir, Consuelo deixou a mente divagar. Fora difícil separar-se do pai. Embora doente e fraco, dom Augustino reagira violentamente quando soubera que ela pretendia viajar com a boiada.

— Não pode fazer isso, Consuelo! — objetara. — É algo indigno da filha de Augustino Estrada.

Consuelo calara-se para não desfiar todas as recriminações que lhe pesavam no coração. Mas tivera vontade de gritar que a filha de Augustino Estrada ia salvar a propriedade e devolver a dignidade à família.

O velho chorara, escondendo o rosto nas mãos.

— Que sina a minha! — lamentara-se. — Por que Felipe não está aqui? Eu precisava do meu filho!

— Tem uma filha — ela respondera bruscamente, levantando-se para sair.

Ele nunca deixaria de chorar por Felipe. Apesar de desajuizado e imprudente, era um homem, um filho.

— Quando você se casar com Ramón; terei novamente um filho para cuidar dos meus negócios — o pai declarara debilmente. — Ele venderá o gado. Isso é trabalho para homens.

Consuelo permanecera firme. Beijara-o, evitando-lhe o olhar. Tia Isabel a surpreendera na despedida. Abraçara-a com força.

— Estou orgulhosa de você, menina — murmurara, enxugando as lágrimas.

Rafael prometera que a viagem seria mais amena, no lado leste das montanhas, mas Consuelo descobriu que se tratava de uma região seca, selvagem e desabitada. A trilha era poeirenta e os cavalos empinavam, assustando-se com a aparição freqüente de cascavéis. À noite, ouviam-se lobos uivando na distância. Felizmente o gado perdera o ímpeto inicial e se tornara mais calmo. Era raro acontecer o desgarramento de uma rês, logo perseguida pelos vaqueiros.

A cada dia aproximavam-se mais de San Francisco, e era essa idéia que mantinha Consuelo firme, impedindo-a de reclamar do desconforto.

Uma noite, enquanto ela trançava o cabelo, sentada junto de Rafael, perto do fogo, o homem olhara-a preocupado.

— Vamos parar em San Juan Bautista para um descanso mais longo — decidiu o velho. — A senhorita está cansada.

— Se é apenas por mim que deseja parar, não será necessário — ela respondeu com alguma rispidez.

Nunca se queixara de nada e a sugestão do empregado a melindrou. E não fora pouco o desconforto que suportara. Dias e dias sem banho não significavam nada para os vaqueiros, no entanto ela estava acostumada a banhar-se diariamente. Única mulher, entre tantos homens, não podia nem mesmo tomar banho no rio. A pele estava queimada de sol, o rosto ardia. As mãos mostravam-se arranhadas e o cabelo parecia duro, de tanta poeira acumulada. Contudo, jamais causara qualquer problema, reclamando ou choramingando.

— Não é pela senhorita — afirmou o velho. — É o costume, O gado perde peso durante a viagem e deixamos que engorde um pouco, antes de levá-lo aos compradores. Além disso, os homens gostam de visitar as tabernas.

Ela aceitou o prato de carne seca e feijão que um vaqueiro lhe trouxe. Era só o que comiam, porque os mantimentos minguavam inexoravelmente. Experimentou a mistura e fez uma careta. Estaria muito mais gostosa, se

houvesse pimenta. Mas o chinês, num rompante de mau humor, jogara a pimenta fora. Resignada, comeu quase tudo.

Mais tarde, a fogueira do acampamento brilhava suavemente na noite escura. Estrelas pontilhavam o céu e a brisa era fresca. Dois vaqueiros jogavam cartas. Um deles montava guarda ao rebanho e os outros dormiam.

Consuelo pensou no que Rafael dissera sobre os vaqueiros gostarem de tabernas. Ela as odiava. Felipe perdera a vida numa arruaça num daqueles lugares horríveis.

— Por que os homens precisam de tabernas? — perguntou, dirigindo-se ao empregado que picava fumo.

Rafael olhou-a com severidade.

— Porque são homens.

Consuelo não insistiu. Era óbvio que para Rafael a lógica da resposta era irrefutável. Esticou as pernas, recostando-se num velho toco de carvalho. Já não sentia tanta dor no corpo, depois de cavalgar o dia inteiro, mas ainda ficava aliviada quando podia estirar-se à vontade. Seria bom parar em San Juan Bautista, concluiu. Já ouvira Ramón falar de um hotel, na praça da cidade. Talvez o dinheiro fosse suficiente para pagar um quarto. Finalmente poderia tomar um banho!

— Vicente Rios não vai gostar nada, quando souber que a senhorita teimou em vir junto — voltou a dizer o velho, repetindo o comentário de todas as noites.

Como sempre, Consuelo deu de ombros. Era tarde demais para preocupar-se com a opinião do amigo de infância.

— Mas gostará, quando retornarmos com dinheiro — replicou, olhando para os homens que jogavam cartas. — Os homens sabem que só poderei pagá-los depois de vender o gado, não?

Rafael pegou um graveto em brasa para acender o cigarro tosco.

— Pode adiantar algum, para uma bebida em San Juan, senhorita?

Ela calculou os gastos que teriam para comprar mantimentos em San Juan. Para economizar, poderiam abater um novinho. Os homens apreciariam carne fresca, para variar.

— Tentarei, Rafael.

Ficaram em silêncio admirando a dança monótona das chamas. Coiotes uivavam ao longe e o gado mugia baixinho. De súbito, o galope de um cavalo sobressaltou Consuelo, que arrepiou-se de apreensão. Suspirou tranqüilizada ao constatar que era Juan. O medo de que Ramón os alcançasse a atormentava sem cessar.

— Vai voltar para casa de navio, não é senhorita? — sugeriu o velho, em tom suplicante.

Consuelo riu e deu-lhe uma palmadinha na mão escura. Ela ainda não pensara na volta, mas achou que Rafael tinha razão. Percorrer todo o longo caminho outra vez não era uma idéia atraente, de modo algum.

— Vou, sim, Rafael! Sua sugestão é ótima. Se vendêssemos os cavalos em San Francisco, poderíamos voltar todos de navio!

— Oh, não, senhorita! Vender Mirlo, ou o meu cavalo? Nunca!

— Eu estava brincando, Rafael. É claro que não teria coragem de vender minha amiguinha! Mas, se você quiser voltar de barco, comigo, os homens levarão nossos animais.

— Prefiro retornar como vim, senhorita, desculpe. Consuelo experimentou uma onda de ternura pelo velho.

— Obrigada por tudo, Rafael. Não sei o que faria sem você.

— *Buenas noches, senorita vaquera* — ele respondeu com um sorriso afetuoso.

Pouco depois, enrolada no cobertor, separada dos homens pela fogueira, Consuelo mergulhava na sonolência, ainda consciente do que a rodeava. A água do rio murmurava e o cheiro penetrante dos salgueiros flutuava no ar. Pegando-a de surpresa, lágrimas deslizaram pelo rosto queimado de sol. A mente povoou-se de imagens do passado, levando-a para um dia de outono, quando Lucas a possuía sob os ramos pendentes dos salgueiros.

Ela virou-se, procurando fugir das lembranças. Tinha de aprender a pensar em Lucas como quem se recordava de um sonho. Tudo acabara. Nunca mais voltaria a amar outro homem.

Com o dinheiro que receberia pelo gado, cuidaria da fazenda e da mina. Soergueria a fazenda e providenciaria uma vida confortável para todos os que a habitavam. Essa devia ser sua meta para o futuro.

Abafou um soluço, imaginando como esse futuro seria solitário.

San Juan Bautista aconchegava-se entre colinas ondulantes, acima do vale do rio Salinas. Acamparam na baixada do rio, onde o gado teria bastante capim, e Rafael dividiu os homens em dois grupos. Um iria para a cidade, enquanto o outro ficaria para vigiar o rebanho.

Seguindo o primeiro grupo, Consuelo entrou na cidadezinha sonolenta banhada pelo sol da tarde. Um dos lados da praça corria ao longo da encosta de um morro, dominando um grande vale, do outro lado. A igreja da missão ocupava uma das extremidades da praça, ostentando graciosa varanda sustentada por arcos de adobe. Pimenteiras cresciam diante da igreja e da casa luxuosa do general Castro. Na esquina da praça, na frente da estrebaria pública, erguia-se o hotel.

No vestíbulo, mobiliado com peças entalhadas ao estilo californiano, uma espanhola corpulenta atendeu Consuelo.

Os vaqueiros não estavam nem um pouco preocupados com quartos e banheiros, seguindo diretamente para o bar do hotel, munidos das moedas que Consuelo lhes dera.

Ela acompanhou a espanhola, que soube chamar-se *senora* Garza, até um quarto de onde descortinava-se uma boa parte da cidadezinha. Havia cortinas na janela e a cama, coberta por uma colcha tecida à mão, parecia macia.

— Gostaria de um banho? — perguntou a mulher, olhando para as roupas empoeiradas de Consuelo.

— É a primeira coisa que desejo — respondeu Consuelo com um sorriso tímido, olhando-se no espelho na parede e mal se reconhecendo.

Finalmente gozando o prazer da água morna, na banheira que a mulher mandara para o quarto, Consuelo relaxou pela primeira vez. Desde a manhã brumosa em que deixara a fazenda Estrada, vivera tensa, receando um imprevisto que arruinasse seus planos. Mas dentro de alguns dias estaria em San Francisco. Negociaria o gado e iria de navio até San Simeon. A não ser que o barco já estivesse aportando na baía Estero, usando o serviço prestado por Lucas.

No mesmo instante, a recordação de Lucas, doce e amarga, inundou-lhe o coração e a mente. Num gesto inconsciente, acariciou os seios cobertos de espuma, lembrando-se do toque de Lucas, seu amante por breves momentos. Não podia negar. Ela o desejava. Mais que isso, ela o amava.

Com raiva de si mesma por pensar nele, levantou-se e saiu da água, enrolando-se na toalha. Chamou-se de tola várias vezes. Quando conseguiria esquecer Lucas e os rápidos instantes de amor?

Vestiu uma camisa limpa, de Felipe, e uma saia rodada de algodão. Penteou o cabelo molhado, ajeitando-o da forma como sempre fizera, antes de ser obrigada a trançá-lo, na cansativa viagem. Sorriu para a imagem no espelho. A pele do rosto tornara-se mais morena e o corpo emagrecera ligeiramente. Era uma Consuelo diferente. Mas estava limpa e bastante apresentável para poder jantar no salão do hotel. Era bom pensar que comeria algo decente, depois da comida mal feita de Lee Sing.

Saindo para o corredor, encontrou-se com Rafael, que vinha cheirando a uísque. Depois de beber, o homem deveria estar alegre. Ao contrário, havia uma expressão preocupada no rosto enrugado.

— Ramón está aqui — ele avisou sem preâmbulos.

Atônita, Consuelo encarou-o. Seu pressentimento de algo daria errado não fora falso.

— Ramón! — ela exclamou com voz trêmula. — O que ele está fazendo aqui, em San Juan?

— Veio atrás de nós — respondeu o velho, assustado e furioso. — Ele e seus acompanhantes chegaram há dois dias. Estão bebendo sem parar e...

O empregado calou-se, embasbacado, e o coração de Consuelo saltou no peito. O que a esperava?

— E, o quê, Rafael? — impacientou-se. — Fale de uma vez.

— Ele quer falar com a *senorita*, mas está bêbado. Receio que...

— Não vou deixar que ele me impeça de continuar viagem! — ela gritou. — Ele não tem nenhum direito sobre mim!

— Posso mandar chamar o xerife — sugeriu o velho.

— Não. Eu o enfrentarei agora, antes que se embriague mais.

Os dois desceram para o andar inferior. Do salão vinha o ruído de pratos e o cheiro de carne assada. O barulho no bar, do outro lado, era escandaloso. Risadas rudes explodiam entre gracejos grosseiros, gritados sem nenhum recato.

Rafael pousou a mão no braço de Consuelo.

— Se quiser ficar no quarto, senhorita, eu e os vaqueiros cuidaremos de Ramón.

Ela olhou em volta, observando o vestíbulo. A sra. Garza não se encontrava ali, mas havia vários hóspedes descansando nas poltronas. Ela pediria socorro, se fosse necessário. De qualquer forma, queria falar com Ramón, decidida a romper o noivado imediatamente.

— Não, Rafael, obrigada. Este é um assunto entre mim e Ramón. Diga-lhe que conversarei com ele aqui no vestíbulo.

O homem deixou-a com relutância e Consuelo acomodou-se numa poltrona estofada de crina, num canto isolado, de frente para as portas do bar.

Depois de alguns instantes de espera, viu Ramón passar pelas portas de vaivém, obviamente bêbado. Andava com passos cautelosos, tentando fingir que estava sóbrio. Ela ergueu-se ao vê-lo, muito empertigada e procurando controlar o medo.

Ele beijou-lhe a mão e encarou-a.

— O que veio fazer aqui, Ramón?

— Mandá-la de volta, querida. Lugar de mulher é em casa. Eu mesmo levarei o gado para San Francisco.

— O gado é meu, Ramón — ela retrucou. — Vou seguir em frente.

— Isso não é decente, Consuelo. Mulheres não acompanham boiadas. Ficam em casa, esperando seus homens. Além disso, as reses serão todas minhas, dentro de algumas semanas.

Ele agarrou-a pela cintura, fitando-a com desejo brutal. Consuelo recuou e tropeçou na poltrona. Empurrou-o com toda a força, possuída pela fúria e pelo asco.

— Não vou me casar com você, Ramón! Nunca!

Ele segurou-a pelos pulsos, puxando-a para si.

— Sua cadelinha! É tarde demais para desistir. Você vai ser minha! A fazenda Estrada vai ser minha! O padre Amadeo já leu os proclamas na igreja.

Curvou-se como se fosse beijá-la e Consuelo deu um grito, apavorada.

— Largue-me!

— Não, minha querida. Se quer saber, pretendo antecipar nossa união.

— Pare com isso! — ela exigiu, sem notar que o velho empregado observava a cena, parado na porta do bar.

Rafael correu para eles.

— Não ouviu o que ela disse, patife? — inquiriu, retirando uma faca da bota com incrível rapidez. — Solte minha patroa, ou chamarei meus vaqueiros. Eles darão cabo de você.

Ramón recuou, cuspiando no chão para demonstrar seu desprezo.

— Um bando de velhos — escarneceu, pegando o braço do outro e torcendo-o com violência.

Rafael soltou a faca, gemendo de dor.

— Não leve o gado, Ramón! — Consuelo avisou, pálida de raiva. — Eu o mandarei prender por roubo.

— Cachorra! — o noivo insultou-a, atirando a faca, que se cravou na porta.

Pegou Consuelo pelos ombros e sacudiu-a até que ela pensou que fosse desmaiar. Aos poucos, os hóspedes haviam desaparecido do vestibulo. Se ele quisesse matá-la, Consuelo pensou, não haveria outras testemunhas além de Rafael.

Quando a largou, Ramón marchou para o bar, empurrando o velho para o lado.

Consuelo jantou no quarto, com a porta trancada. Ramon prometera que ficaria por perto, com seus ajudantes. Não era impossível que Ramón tentasse alguma maldade contra ela. Contudo, apesar da proteção dos amigos e da porta fechada, ela conseguiu comer muito pouco. O estômago parecia apertado de medo e ira impotente.

Havia muitas coisas que Ramón poderia fazer para prejudicá-la, inclusive subornar os empregados para que a abandonassem ou provocar um estouro da boiada. Os homens da fazenda Estrada não a trairiam, principalmente Rafael, mas não seria nada difícil espalhar o gado, assustando-o.

Consuelo finalmente compreendia por que jamais se deixara encantar pelas maneiras sedutoras de Ramón ou por seu gênio alegre. Algo em seu íntimo a alertara, fazendo-a pressentir que, atrás dos sorrisos fáceis escondia-se uma natureza cruel e violenta. Ele obstinava-se em achar que era dono dela e de tudo

o que pertencia aos Estrada. Não desistiria facilmente e Consuelo não tinha idéia do que fazer para livrar-se dele.

Nem mesmo o macio colchão de penas ajudou-a a conciliar o sono. Pela janela vinham os ruídos do bar: garrafas tinindo, vozes roucas, um piano que alguém martelava. Ela levantou-se e fechou a janela, mas o tumulto maior nascia de seu íntimo.

Depois de muito tempo, cochilou. Foi desperta por gritos. Trêmula e desorientada, sentou-se na cama. O barulho aumentara. Ouviu madeira rachando, vidro se espatifando e impropérios de arrepiar os cabelos. Uma mulher gritava em desespero, como se nunca mais fosse parar. O silêncio, quando caiu, era inquietante.

Consuelo abriu a janela e espiou para fora, mas nada viu. As janelas do andar de baixo estavam iluminadas, mas o ruído cessara.

Ocorreu-lhe o pensamento de que Ramón pudesse ter atacado Rafael e os outros vaqueiros. Aflita, começava a vestir-se, quando bateram na porta. Ficou parada, tolhida pelo pavor.

— É Garza — a empregada do hotel identificou-se. Consuelo correu a abrir e deparou com a mulher, que parecia apavorada, mas tentava sorrir.

— Achei que a senhorita ficaria com medo — explicou. — Foi uma briga no bar, mas já acabou. Pode dormir tranqüila.

— Alguém se feriu? — Consuelo perguntou, pensando nos homens de sua fazenda.

A mulher deu de ombros, numa atitude displicente.

— Sempre acontecem brigas — respondeu, evasiva. Consuelo olhou-a, perplexa com aquela aceitação da violência.

Acabou de abotoar a saia e saiu para o corredor, passando por Garza, que continuava no mesmo lugar, indiferente à sua aflição. Correu escada abaixo, sorrindo com alívio ao ver Rafael, sentado no primeiro degrau.

— Quem se feriu? — ela quis saber. — Algum dos nossos?

— Ramón — revelou o velho.

Naquele instante, dois homens passaram pelo vestíbulo, carregando um corpo inerte num cobertor manchado de sangue.

— Levem o ferido para o convento — ordenou um homem alto e corpulento. — As irmãs cuidarão dele.

— Está morto? — indagou Consuelo, impressionada com a quantidade de sangue que empapava o cobertor.

— Não — respondeu o velho. — Ferimentos de faca sangram muito.

— Mas o que aconteceu? — insistiu Consuelo.

— Uma briga de bêbados,

— Foi isso mesmo? — ela duvidou, notando uma certa hesitação nas palavras do homem.

Rafael desviou os olhos, embaraçado.

— Foi tudo por causa de uma mulher — confessou finalmente. — O marido dela encontrou-a com Ramón e houve briga.

— O ferimento é grave? — ela indagou.

— Parece. Acredito que ele não poderá aborrecê-la por muito tempo.

Consuelo envergonhou-se da satisfação que a notícia lhe causou.

CAPÍTULO XV

Os empregados de Consuelo reuniram o gado nas colinas verdejantes ao sul de San Francisco. A última etapa da viagem fora complicada, à medida que encontravam mais e mais fazendas, casas e vilarejos. Era necessário impedir que o rebanho causasse dano às plantações ou qualquer outro tipo de prejuízo. Mas, apesar das dificuldades, chegavam ao fim da jornada e Consuelo sentia-se orgulhosa de si mesma e dos homens da fazenda Estrada.

De pé no alto de uma colina, onde o chinês acendera a fogueira, ela observava os vastos currais dos compradores de gado, lá embaixo. Ao lado dos cercados imensos alinhavam-se barracos, que abrigavam os escritórios das diversas companhias de carne, de acordo com Rafael.

Consuelo preocupava-se com o que teria de enfrentar no dia seguinte. Apesar das informações que colhera de Ramon, não sabia, na verdade, a quem dirigir-

se para oferecer o gado.

Eslava admirada com o tamanho das instalações e o próprio Rafael confessara que estava achando tudo muito diferente. Era óbvio que houvera grande desenvolvimento no comércio de gado para corte. Um pouco além do lugar onde o grupo dos Estrada acampara, viam-se mais duas manadas à espera do momento de seguir para os currais.

Rafael aproximou-se dela com uma caneca de café que Lee Sing acabara de coar.

— Tome café, senhorita. É menos intragável do que a comida desse cozinheiro de meia-tigela. Parece que ele faz de propósito. Quanto maior a nossa fome, pior o grude.

Consuelo riu, mas sua apreensão não desapareceu.

— Estou nervosa, Rafael — admitiu. — Nem sei por onde começar.

— Começando, querida menina.

— Grande consolo.

Ela suspirou, desalentada. Começava a lamentar o impulso que a levava a enfrentar a aventura. Mas precisava ser forte. Afinal, ela estava pensando em dirigir uma mina, o que devia acarretar problemas bem sérios. Porém, na exploração da mina contaria com a ajuda de Vicente e Henry Rios. Ali, estava sozinha para resolver tudo.

Voltou a olhar para as fogueiras dos outros acampamentos e teve uma idéia súbita. Naturalmente os boiadeiros conheceriam todos os detalhes do negócio.

— Rafael, gostaria que você fosse a um desses acampamentos e falasse com o boiadeiro responsável. Pergunte a ele a quem devemos procurar para vender o gado.

O velho olhou-a com um sorriso satisfeito.

— É assim mesmo que se deve agir, senhorita. Não sabendo o que fazer, pergunta-se a quem sabe. Vou já, antes que fique escuro demais.

Foi e demorou a voltar. Os vaqueiros comeram feijão sem nenhuma carne e sem tempero, a não ser sal e gordura de porco. Resmungaram e o cozinheiro ofendeu-se, começando a xingar na sua linguagem engrolada. Consuelo tentou acalmá-lo, mas quando lhe interessava, Lee Sing fingia não compreender uma

única palavra de inglês ou espanhol. Mas entendia muito bem quando os vaqueiros criticavam sua comida.

Os homens que não estavam encarregados de cuidar do rebanho foram dormir cedo. Rafael ainda não retornara. Preocupada, Consuelo ficou junto ao fogo, enquanto o chinês lavava os utensílios e os guardava os sacos. Um trem apitou ao longe, um som rouco e melancólico.

Por fim, Rafael voltou. Consuelo ouviu-o falar com o cavalo, enquanto retirava os arreios. Minutos depois, ia até ela.

Lee Sing olhou-o de cara feia, esperando que o velho o mandasse preparar um prato.

— Já comi — o velho tranqüilizou-o.

— E também bebeu — desaprovou Consuelo, sentindo cheiro de uísque.

— Só um trago, por educação — desculpou-se o empregado com um sorriso contrito. — Mas consegui descobrir tudo o que nos interessa. Pela manhã, devemos procurar o sr. Owens ou o sr. Thomas. Os donos das duas boiadas lidam com negociantes diferentes.

— Falaremos com os dois. Fecharemos negócio com quem pagar mais, é lógico.

— Os dois boiadeiros disseram que reses como as nossas, rodeadas há pouco, não tem o mesmo valor das gordas, com mais trato — o velho alertou.

— O gado californiano é o melhor de todos — ela resmungou, mesmo sabendo que de nada serviria iludir-se.

Rafael serviu-se de café e sentou-se perto dela.

— Aqueles lá vieram do vale Central — informou, indicando o lugar das outras boiadas com o queixo. — Americanos. Chamam os vaqueiros de *cowboys*, "rapazes das vacas". Riu baixinho, zombando do nome ridículo.

— Chamam, sim — ela concordou distraída, tentando calcular quanto lhe renderia seu gado californiano. Desistiu, pois não tinha a menor base para o cálculo. — O que nossos vaqueiros pretendem fazer, quando vendermos o rebanho?

— Tomás e José querem conhecer San Francisco, assim que receberem o dinheiro. Uns bobos. Os outros voltarão comigo.

— E Lee Sing? — ela perguntou, olhando para o cozinheiro, que arrumava a

cama.

— Ele aceitou o emprego porque desejava voltar para San Francisco, onde está sua família, e não tinha dinheiro para a viagem.

— Como é que você sabe disso tudo? — espantou-se Consuelo. — Ele só fala chinês!

Rafael deu uma gargalhada.

— Ele fala espanhol quase tão bem quanto nós, senhorita! Faz que não entende nada para escapar de ordens e censuras.

— Que praga de homem! — ela exclamou, olhando aborrecida para o chinês, que a ignorara durante toda a viagem.

Calaram-se e Consuelo fixou o olhar no fogo fraco. Mal podia acreditar que a viagem terminara. O medo, o desconforto e a ansiedade já começavam a pertencer ao passado. O dia seguinte seria cheio de problemas, mas logo ela estaria num navio, de volta para casa.

Teria q orgulho de poder dizer que fizera o que todos achavam impossível. Uma mulher enfrentara a tarefa árdua, exclusiva dos homens, de transportar uma boiada e vendê-la. A mina seria explorada. Haveria dinheiro para pagar as dívidas que o pai contraíra com Ramón. Ela ficaria livre.

Livre? O rosto de Lucas surgiu-lhe na mente. A lembrança dos maravilhosos olhos azuis causou-lhe um aperto no coração. Ela arquejou, sentindo-se sufocada. Nunca ficaria livre da dor de perdê-lo.

Rafael olhou-a, solícito.

— Está sentindo alguma coisa, senhorita? Ela forçou um sorriso.

— Não, Rafael. Estou apenas cansada. Vou dormir.

Pelas janelas abertas do escritório do comprador de gado entrava o cheiro das reses presas no curral. Os gritos dos vaqueiros erguiam-se no ar, onde flutuava uma constante nuvem de pó.

O sr. Owens, cujo nome Consuelo lera na porta, não se levantou quando ela entrou no cômodo apertado. Na escrivaninha empilhavam-se papéis empoeirados e na parede haviam pendurado um calendário ilustrado. A litografia representava um touro premiado, de grandes chifres e olhos ferozes.

— Muito bem, muito bem — o homem saudou-a, percorrendo o corpo esguio

com o olhar. — É a primeira vaqueira que conheço. Muito bonita, por sinal.

Consuelo corou, examinando-o timidamente. Era um homem alto, de barba escura, que a fitava sem disfarçar o divertimento.

— Sou a dona do gado, sr. Owens. Quero vendê-lo. Se estiver interessado...

— É claro que estou interessado.

Ele saiu de trás da escrivaninha e rodeou-a, plantando-se diante de Consuelo, os olhos claros presos nos seios apertados na camisa masculina.

Consuelo sentiu-se indefesa, sozinha com aquele homem em seu escritório. Rafael ficara com os outros homens, ajudando-os a recolher a boiada no curral. Ela imaginara muita coisa, temerosa da tarefa que a esperava, mas nem por um momento pensara que o homem teria aquela atitude ofensiva.

O homem sorriu-lhe, lascivo.

— Sei que poderemos nos entender, madame — declarou, segurando-lhe o ombro.

Consuelo olhou para trás e encarou-o com frieza.

— Só quero vender a boiada, sr. Owens. Está no curral número cinco. Gostaria de examiná-la e fazer uma oferta?

— Talvez eu tenha uma excelente oferta, minha querida.

Inesperadamente, ele acariciou-lhe o seio e Consuelo prendeu a respiração, assustada e ultrajada, enquanto recuava. Começava a desesperar-se. Tinha de vender o gado. O homem tanto podia comprar, como não. E estava claro que ele desejava algo em troca de um negócio.

"Americano nojento", ela xingou-o mentalmente. Contudo, no fundo da consciência, sabia que não podia culpá-lo demais. Ele a via apenas como uma jovem usando roupas masculinas sujas, de rosto queimado de sol e mãos calejadas. Uma mulher sozinha, aventureira, talvez com a idéia de obter vantagens ao negociar com homens.

Cruzou as mãos diante do corpo e empertigou-se.

— Está muito enganado comigo, sr. Owens. Não sou uma leviana. Meu nome é Consuelo Amparo Maria Estrada. Venho da fazenda Estrada. Tenho...

Foi interrompida pela entrada de um homem quase totalmente calvo, que olhou-a perplexo. Owens sorriu com ironia.

— Essa é a srta. Estrada — apresentou.

— Sou Thomas — disse o recém-chegado. — O principal concorrente de Owens, Owens fez um gesto displicente com a mão.

— Talvez queira comprar o gado da *senorita*, Thomas. Parece que ela não gostou da minha oferta.

— O gado espanhol? — interessou-se o calvo. — Se não fez negócio com Owens, estou interessado. Venha comigo.

Consuelo seguiu-o até outro escritório e acomodou-se na cadeira que ele lhe ofereceu. Thomas conversou com ela educadamente, acabando por apresentar uma oferta. Não era tanto quanto Rafael dissera que renderia o gado do vale Central, mas Consuelo achou a quantia justa.

Concordou e o homem começou a preencher um recibo, fazendo perguntas sobre a viagem, enquanto escrevia. Ela contou-lhe que pretendia voltar para casa de navio e que precisava de um lugar para ficar até o momento da partida.

Recostando-se na cadeira giratória, o negociante fitou-a com gentileza através das lentes dos óculos de aros de metal.

— Vou lhe indicar uma pensão — declarou, escrevendo o endereço num pedaço de papel. — É uma casa respeitável, moça. O melhor lugar para uma jovem sozinha. Lá, poderá ficar tranqüila.

Ela agradeceu e pegou o papel, guardando-o no bolso da camisa.

— O senhor poderia chamar uma carruagem para me levar até lá? — pediu hesitante. — Desculpe se estou abusando de sua boa vontade.

— Não é abuso nenhum, senhorita. Será um prazer ajudá-la.

Ela sorriu, contente por ter encontrado uma pessoa honrada, tão diferente do horrível sr. Owens.

Thomas saiu e mandou um empregado buscar o carro. Voltou e discutiram as condições de pagamento. Ela conversara com Rafael e decidira quanto seria necessário pegar em dinheiro vivo. Teria de pagar os vaqueiros, Lee Sing, a hospedagem e a passagem de navio. Disse a Thomas quanto queria em dinheiro. O resto seria pago com uma letra bancária.

As mãos delicadas tremiam, quando ela pegou a letra das mãos do comprador. Parecia uma fortuna, mas ela bem sabia que, com tantas dívidas e os futuros

gastos com a mina, não significava tanto.

O pai não poria as mãos em nenhum centavo daquele dinheiro. Não o gastaria em jogo, ela prometeu a si mesma. Dali por diante ela seria a administradora da fazenda e dos bens da família.

Despedindo-se de Thomas com um sorriso de gratidão, percorreu o labirinto de barracos, de volta aos currais.

Os cavalos de sua gente encontravam-se amarrados a uma cerca, juntamente com as mulas carregadas. Um estranho, usando chapéu de aba larga, inspecionava os animais. Consuelo sorriu. Rafael não perdia tempo. Já encontrara comprador para os animais que haviam decidido vender.

O velho empregado gritou ao vê-la e os vaqueiros, espalhados pelas imediações, reuniram-se, ansiosos.

Consuelo efetuou o pagamento pelos serviços prestados, inclusive pagando os salários atrasados. Os homens sorriam, manuseando as moedas de ouro com evidente felicidade. Ela sabia que eles não haviam depositado muita confiança no sucesso da viagem, ao partir da fazenda. Mas, naquele momento, vendo-lhes a satisfação, ouvindo os elogios afetuosos, soube que ganhara-lhes o respeito e a admiração.

— Obrigada, meu amigo, obrigada — ela agradecia a cada um, enquanto distribuía o dinheiro. — Vocês são maravilhosos.

O velho Juan olhou-a com lágrimas nos olhos e Consuelo deu-lhe um rápido abraço.

Rafael discutia com o interessado em comprar os cavalos. Consuelo chamou-o, mandando-o pagar o cozinheiro. Lee Sing recebeu o dinheiro com o rosto impassível. Inclinou-se uma vez diante de Consuelo e uma vez diante de Rafael, antes de partir apressadamente para a entrada da cidade.

O homem que desejava comprar os animais continuava a pechinchar com o velho e Consuelo juntou-se a eles. O homem fez nova oferta. Ela achou pouco e pediu mais, recebendo um olhar surpreso.

— Os cavalos pertencem a ela — esclareceu o empregado.

O americano riu e concordou com o preço. As moedas de ouro que colocou na mão de Consuelo representavam um lucro extra. Ela guardou-as na bolsa do cinto, pensando em comprar presentes para tia Isabel, Rosa e para o bebê de

Angelita e Vicente.

— Vai precisar de alguém para acompanhá-la até a cidade, senhorita — aconselhou o velho. — José e Tomás vão para lá.

Os dois homens já se encontravam montados, esperando para despedir-se. Consuelo riu, notando-lhes a impaciência. Iam partir para uma aventura, visitando a cidade grande. Tinham planos e ela não queria incomodá-los. Rafael estava com pressa de voltar para a esposa, assim como os outros homens.

— Não se preocupe comigo, Rafael. Tomarei uma carruagem. O sr. Thomas deu-me o endereço de uma boa pensão. Ainda não descobriu que sei me defender sozinha?

— Mas estamos em San Francisco, senhorita! — ele protestou. — Uma cidade grande e cheia de perigos!

Não adiantava. Ela enfrentara uma viagem, cansativa e até perigosa, sem uma lamentação. Vendera o gado por bom preço e negociara os cavalos. Tudo aquilo, porém, já fora esquecido. Para Rafael, voltara a ser a mocinha protegida e indefesa, a filha de dom Augustino, criada longe de todos os perigos.

Encarou o velho com um sorriso carinhoso. Ela provara a si mesma que era independente e capaz de resolver seus próprios problemas. Não negava que San Francisco a deixava um pouco apreensiva, mas não confessaria a fraqueza, nem que a matassem. Com uma risada feliz, atirou-se nos braços do velho. Ele quis recuar, escandalizado, mas ela o impediu.

— Você foi um esplêndido guia de boiada, Rafael, mas está cansado e rabugento. Procure uma hospedaria, durma bem, e amanhã comece a voltar para a fazenda. Rosa o espera. Logo, logo chegarei lá também.

Livrando-se do abraço que o deixara encabulado, o homem olhou por cima do ombro de Consuelo. O rosto curtido abriu-se num sorriso feliz.

— Ah, senhorita! Posso ficar descansado. Agora sei que nada de mal vai lhe acontecer.

Consuelo virou-se para ver o que deixara o velho tão satisfeito e deparou com o rosto ansioso de Lucas Morgan.

CAPÍTULO XVI

A neblina se desfazia em fiapos, nas colinas de San Francisco, mas estava frio. No carro de aluguel, que seguia sacolejando pelas ruas calçadas de pedra, Consuelo agasalhou-se no poncho amplo. Mantinha-se apertada contra a parede, na ponta do assento forrado de couro, sentindo-se pouco à vontade. Prendera o cabelo para cima, mas sabia que ainda parecia uma índia fugitiva, principalmente com aquelas bolsas de sela jogadas a seus pés.

Na outra extremidade do banco, Lucas não desviava a atenção de seu rosto, fitando-a com um ar interrogativo que Consuelo estava achando difícil de suportar.

Tudo acontecera depressa demais. Contento por ter encontrado um anjo da guarda para ela, Rafael pedira a Lucas que a levasse à cidade, acoíípi&hando-a até a pensão. Não satisfeito com isso, encarregara Lucas de embarcá-la no primeiro navio com destino a San Simeon.

— Pode ficar sossegado — afiançara Lucas ao solícito empregado. — Cuidarei de Consuelo.

— Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma — Consuelo rebelara-se.

— Vim com a boiada até aqui, vendi o rebanho e nada me aconteceu. Será que não saberei pegar um navio para casa?

A despeito de seus protestos, Lucas pegara as bolsas da sela de Mirlo e as levara para a carruagem de aluguel que o esperava. Não havia nada que Consuelo pudesse fazer, a não ser segui-lo.

E ali estava ela, num carro fechado, sentada ao lado de Lucas. Tentava organizar os pensamentos confusos. Mais tumultuados ainda estavam seus sentimentos. Ao ver Lucas, ficara feliz, desejosa de tocá-lo, mas também com raiva e vontade de mandá-lo embora. E nesse exato momento ela já nem sabia o que sentia. Não esquecia os momentos gloriosos de amor, assim como não conseguia esquecer o que ele lhe dissera em sua festa de noivado. Lucas a humilhara, deixando-a sozinha no meio da dança, para curiosidade dos outros pares.

Lucas percebia que ela se esquivava dele, apertando-se contra a lateral da carruagem. O cabelo magnífico, preto e lúcido, fora erguido e preso no alto da cabeça num coque trançado. Ele nunca a vira penteada daquele modo. Talvez o

cabelo solto se tornasse desconfortável, numa viagem tão longa. O poncho enorme cobria o corpo esguio por inteiro, deixando à mostra apenas os pés calçados de botas. O rostinho adorável fora queimado impiedosamente pelo sol, mas os lábios estavam pálidos e os olhos escuros desviavam-se rapidamente ao encontrar os dele.

Lucas ficou magoado, vendo rejeição naquela atitude. Mas o que ele poderia querer? Consuelo estava noiva de outro homem. Não era de sua conta que Ramón fosse um canalha, mas doía-lhe saber que Consuelo o aceitara. Ele não podia dizer que ela escolhera Ramón. Mas o aceitara, curvando-se à pressão do pai, o que vinha a dar na mesma.

Pigarreou, limpando a garganta seca.

— Vicente ficou doido, quando soube que você seguiu a boiada — contou. — Por que não quis que ele lhe arranjasse um boiadeiro, Consuelo?

— Ele mandou você atrás de mim? — ela perguntou, irritada. — Por que todo mundo decidiu controlar minha vida?

— Eu vinha a San Francisco, comprar mercadoria para a minha loja — ele explicou. — Vicente me pediu que a procurasse para saber se havia chegado bem.

Ela virou o rosto, erguendo a cortina para olhar pela janela.

— Ele estava preocupado com você, Consuelo — Lucas continuou em tom apaziguador, antes de fazer uma pausa. — Eu também.

Ela lançou-lhe um olhar rápido e enigmático, voltando a olhar para a rua. O silêncio caiu entre eles, longo e constrangedor.

A carruagem entrou na rua Market, dirigindo-se para o centro da cidade. Lucas observava o perfil delicado de Consuelo, que parecia absorta na contemplação das colinas, banhadas de sol e pontilhadas de casas pintadas de cores claras. Ela era linda. Havia inocência nos traços finos. E paixão nos olhos negros, ele refletiu, quando ela encarou-o, talvez incomodada com seu olhar persistente.

Ele jamais se perdoaria se não fizesse uma tentativa de aproximação.

— Mande-lhe um bilhete, quando fui a Santa Bárbara, Consuelo — explicou, meio tímido. — Meu empregado, Soledad, entregou-o a seu pai.

Os olhos escuros encheram-se de espanto e ele notou que ela ficara chocada com a implicação de suas palavras.

— Não chegou às minhas mãos — ela declarou, seca. — Meu pai não interceptaria um bilhete endereçado a mim.

— E Soledad não mente — revidou Lucas em tom baixo, enchendo-se de compaixão por ela.

Consuelo mordeu os lábios, torturada. O conflito interior refletia-se no rosto lindo e Lucas conteve-se para não abraçá-la. Quando voltou a fitá-lo, tinha os olhos úmidos.

— Papai estava muito doente — defendeu. — talvez tenha esquecido.

— Talvez — ele concordou para suavizar a situação, pois não acreditava nisso.

Dom Augustino queria casá-la com Ramón. Um bilhete de Lucas poderia arruinar seus planos e ele não hesitara em destruí-lo. Lucas não tinha a mínima dúvida de que fora isso que acontecera.

Consuelo torcia as mãos por baixo do poncho e seus lábios tremiam. Lucas, orgulhoso, lutava contra o desejo de apertá-la nos braços e beijá-la, apagando toda a mágoa que existia entre eles. Mas não conseguia esquecer que não houvera confiança suficiente da parte dela. Fora enganada pelo pai, mas se tivesse confiança inabalável em seu amor, jamais assumiria um compromisso com outro homem. Ela não acreditara em sua honradez, julgando-o capaz de possuí-la e abandoná-la.

De repente, decidiu que o orgulho o arruinaria. Já descobrira que a vida sem Consuelo não tinha sentido e não fazer nada para reconquistá-la seria uma grande estupidez.

Ela tirou o poncho para ajeitar uma mecha que escapara do coque. Antes que voltasse a escondê-las, Lucas deslizou no banco e envolveu-as nas suas.

— Nem por um momento pensei em não voltar para você, meu amor. Em Santa Bárbara, me torturei de saudade. — Colocou uma das mãos no bolso e retirou a aliança que comprara para ela. — Veja, trouxe isto para você.

Ela começou a chorar silenciosamente e ele pegou o lenço para enxugar-lhe as lágrimas. Depois, rodeou o pequeno rosto com as mãos, forçando-a a encará-lo.

— Não pode se casar com Ramón, minha querida. Você me pertence.

Ela respirou fundo para livrar-se da angústia que a dominava.

— Eu sei, Lucas — concordou arquejante. — Já disse a ele que não haverá

casamento.

Contou então o que se passara em San Juan Bautista, recomeçando a chorar ao recordar a vergonha e o desespero que experimentara. Lucas empalideceu de raiva, desejando que Ramón estivesse ali para torcer-lhe o pescoço.

Ela terminou o relato entre soluços. Lucas abraçou-a, beijando-lhe o cabelo e murmurando palavras de amor e conforto. Quando ela se acalmou, inclinou-se para beijar a boca úmida de lágrimas. O calor do desejo espalhou-se por seu corpo, fazendo-o aprofundar o beijo, que se tornou sôfrego e exigente.

A sensação de perda que o torturara, quando estivera separado de Consuelo, abandonou-o como por encanto sob a magia do beijo apaixonado. Ela se aninhava em seus braços, ansiosa, abandonando-se às suas carícias. Era o paraíso, depois de uma longa travessia pela solidão. Consuelo lhe pertencia e a mais ninguém. Uma onda de felicidade inundou-o e ele jurou que todos os seus sonhos se tornariam realidade.

— Vai se casar comigo, amor de minha vida — murmurou beijando as faces molhadas. — Seremos felizes. Isto é uma promessa.

Ela afagou-lhe o rosto com as mãos calejadas pelo longo contato com as rédeas.

— Seremos felizes, meu querido — murmurou, beijando-o com imensa paixão.

Ele riu, extravasando a alegria que lhe enchia a alma.

— Permita que eu compre um lindo vestido da moda para a minha futura esposa — propôs. — Na loja de departamentos Cidade de Paris!

— Tenho dinheiro — ela reagiu. — Não fica bem você me vestir, antes de nos casarmos.

— Está bem, pequena californiana orgulhosa. Que seja com seu dinheiro, mas quero vê-la bem bonita!

— Estou feia?

— Nunca será feia, meu amor. Nem coberta de trapos. Mas estamos em San Francisco, onde senhoras não andam vestidas com roupas de homem.

Ela riu.

— Está bem. Comprarei um vestido... desde que não seja muito caro.

A rua Geary era um clamor de rodas em atrito com as pedras do chão, retinir das sinetas de bondes puxados por burros, pregões de vendedores ambulantes

e gritos de entregadores.

Operários ombreavam com cavalheiros bem vestidos e damas elegantes nas calçadas apinhadas.

Consuelo notou que nenhuma mulher ia desacompanhada. Todas tinham a proteção de um criado, negro ou chinês. Enquanto Lucas pagava o cocheiro, ela olhava em volta, boquiaberta de espanto. Os prédios eram tão altos que impediam a luz do sol de jorrar pela rua. As pessoas andavam apressadas e carruagens corriam, desviando-se bruscamente de cavalos e pedestres.

Mas quando entraram na loja Cidade de Paris, ela estacou, dominada pela admiração. Os balcões de ferro trabalhado tinham vitrines na parte de baixo, ostentando objetos maravilhosos, que ela nunca vira.

Lucas levou-a aos diversos andares do edifício, todos com grandes janelas. No último, uma imensa clarabóia deixava entrar a luz do dia. Era ali que ficavam os vestidos. Lucas indicou-lhe uma cadeira forrada de veludo cor-de-rosa e Consuelo sentou-se, admirando o carpete cinzento e as cortinas rosadas que isolavam os vestiários.

Uma mulher altiva, vestida de preto, atendeu-os. Olhou para Consuelo apertando os lábios, obviamente escandalizada com seu traje. Consuelo sentiu-se humilhada e por um momento considerou a idéia de sair dali.

Lucas pousou-lhe a mão no ombro e ela apertou-a, olhando para ele como a pedir socorro. Os olhos azuis brilhavam divertidos, mas foi com ar compenetrado e frio que ele pediu à vendedora que lhes mostrasse alguns vestidos apropriados para o dia.

Ele estava bem vestido, pensou Consuelo, observando o terno cinza e o colete preto, de veludo. Para ele era fácil enfrentar a arrogância da mulher.

— Não tenha pressa em escolher, minha querida — ele orientou, quando a vendedora retornou com vários vestidos.

Era uma verdadeira ironia, Consuelo refletiu, estendendo a mão para acariciar o tecido macio de um dos trajes. Ela sempre achara uma tolice Angelita gostar tanto de vestir-se à moda das americanas. E lá estava ela, numa loja elegante, desejando com todas as forças possuir um daqueles vestidos maravilhosos. A consciência lhe soprava que não devia gastar o dinheiro destinado à salvação da fazenda. Por outro lado, pensava na quantia extra que conseguira vendendo os cavalos. Além disso, não gastaria demais. Tinha de saber o preço daquelas

maravilhas, mas não ousava perguntar.

— Nada de anquinhas — declarou Lucas, tirando-a do devaneio. A balconista olhou-o com espanto.

— Mas, senhor, estão na moda. Vestidos sem anquinhas tornaram-se ultrapassados.

— Não importa — ele teimou. — Anquinhas são verdadeiras monstruosidades. E vivemos no campo, onde o importante é o conforto.

A mulher afastou-se, toda empertigada, voltando pouco depois com outra braçada de vestidos.

Lucas escolheu um conjunto cor de vinho, cujo tecido sedoso tinha maciez e brilho encantadores. A saia longa caía em dobras graciosas e o casaco ajustado fora talhado para realçar as formas femininas.

Consuelo suspirou, apavorada só de pensar em quanto não custaria tudo aquilo, enquanto Lucas, imperturbável, separava uma blusa de cambraia de linho branca, para ser usada sob o casaco.

— Não posso gastar tanto, Lucas — ela cochichou-lhe, num instante em que a vendedora abaixou-se para pegar um vestido, que escorregara para o chão. — Deve ser tudo muito caro.

Ele deu-lhe uma palmadinha no ombro, sorrindo de modo encantador.

— Vou ver se consigo um desconto — prometeu.

Ela não sabia se era possível pechinchar numa loja tão luxuosa, mas desejava desesperadamente ficar com o conjunto cor de vinho.

Lucas parecia ter enlouquecido, pois erguia uma blusa deslumbrante, de seda rosa-pálido. O decote alto era arrematado por um babado que caía pela frente da blusa, em suave drapeado.

— Isso é uma extravagância — Consuelo murmurou, quando a mulher se afastou por alguns instantes.

— Um presente meu, querida.

A vendedora voltou com um par de sapatos pretos de pelica e tornou a desaparecer, retornando pouco depois com uma caixa brilhante. Já não parecia tão ativa e distante, começando mesmo a ensaiar alguns sorrisos para Lucas.

Consuelo corou ao ver que a caixa continha roupas de baixo, meias e um

conjunto rosa de camisola e robe. Um futuro marido não comprava essas coisas para a mulher, ela pensou encabulada. Todavia, o que poderia fazer?

Saiu da loja usando o conjunto novo e parou na calçada, enquanto Lucas chamava uma carruagem. Atraía olhares de homens e mulheres, mas sentia-se confiante. Não eram olhares de espanto ou zombaria, mas de admiração.

Na privacidade do carro, ela suspirou, satisfeita.

— Mal posso acreditar que tanta coisa linda custou tão pouco — observou.

Não gastara quase nada das moedas que separara para a volta à fazenda, mas mesmo assim uma pontinha de culpa a perturbava. Para que precisaria de um conjunto tão fino, no lugar onde morava? Consolava-se dizendo que um dia teria necessidade de andar bem vestida. Quando fosse esposa de Lucas Morgan. As roupas que acabara de comprar seriam muito úteis, então. Além disso, Lucas transformara-se num homem elegante e ela não podia envergonhá-lo, andando por San Francisco como uma cigana maltrapilha. De certa forma, eram noivos. O pensamento a fez corar de pura felicidade.

— Eu teria comprado tudo o que havia naquela loja, se você deixasse — disse Lucas. — Consuelo Estrada, minha futura mulher, merece o que existe de melhor.

Curvou-se e beijou-a, segurando o rosto delicado entre as mãos.

Envolvida pelo desejo, Consuelo abriu os lábios, sugerindo que ele intensificasse o beijo. Lucas procurou-lhe um seio por baixo do casaco curto e acariciou-o através do linho da blusa. Ela gemeu baixinho e ele, controlando-se com dificuldade, afastou-se, respirando de forma entrecortada.

Ficaram de mãos dadas, enquanto a carruagem corria pelas ruas, a caminho do Palace Hotel.

O hotel ostentava colunatas que subiam do térreo até os balcões do andar superior, correndo por três lados da bela construção. No pátio, cavalheiros de cartola de seda e ternos escuros ajudavam damas vestidas de veludo e peles a descer de carruagens majestosas. O chão de pedra era impecavelmente limpo e Consuelo logo descobriu como isso se tornava possível. Dois homens, de vassoura e pá, limpavam toda a sujeira produzida pelos cavalos.

Lucas deu o braço a Consuelo, pensando que seria imprudência pedir um quarto separado para ela. Não havia um homem que não fixasse os olhos no

rosto adorável. Naturalmente, não estavam numa pensão degradada, onde bêbados se agrediam e conquistadores impetuosos arrombavam portas para entrar no quarto de uma moça desacompanhada. Mas, de toda forma, era melhor não arriscar.

Além disso, não demorariam a se casar e Consuelo já lhe pertencera. Lucas queria passar a noite com ela. Queria sentir-lhe o corpo morno, os beijos... Forçou-se a parar de pensar, voltando a atenção para o rapazinho que levava as bolsas de sela e a caixa da loja para o vestíbulo.

— Eu devia ter comprado um chapéu — comentou Consuelo, vendo que todas as outras mulheres usavam chapéus enfeitados com plumas, flores e véus.

— Pensei nisso, meu amor, mas decidi deixar o chapéu para a amanhã. Você deve estar cansada e ansiosa por um banho.

— Ah, estou, sim — ela admitiu, deixando-o afastar-se para fazer o registro, no grande balcão de madeira escura.

Quando finalmente Lucas abriu a porta do quarto, ela parou no limiar, atônita. Nunca em toda sua vida, em nenhuma viagem que fizera com o pai ou a tia para San Luis Obispo, vira ambiente mais luxuoso e elegante. O carpete espesso, cor de vinho, harmonizava-se com as cortinas rosadas, de seda pesada. Uma colcha, feita do mesmo tecido das cortinas, estendia-se no grande leito. Cadeiras forradas de tapeçaria ladeavam uma mesa de mogno e um enorme armário cobria uma parede inteira.

Lucas observava-a com carinho, enquanto ela andava pelo quarto, tocando nos enfeites, os olhos brilhantes de prazer. Foi até ela e tomou-a nos braços, jurando silenciosamente que Consuelo teria todos os belos objetos que desejasse, todas as futilidades da vida a que pudesse dar valor. Ele adorava vê-la feliz e tudo faria para que aquele sorriso jamais murchasse, que o brilho dos olhos negros nunca desaparecesse.

— Eu te amo — ele murmurou.

Consuelo enlaçou-lhe o pescoço e moldou o corpo ao dele.

— E você é o meu amor — ela respondeu com doçura. Lucas afagou-lhe o rosto afogueado de desejo.

— Agora, *senorita*, vou preparar-lhe um banho bem gostoso.

Passaram para o cômodo contíguo e ela olhou com espanto para a enorme

banheira de porcelana. Lucas encheu-a, temperando a água e perfumando-a com sais. Consuelo despiu-se e entregou-lhe as roupas. Ele saiu e fechou a porta.

Ela suspirou de prazer ao entrar na banheira. Estendeu-se languidamente e fechou os olhos, rememorando todos os acontecimentos das últimas horas. O carinho de Lucas a deixara enternecida e seus beijos apaixonados prometiam momentos de delírio. Imaginá-los, fazia com que seu coração disparasse e seu corpo estremecesse, ansioso por carícias.

Só então permitiu-se reconhecer que sem ele sua vida fora vazia, mesmo quando repetia incessantemente que não o queria mais. Acreditara nele, quando Lucas dissera que mandara um bilhete que fora entregue a dom Augustino. Mas pensar no pai como uma pessoa desonesta e ardilosa, doía-lhe profundamente. Restava-lhe o consolo de saber que o velho estava doente, triste, sufocado pelas tragédias. Não podia esperar que ele raciocinasse com clareza.

Além disso, dom Augustino entendia e falava inglês, mas não lia nem escrevia a língua. Devia ter julgado o bilhete algo sem importância e se esquecera de dizer a ela que o recebera. Assim que ela chegasse à fazenda, perguntaria.

O cheiro agradável de alfazema permeou o ar, quando ela ensaboou o cabelo e enxaguou-o. Sorrindo para si mesma, saiu da banheira e secou-se na toalha macia. Lucas não pedira quartos separados. Isso significava que ficariam juntos, no conforto íntimo do aposento luxuoso. Fariam amor e dormiriam um nos braços do outro. Ficou trêmula de desejo ao imaginar o que aconteceria dali a pouco.

Delicadamente, pegou a camisola de seda e vestiu-a. Um pequeno selo colado na frente chamou-lhe a atenção e ela descolou-o, vendo que marcava o preço. Lucas a enganara. Deixara-a pagar uma quantia mínima, pagando o restante. Encontrara uma forma de dar-lhe os presentes que ela se recusara a receber, sem ferir-lhe o orgulho. Consuelo não sabia se ria ou chorava, completamente confusa. Mas o contato suave da seda em sua pele nua e a alegria de saber que Lucas a esperava no quarto, agiam como doce narcótico, tirando-lhe todo o desejo de pensar. Não era possível ficar ressentida, quando a felicidade encontrava-se ao alcance da mão.

Lucas tirara o casaco e o colete. Sentado numa cadeira estofada, com a camisa aberta no peito, apagou a cigarrilha num cinzeiro de cristal ao ver Consuelo sair

do banheiro. Levantou-se e foi ao seu encontro, os olhos azuis fulgurantes de alegria e desejo.

Apertou-a contra o peito, beijando o cabelo molhado.

— Preciso escovar o cabelo — ela anunciou com um sorriso, livrando-se do abraço.

Procurou na bolsa e encontrou a escova, que Lucas tirou de suas mãos.

— Deixe-me penteá-la — ele pediu com voz enrouquecida.

As mãos fortes tornaram-se ternas e delicadas, enquanto ele desembaraçava as longas mechas negras. Consuelo gemeu baixinho, quando ele ergueu o cabelo e pousou um beijo úmido no pescoço esguio.

Por fim, mal podendo respirar de ansiedade, ela viu-o colocar a escova numa mesinha de tampo de mármore e olhá-la com admiração. Deixou que ele lhe desatasse o robe e o fizesse deslizar pelos ombros, enquanto beijava cada centímetro de pele exposta. Vagarosamente, com imenso carinho, ele deitou-a na cama, estendendo-se a seu lado. Abriu a frente da camisola deliciosamente provocante, cujo tecido deixava entrever as formas sensuais. Beijou os seios redondos e firmes, acariciando a cintura fina, os quadris esculturais.

As mãos quentes aumentaram o calor do desejo que ameaçava consumir Consuelo e ela arqueou o corpo, oferecendo-se ao toque.

— Lucas...

Ele beijou-lhe a boca, possessivo e ardente, comprimindo-se contra a maciez do corpo sedutor. Consuelo sentiu a rigidez do sexo de Lucas contra as coxas e reprimiu um soluço de paixão.

— Lucas... — repetiu, dessa vez chamando-o em tom quase aflito. — Lucas, meu amor, meu querido.

Ele saiu da cama para despir-se e depois puxou a colcha para baixo. Tirou a camisola que ainda envolvia Consuelo e deitou-a no frescor dos lençóis. À luz do lampião de gás, o corpo moreno brilhava, palpitante e lindo. Os dois se olharam, através de uma névoa de desejo.

Consuelo estendeu os braços para ele, suplicante.

— Lucas, meu querido, venha...

Ele ajeitou-se ao lado dela, procurando-lhe os seios com a boca ansiosa. Beijou e

sugou os mamilos até que eles se enrijeceram, enquanto acariciava a morna umidade entre as coxas.

O desejo cresceu no íntimo de Consuelo, dor latejante que apenas o corpo de Lucas poderia acalmar. O poder de pensar desertou-a, deixando-a à mercê dos instintos. Deslizou as mãos pelo corpo musculoso, tocando-o sem medo ou pudor.

Lucas não pôde esperar mais.

Tornaram-se apenas um. Dois corpos unidos, movendo-se no frenesi da paixão, que explodiu em êxtase. Alheios à realidade, flutuaram acima do tempo e do espaço.

CAPITULO XVII

Lucas despertou com o som alegre do carrilhão da igreja de Santa Maria. A seu lado, Consuelo suspirou e ele voltou-se para fitar o lindo rosto adormecido. Ergueu-sena cama, apoiando-se num cotovelo, perdendo-se na contemplação da beleza suave e inocente. Sentiu-se emocionado, percorrendo com o olhar o longo cabelo negro espalhado no travesseiro alvo, as faces rosadas, o olhos franjados de cílios espessos. Ela dormia como uma criança, com uma das mãos sob o rosto e meio enrodilhada nos lençóis brancos.

Ele observou os ombros nus, roliços e macios, percebendo que seu corpo se aquecia de desejo, enquanto as lembranças da noite de amor afluíam-lhe à mente. Conhecera total abandono nos braços de Consuelo e jamais experimentara êxtase igual, nem mesmo em companhia de mulheres especializadas na arte do prazer.

— Querida Consuelo, linda mulher — murmurou, rouco. — Tomarei conta de você agora e sempre.

A última badalada dos sinos festivos morreu num eco distante e Lucas de repente lembrou-se de que era domingo. O juiz não trabalhava aos domingos, o que significava que não poderiam casar-se naquele dia. Paciência. Sua união teria de esperar até segunda-feira. O navio *Electra* partiria na terça, portanto

haveria tempo suficiente. Ele aproveitaria o domingo para levar Consuelo num passeio pela cidade. Ela conheceria a Cliff House, Nob Hill e o parque Golden Gate. Iriam de bonde através dos bairros onde se erguiam as mais lindas mansões de San Francisco e por fim jantariam no Delmonico's. Consuelo tornou a suspirar e mexeu-se no sono, expondo os seios firmes e redondos. Arrebatado pelo desejo, Lucas acariciou-os languidamente. Ela acordou e sorriu radiante.

Com uma alegria que ameaçava sufocá-lo, Lucas abraçou-a, colando-se ao corpo quente e sedutor.

— Está com fome? — Lucas perguntou através da porta aberta do banheiro. — Deve estar.

Ela voltara a dormir depois de fazerem amor apaixonado, enquanto ele tomava banho e se vestia. Finalmente acordara e fora banhar-se, demorando-se na água morna e perfumada da banheira enorme. Ela riu. Nunca se sentira tão feliz em toda sua vida e não sabia que podia existir alegria tão perfeita.

— Esquecemos de comer, ontem à noite, não foi? — lembrou-o. — Estou morrendo de fome!

Quando saiu do banheiro, envolvida no robe leve, vinha desinibida e sorridente. Encheu o quarto com seu riso cristalino quando viu que Lucas pedira a primeira refeição e que a mesa pronta os esperava. No centro, um vaso de cristal ostentava magníficas rosas vermelhas. Nós pratos, omeletes fumegavam e havia geléia, manteiga, torradas, café e frutas.

— Está me mimando demais — ela ralhara com um muxoxo adorável. — Tanto luxo e conforto!

Lucas ajudou-a a sentar-se, afagando os ombros mal revelados pelo tecido fino. Depois, sentou-se à sua frente, abrindo o guardanapo de linho no colo.

— Vou confessar uma coisa, meu amor — disse com ar cúmplice. — Também é a primeira vez que me hospedo num lugar de tanto luxo. Mas acho que estou gostando.

— Por que escolheu um hotel tão caro, Lucas? — ela ousou perguntar, perfeitamente à vontade com ele.

— Segui o conselho de meu amigo, o capitão Roberts — ele respondeu. — Eu tinha de entrar em contato com gente importante para tratar de negócios e o capitão disse que era essencial que eu aparentasse prosperidade.

Fez uma pausa, sorrindo enquanto cortava o omelete.

— Ele tinha razão, Consuelo. Os homens ficaram bem impressionados e tudo saiu como eu desejava.

Ela comeu um pedaço de omelete e tomou um gole de café.

— Como sabia o que fazer num lugar desses Lucas? Pediu o café da manhã no quarto, flores. Não me pareceu nem um pouco deslocado.

Ele riu e acariciou-lhe a mão.

— Sempre prestei muita atenção às conversas dos passageiros, enquanto trabalhei em navios. Apreendi tudo com eles.

Ela continuou a comer com apetite, inconsciente de que estava linda, com o cabelo luzidio solto nos ombros e o robe aberto, deixando entrever os seios rijos.

— Hoje é domingo — ele anunciou, desviando o olhar da visão tentadora. — Quer ir à missa?

Ela corou, deliciando-o.

— Faz tempo que não vou à missa — Ela hesitou, baixando os olhos. — Gostaria de ir à igreja, mas não quero me confessar.

— Não será preciso, meu amor.

Era uma linda manhã. O nevoeiro já se dissipara e o sol de inverno brilhava no céu, derramando-se nas encostas das colinas e iluminando as fachadas dos prédios. A brisa marinha, revigorante e morna, tinha gosto de sal. Lucas e Consuelo atravessaram a rua Montgomery, quase deserta àquela hora, e tomaram o bonde para a avenida Grant, onde se erguia a igreja de Santa Maria.

De acordo com o aviso afixado na porta maciça do templo, a missa começaria meia hora depois. De braços dados, os dois puseram-se a caminhar lentamente pela avenida, olhando as vitrines das grandes lojas. Consuelo deleitava-se com a beleza das roupas e objetos expostos, mas apaixonou-se quando viu uma cômoda entalhada à mão e uma grande fruteira de latão.

— Que maravilha, Lucas! Olhe! — exclamou extasiada, ao ver um vaso de porcelana pintado. — Os crisântemos parecem verdadeiros, de tão perfeitos.

— Porcelana chinesa, minha querida. Este é o bairro chinês, Chinatown. Algumas lojas abrem, mesmo aos domingos.

— Mesmo que não abrissem, que diferença faria? — ela observou melancolia. —

Deve ser tudo muito caro.

Ignorando-lhe os protestos, Lucas comprou um lenço de seda, bem grande, pintado à mão, para que ela usasse como véu, durante a missa.

Levou-a até a porta da igreja, mas deixou-a entrar sozinha, explicando que iria ao porto, comprar as passagens.

Tomou o bonde e não demorou a desembarcar no cais, onde reservou uma cabine de primeira classe para os dois, no *Electra*,

— Partiremos com a maré alta, na terça-feira de manhã — avisou o agente. — Sugiro que embarquem amanhã à noite.

Lucas assentiu e saiu do escritório, correndo para pegar o bonde, que já se aproximava. Mesmo aos domingos, a área do porto fervilhava de atividade. Navios eram carregados e descarregados. Cavalos robustos puxavam carros pesados pelas ruas. Marinheiros de folga vagueavam pelas calçadas, entrando e saindo de tabernas movimentadas. De súbito, Lucas surpreendeu-se. Alguém o chamava. Olhou para trás e viu um antigo companheiro de navio, que acabara de entrar no bonde.

Apertou a mão do homem, rindo.

— Mas que mundo pequeno! O que está fazendo aqui, homem?

O oficial sentou-se a seu lado.

— Acabei de voltar da China, Morgan. E você, o que anda fazendo?

— Vou me casar — revelou Lucas, cheio de alegria e orgulho. — Com uma mulher linda e maravilhosa sob todos os aspectos. Ah... também estou construindo um cais na costa central da Califórnia.

— Vai se casar, hein? — O homem olhou-o com malícia. — O que acha de dar um presente fantástico a sua noiva?

— Contrabando? — perguntou Lucas, rindo.

Só podia rir da situação, pois não havia um único homem do mar que não tentasse melhorar a renda contrabandeando alguma coisa, geralmente objetos pequenos, jóias e quinquilharias exóticas.

O marinheiro tirou do bolso um magnífico colar de pérolas. As contas perfeitas brilhavam suavemente em contraste com a pele escura da mão calejada. Lucas imaginou o colar ao redor do pescoço de Consuelo, sobressaindo na pele

morena. Era o presente certo. Refletiu que já gastara mais do que esperara naquela viagem, mas de modo algum desistiria da jóia. O colar fora feito para enfeitar a beleza de sua Consuelo.

— Quanto quer? — perguntou.

— Quanto me dá? — replicou o marinheiro. — Não se esqueça de que somos amigos.

Rindo, Lucas tirou a carteira do bolso.

— Você é a mulher mais linda do mundo — murmurou Lucas emocionado.

Os olhos azuis brilhavam de adoração.

Consuelo sorriu e girou lentamente diante dele, mais uma vez. A blusa cor-de-rosa combinava maravilhosamente com a saia vinho, formando um conjunto elegante e encantador. O decote baixo revelava boa parte dos ombros acetinados e o começo dos seios. Os babados que arrematavam o decote caíam sobre os braços nus até os cotovelos. Como nunca usara roupas sem mangas, Consuelo sentira-se acanhada por um momento, desejando que houvesse levado na bagagem o xale que Lucas lhe dera no aniversário. Além de cobrir-lhe os braços, seria o complemento ideal para um traje tão lindo.

Olhou-se no espelho, vaidosa. Era bobagem envergonhar-se de mostrar os braços, afinal. Não era assim que se trajavam as damas finas de San Francisco? E nem todas possuíam braços morenos e roliços como os seus.

Iam jantar no Delmonico's, que Lucas afirmara ser o restaurante mais fino de San Francisco. Seria o fecho de ouro de um dia inesquecível.

Consuelo suspirou nos braços de Lucas, quando ele a beijou. Tudo era tão maravilhoso que ela chegava a ter medo de estar sonhando. Adorara o passeio por Chinatown, a missa na igreja de Santa Maria, o ambiente de paz e recolhimento do templo. Ficara tão envolvida pela atmosfera que decidira confessar-se. O padre que a ouvira era um velho entediado, que lhe dera como penitência a obrigação de rezar dez Ave-Marias, pedindo perdão por estar dormindo com um homem sem ser casada com ele.

Saindo da igreja, encontrara-se com Lucas e os dois foram de carruagem de aluguel a Ocean Beach, onde tomaram chá na Cliff House e assistiram ao espetáculo das ondas quebrando-se nos rochedos da praia.

Na volta, passaram por Nob Hill e Consuelo ficara atônita com o tamanho e a

opulência das mansões, propriedades dos reis das ferrovias americanas.

— Para que precisam de tantos quartos? — perguntara incrédula, examinando a seqüência infindável de janelas acima das varandas monumentais.

Lucas abraçara-a, rindo.

— Não sei, meu amor. Talvez seja para impressionar os vizinhos.

Enfim, fora um dia encantador. É ainda não terminara. Lá estava ela, vestida como uma princesa, pronta para ir jantar no Delmonico's com Lucas, o homem amado. Ele estava muito bonito em seu terno preto. Da camisa, alva como neve, caíam as pontas da gravata de laço.

— Tenho um presente para você — ele anunciou, olhando-a com amor intenso.

— Um presente de casamento.

Ela olhou para as pérolas que refletiam a luz dos lampiões de gás.

— Lucas...

— Não diga nada meu bem — ele pediu, inclinando-se para fechar o colar ao redor do pescoço delicado.

Beijou um dos ombros e afastou-se para que Consuelo se visse no espelho. Ela tocou nas pérolas com reverência.

— São maravilhosas, Lucas, mas... — murmurou comovida. — Devem ter custado muito caro, Não deve gastar tanto dinheiro comigo. Não é direito.

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Quero dar-lhe tudo — declarou com uma ponta de arrogância. — Vou ficar rico, Consuelo. Poderá ter o que quiser. Por isso, é bom começar a se acostumar com meus presentes.

Beijaram-se longamente e foi com grande relutância que saíram do quarto.

No restaurante, ocuparam um espaço reservado com cortinas e tomaram champanhe. Como tudo o que acontecera naquele dia adorável, estar ali também parecia um sonho. Papel vermelho acetinado recobria as paredes e as velas dos candelabros de cristal arrancavam reflexos da baixela de prata. Tudo era espaçoso e requintado. Um grupo de músicos tocava melodias românticas e os freqüentadores conversavam em tom baixo e educado.

Lucas, a pedido de Consuelo, escolheu os pratos. Comeram medalhões de vitela, salada de carne de caranguejo e, como sobremesa, um creme flambado

na própria mesa, sobre um fogareiro de prata. Terminada a refeição, ao ver o beijo que trocavam, o garçom puxou discretamente as cortinas.

Já era bem tarde quando tomaram uma carruagem de volta para o hotel. Consuelo recostou-se contra Lucas, deitando a cabeça em seu ombro. Sentia-se levemente zozza, por causa do champanhe.

— Querido... Nunca esquecerei estes dias com você.

— E as noites? — ele provocou, afagando-lhe o seio. Acariciou-a, até que ela abandonou-se aos seus beijos, inflamada de paixão. Apartaram-se por fim, ofegantes e relutantes.

— Estou embriagada — ela reclamou. — Acha que conseguirei fazer amor?

Ele riu, apertando-a contra o corpo.

— Espere e verá, minha querida.

Na manhã seguinte, Lucas acordou com o barulho dos sinos de nevoeiro, badalando loucamente no porto. Uma luminosidade pálida invadia o quarto. Virou-se, apalpando a cama à procura de Consuelo. Refletiu, considerando que se acostumara com rapidez espantosa à presença dela a seu lado.

Na noite anterior, ambos sob o efeito delicioso do champanhe, haviam se amado langorosamente, sem pressa, buscando o êxtase que os arrastara em ondas sucessivas de indescritível prazer.

Oscilando no limiar do sono e da vigília, ele a abraçara, beijando o cabelo exuberante.

— Amanhã nos casaremos — prometera.

De súbito, alarmado, Lucas descobriu que Consuelo não se encontrava na cama. Ergueu os olhos e viu-a à janela, agasalhada no robe transparente. Ela olhava para o nevoeiro que encobria o sol.

— Venha cá, minha querida — ele chamou baixinho. — Quero amá-la mais uma vez, antes de nos tornarmos marido e mulher.

Consuelo virou-se para ele, os olhos negros toldados de lágrimas.

— Não posso me casar com você, Lucas — disse com a voz entrecortada. — Hoje, não.

O abalo causado pelas palavras inesperadas gelou-o. Incrédulo, ele saiu da cama e atravessou o quarto. Tomou-a nos braços e ergueu o rosto delicado para

que ela o encarasse.

— Consuelo... — Parou de falar ao ver que as lágrimas transbordavam dos olhos negros. — Consuelo, por que está chorando? Pensei que já estivesse tudo certo entre nós. Iremos ao juiz de paz e voltaremos para casa como marido e mulher.

Curvou-se para beijá-la, mas Consuelo o afastou.

— Por favor, Lucas, escute. Estou acordada há horas, pensando no que fazer. Eu...

Um soluço impediu-a de continuar e Lucas tornou a abraçá-la. Refugiada nos braços fortes, ela chorou por longos instantes.

— Eu te amo, Lucas, e... — começou hesitante. — Você tem sido bom, generoso, e me fez incrivelmente feliz, mas...

— Quer melhores razões para me aceitar como marido? — ele tentou brincar, dominando o medo que o assaltava.

Enxugou as lágrimas que rolavam pelas faces lisas com as pontas dos dedos, cheio de ternura.

— Ontem eu me confessei, na igreja de Santa Maria — ela revelou.

— E daí?

— O padre disse que estou em pecado e me passou uma penitência. — Consumo desviou os olhos, não suportando ver a tristeza no rosto adorado. — Também disse que devo me casar na igreja, obedecendo às normas da minha fé. E você não é católico.

— Eu me converterei, Consuelo. Vamos à igreja — Lucas decidiu, impetuoso. — Obrigarei esse padre intrometido a me batizar e a nos casar, hoje mesmo.

Consuelo persignou-se, assustada, recomeçando a chorar.

— Não é assim que deve ser feito — soluçou. — Você nunca será um católico de verdade.

— Serei, sim. Já faz tempo que venho pensando em me batizar. Por que não pode ser hoje?

Ela passou-lhe os braços pela cintura e apertou-o fortemente, olhando-o suplicante.

— Compreenda, meu amor. Preciso me casar na minha terra, com o padre de lá, entre as pessoas que amo. Não posso dispensar a bênção de padre Amadeo. Além disso, meu noivado com Ramón tem de ser desfeito oficialmente, com o consentimento de meu pai.

Lucas sentiu a raiva brotar. Que dom Augustino e o padre Amadeo fossem para o inferno! Não tinham o direito de interferir tanto na vida de Consuelo! E ela, por que aceitava essa interferência? O pai a vendera, tratando-a como um animal de leilão. O padre nem pensara em sua felicidade, induzindo-a a ficar noiva de Ramón, interessado apenas num novo altar para a igreja!

— Esqueceu o que aconteceu em San Juan Bautista? — pressionou-a, irritado. — Ramón envolveu-se com uma mulher casada e o marido esfaqueou-o. Não entendo, Consuelo! Por que insiste em desfazer oficialmente o noivado com um canalha daqueles.

— Não é só isso, Lucas. Por favor, tente compreender! — ela exclamou, afastando-se dele. — Não posso ser sua mulher, levando para o casamento apenas as dívidas de minha família. Não quero ser um fardo. Já provei que sou capaz de resolver meus problemas. Vendi o gado e tenho dinheiro. Agora, vou para casa e pagarei todas as dívidas. Depois, poderemos nos casar.

Ela pousou a palma da mão no rosto de Lucas, onde a barba despontava. Ele continuou parado, olhando-a irritado.

— Isso não faz sentido, Consuelo. Por que temos de esperar? Estar casada comigo não a impedirá de pagar suas dívidas.

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça.

— Consuelo, pense — ele insistiu. — E se você estiver grávida? Quem garante que já não está esperando um filho meu?

As feições do rosto lindo suavizaram-se. Ela ergueu os braços e enlaçou-lhe o pescoço.

— Um filho nosso, Lucas? Eu ficaria tão feliz!

Sentindo-a vulnerável, ele quis beijá-la, mas Confio armou-se novamente com suas defesas e recuou.

— Dentro de uma semana poderemos nos casar, Lucas. Um mês, no máximo. Isso não fará diferença, mesmo que eu esteja levando um bebê no ventre. Meu pai estará livre de dívidas e eu estarei livre para me unir a você. Estou pedindo

muito?

— Acho que não tenho escolha a não ser me submeter à sua teimosia — ele resignou-se.

Ela abraçou-o novamente. O robe abriu-se e os seios comprimiram-se contra o peito largo. Com um gemido, Lucas envolveu-a nos braços.

— Não peça o café ainda — ela sugeriu com voz rouca. — Temos algo mais interessante a fazer.

Levando-a de volta para a cama, Lucas reconheceu que ela vencera aquela batalha. Mas seu orgulho o fez jurar que seria ele a vencer a próxima.

CAPÍTULO XVIII

O *Electra* singrava o mar revolto rumo ao Sul, sob o céu claro e azul de inverno. Envolta no poncho quente, Consuelo andava pelo convés, aspirando a brisa salgada. Apoiava-se no braço protetor de Lucas e ria como uma criança quando o vento ameaçava arrancar-lhe da cabeça o lenço chinês comprado em Chinatown.

Descobrira depressa que o ar confinado de sua pequena cabine induzia ao enjôo, um incômodo normal em viagens por mar. Lucas desistira do camarote para dois, depois que ela recusara-se a casar-se com ele. Assim, Consuelo, que era a única mulher abordo, ficara com uma cabine apertada, enquanto ele dormia num beliche, no mesmo aposento ocupado por mais cinco homens.

Embora andassem de braços dados, com as mãos carinhosamente enlaçadas, a tensão entre eles era quase palpável. Além da necessidade de serem discretos, devido à presença de outros passageiros e da tripulação, a deliciosa sensação de intimidade desaparecera. Era óbvio que Lucas não compreendera os motivos de Consuelo para desejar adiar o casamento.

Às vezes ela o surpreendia olhando-a com ar triste e confuso e ficava pensativa, imaginando se agira corretamente. Quando trocavam beijos ardentes, nos cantos mais escondidos do navio, desejava ter cedido à vontade dele. Se fossem marido e mulher, ocupariam a mesma cabine e poderiam dar vazão ao amor. Perguntava-se se o orgulho, uma marca de seu caráter, não estaria falando mais

alto que o coração. Não. Era imperioso pagar as dívidas e unir-se a Lucas de cabeça erguida.

— O navio fará escala em Monterey — Lucas avisou, falando alto para que ela o ouvisse acima do barulho dos motores. — Quer descer?

Olhando-o nos olhos, ela sentiu-se envolver pela excitação. Sozinhos em Monterey... Impossível dar asas ao desejo. Aquela era uma cidade ainda muito pequena. Não havia jeito de irem a lugar onde pudessem ficar sozinhos sem que os mexeriqueiros se dessem conta. Monterey não era como San Francisco, onde um casal podia hospedar-se num grande hotel sem despertar nenhuma curiosidade ou suspeita. Teriam de contentar-se com beijos e abraços até o casamento.

Sorriu para ele, arrependendo-se de ser a causa da tristeza que via nos grandes olhos azuis.

— Não, obrigada. Tenho uma tia-avó em Monterey, mas ela está velha demais, não se lembrará de mim. Nem conheço meus primos.

Lucas apertou-lhe a mão e sorriu sugestivamente.

— Não estava pensando em visitar seus parentes, meu amor. O navio passará a noite atracado e pensei que...

Ela mordeu os lábios, inquieta. Mais uma vez teria de ir contra os desejos de seu amado.

— A cidade é muito pequena, Lucas. Muita gente me conhece. Haveria falatório.

— Entendo — ele concordou, sem esconder o desapontamento.

— Eu vou descer. Tenho alguns assuntos para resolver, mas não passarei a noite na cidade. Voltarei para o navio.

Pararam perto na amurada, num canto atrás dos escaleres, longe dos olhares das outras pessoas. Lucas passou um braço pela cintura fina e encostou o rosto no de Consuelo. Com a mão livre, procurou os seios, apalpando-os por baixo do poncho.

Ela prendeu a respiração, excitada.

— Quanto tempo me fará esperar, Consuelo? — ele murmurou queixoso, parando de beijá-la.

— Não muito tempo, meu amor — ela prometeu, ofegante. — Logo ficaremos juntos para sempre.

Ele riu suavemente e ia tornar a beijá-la, quando alguns marinheiros começaram a andar pelo convés, ocupados com suas tarefas. Levou-a para um banco de madeira ao sol, num lugar abrigado do vento.

Sentaram-se e ela observou-o acender uma cigarrilha e recostar-se no banco, soprando a fumaça azulada para o alto.

— Sei que seu pai não me julga adequado para ser seu marido — ele comentou.

— Quanto a sua tia...

— Tia Isabel gosta de você, Lucas. Tenho certeza.

Ele olhou-a surpreso, mas satisfeito. Inclinou-se então para a frente, olhando a cigarrilha entre os dedos longos*.

— Preciso contar-lhe certas coisas, Consuelo — preludiou, compenetrado. — Não é justo que se case comigo sem conhecer meu passado, minhas origens.

— Oh, Lucas... — ela começou a protestar, pousando a mão em seu braço. — Não quero saber nada. Eu...

— Escute — ele pediu, reclinando-se no encosto. — Uma vez já lhe contei que minha mãe morreu quando eu estava com doze anos. Fui para o mar, então. Disse que não conheci meu pai, mas não esclareci que sou um... um bastardo.

No belo rosto másculo desenhou-se a sombra de uma velha tristeza e Consuelo condeou-se. Devia ser muito difícil revelar um fato tão humilhante, mas Lucas precisava saber que isso em nada modificaria o amor que ela lhe dedicava. Num impulso, pegou-lhe a mão e beijou-a.

Lucas fitou-a, incerto e envergonhado. Ela sorriu, acariciando-lhe o rosto.

— Você é Lucas Morgan. O homem com quem vou me casar. O passado não importa, meu querido.

Ele sentiu uma onda de ternura por aquela mulher adorável que o abraçou e ofereceu os lábios para um beijo.

Passos no convés obrigaram-nos a se separar.

Quatro homens andavam perto da amurada, conversando em voz baixa. Haviam embarcado em San Francisco, mas não se misturavam com os outros passageiros.

— Prospectores — observou Lucas, quando eles passaram. — Provavelmente estão indo para Cambria, pretendendo descobrir novas minas de mercúrio.

O comentário fez Consuelo pensar nos sonhos que tecera a respeito da mina encontrada nas terras da fazenda. Só naquele momento ela se deu conta de que ainda não dissera nada a Lucas. Olhou para os quatro homens, que fumavam debruçados na amurada.

— Espero que Henry Rios saiba o que fazer para proteger a mina dos Estrada contra aventureiros iguais a esses — observou. Teria ele ficado magoado com sua falta de confiança? — Você sabe que descobrimos mercúrio em nossas terras, não?

— Vicente me contou — ele respondeu, franzindo a testa. — Mas não disse grande coisa. Apenas que a mina localizava-se nas terras dos Estrada. Vai investir o dinheiro do gado na mina?

— Vou — ela afirmou, animada.

Lucas sorriu, tragando a fumaça da cigarrilha.

— Mercúrio está dando muito dinheiro atualmente — comentou. Contento ao ver que ele não se zangara, Consuelo deitou a cabeça em seu ombro. Lucas afirmara que ficaria rico, dirigindo o ancora-douro. Com a mina, talvez ela não enriquecesse, mas voltaria a se equilibrar financeiramente. Ficaria em pé de igualdade com Lucas, livre finalmente para aceitar ser sua mulher.

O coração de Lucas encheu-se de orgulho, quando o navio rodeou o cabo e entrou na baía Estero.

— Lá está o cais do Morgan — observou o capitão Roberts. — Aposto que, na primavera, já será o porto mais movimentado da costa central. Por sorte, investi nele.

Lucas riu baixinho. Com as mãos em concha, protegeu a chama do isqueiro e acendeu uma cigarrilha. Soprou a primeira baforada para o céu cinzento da tarde. Os pilares do cais enfileiravam-se, entrando pela baía. O índio Soledad não perdera tempo, durante sua ausência. O trabalho de construção progredira bastante. Contudo, ele teria de examinar o que fora feito, para certificar-se que o serviço dos operários fura bem executado. Seria um desastre, se as tempestades de inverno destruíssem a estrutura.

A notícia da chegada do navio se espalhara rapidamente, desde a escala em San

Simeon. Carroções, carros de passeio e cavalos aglomeravam-se perto do armazém, enquanto os índios gritavam as boas-vindas em sua linguagem cantada.

Lucas viu Soledad lançar o barco na água e remar com força na direção do navio. Naquele instante, sentiu-se em casa. Foi uma emoção tão forte que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Vou dizer à srta. Estrada que estamos prontos para desembarcar — disse ao capitão, que olhou-o com ar maroto.

Dirigindo-se à cabine de Consuelo, Lucas imaginou quanto tempo levaria para que seu relacionamento fosse do conhecimento de todos da região. O sr. Perkins, comerciante de Cambria, que viajara com eles, passara mareado a maior parte do tempos mas percebera que ele e Consuelo eram inseparáveis. O capitão era um homem discreto. Dele, não precisava temer nenhuma indiscrição.

Lucas ainda não se conformara com a decisão de Consuelo de não se casar em San Francisco. Os argumentos apresentados não tinham nenhum valor para ele. Ela era teimosa e orgulhosa, apenas isso. Era assustador pensar que, de volta para casa, ela se deixasse influenciar pelo pai e pelo padre Amadeo. Ambos desejavam vê-la casada com o patife do Ramón, sem pensar que essa ligação a tornaria para sempre infeliz.

Todas as dúvidas, porém, desvaneceram-se quando ela abriu a porta da cabine. Os olhos negros brilharam ao vê-lo.

— Lucas! — ela exclamou com indisfarçável alegria. — Lucas, querido!

Ele entrou e fechou a porta, tomando o corpo delicado nos braços. Beijaram-se avidamente e Lucas imaginou como suportaria ficar longe dela.

— Meu barco está vindo para nos pegar — cochichou-lhe ao ouvido. — Quanto tempo ficaremos separados, amor?

— Tenha paciência, Lucas. O tempo passa depressa.

— Não quero esperar. Case-se comigo hoje, Consuelo!

— Ah, Lucas, meu adorado... — ela murmurou num suspiro. — Você me tenta, mas já decidimos o que fazer. Tenho algo a fazer, antes de pertencer a você definitivamente. Confie em mim, querido.

— Você decidiu — ele corrigiu, um pouco irritado, antes de beijá-la. — Por mim,

já seríamos marido e mulher.

Separaram-se, trêmulos de desejo insatisfeito.

Lucas carregou Consuelo para a praia, rompendo as ondas baixas que morriam na areia. Assim que a colocou no chão, foi rodeado pelos operários sorridentes, que lhe estendiam as mãos em animada recepção. Os comerciantes de Cambria, em busca de mercadorias trazidas pelo navio, exigiram sua atenção. Consuelo resignou-se a ficar de lado.

Observava-o com indisfarçável orgulho. Lucas era mais alto que todos os outros homens e sem sombra de dúvida, o mais bonito. Estava bem-humorado e respondia a todas as perguntas rindo e brincando, sem perder o ar de autoridade e eficiência. Não parecia mais o marinheiro meio afogado que fora arrancado do mar, depois do naufrágio. E, certamente, nada havia nele do menino estigmatizado que ficara órfão aos doze anos de idade.

Ela também não era a mesma mocinha tola que protestara com tanta veemência quando dom Augustino decidira levar o "estrangeiro" para casa, dando-lhe o quarto que pertencera ao filho Felipe. Acabara-se a ingenuidade. Tornara-se amante de Lucas e não sentia o menor remorso por isso.

Em boa hora confessara-se ao padre da igreja de Santa Maria, em San Francisco. O homem não a conhecia e jamais tornaria a vê-la, o que facilitara tudo. Não precisava abrir-se em confissão com o padre Amadeo, que ficaria horrorizado com seus 'pecados'. Só teria de pedir-lhe que desfizesse seu compromisso com Ramón.

O barco de Lucas voltara ao navio e retornara à praia, carregado de mercadorias e correspondência vindas de Santa Bárbara e San Pedro. Lucas conversava com o sr. Perkins, que parecia imensamente aliviado por estar outra vez pisando em chão firme. Por fim, Lucas foi até ela, pegando-a respeitosamente pelo braço.

— O filho do sr. Perkins veio buscá-lo de carruagem. Eles a levarão até Cambria.

— E você?

Ele fez uma careta de enfado.

— Não posso sair daqui até que toda a mercadoria seja desembarcada e minha carga levada ao navio. O trabalho levará o dia todo, mas irei a Cambria assim que ficar livre.

Ela sorriu. Tornaria a vê-lo, então, antes de seguir para a fazenda.

— Está bem, querido.

— Pode passar a noite na casa de Vicente e Angelita?

— Claro — ela afirmou, sem hesitar.

— Então, vá. Cuide-se.

Perkins e o filho deixaram Consuelo na porta do banco. Ela estava ansiosa por falar com Vicente, mas havia outros negócios a tratar, antes. Carregando a caixa da loja de San Francisco e as bolsas de sela, onde levava os presentes que comprara, entrou no banco.

Abriu uma nova conta apenas em seu nome e depositou o cheque que o comprador de gado lhe dera. O contador levou o cheque ao gerente que, ao ver a quantia, abriu um sorriso bajulador, já se levantando para ir ao encontro de Consuelo.

— Uma proeza e tanto, srta. Estrada — elogiou com exagerada admiração. — Todo mundo está falando da boiada que a senhorita conduziu ao lado dos vaqueiros.

Ela sorriu educadamente.

— Valeu a pena.

Nunca gostara de Bert Lathrop, o gerente. O homem era gentil demais, maleável demais para ser sincero. E ali, diante dela, mostrava-se mais untuoso que nunca, todo sorrisos e gestos floreados. Consuelo surpreendeu-se quando ele pegou-lhe a mão, apertando-a com intimidade.

— Estou ansioso por ouvir suas aventuras, srta. Estrada. É uma moça realmente notável.

— Obrigada — ela respondeu cautelosamente.

O gerente nunca fora tão expansivo e só passara a se desmanchar com ela quando vira o valor do cheque.

— Ouvi dizer que é sócia de uma mina de mercúrio — o homem prosseguiu, incansável em sua adulação. — Agora, com o dinheiro do gado...

Consuelo franziu a testa, aborrecida. A existência da mina em terras dos Estrada já não era mais segredo! Provavelmente Henry e Vicente já trabalhavam nela. Mas por que o gerente mostrava-se tão interessado em seus negócios?

- Desculpe, sr. Lathrop. Eu me distraí e não ouvi o que perguntou.
- Sugeri que investisse o dinheiro do gado na mina. Estão dizendo que o solo é muito rico.
- Parece que sim — ela concordou, imaginando se Lathrop estaria interessado em aplicar dinheiro na mina. — Henry Rios calculou oitenta e dois por cento de minério.
- É um homem direito, esse Henry Rios — declarou o gerente! — E conhece mineração a fundo. A fornalha está funcionando bem? Pergunto porque é do tipo antigo, não tão eficiente quanto as fornalhas mais modernas.
- Consuelo não respondeu imediatamente, pois ainda estranhava tanto interesse.
- Henry fez algum comentário sobre a fornalha? — o homem insistiu.
- Fez, sim — ela replicou lacônica, decidindo que não devia esbanjar informações. — Por enquanto, esse tipo de fornalha nos basta.
- Entendo. Quer dizer que logo estará vendendo minério? — o gerente persistiu, indiscreto.
- Espero que sim. Agora, sr. Lathrop, preciso ir. Vicente está a minha espera.
- Vicente Rios, o advogado — disse o homem, dando uma risada.
- Consuelo achou o riso desnecessário e estranho. Por alguma razão, experimentou um arrepio de apreensão. Despedindo-se com um gesto de cabeça, pegou a bagagem e apressou-se em sair do banco.
- Na rua, olhou para trás. Através da porta envidraçada, viu que Lathrop a observava, com um sorriso mordaz no rosto redondo.

CAPITULO XIX

Rolos de névoa chegavam do mar, invadindo a cidade, quando Consuelo saiu do banco. Desfaziam-se em longos dedos fantasmagóricos, chocando-se com os eucaliptos e pinheiros que cresciam nas encostas dos morros.

Ela olhou para o céu nublado, desejando que o *Electra* já estivesse carregado e pronto para partir, deixando Lucas livre para vir a seu encontro.

Com um suspiro, começou a subir a escada para o escritório de Vicente. Ao vê-la entrar, ele saltou da cadeira atrás da escrivaninha e abraçou-a com tanto entusiasmo que ela derrubou o que carregava.

— Consuelo! Ficamos tão preocupados com você! É maluca, menina? Levar uma boiada até San Francisco! Onde já se viu?

— Não sou maluca — ela protestou, rindo. — Apenas decidida. O amigo recuou para admirá-la, examinando-a da cabeça aos pés.

— Mas você está linda, vestida de acordo com a última moda! Ela ignorou o elogio, repentinamente séria.

— Rafael chegou bem? — quis saber.

— Ah, aquele diabo velho! Voltou correndo e estão fazendo um verdadeiro estardalhaço ao redor dele, como se fosse um herói! — o advogado tranqüilizou-a. — Ele nos contou do acidente que Ramón sofreu em San Juan Bautista.

— Não foi acidente — ela replicou, áspera. — Ramón teve o que mereceu, ao ser esfaqueado por um marido traído.

Vicente deu de ombros e decidiu deixar o assunto morrer. Era evidente que Consuelo ficara nervosa.

— Como estão meu pai e minha tia? — ela perguntou.

— Estão bem, apesar de muito preocupados com uma certa menina decidida. — O sorriso do amigo ampliou-se. — Não pergunta de Angelita? Minha mulher está furiosa com você.

— Por quê? — Consuelo espantou-se.

— Porque você não estava aqui para receber seu afilhado, quando ele nasceu.

— Oh, Vicente! — ela gritou, feliz. — O bebê nasceu? Está tudo bem?

— Graças ao bom Deus! Quero que vá vê-los imediatamente.

— Eu vou. inclusive... — ela hesitou, pensando se seu pedido não seria inoportuno. — Bem, pensei em passar a noite com vocês, se não for incômodo.

— Incômodo? Você é da família, sua tolinha!

— Então, está bem. Agora, vamos falar de negócios. Preciso assinar os documentos referentes à mina e pagar minhas dívidas. Finalmente, há dinheiro.

Para sua surpresa, Vicente pareceu encabulado e postou-se à janela, olhando para os nevoeiros de bruma rolando dos montes.

Ela experimentou uma terrível sensação de medo, pressentindo algum desastre,

— O que foi, Vicente?

Ele endireitou os ombros estreitos e virou-se para ela com um sorriso forçado.

— Os papéis chegaram hoje, de San Luís Obispo. Estou apenas esperando pela franquia da mina, mas Henry está com a fornalha e os operários prontos para começar o trabalho.

— Então, por que está preocupado? Há alguma coisa errada? — ela insistiu.

— Nada de tão terrível — ele respondeu, sem muita convicção.

— O que é, Vicente? Pare de fazer rodeios!

— Calma, Consuelo. Estou certo de que poderemos ajeitar tudo.

— Está abusando de minha paciência, Vicente. Fale, pelo amor de Deus?

— É sobre a faixa de terra que seu pai vendeu a Lucas Morgan — ele começou, hesitante. — De acordo com o título de propriedade, que recebi hoje, de San Luis Obispo, ela não se limita a rodear a baía Estero. Estende-se até o sopé das montanhas.

— Continuo sem entender qual é o problema — ela recusou-se a ver a verdade, embora a adivinhasse.

— A mina está nas terras dele, Consuelo. E os direitos sobre os minérios ali existentes pertencem a Bert Lathrop, o gerente do banco.

Atônita, ela olhou-o por longos instantes.

— Mas como pode ser isso? — murmurou por fim. — Se a mina está nas terras de Lucas, os direitos são dele.

— Não. — O advogado sacudiu a cabeça, desalentado. — Existe um documento dando os direitos de exploração de minérios a Lathrop.

Consuelo começou a desesperar-se. Fora tudo inútil! A cansativa viagem, levando a boiada, a venda do gado! Conseguira o dinheiro para operar a mina! Estaria destinada a perder tudo pelo que tanto lutara?

O desespero deu lugar ao ódio, quando ela recordou o sorriso de escárnio que vira no rosto do gerente do banco.

— Foi por isso que Lathrop fez tantas perguntas a respeito da mina! Como foi acontecer uma coisa dessas, Vicente? Ninguém sabia de nada?

— Não sei, Consuelo, mas fique calma.

— Calma? Todos os meus planos foram arrumados! Eu percebi algo estranho nas atitudes daquele miserável, mas nunca podia imaginar...

— Ainda não falei com Lathrop, Consuelo. Mas não perca a calma. Tenho certeza de que poderemos obter uma concessão, ou fazer uma sociedade com ele.

— Sociedade com um canalha? — ela explodiu. — E você acha que ele vai aceitar fazer qualquer tipo de trato?

— Ele só terá a ganhar, sendo razoável — o amigo considerou debilmente. — Lathrop não é burro.

— Lucas sabia dessa história? — ela indagou, controlando o tom de voz.

Embaraçado, Vicente começou a andar pelo escritório, alisando o bigode. Consuelo observava-o, sabendo que novos golpes viriam. Conhecia Vicente muito bem. Eram amigos desde a infância. Além disso, ele era seu advogado. Por que não examina*&i* os documentos da venda da faixa de terra, mesmo que a transação não fosse feita por ele? Uma falha imperdoável. A culpa, porém, não cabia só a ele. Ela fora negligente. Lançara-se a planos mirabolantes, sem preocupar-se em examinar todos os documentos e comprovar sua legitimidade.

— Não sei se Lucas sabia, Consuelo — o amigo respondeu finalmente. — Lucas Morgan é um homem prudente. Deve ter examinado os papéis, mas é inexperiente no campo dos negócios e das leis. Provavelmente não percebeu nada.

— Ele estava com papai, quando o contrato de compra e venda foi assinado — ela salientou. — Nenhum dos dois percebeu coisa alguma? Não acredito!

Uma dor intensa instalou-se no coração de Consuelo. Já não sofria pela perda da mina, mas pela morte de todas as suas ilusões. Lucas a enganara. Durante todos os dias e noites de puro encantamento, em San Francisco, ele estivera mentindo. Trapaceando! Aos poucos, a mágoa transformou-se em raiva. Ela se entregara a ele, de corpo e alma, contrariando seus princípios, traíra a si própria, por amor a ele! Fora uma tola, uma estúpida!

— Meu pai foi um idiota — desabafou, sufocada de raiva e dor. — Fez negócio

com um inglês sem escrúpulos, desesperado para obter dinheiro para seu maldito vício. Mas eu... eu fui mais idiota ainda.

— Lucas é um homem decente — o advogado argumentou. — Quando ele voltar de San Francisco, poderá esclarecer tudo e talvez conseguir uma sociedade com Lathrop.

— Ele já voltou — ela revelou, andando até a janela para olhar para a rua. — Veio no mesmo navio que eu.

— Verdade? Conversou com ele?

Ela girou nos calcanhares e fitou o advogado com olhos faiscando de fúria.

— Sabe onde Lucas Morgan conseguiu dinheiro para construir o cais, Vicente?

O homem encarou-a, perplexo com a violência de seu tom de voz.

— Ora... Ele chegou aqui com dinheiro.

— Tinha dinheiro, sim! Da Companhia de Navegação Pacific! Roubou-o, na noite do naufrágio! Usou uma parte para comprar a terra que era meu dote... — Sentiu-se sufocar pelas lágrimas reprimidas. — Ele... ele é um ladrão.

— Não, Consuelo. Lucas devolveu o dinheiro à companhia. Pagou até o último centavo. Esse foi um dos motivos para a viagem dele a San Francisco.

Ela assimilou a informação, mais magoada que nunca. Por que Lucas não lhe contara?

— O cais não está pronto — objetou. — Lucas não conseguiria tanto dinheiro, em tão pouco tempo, trabalhando apenas com aquele barco de transporte.

— O banco emprestou-lhe o que faltava, tomando o futuro cais como garantia — explicou o advogado, parando de falar, como se deparasse com desagradáveis possibilidades.

— O banco? — ela gritou. — Bert Lathrop?

— Bert Lathrop — ele concordou, evitando os olhos dela.

— Quanta generosidade! — ela escarneceu. — Uma asquerosa troca de favores!

Corou de repente, envergonhada da própria ingenuidade. Falara da mina com Lucas. Ele a ouvira, mesmo sabendo que ela não possuía mina alguma. Deixara-a sonhar, divertindo-se com seus planos! Consuelo Estrada fizera papel ridículo, nas mãos de um inglês esperto e desavergonhado!

Lucas Morgan, criado na pobreza e na humilhação, só podia transformar-se em um homem ambicioso, capaz de qualquer patifaria para atingir seus objetivos! E pensar que ela se compadecera do rapazinho que perdera a mãe e fora para o mar, com apenas doze anos! Idiota!

— Recuso-me a acreditar que ele se prestasse a essa sujeira, Consuelo — declarou o advogado. — Não o julgue tão severamente, querida, até conhecer todos os aspectos da questão.

— Mas não é tudo óbvio, Vicente? — ela lançou-lhe um olhar triste. — Lucas usou a todos nós! Tinha um objetivo a alcançar e não se deteve diante de nada!

Levou as mãos ao rosto, contendo-se para não gritar de dor e frustração. Pensou no dinheiro conseguido com a venda do gado. Não duraria muito, a não ser que fosse aplicado em algum negócio que garantisse uma renda constante. A mina se fora. O gado se fora. O futuro apresentava-se negro.

— Estou decidido a não fazer julgamentos apressados, antes de falar com Lucas — observou o amigo. — Não pode fazer o mesmo, Consuelo?

Ela não suportava mais ouvir o nome do homem que a enganara tão cruelmente. Sem responder à pergunta de Vicente, passou por ele e pegou as bolsas de sela.

— Vou a sua casa ver Angelita e o bebê — anunciou em tom inexpressivo.

Porque desejava, realmente, fugir de tudo, desaparecer para sempre. Mas tinha de ver a amiga, mesmo que só tivesse amargura no coração.

— Também irei, assim que terminar aqui — ele garantiu, vendo-a abrir a porta. — Espere, Consuelo! Esqueceu uma caixa.

Ela olhou com desprezo para a caixa embrulhada no papel da loja Cidade de Paris.

— A caixa pertence a Lucas Morgan — explicou friamente. — Entregue a ele, por favor.

Saindo do escritório, ela dirigiu-se rapidamente para a ruazinha onde Vicente e Angelita moravam. Procurava manter acesa a chama da raiva, sua única defesa contra a dor insuportável que a espreitava.

Quando decidira casar-se, Vicente construíra a pequena casa de dois andares para sua adorada noiva. Era linda, com as paredes brancas, o alpendre sombreado por trepadeiras e as janelas pintadas de verde.

Consuelo via o amigo progredir e não duvidava de que um dia a casinha singela seria substituída por uma imponente mansão.

Angelita recebeu-a com abraços efusivos e Consuelo quase esqueceu do sofrimento que a torturava ao apertar nos braços o menino que recebera o nome de Miguel Vicente de la Guerra Rios.

Ficou com o bebê, enquanto a amiga e sua criada preparavam o jantar. Olhando para o rostinho sereno, emoldurado por farta cabeleira escura, ela suspirou. Lucas e ela haviam falado de um filho e seu coração transbordara de felicidade. O que restava disso tudo?

Apenas dor. Piscou depressa para afugentar as lágrimas. Ninguém devia saber de seus sonhos destruídos.

Mais tarde, Angelita pegou o bebê e sentou-se na cadeira de balanço para amamentá-lo.

— Não vai me falar da viagem a San Francisco, Consuelo? Era difícil decidir o que contar. Não podia mencionar o nome de Lucas e, no entanto, a aventura fora colorida por sua constante presença.

Por fim, falou da viagem cansativa acompanhando o gado, da venda das reses, das lojas fabulosas e do movimento incessante pelas ruas da cidade grande. Contou do que acontecera a Ramón em San Juan Bautista e as feições da amiga refletiram preocupação.

— Não pode casar-se com Ramón, Consuelo.

— Não tenho a mínima intenção de fazer isso, Angelita.

Naquele momento, foram interrompidas por vozes masculinas, no jardim. Vicente entrou, acompanhado por Lucas. Consuelo lamentou não ter seguido a intuição e fugido para a fazenda ao sair do escritório do amigo. Contudo, talvez fosse melhor vê-lo entre outras pessoas e observá-lo, antes de confrontar-se com ele e tentar arrancar-lhe a verdade.

Não olhou para ele, nem o cumprimentou. Lucas fitava-a, atônito. Depois, sentindo que ele tentava uma aproximação, ela fugia, pegando o bebê e levando-o para o quarto, seguindo Angelita por todos os cantos e ajudando a criada a arrumar a mesa para o jantar.

Vicente, sempre falante e alegre, parecia acabrunhado. Na mesa, olhava de Lucas para Consuelo, até que a conversa girou sobre banalidades.

No final da refeição, Vicente disse, meio brincalhão, que pretendia fundar uma vila ao redor do cais, no qual investira, tornando-se sócio menor.

— A comunidade levará o meu nome. O que acham de "Vila de Vicente Rios"?

Angelita olhou com expressão de pasmo para o marido. Consuelo notou uma certa censura no olhar atônito e adivinhou que a amiga desaprovava a ânsia de poder quê movia a vida de Vicente. Ele tomara dinheiro emprestado para investir na mina, e com certeza também se endividara para entrar no negócio com Lucas.

Consuelo não perdeu o rápido olhar de advertência que Vicente lançou à esposa, em meio a um silêncio tenso. Quando Angelita começou a servir o bolo de maçã, ela também se ocupou, enchendo as xícaras de café. Sentia o olhar de Lucas sobre ela e não conseguia controlar o tremor das mãos.

Quando estendeu a xícara para ele, seus olhos se encontraram.

— No caminho para cá, Vicente me disse que os direitos sobre os minérios em minha propriedade pertencem a Bert Lathrop — Lucas comunicou inesperadamente.

— Uma grande surpresa para você, certamente — ela retrucou com sarcasmo.

Ele olhou-a fixamente e Consuelo lembrou-se de como os olhos azuis escureciam de desejo nos momentos de intimidade. Agastada, afastou a lembrança.

— Foi, sim, Consuelo — ele afirmou. — Eu não sabia. Seu pai deve ter vendido os direitos a Lathrop antes de me ceder a faixa de terra e nada me disse.

— Meu pai?! — ela gritou indignada. — Como ousa? Papai nunca recebeu dinheiro de Lathrop! E teria me dito, se vendesse os direitos. O único dinheiro que recebeu nos últimos tempos foi aquele que você roubou da companhia de navegação.

Ele corou ao ouvir a acusação, mas não desviou o olhar.

— Já devolvi tudo, Consuelo.

— Claro que devolveu — ela concordou com falsa suavidade. — Usando o dinheiro que Lathrop lhe emprestou alegremente, sem perguntas. Um negócio de amigos, Lucas, ou um trato amigável entre sócios inescrupulosos?

Ela levantou-se tão abruptamente que a cadeira tombou para trás. Lucas

segurou o móvel, evitando que caísse no chão.

— Vá para o inferno, Lucas Morgan! — ela gritou, cuspidando as palavras. — Pensei que você fosse diferente! Acreditei em você! Confiei em você!

— Consuelo...

— Eu amava você! — ela continuou, em desespero. — No entanto, o tempo todo você tramava com Lathrop uma sujeira que roubaria de minha família sua última esperança!

Espantado e aguilhoado pelo sofrimento, ele se pôs de pé.

— Nunca tramei nada contra você, Consuelo. Nunca traí sua confiança!

Vicente e Angelita seguiam a cena, mudos e contrafeitos.

— Seja maldito, inglês! — Consuelo murmurou com voz trêmula, lutando para não desatar em pranto. — Maldito seja!

— Ouça o que tenho a dizer, Consuelo! — ele pediu, estendendo a mão para ela.

Consuelo recuou, fugindo ao toque.

— Ouvi uma vez, idiota que fui. Mas nunca mais, está ouvindo? Nunca mais acreditarei em você!

Correu para a escada e subiu os dois lances até o quarto de hóspedes, no sótão. Atirando-se na cama, escondeu o rosto no travesseiro, abafando os soluços,

CAPITULO XX

As montanhas, tão queridas e familiares, coroavam-se de névoa, na manhã seguinte, quando Consuelo aproximou-se da fazenda Estrada. Não voltava como se vira em sonhos, triunfante e feliz. Perdera a mina, não havia nenhuma esperança para o futuro.

Nenhuma perda material, porém, era mais dolorosa que a perda de um grande amor. E ela perdera Lucas, seu primeiro, seu único amor. Nunca haveria outro para substituí-lo em seu coração. Fora traída, enganada, manipulada.

No café da manhã, antes de ela partir, Vicente ainda tentara convencê-la de que Lucas não conspirara com Lathrop contra a família Estrada. Mas era tudo claro

demaís. Lucas cedera os direitos sobre os minérios em troca de um empréstimo para a construção do cais. Estavam todos envolvidos em sonhos grandiosos. Até mesmo Vicente já sonhava com uma vila à beira do mar, levando seu nome.

Mais tarde, o amigo acompanhou-a à estrebaria, onde ela alugaria um cavalo.

— Falarei com Lathrop, hoje — ele prometeu, quando já caminhavam pela rua.

Várias pessoas olharam espantadas para Consuelo, pois ela trocara o vestido pelas roupas masculinas com que acompanhara a boiada. Ela, no entanto, parecia alheia a tudo.

— Estou certo de que ele preferirá acertar tudo sem relutância a ser levado ao tribunal — prosseguiu o advogado. — Tentarei um acordo que seja satisfatório para todos.

Consuelo não se convenceu, pensando nos olhos cobiçosos do gerente do banco e em sua risada estranha.

— Pode ser que consiga, Vicente. Faça o que achar melhor.

De súbito, ocorreu-lhe que o amigo poderia estar em dificuldades financeiras. Ele adiantara o dinheiro para dar início à exploração da mina e nada mais justo que ela pagasse sua parte com o dinheiro conseguido em San Francisco. Antes, porém, precisava pagar os impostos da fazenda. Quando saldasse todas as dívidas, muito pouco restaria.

— Continuo afirmando que você se engana sobre Lucas, Consuelo — o advogado tentou mais uma vez, enquanto ela prendia as bolsas de couro na sela do cavalo alugado. — Por que insiste em acusá-lo sem ter provas?

— Nenhuma prova mais forte que a lógica, Vicente. — Ela montou, olhando carrancuda para ele. — Tudo depõe contra Lucas Morgan. E ele ainda tem a audácia de acusar papai. Você sabe muito bem que dom Augustino não lê inglês. Os documentos eram um enigma para ele.

— Consuelo...

— Chega, Vicente — ela disse incisiva. — Não quero mais ouvir falar de Lucas Morgan.

Fez o cavalo sair a trote, sem dar tempo para que o amigo respondesse.

Consuelo foi recebida com gritos de alegria, ao entrar no pátio na fazenda. As mulheres vieram correndo da cozinha, rindo e chorando. Crianças abraçaram-se

às suas pernas, quando ela desceu do cavalo, e até os vaqueiros se reuniram, sorridentes, para lhe dar as boas-vindas.

Lágrimas desceram pelo rosto de Consuelo, emocionada com essa demonstração de afeto. Estava em casa, afinal.

Tia Isabel abriu caminho entre as pessoas e, para surpresa de Consuelo, abraçou-a longamente.

— Filha querida — a mulher murmurou. — Tive tanto medo por você! Não sosseguei nem mesmo quando Rafael chegou e garantiu que você estava em segurança, em San Francisco.

Em segurança, em San Francisco, Consuelo pensou desacorçada. Que ironia! Fora justamente lá que ela descobrira que amaria para sempre um homem que não merecia seu amor.

— Como está papai? — perguntou-, enxotando as recordações que a faziam sofrer.

Isabel enlaçou-a pela cintura e as duas caminharam para a casa, enquanto os empregados e agregados se dispersavam.

— Augustino melhorou muito — informou a tia com um sorriso indulgente. — Mas não admite. Vive reclamando de dores, tonturas e falta de apetite. Mas acredito que, vendo você de volta, sã e salva, esquecerá a mania de doença.

Consuelo parou diante da porta da cozinha. O cheiro apetitoso de *tortillas* escapava dos fornos de barro. Rosa parou de moer café, numa mesa do lado de fora, para sorrir para Consuelo.

— Tia — Consuelo chamou num cochicho. — Não vou me casar com Ramón, de modo algum. Você precisa me ajudar. Papai tem de aceitar o fato.

Isabel resmungou e entrou na cozinha. Consuelo seguiu-a.

— O que foi que disse tia?

— Nada. Mas vou dizer agora. Rafael está trabalhando na mina, mas já teve tempo de contar a todo mundo o que aconteceu com Ramón em San Juan Bautista. — A mulher riu, o que era um acontecimento muito raro. — Foi bem feito. Só sinto que o marido enganado não o tenha feito em pedaços.

Consuelo também riu.

— Isso mesmo, tia. Mas Ramón saiu bastante ferido.

Encontraram dom Augustino no salão, jogando paciência. O fogo crepitava na lareira, refletindo-se nas paredes brancas. A sala parecia pobre, depois de todo o luxo que Consuelo conhecera no hotel, em San Francisco, mas era deliciosamente aconchegante.

Ela curvou-se para abraçar o pai, que não se ergueu para recebê-la. O velho perdera a palidez e estava mais gordo.

— Minha filha é uma louca — ele resmungou, começando a rir. — É o que todos dizem. Mas você voltou, Consuelo. Levou a boiada e está de volta, sem que nada de mau lhe acontecesse.

Nada de mau. Ah, se ele soubesse! Consuelo beijou as faces enrugadas, pensando no que aconteceria se ela confessasse que se entregara a um inglês que a enganara. Nada de mau. Apenas um coração em farrapos.

O velho beijou-a e ela abriu as bolsas de sela para retirar os presentes que comprara. Dom Augustino admirou a camisa de lã e Isabel apertou o xale de seda contra o peito. Consuelo viu lágrimas de emoção nos olhos da tia e comoveu-se. A pobrezinha recebera poucos presentes em sua vida e quase nenhum afeto.

Reclinando-se na poltrona de couro, dom Augustino acendeu um charuto. Inalou a fumaça profundamente, saboreando o fumo de boa qualidade. Os olhos escuros brilharam, pousando no rosto de Consuelo.

— Agora já podemos planejar o casamento — determinou.

O rosto de Isabel endureceu e Consuelo fitou o pai, atônita.

— Que casamento, papai?

— Esqueceu, minha querida? Os proclamas já foram afixados. Vai se casar com Ramón, no Natal. Trouxe dinheiro suficiente para uma grande festa?

— Papai! Ficou louco? — ela se descontrolou. — Como pode esperar que me case com um homem que fez o que ele fez em San Juan Bautista?

— Loucuras da juventude — justificou o velho. — Quando Ramón se casar, não terá mais necessidade de...

— Procurar prostitutas — completou a tia em tom cortante, Dom Augustino ignorou-a.

— Não haverá casamento, papai — declarou Consuelo com rispidez.

O homem nem pareceu ouvi-la.

— Por quanto vendeu o gado, filha? Onde está o dinheiro?

— Em um lugar seguro, papai. Longe de suas mãos. Esse dinheiro não será perdido no jogo.

— Veja como fala com seu pai! — berrou o homem, levantando-se apoiado na mesa. — O gado era meu. Quero o dinheiro!

— Mande me prender por roubo, se quiser — ela enfrentou-o. — Mas o dinheiro é meu! Trabalhei para consegui-lo. Temos dívidas a pagar. Quanto a Ramón, desista papai. Jamais me casarei com ele!

As lágrimas a cegavam, quando ela saiu para a varanda, andando na direção do quarto. Ainda ouviu o pai gritar com Isabel, dando ordens frenéticas.

— Mande Sancho à vila! Quero que ele vá buscar o padre Amadeo. Saia daqui, sua bruxa!

O colar de pérolas! Consternada, Consuelo olhava para a jóia, que caíra na cama juntamente com as roupas que ela levara numa das bolsas. Devia ter deixado o colar na caixa da loja, com a blusa que Lucas insistira em comprar para ela. Precisara devolver todos os presentes que ganhara dele, inclusive o xale, que recebera no aniversário. Seria uma forma de deixar bem claro que rompia definitivamente o relacionamento.

As pérolas luziam, serenas e lindas, sobre a colcha de algodão azul-escuro. Ao lado, amontoara-se o lenço de seda de Chinatown. Recordações dolorosas de momentos felizes, que jamais se repetiriam. Tudo não passara realmente de um sonho.

As feições delicadas contraíram-se de emoção e Consuelo dominou o desejo de chorar. Ouviu que a tia entrava no quarto e rapidamente envolveu o colar no lenço, escondendo a pequena trouxa sob o travesseiro. Quando fosse a Cambria pediria a Vicente que entregasse os dois presentes a Lucas.

Voltou-se para encarar a mulher, que segurou-a pelos ombros e encostou o rosto no seu, num gesto de afeição e conforto.

— Você foi muito corajosa e forte, minha criança querida. — A tia recuou, perscrutando os olhos de Consuelo. — Sei que agora está cansada, mas vejo também tristeza em seu olhar. Devia estar contente, depois de tudo o que fez, não acha?

Consuelo virou-se para a cama. Retirou da bolsa o traje que comprara em San Francisco e estendeu-o. Isabel passou os dedos pela fazenda macia, examinando o conjunto com admiração.

— Devia estar contente, tia, mas não posso estar — Consuelo confessou em voz baixa. — Vicente descobriu que a mina pertence a Bert Lathrop.

A mulher arregalou os olhos e empalideceu, assustada.

— Mas... mas como?

— A mina fica na faixa de terra que papai vendeu a Lucas Morgan. Lathrop alega que comprou os direitos sobre os minérios.

— Precisa falar com seu pai, Consuelo — a tia aconselhou. — É um problema muito sério.

— Eu sei, tia. Preciso perguntar a ele se sabe o que aconteceu, mas não agora.

Consuelo dirigiu-se à janela, desejando que Isabel saísse. Queria ficar sozinha para chorar. Para gritar, mesmo, com a injustiça do que lhe acontecera.

— Vicente cuidará de tudo — a tia procurou animá-la. — Você falou com Lucas Morgan? Ele deve conhecer a verdade.

Consuelo virou-se. A preocupação da tia a enternecia. Isabel sempre fora fria, mas nos últimos tempos passara a demonstrar-lhe amor e grande interesse por tudo o que se referia ao seu bem-estar. Infelizmente, já não era possível fazer confidências à mulher que a criara. Segredos interpunham-se entre elas. Consuelo sofria e era um sofrimento que não podia compartilhar com ninguém. Somente alimentando a raiva contra Lucas, que a ferira tão profundamente, ela conseguiria não sucumbir à dor.

— Falei, tia. Falei com Lucas Morgan, mas ele alega que não sabia da venda dos direitos sobre os minérios.

— Talvez não soubesse mesmo — comentou a mulher.

— Bem, isso agora não faz diferença, faz? Precisamos encarar a realidade — observou Consuelo com amargura. — O dinheiro do gado dará para pagar os impostos e as dívidas e para nosso sustento por mais ou menos um ano.

— E depois? — perguntou a tia, angustiada.

Consuelo respirou fundo, contendo-se para não romper em lágrimas. De nada serviria assustar a tia com as negras previsões que fazia para o futuro de todos.

Um futuro que já lhe parecera radiante, com Lucas a seu lado e a mina para salvaguardar sua família da miséria. Mas o sonho acabara e a realidade era dura. Quando não houvesse mais nenhuma alternativa, quando a fome batesse à porta dos Estrada, ela teria de tomar a mais difícil de todas as decisões. Perecer ou vender a fazenda a George Hearst.

Olhou para Isabel, com um suspiro resignado.

— Enfrentaremos os problemas um a um, tia. À medida que forem surgindo. Quando isso não for mais possível... veremos.

— Quer se confessar, minha filha? — ofereceu o padre, solícito.

Amadeo chegara naquela manhã, atendendo ao chamado de dom Augustino, dois dias antes. Consuelo olhou-o e desviou o olhar, fixando-o nas índias que tiravam a mesa do jantar. Tinha medo de que o padre lesse ressentimento em seus olhos e já não suportava ter de fingir calma diante dele. Assim como estava cada vez mais difícil tolerar os olhares de censura do pai.

— Não, padre, obrigada. Confessei-me em San Francisco, na igreja de Santa Maria. Não tenho tantos pecados assim — finalizou com azedume.

— Consuelo! — ralhou o pai. — Respeite padre Amadeo!

Dom Augustino estivera amuado desde o dia do retorno de Consuelo e ela evitara conversar com ele. No dia anterior, porém, desejando começar a analisar a situação financeira da fazenda, ela escolhera a hora depois da sesta para um confronto. Era o momento do dia em que o pai, descansado, tornava-se mais receptivo.

Passara a manhã com a tia, inventariando os estoques da fazenda e fazendo listas do que era necessário comprar. A maioria dos vaqueiros fora trabalhar com Rafael na mina, assim como alguns índios. O fato a surpreendera, pois os vaqueiros consideravam humilhante trabalhar em algo que não fosse lidar com cavalos e gado. De qualquer forma, havia menos bocas para alimentar na fazenda.

Por fim, chegara o momento de conversar com o pai. Indagara sobre o total das dívidas, perguntando os nomes dos credores. O velho mostrara-se irritado.

— Por que quer saber? Isso não é trabalho de mulher.

— Pode ser, pai, mas sou a única pessoa, agora, que pode dirigir os negócios. O senhor está doente e Felipe...

— Posso estar doente, mas ainda não morri! — o homem gritara. — A fazenda é minha!

— Ninguém está dizendo o contrário, pai. Só quero ajudar.

O velho grunhira alguns desaforos e acendera um charuto com mãos trêmulas. Consuelo olhara-o com tristeza. Compreendera que sua vitória, reunindo e vendendo o gado, ferira terrivelmente o orgulho masculino do pai. Contudo, não podia deixar de agir apenas para aplacar a ira de dom Augustino. Faria o que tinha de ser feito.

— Precisamos pagar as dívidas todas — ela explicara com calma. — Estou a par do valor total dos impostos, mas preciso saber o que mais devemos, e a quem. Julguei que teríamos uma renda estável, com a mina, mas não somos donos dela.

O pai franzira a testa, olhando-a através da cortina de fumaça do charuto.

— Não somos? Por que não?

Consuelo fora sentar-se junto dele, no sofá.

— Papai, lembra-se do dia em que vendeu a baía Estero a Lucas Morgan?

— Claro. Ainda não estou caducando.

— Que tipo de documentos assinou? Quantos papéis eram? — ela perguntara ansiosa. — Faça um esforço para lembrar-se.

O velho ficara um longo tempo em silêncio, fixando a brasa do charuto. Consuelo alarmara-se. A mente do pai anuviava-se com frequência, embora ele preferisse morrer a admitir o fato. Talvez no dia em que assinara o contrato de venda da terra ele não estivesse bem. Confuso, assinaria qualquer papel, sem preocupar-se com o conteúdo. Era doloroso-demais imaginar que Lucas poderia ter-se aproveitado da situação, mas essa não era uma hipótese descartável.

— Assinei um contrato, vendendo parte da propriedade a Lucas Morgan — o fazendeiro explicara afinal, hesitante.

— Foi só isso, pai?

— Eu... eu não me lembro. Havia cópias do contrato, eu acho

— O velho empertigara-se, de repente, olhando-a com severidade.

— Está questionando meus atos?

— Não, pai — ela respondera suavemente. — Só estou querendo descobrir como Bert Lathrop ficou com os direitos sobre os minérios. O senhor e ele discutiram essa transação, antes de vender a terra a Lucas Morgan?

— Lathrop? — o pai balbuciara, encolhendo-se no sofá. — Ele preparou os documentos e eu assinei. Lucas Morgan me deu o dinheiro. Foi só isso.

— Papai...

— Deixe-me em paz, Consuelo. Quero ficar sozinho — O velho gesticulara, como se enxotasse um inseto importuno, — Vá embora.

Ela obedecera, sabendo da inutilidade de insistir. Se ele se mostrasse disposto a cooperar, ela lhe perguntaria sobre o bilhete que Lucas lhe escrevera e que jamais chegara às suas mãos. Mas teria de esperar uma outra oportunidade. Devia contentar-se com o que ouvira e que só servira para confirmar suas suspeitas. Lucas e Lathrop haviam enganado o ingênuo dom Augustino.

— Filha, sempre fui seu confessor — insistiu o padre, tirando-a das reflexões. — Ninguém melhor que eu para orientá-la em seus problemas. Sei que você não cometeria nenhum pecado tenebroso.

Amadeo riu do próprio gracejo, mas Consuelo não achou graça.

— Eu me confessarei, padre, quando achar que devo. E, se está mesmo disposto a me ajudar, anule meu noivado com Ramón Salazar. Não vou me casar com um libertino.

O rosto fino do homem fechou-se em desaprovação.

— Estive na fazenda Santa Lúcia, onde Ramón se recupera do acidente — contou. — Ele confessou seus pecados e eu o absolvi. Se Deus pode perdô-lo, você está errada em não fazer o mesmo.

O velho pároco tomou-a pelo braço e levou-a para a varanda. Fiapos de neblina esvoaçavam pelo pátio e o vento do mar era frio. Consuelo estremeceu, cruzando os braços.

— Ramón quer marcar a data *do* casamento, filha — anunciou o religioso.

Consuelo sentiu-se oprimida. Lutava sozinha contra vários homens que faziam de sua vida um jogo. De um lado, o padre, que a pressionava, desejoso de agradar o rico Ramón. De outro, o pai, que se negava a falar das dívidas e dos credores. Pior que todos eles, porém, era Lucas. Ele brincara com seu coração e seus sentimentos. Jogara com sua felicidade. Arruinara sua vida de todas as

formas.

Para evitar que o desespero a dominasse, ela procurou na alma magoada o ressentimento de que precisava para resistir.

— Pode me condenar ao fogo eterno, padre — declarou, encarando o velho com altivez. — Mas nunca me casarei com Ramón Salazar. Viver com ele seria conhecer o inferno em vida e o senhor seria o responsável!

O rosto do homem empalideceu e ele arregalou os olhos, abalado. Consuelo se insurgia contra a autoridade da Igreja!

— Que Deus a perdoe, Consuelo — murmurou, persignando-se.

— Deus conhece meu coração, padre. Ele me perdoará. Agora, vamos ao que interessa. Diga a Ramón Salazar que não haverá casamento. Nem no Natal, nem nunca! Minha decisão é inabalável.

Antes que ele começasse a ameaçá-la com as penas do inferno, por seu desacato a uma autoridade eclesiástica, Consuelo correu para a cozinha.

Mais tarde, enquanto ajudava no preparo da refeição, ela ouvia o pai e o padre conversando no salão. Dom Augustino falava alto e era evidente que estava furioso. Padre Amadeo apenas murmurava. Passou-se mais de uma hora antes de o pai parar de esbravejar e aparecer na porta da cozinha, olhando-a com raiva.

— Padre Amadeo está indo embora — avisou.

O pároco entrou e caminhou até ela, mantendo uma máscara de benevolência no rosto.

— Vamos rezar o terço por intenção à alma de Ramirez, hoje à noite — desculpou-se. — Por isso, preciso voltar à vila.

— Bem, acho que sua missão aqui na fazenda já terminou — respondeu Consuelo friamente. — Até outro dia, padre.

Ele franziu a testa, agastado com a impertinência.

— Trouxe um recado de Vicente e Angelita para você, Consuelo — comunicou.

— Eles querem que você seja madrinha da criança. O batizado será no próximo domingo, na minha igreja.

Ela sorriu, satisfeita com a honra que os amigos lhe concediam.

— Estarei lá, padre.

Ele não retribuiu o sorriso, olhando-a com firmeza.

— Chegue mais cedo para confessar-se, Consuelo. Precisa da minha absolvição, antes de batizar um inocente.

Ela não respondeu e acompanhou-o até a varanda. Observou o pai descer os degraus para o pátio, indo ao encontro de Sancho, que puxava o cavalo do padre. Seu coração apertou-se quando ela notou como dom Augustino parecia velho e cansado.

Nem se importou com o fato de o pároco ir embora sem uma aceno para ela. Preocupada com o pai' tomou-o pelo braço e ajudou-o a acomodar-se numa cadeira da varanda.

— Papai, o senhor está bem?

Ele recostou-se, fechando os olhos por um momento. Respirava com dificuldade e o rosto, quase arroxeadado, brilhava de suor. Quando tornou a abrir os olhos, fitou Consuelo com tanto ódio que ela recuou, assustada.

— Como posso estar bem, se minha filha desafiou minhas ordens e falou com o padre como uma herege? Oh, *Dios!* Nunca pensei viver para receber a ingratidão de uma filha!

— Papai! Não sou ingrata apenas porque não quero me casar com Ramón! Sempre ficaremos juntos e eu cuidarei do senhor até o fim! — Lágrimas desciam pelo rosto pálido de Consuelo. — Não fale assim comigo, papai!

O velho virou o rosto, ofegante. Aos poucos, a respiração voltou ao normal e as faces perderam a cor rubra.

— Tudo acabará bem, papai — Consuelo prometeu, chorando.

— Não — ele negou num grasnido. — Tudo está perdido. Tudo arruinado, por causa de uma filha desobediente e ingrata. Perdi a fazenda, perdi tudo.

Parecia que o acordo com Lathrop não fora tão fácil quanto ele desejava aparentar.

— Ainda estamos negociando a porcentagem — ele esclareceu. — Ele deseja noventa por cento, mas sabe que isso é absurdo. Por outro lado, se a mina fechar, ele não ganhará nada.

— Noventa por cento era loucura! Consuelo analisou o rosto calmo de Vicente. Teria de confiar na habilidade do amigo para conseguir uma proposta melhor.

— Meu primo Henry acha que muito em breve estaremos produzindo mercúrio refinado — continuou o advogado, lambendo os dedos sujos de açúcar. — Consuelo, gostaria que você cuidasse das folhas de pagamento e da contabilidade geral. Tem boa cabeça para contas e eu estou muito ocupado para me encarregar disso também.

— Vicente! — ela ralhcou, exasperada. — O contrato de arrendamento nem foi assinado, ainda! E se Lathrop não aceitar nossa proposta? Pode ficar com a mina e com todos os melhoramentos que fizemos?

Vicente estendeu a xícara para que Isabel a enchesse novamente.

— Não, ele não pode ficar com nosso equipamento. Entenda, Consuelo, que ele nada tem a ganhar, e tudo a perder, não fazendo negócio. Confie em mim, por favor.

— Muito bem, Vicente — ela concedeu, sabendo que não tinha alternativa. — Espero que o contrato de arrendamento seja suficiente para manter Lathrop na linha.

— É claro que será — ele afirmou, amuado. — Não gosto que duvidem da minha capacidade, Consuelo.

— Não duvido de sua capacidade, seu bobo, mas tenho medo da esperteza do Lathrop.

— Será tudo feito legalmente. Não haverá chance de "espertezas"

— ele garantiu, retirando outro pedaço de massa do prato. — Acho que vou acabar com essas *sopaipillas* tão deliciosas.

Isabel sorriu, satisfeita.

— Coma à vontade, Vicente. Há mais, na cozinha.

— Se até o batizado o contrato estiver pronto, irei para Cambria um dia antes — decidiu Consuelo. — Teremos tempo, então, de discutir o assunto.

Ela experimentava certa tranquilidade, finalmente. A esperança, que parecera perdida, voltava a brilhar, embora debilmente.

— Não gostaria de ir até a mina? — sugeriu o amigo com um sorriso animador.

— Henry quer lhe mostrar tudo o que já foi feito. Tenho certeza de que você ficara entusiasmada. Ah... quando for a Cambria, leve a folha de pagamento dos operários, sim?

— Boa idéia, Vicente! — ela aplaudiu, pousando a xícara. — Irei visitar a mina!

CAPÍTULO XXI

Quando Vicente apareceu na fazenda, na tarde seguinte, Consuelo saudou-o com alegria, imaginando que o amigo trazia boas notícias sobre a questão da mina. Ele estava sorridente e animado, o que era bom sinal. Impaciente, ela esperou que ele trocasse algumas palavras com dom Augustino, que permanecia no leito.

O velho, desde a tarde anterior, falava apenas por monossílabos e se alimentara muito pouco, apesar de todos os esforços de Isabel e Consuelo. Cumprimentou Vicente com indiferença e fechou os olhos, fingindo dormir.

Desconcertado, o amigo reuniu-se a Consuelo, no salão. Sentaram-se diante da lareira e Isabel foi para a cozinha, preparar chá.

— Quer que eu mande o dr. Frame aqui para ver seu pai? — perguntou o advogado com evidente preocupação. — Fie está pior do que estava, quando o vi pela última vez.

— Ontem ele estava bem — ela respondeu, sentindo uma pontada de remorso.

— Até descobrir que eu não me casarei com Ramón e não entregarei o dinheiro do gado em suas mãos.

Pouco depois Isabel entrou com uma bandeja, que colocou numa mesa baixa, diante do fogo. Sentou-se e serviu o chá fumegante em belas xícaras de porcelana. Entregou uma a Vicente, que recompensou-a com um sorriso jovial.

— Obrigado, dona Isabel — agradeceu, olhando gulosamente para o prato de *sopaipillas* quentes. — Não esqueceu que adoro massa frita!

— Vicente! — gritou Consuelo com impaciência. — Não trouxe nenhuma novidade sobre a mina?

Ele pegou uma tira de massa frita coberta de açúcar e saboreou-a sem pressa. Tomou um gole de chá e limpou a boca no guardanapo.

— Falei com Lathrop — disse por fim. — Está não só disposto, como ansioso, por arrendar a mina. Achei a proposta bastante razoável.

O advogado serviu-se de mais *sopaipillas*, ignorando o olhar agastado de Consuelo.

— Como pode ficar comendo, quando estou louca para saber tudo, Vicente? — ela explodiu. — Qual é a proposta daquele ladrão? Que parte "razoável" dos lucros ele quer?

Pelo jeito como a expressão do amigo mudou, Consuelo deduziu

Ele ia dizer alguma coisa, mas olhou para Isabel e silenciou. Pondo mais açúcar no chá, mexeu-o lentamente.

— Ficará para o jantar, Vicente? — a tia quis saber.

— Não, dona Isabel, obrigado. — Ele sorriu amplamente. — Preciso voltar a tempo de ver Miguel acordado. O menino está lindo.

A mulher olhou-o carinhosamente e riu.

— Desejo muita felicidade a vocês e ao bebê, Vicente. Estou ansiosa para conhecê-lo, mas creio que terei de esperar até domingo, o dia do batizado. — Levantou-se, arrumando o avental. — Com sua licença, vou para a cozinha. Preciso decidir o que faremos para o jantar.

— Fique à vontade, dona Isabel.

A mulher saiu e Vicente olhou significativamente para Consuelo. Ela adivinhara que ele desejava falar-lhe a sós e não fora capaz de dominar a tensão que a invadira. Olhou-o desconfiada. Se o amigo começasse a defender Lucas, ela teria de dizer-lhe que não perdesse tempo à toa.

O silêncio prolongou-se entre eles. Vicente terminou o chá e comeu outra *sopaipilla*. Consuelo olhava para o fogo e algo numa chama azulada a fez pensar nos candelabros de cristal do restaurante Delmonico's. Fora um interlúdio de amor e risos, aquele tempo tão curto em San Francisco. Um entreto de sonho, na peça dramática que era sua vida.

Vicente pigarreou e ela sobressaltou-se, como apanhada em falta. Endireitou-se na cadeira e fitou o amigo.

— Falei com Lucas — ele entrou no assunto.

— Suponho que o tenha convidado para o batizado de Miguel — ela comentou, num tom de voz amargo, estranho até para ela mesma.

— Ele é meu amigo, Consuelo. Por que não o convidaria? Sabe... — o advogado

hesitou, quase nervoso com o olhar frio cravado em seu rosto. — Lucas falou com o padre Amadeo e confessou seu desejo de converter-se ao catolicismo.

Ela tornou a olhar para as chamas, incapaz de qualquer comentário, temerosa do que se passava em seu coração. Vicente olhava-a, incerto. Limpou a garganta.

— Lucas me contou que pediu você em casamento.

— Seria muito lisonjeiro para ele, não acha? — ela dardejou. — Todos querem se casar com Consuelo Estrada, Naturalmente, isso nada tem a ver com a fazenda, cujo destino é ser loteada e transformada em pequenos sítios para a criação de gado leiteiro. Ou o chamariz seria o mercúrio no solo de minha propriedade?

Vicente mordeu o lábio, encabulado.

— Eu acho, Consuelo, que Lucas a ama verdadeiramente.

— Ama, é? — ela gritou, agoniada. O coração parecia querer explodir no peito, tal o sofrimento. — Ele é igual a Ramón Salazar! Não tem consciência, nem honra. Ramón, pelo menos...

Calou-se, corando fortemente. Estivera a ponto de dizer que Ramón não a seduzira, como Lucas Morgan. Contudo, sabia que Ramón o faria, se tivesse oportunidade. No caso de Lucas, ela fora para os braços dele por vontade própria. Deixara-se amar e retribuíra ardentemente, naquela primeira vez, às margens do rio Coiote.

E em San Francisco fora para a cama com ele, querendo-o com ardor. Desejara Lucas com a mesma intensidade com que ele a quisera.

E fora traída, enganada. Quando a dor causada por essa perfídia se acalmaria? Nunca, talvez.

À noite, Consuelo sentou-se sob a lâmpada alimentada com óleo de baleia, remendando uma das camisas do pai. Da cozinha chegavam-lhe as vozes de Isabel e Rosa, que conversavam enquanto guardavam a louça. Perto da lareira, dom Augustino cochilava, desabado na poltrona de couro cru. Sonhava, pois sorria, às vezes. Em certos momentos, porém, o rosto envelhecido assumia uma expressão de dor que magoava o coração de Consuelo.

Guiando a agulha, Consuelo pensou em Lucas. Jamais deixaria de pensar nele. E já»sofrera tanto por sua causa! Não podia esquecer o tormento que padecera,

quando ele viajara e ela julgara nunca mais vê-lo. Mas ele voltara e ela conhecera momentos de felicidade esplendorosa nos braços dele. Para tudo acabar novamente e ela afundar-se no desespero. Cega pelas lágrimas, espetou a agulha no dedo e deu um gritinho.

Dom Augustino despertou e olhou-a sem interesse.

— Papai...

Ele não respondeu, mas de repente Consuelo descobriu que precisava saber o que realmente acontecera quando Lucas viajara para alugar um bate-estacas. O bilhete. Fora entregue? Seria outra mentira do traidor?

— Papai, o senhor se lembra daquela vez em que Lucas Morgan viajou? Todos diziam que ele tinha abandonado a construção do cais e partido para sempre.

O velho meneou a cabeça, apático.

— Ele foi a Santa Bárbara, alugar um bate-estacas — ela prosseguiu. — Lembra-se?

Dom Augustino apenas deu de ombros.

— Ele voltou na noite da festa do meu noivado com Ramón — Consuelo insistiu. — O senhor sabia que Lucas queria casar-se comigo, mas me convenceu de que ele tinha ido embora para sempre, traindo minha confiança.

O homem semicerrou os olhos, mantendo o rosto impassível.

— Lucas jura que mandou um bilhete, explicando que se ausentaria, mas voltaria logo — ela continuou. — O índio Soledad, homem de confiança de Lucas, entregou o bilhete ao senhor, porque eu não estava em casa. Lembra-se, pai?

— Eu estava muito doente na ocasião — o velho respondeu. — Não me lembro de nada.

Consuelo foi até ele, impulsionada pela necessidade premente de conhecer a verdade. Se Lucas não mentira a respeito do bilhete...

— Mas Soledad garante que entregou o bilhete, pai. Por que mentiria?

— O índio deve ter perdido o papel — o velho defendeu-se. — Mentiu para não ser punido.

Ela observou o rosto do pai, mas não havia nenhuma expressão que lhe permitisse adivinhar o que se passava em sua mente.

— Recebeu o bilhete, pai? — pressionou, ignorando a explicação. Ele mexeu-se na poltrona, mantendo os olhos semicerrados para não encará-la.

— Não me lembro de nenhum bilhete e de nenhum índio. Eu estava doente, Consuelo — choramingou, tomado de autopiedade. — Ainda estou muito doente. Não me torture com perguntas. Eu não me lembro de nada. e?

Consuelo suspirou. Por que achava que o pai mentia e Lucas, que provara ser capaz de trair e enganar, dissera a verdade?

Tinha de acreditar em dom Augustino, Por que o velho destruiria o bilhete? Simplesmente porque fora enviado por Lucas? O pai não lia nada que fosse escrito em inglês. Não teria motivos para desconfiar que havia uma ligação amorosa entre ela e Lucas.

Não. O pai dizia a verdade. O mentiroso era Lucas Morgan. Sempre fora. Partira para Santa Bárbara sem uma palavra, pouco se incomodando com ela, que quase morrera de desespero, julgando-se seduzida e abandonada.

Afinal, por que tanto empenho em saber se o bilhete fora recebido, ou não? O que houvera entre ela e Lucas acabara. Nada modificaria esse fato. O que ela precisava era aprender a viver sem Lucas, a parar de se martirizar por um sonho morto.

Atirou a camisa na mesa e saiu para a varanda envolta pelo vento perfumado de mar e eucalipto. Olhou para as árvores esguias, de longas ramagens verdes e ondulantes. Agitadas pelo vento, pareciam murmurar o nome de Lucas.

Ficou longo tempo de pé, na escuridão. Só quando não suportou mais o frio, entrou, sabendo que nunca poderia arrancar do coração a lembrança de Lucas Morgan.

CAPITULO XXII

Uma nuvem de fumaça subia das colinas douradas, dissipando-se entre os últimos retalhos de neblina da manhã. Consuelo sabia o que significava a fumaça subindo para o céu azul. A fornalha da mina fora acesa! Exultante, ela instigou a égua Mirlo a ir mais depressa e o animal rompeu num galope vivo.

Só parou no alto do morro mais alto, para olhar a cena desenrolada na ravina rochosa da mina *Espana*.

Fumaça negra subia de uma chaminé de ferro encravada numa construção retangular de tijolos que era a fornalha. Henry trabalhara depressa e pusera o equipamento em funcionamento antes do prazo previsto!

Ansiosa para chegar ao local, dirigiu a égua pela encosta abaixo, captando cada detalhe dos arredores da mina. Viu uma longa mesa de madeira sem polimento perto da fornalha, onde trabalhavam vários chineses. Com rapidez e eficiência, separavam manualmente o minério a ser refinado. Seus compridos rabichos batiam-lhe nas costas protegidas por túnicas escuras.

Ao redor da boca do túnel que entrava pela montanha, erguiam-se toscas cabanas de toras. Eram os alojamentos dos operários. Havia madeira empilhada ao longo de um barracão que abrigava a cozinha, dirigida por um chinês, que no momento mexia um caldeirão de proporções gigantescas. O cheiro de ensopado de carne misturava-se ao odor acre de madeira queimando. Num ponto mais afastado, três homens rachavam a lenha destinada a alimentar a fornalha.

Consuelo parou no fim da trilha para observar dois carros baixos e desconjuntados, puxados por burros. Parados na entrada da mina, recebiam o minério trazido por uma fila infundável de mexicanos, carregando embornais de couro. Quando ficaram cheios, fizeram o curto percurso até a mesa de seleção.

Consuelo ouvira dizer que os chineses recusavam-se a trabalhar no interior da terra, depois que uma mina dos arredores desabara e matara vinte de seus compatriotas. Desse modo, os mineiros eram sempre mexicanos, ou californianos, como preferiam ser chamados. Aproximando-se, Consuelo reconheceu diversos homens da fazenda Estrada entre os trabalhadores.

Rafael saiu da mina protegendo os olhos da claridade do sol com as mãos. Viu Consuelo e correu para ela, com um sorriso largo no rosto sujo, ajudando-a a descer da égua.

Por um instante, ela pensou que o velho fosse abraçá-la, mas ele conteve o entusiasmo e limitou-se a fazer uma curvatura diante dela, tirando o chapéu.

— Henry está lá na fornalha, senhorita — informou sorridente. — Ele ficará feliz em vê-la. Vicente prometeu que a senhorita cuidaria da contabilidade, uma coisa que Henry odeia fazer. Até agora, quem está controlando, tudo sou eu.

— Que bom, Rafael! — ela exclamou, mas estava surpresa, pois sabia que o homem era analfabeto.

— A senhorita deve estar imaginando como faço isso, porque não sei ler, nem escrever — ele comentou.

— É verdade, Rafael. Como consegue?

— Os mineiros são pagos por saco de minério. Dei um número a cada um e marco os sacos com cortes num pedaço de madeira. Um pedaço para cada homem. Os chineses recebem por dia, o que facilita tudo — o homem explicou com orgulho, amarrando a égua numa estaca. — Vai almoçar aqui, senhorita?

— Talvez... — ela hesitou, olhando para o cozinheiro. Rafael deu uma gargalhada.

— Pode ficar tranqüila, srta. Consuelo. Este é muito melhor que Lee Sing.

Consuelo riu, lembrando-se do chinês impertinente que acompanhara a boiada.

— Srta. Consuelo Estrada! — alguém chamou-a.

Ela olhou na direção da voz e viu Henry Rios, que se aproximava, limpando as mãos no avental de lona. Cumprimentaram-se e começaram a conversar. Rafael pediu licença para voltar ao trabalho, alegando que precisava vigiar os mais preguiçosos.

Henry levou Consuelo para a cozinha, onde sentaram-se à mesa rústica, toda manchada e cortada.

— Nunca trabalhei com minério tão rico — declarou o experiente mineiro. — Estou admirado com o que encontramos aqui.

— Isso é muito bom, Henry. Muito bom, mesmo.

— Se tudo continuar indo bem, poderemos despachar o carregamento inaugural logo depois do primeiro do ano — ele previu, sorrindo para ela. — O trabalho preliminar foi mais rápido do que eu imaginei.

Consuelo suspirou, aliviada. Os problemas referentes aos títulos de propriedade seriam resolvidos por Vicente. Havia dinheiro suficiente para começar a mineração e o refinamento de cinabarita. Já não parecia tão insano sonhar com algum lucro, afinal. Se Lathrop não exorbitasse nas exigências, tudo acabaria bem.

Por um instante, Consuelo pensou em Lucas, refletindo que para ela nunca

mais estaria tudo bem. Com determinação, porém, afastou o pensamento, continuando a conversar com Henry. Por fim, desenrolou as folhas de pagamento que Vicente lhe mandara e começou a escrever os nomes dos operários, que Henry ia ditando. Os homens iriam receber os salários no escritório de Vicente, em Cambria. Não eram raros os assaltos aos pagadores a caminho das minas, o que levava o advogado a estabelecer um método mais seguro. No dia anterior, ele fizera Consuelo prometer que iria à mina semanalmente, pegaria os registros feitos por Rafael e Henry e calcularia os salários. Depois, ela teria de entregar as folhas a Vicente, que faria o pagamento através de uma conta aberta em nome da mina, no banco.

— Irei a Cambria amanhã, para o batizado de Miguel — ela contou. — Levarei as folhas para Vicente.

— Meu primo está todo orgulhoso daquele garoto — comentou o mineiro com um sorriso complacente. — Já está fazendo planos, dizendo que Miguel terá a melhor educação possível.

— Nada mais natural — observou Consuelo. — Se Vicente fosse muito pobre não poderia planejar nada, mas felizmente ele está se saindo muito bem.

— Se está! — concordou o homem. — Vicente era o mais raquítico da família, um fracote que vivia apanhando dos irmãos e do primo. Mas sempre possuiu uma força que os outros não tinham: vontade de sair da pobreza, de ser alguém. Pagou os próprios estudos, trabalhando como um desesperado. Ele...

Consuelo jamais saberia o que Henry tencionara dizer, porque naquele instante o cozinheiro começou a bater na chaleira de ferro com uma grande colher, anunciando o almoço.

Os mineiros e os chineses da seleção foram para o barracão em pequenos grupos, para que o trabalho não fosse interrompido. Quando uns voltavam para suas tarefas, outros iam comer. Rafael chegou com o terceiro grupo. Sorriu para Consuelo orgulhosamente, mostrando-lhe os pedaços de madeira onde marcava a produção dos companheiros.

— Mesmo usando esse método, Rafael, é necessário saber fazer contas, para obter o total — ela considerou. — Onde aprendeu a contar?

— Ora, senhorita, não sei! Só sei que sempre contei cabeças de gado — ele respondeu em tom ligeiramente defensivo.

Depois de limpar o prato de estanho, pegando o resto de molho com um pedaço

de pão, o velho vaqueiro se pôs a falar da viagem a San Francisco. Por fim, quis saber detalhes da estada de Consuelo na cidade grande.

- Teve alguma dificuldade em encontrar a pensão, senhorita?
- Nenhuma, Rafael — ela garantiu, sem poder controlar o rubor.
- Não teve medo de ficar sozinha, num lugar desconhecido?
- Não — ela respondeu laconicamente, detestando ter de fingir.
- O sr. Lucas Morgan ficou em San Francisco também, não foi?
- insistiu o velho. — Aposto como cuidou da senhorita. É um cavalheiro.
- O sr. Morgan foi muito gentil e prestativo — ela assegurou cautelosamente.
- Eu sabia que seria. Do contrário, não a teria confiado a ele — afirmou o vaqueiro. — Por favor, senhorita, diga a Rosa que irei para casa no domingo.

Levantou-se, juntou os pedaços de madeira e saiu apressado do barracão. Henry seguiu-o com os olhos, rindo afetuosamente.

— O velho trabalha mais do que todos, aqui — revelou. — Tem uma disposição invejável.

Consuelo imaginou que Rafael voltara a ficar feliz com a própria vida. De vaqueiro-chefe, passara a simples trabalhador de quintal, devido às dificuldades enfrentadas pela família Estrada. A posição de comando, na mina, fazia com que ele sentisse orgulho de si mesmo.

Cerca de meia hora depois, Consuelo despediu-se de Henry. Ele ajudou-a a montar e, quando a viu acomodada no lombo de Mirlo, retirou um pequeno frasco do bolso. Dentro, luzia um líquido prateado: mercúrio.

— Achei que você gostaria de guardar uma lembrança da primeira refinação efetuada na mina *Espana* — disse, entregando o vidrinho a ela.

Consuelo virou o frasco para ver o movimento fluido do líquido brilhante. Mercúrio. Azougue. O produto que, nos sonhos dela, a livrara para sempre da pobreza e das dívidas. A realidade mostrara-se diferente, mas era melhor pouco, que nada. Guardou o vidro no bolso da saia.

— Obrigada, Henry — ela agradeceu com um sorriso. — Agora posso acreditar que tudo é real.

Cavalgando de volta para casa, depois de olhar longamente para o céu azul e

sem nuvens, ela retirou o frasco de mercúrio do bolso. Era quase inacreditável que um líquido prateado, limpo e reluzente, saísse da terra vermelha. Ela não sabia explicar como acontecia, mas lá estava a prova de um dos milagres da natureza.

Recolocou o vidrinho no bolso, sorrindo ao pensar que no dia seguinte iria a Cambria, para o batizado do filhinho de Vicente e Angelita. O sorriso morreu, quando lembrou-se de que Lucas também fora convidado. Pensou no que Vicente dissera, sobre Lucas estar se preparando para a conversão à fé católica. Nisso, pelo menos, ele estava sendo sincero. Tornava-se católico porque realmente aceitara a religião e não apenas para poder casar-se com Consuelo. Depois de tudo o que ela descobrira, os dois jamais se casariam.

Ela fechou os olhos, torturada, quando as palavras cruéis que dirigira a ele, na casa de Vicente, soaram-lhe na mente, como uma acusação. Talvez ela houvesse exagerado, mas Lucas merecera. Afinal, ele a traíra. Era ladrão e mentiroso.

Seria terrível voltar a vê-lo e manter-se calma, fingindo que não o amava, que seu coração não fora mortalmente ferido.

Na noite anterior ela se mudara para o quarto que pertencera a Felipe. O pai fora contra a idéia, pois, de acordo com as normas californianas, uma jovem solteira não dormia sozinha. A tia, que sempre dividira o quarto com ela, parecera compreender suas razões e não erguera nenhuma objeção. Pelo contrário, até apaziguara a fúria de dom Augustino.

Desse modo, »sós entre quatro paredes silenciosas, Consuelo pudera chorar, desabafando toda sua dor, até adormecer, exausta. Acordara de madrugada, ouvindo o sussurro do vento nos eucaliptos. O cheiro agradável das árvores permeava o ar do aposento, trazendo, como sempre acontecia, recordações de Lucas.

Ele dormira naquela cama, durante o tempo em que permanecera na fazenda. Estrada. Ela imaginou-o ainda ali, estendido a seu lado, abraçando-a, beijando-a com ternura e paixão. A pulsação de sutil masculinidade vibrava em suas coxas, despertando um desejo que a enfraquecia.

Lutando contra a armadilha de sua imaginação, Consuelo soltou um grito abafado e sentou-se na cama. Escondeu o rosto nas mãos chorou longamente, lamentando a felicidade perdida.

Chegando à fazenda, de volta da mina, Consuelo gelou ao ver o cavalo de

Ramón amarrado no pátio. Reuniu coragem, dizendo a si mesma que teria de enfrentá-lo, mais cedo, ou mais tarde. Uma pessoa tão orgulhosa, prepotente e egocêntrica, jamais aceitaria passivamente que alguém contrariasse seus desejos. E Consuelo ousara repudiá-lo! Ele devia estar furioso também com o padre Amadeo, que não conseguira fazê-la mudar de idéia. Padre Amadeo. Outro egoísta, bajulador de quem pudesse ser-lhe útil. Consuelo não entendia como o velho pároco pudera fechar os olhos ao sórdido comportamento de Ramón em San Juan Bautista. Amadeo não considerara o escândalo motivo válido para o rompimento do noivado. Que o padre se danasse, juntamente com seu protegido.

Ela teria de lidar sozinha com a desagradável situação. O pai não estava bem, mas mesmo que estivesse, não ficaria do lado dela. Tia Isabel detestava Ramón, mas era mulher. Não tinha o direito de opinar. Pobre tia, sempre submissa e servil. Embora só nos últimos tempos exibisse afeição por Consuelo, dando-lhe apoio, sempre fizera o possível para cuidar bem da família, suprimindo todas as suas necessidades.

Consuelo decidira que, assim que a mina produzisse, a tia teria uma participação nos lucros. E faria o que bem entendesse com seu dinheiro.

Sancho, o menino que trabalhava no estábulo, achava-se escarranchado no lombo do cavalo de Ramón, um atrevimento que lhe custaria uns tabefes, se o fazendeiro vizinho o visse. Escorregou para o chão apressadamente ao ver Consuelo chegar. Ela desceu da égua e entregou-lhe as rédeas.

— Leve Mirlo para o estábulo e cuide dela — ordenou. — E fique longe do cavalo de Ramón.

O garoto corou e apressou-se em cumprir as ordens recebidas.

Andando para a casa, Consuelo ouviu as vozes do pai e de Ramón. Os dois conversavam no salão. Ela entrou na varanda e dirigiu-se para o quarto, para tirar o pesado poncho. Tia Isabel devia estar na cozinha, terminado o período da sesta. De qualquer forma, Consuelo teria de confrontar-se sozinha com o pai e o ex-noivo. O problema era dela e de mais ninguém.

Tirou o poncho e penteou o cabelo, voltando devagar pela varanda, desejando inutilmente adiar o difícil momento. Na distância, o mar erguia-se em ondas espumantes, quebrando nos rochedos. A fria brisa marinha aumentava a sensação de gelo que oprimia o coração de Consuelo.

Ela parou na porta do salão. Os dois homens bebiam conhaque, mas não pareciam nada alegres ou descontraídos. Ela gemeu baixinho, prevendo que estava para envolver-se num dos confrontos mais difíceis de sua vida.

— Ah, chegou minha pequena mineira! — exclamou o ex-noivo, com zombaria.

Ele não se levantou para recebê-la, olhando-a com raiva contida. Parecia mais magro e pálido, mas o caráter voluntarioso não se abatera. Consuelo achara que o ferimento fora muito grave, mas não devia ter sido, do contrário ele não se restabeleceria tão depressa.

Ela apertou os lábios, olhando-o com frieza. Não sabia o que dizer. Se abrisse a boca para dirigir-se a Ramón, desandaria numa enxurrada de impropérios, atitude desonrosa para uma dama.

— Papai — chamou por fim. O velho fitou-a com um sorriso conciliador, talvez imaginando que ela, pressionada pelo ex-noivo, se rendesse aos seus desejos. — Está melhor, pelo que vejo. Até se levantou da cama!

— Ramón sempre consegue me animar — o velho declarou, piscando para o companheiro. Recostou-se na poltrona e estendeu o copo para Consuelo. — Encha meu copo, menina.

Ela olhou indecisa para a garrafa de conhaque, já pela metade. Foi até a mesa e pegou-a, colocando um pouco do líquido no copo do pai. Ramón levantou-se e tirou-lhe a garrafa das mãos, enchendo o próprio copo até a borda. Ela notou que o ferimento ainda devia incomodá-lo, porque ele sentou-se com cuidado, segurando o flanco esquerdo.

Ele a olhava fixamente, com expressão de maldade. Consuelo perguntou-se como um dia pudera achá-lo bonito e chegar a repreender-se por não corresponder às suas atenções.

— Vim para marcar a data de nosso casamento, *muchacha mia* — ele avisou com uma risada arrogante.

Consuelo detectou alguma incerteza nos olhos escuros e sua coragem cresceu.

— Não haverá casamento, Ramón — ela declarou com convicção. — E nem entendo como pode me encarar, depois do que aconteceu em San Juan Bautista. Você não tem nenhuma vergonha?

Ele ficou lívido. Por alguns instantes, permaneceu mudo.

— Você é uma criança, Consuelo — conseguiu murmurar finalmente. — Não

sabe nada das necessidades de um homem. Você me excita os sentidos, mas é virgem. Não pode me dar o que desejo. Só me resta procurar satisfação com outras mulheres.

— Inclusive mulheres casadas — ela alteou a voz, agressiva. — Não é de admirar que um marido enganado o tenha querido matar. O ferimento sarou, Ramón? Não foi tão grave assim, foi? Você merecia coisa pior.

— Sua cadela! — ele berrou, saltando da cadeira e erguendo a mão como se fosse esbofeteá-la.

— Bata, covarde — ela desafiou.

Branco como cera, ele deu um passo para ela, mas dominou-se, deixando pender a mão agressora.

— Cadelinha ordinária — xingou, por entre os dentes cerrados de fúria. — Quer aquele inglês vagabundo, não é? Os de sua própria raça não servem para você.

Consuelo empalideceu. Ele a tocara no ponto mais sensível. À menção de Lucas, ela sentiu um aperto no peito. Mas não podia fraquejar e deixar que Ramón a vencesse. Respirou fundo, encarando o adversário com desprezo.

— Eu vou lhe dizer uma coisa, Ramón. Guarde bem minhas palavras na memória, porque não vou mudar de idéia. Jamais me casarei com um verme como você. Vá embora de minha casa e nunca mais apareça.

Toda a cor desaparecera do rosto de dom Augustino, que acompanhava a discussão, horrorizado.

— Ramón, ela... ela está nervosa... — o velho gaguejou. — Falarei com minha filha a sós... Ela...

— Chega, papai! — Consuelo gritou, virando-se para ele com indignação. — Está tentando me vender a Ramón, para nos salvar da ruína que o senhor mesmo causou. Mas não me casarei com ele. Prefiro morrer!

Ramón acabou de beber o conhaque num único gole. Já controlado, encarava Consuelo com ar zombeteiro. Com gestos deliberadamente lentos, retirou um maço de papéis do bolso interno do casaco.

— Estas são as notas promissórias que seu pai assinou, Consuelo. Quer somar tudo e ver quanto os Estrada me devem?

Atônita, ela pegou as notas. Os dedos, de repente gelados, estavam

entorpecidos, e ela teve dificuldade em manusear os papéis. Somando mentalmente, descobriu que a quantia era enorme.

Ramón riu, malévolo.

— A dívida ficará sem efeito no dia do nosso casamento — prometeu. — Se não se casar comigo...

A ameaça ficou suspensa no ar, como uma nuvem de tempestade, negra e opressiva.

— Pelo menos o senhor não estava me vendendo barato, papai — Consuelo murmurou num fio de voz.

O velho virou o rosto, incapaz de suportar-lhe o olhar, mas ela não sentiu a mínima compaixão por ele. Até acreditava no amor do pai por ela, mas sabia que a paixão pelo jogo o havia superado. Tudo era insignificante, comparado ao vício que o dominava completamente. Até a felicidade da própria filha.

Ela inspirou longamente, tentando fugir da sensação de sufocamento.

— Tenho o dinheiro da venda do gado, Ramón — explicou numa voz que não parecia a sua. — Amanhã, irei a Cambria e pegarei um cheque no banco, para pagar o que meu pai lhe deve.

Ela não conhecia o total exato da dívida. Talvez não houvesse dinheiro suficiente para saldá-la. Muito provavelmente, não conseguiria um empréstimo para completar a quantia, mas não ia revelar isso a Ramón Salazar. Blefando, estava ganhando tempo.

O sorriso insolente desapareceu do rosto do ex-noivo, que praguejou baixinho, surpreso e irado.

— Maldita mentirosa! Sei que investiu todo o dinheiro na mina!

— Sabe? — ela desafiou. — E quem lhe contou? Não aprendeu ainda que não se deve acreditar em bisbilhotices, Ramón Salazar? Saldarei as dívidas de meu pai. É uma questão de honra.

Dom Augustino emitiu um soluço abafado, mas Consuelo nem olhou para ele. Que o pai chorasse a desgraça que ele mesmo provocara. Que Ramón se remoessse de ódio. Os dois a haviam encurralado e ela estava disposta a lutar sozinha, com todas as suas forças. Que a matassem, se quisessem, mas ela não se renderia aos seus desejos.

— Eu lhe mandarei o cheque, dom Ramón — afirmou com voz trêmula de raiva. — Agora, vá embora. E nunca mais ponha os pés na fazenda Estrada, está me ouvindo? Nunca mais!

Depositou as notas promissórias na mão estendida de Ramón e olhou rapidamente para o pai. O velho chorava, escondendo o rosto nas mãos. Encolhido na enorme poltrona, perdera toda a pose de grande senhor.

— Você vai pagar muito caro por tudo que me fez, Consuelo — avisou o ex-noivo, guardando os papéis no bolso. — Ninguém zomba de Ramón Salazar!

Ela passou por ele, dirigindo-se para a varanda. Não respondeu, ignorando a ameaça.

— Você é uma cachorra — ele insultou. — Mas de nada adianta querer fugir de mim. Eu a terei, para fazê-la arrepender-se de ter desafiado um homem. Serei seu dono, assim como da fazenda e de sua preciosa mina!

Consuelo conseguiu chegar ao quarto, embora as pernas fraquejassem. Desabou na cama, banhada em lágrimas. Pegou o terço que conservava embaixo do travesseiro e começou a desfiar as contas. Ave Maria, cheia de graça...

Rezou até que seu coração reencontrasse alguma paz.

CAPITULO XXIII

A pequena lareira escavada em uma das paredes da igreja de Santa Rosa oferecia pouco calor na fria manhã de inverno. Bancos duros de madeira enfileiravam-se no acanhado recinto retangular, banhado pela luz mortiça das velas. A fraca claridade do dia mal atravessava as seis janelas envidraçadas, três de cada lado. No altar, círios altos, de chamas trêmulas, iluminavam a imagem da Virgem.

O altar, doado por Ramón Salazar, era exageradamente entalhado, tornando-se de um luxo deslocado no ambiente simples. A toalha de renda que o recobria fora doada pela velha senhora irlandesa, que a tecera à mão, uma arte trazida de sua terra distante. Atrás do altar, na parede, o Cristo de madeira agonizava em sua cruz.

A missa terminara e Consuelo continuava sentada, esperando para tomar parte da cerimônia do batizado. A seu lado, Isabel permanecia ajoelhada, orando longamente.

O padre Amadeo desceu os degraus do altar, seguido por um coroinha, que levava a bacia de água benta e uma toalha de linho pendurada no braço. Num gesto imperioso, o pároco ergueu a mão, chamando Vicente e Angelita. Consuelo levantou-se e seguiu-os, caminhando junto do sócio de Vicente, o advogado Domingos Pujol, que seria o padrinho do bebê. Ele e a esposa vinham de San Luis Obispo, onde ficava o outro escritório de advocacia.

Angelita colocou o calmo Miguel nos braços de Consuelo, que sorriu ao vê-lo tão gracioso em seu camisolão branco de cambraia e rendas.

O padre sorriu beatificamente para o grupo. Mergulhou os dedos na bacia de porcelana que o coroinha lhe apresentou e fez o sinal da cruz na testa do bebê. Miguel franziu o rostinho, como se fosse chorar, mas logo se acalmou.

— Eu te batizo, Miguel Vicente Sebastián de la Guerra Rios — declamou o padre em tom dramático — em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Miguel mexeu-se no colo e Consuelo aconchegou-o contra o peito.

Depois de enxugar os dedos na toalha de linho, o sacerdote voltou ao altar para oferecer a hóstia a todos os participantes. Consuelo entregou Miguel a Angelita, pois o menino começara a chorar.

Só calou quando a mãe, acabando de comungar, sentou-se num banco e ofereceu-lhe o seio.

Consuelo evitou o olhar de padre Amadeo ao receber a hóstia. Com a consciência pesada, achava que ele leria a culpa em seus olhos. Afinal, comungava sem primeiro confessar-se ao pároco de sua igreja. Ela se desculpava, repetindo mentalmente que se confessara em San Francisco. E o que fizera depois, ofendendo Lucas e enfrentando Ramón, não considerava absolutamente pecado.

Virou-se para voltar ao seu lugar e deparou com os olhos azuis de Lucas, fixos em seu rosto. Ela sabia que ele estaria na igreja e procurara preparar-se para o encontro. Mas não adivinhara que seria tão poderosa a emoção que a assaltou. Ela ainda o amava. Seria tolice negar. E ele também a queria. Havia amor e mágoa nos olhos expressivos que perscrutavam os seus.

Trêmula, ela deslizou para seu lugar no banco. Não conseguiu rezar, pensando no que teria de suportar a seguir. Haveria uma recepção na casa de Vicente e Angelita Rios. Muita gente participaria da festa, parentes e amigos vindos de perto e de longe para a cerimônia. Lucas também iria para lá, naturalmente, e ela não sabia onde encontraria forças para atravessar várias horas junto dele.

Na frente da igreja, que se erguia numa colina, dominando a vila de Cambria, Lucas olhava para Consuelo. Ela tomava as rédeas dos animais que puxavam a charrete, depois de acomodar-se junto do pai e da tia. Ele a adorava tanto que era impossível que o amor não transparecesse em seu olhar. E ela estava esplendorosa, com a mantilha de renda, presa por um pente de tartaruga, a emoldura-lhe o rosto lindo.

Contudo, apesar de amá-la com desespero, ele ficara profundamente magoado com suas suspeitas. Consuelo julgara-o capaz de falcatrias, acusando-o de conspirar com Lathrop para roubar-lhe os direitos sobre os minérios da baía Estero. Ela não conseguia confiar nele. Por quê? Porque ele era inglês?

Veze sem conta, Lucas voltara a pensar no dia em que fora ao banco para comprar a faixa de terra de dom Augustino. Contudo, não descobrira de que maneira o gerente, Bert Lathrop, tornara-se proprietário dos direitos sobre as riquezas minerais do lugar. O fato era que isso acontecera. Uma sujeira, ele concordava, mas da qual não participara, como Consuelo acreditava.

Enquanto olhava para ela, enlevado, a brisa agitou a mantilha, fazendo-a colar-se à pele aveludada do rosto moreno. Lembrando-se do calor e da suavidade daquela pele maravilhosa, Lucas tomou uma decisão. Não ia resignar-se a sofrer por amor. Tinha de reconquistar Consuelo, ganhar sua confiança. De alguma forma, por mais difícil que fosse, descobriria toda a verdade sobre Lathrop, provando sua inocência.

— *Senor Morgan!* — Lucas virou-se para seu empregado que o chamava, abrindo caminho entre as pessoas que deixavam a igreja.

— Preciso falar com o senhor!

Lucas olhou mais uma vez para Consuelo, antes que o índio exigisse sua atenção.

— O que foi, Soledad? Não ia trabalhar na casa, hoje?

O infatigável índio estava construindo uma casa para a família num lote de terra que Lucas lhe dera, perto do cais. Aproveitava restos de madeira e de todo

o material possível, dedicando todo o tempo disponível à construção.

— Os pregos acabaram, senhor — o homem explicou, embaraçado. — Não me lembrei de lhe dizer, ontem. Agora não posso trabalhar e odeio perder um dia inteiro! Será que o senhor...

— Espere — Lucas tirou um chaveiro do bolso e separou uma das chaves, que entregou ao empregado. — É a chave do armazém. Pode entrar lá e pegar quantos pregos precisar.

— *Gracias, senhor.* Vou contar os pregos, para repor depois.

— Não é necessário — Lucas disse rindo, mas o homem já se afastava, quase correndo.

Percebeu que a charrete da família de Consuelo já partira. Com um suspiro, começou a descer a colina, rumo à casa de Vicente. Alcançou um grupo de conhecidos e foi conversando com eles, mas seu pensamento estava com Consuelo. Precisava encontrar uma maneira de falar com ela, a sós.

Sentada, muito rígida, na charrete, Consuelo esperava que o pai acabasse de falar com um velho conhecido que os fizera parar para uma troca de cumprimentos. Foi assim que viu Lucas descendo o morro a pé, conversando com algumas pessoas. Enciumada, pensou que ela era quem devia estar andando com ele. Desceriam a colina abraçados, olhando-se nos olhos, absorvidos em seu amor. Tolice. O relacionamento entre eles fora encerrado definitivamente.

De súbito, percebeu que a tia olhava fixamente para o índio Soledad, que montado a cavalo, parará para falar com dois homens. Não acharia a atitude de Isabel tão estranha, se a mulher não empalidescesse e começasse a respirar com dificuldade. O índio prosseguiu seu caminho e Isabel acompanhou-o com os olhos, magnetizada.

— Tia — chamou Consuelo, apertando a mão gelada da mulher.

— O que foi? Não está se sentindo bem?

Isabel sobressaltou-se, como se fosse arrancada violentamente de um transe, Corou e apertou os lábios com nervosismo,

— Por que não estaria? — replicou com certa aspereza. — Até quando Augustino ficará conversando? Vamos nos atrasar para a recepção.

— Não há hora marcada, tia.

Finalmente, o pai despediu-se do conhecido e Consuelo bateu de leve com as rédeas nos lombos dos cavalos, estalando a língua para animá-los a andar. A charrete se pôs em movimento e ela olhou para a tia, sentindo-lhe a extrema tensão. Não atinava com o motivo da brusca mudança de comportamento de Isabel, mas era evidente que a mulher ficara perturbada ao ver o índio Soledad.

Depois de cumprimentar todos os convidados para o batizado, Consuelo disse a Vicente que precisava falar com ele a sós. O advogado levou-a para um pequeno quarto ao lado da sala, que ele usava como escritório, e fechou a porta.

— Qual é o problema, Consuelo?

Ela contou-lhe sobre a visita de Ramón e revelou o total exorbitante da dívida que dom Augustino contraía com ele, no jogo de cartas.

— Meu Deus, Consuelo! — exclamou o amigo. — Isso é uma loucura. Nem sei o que lhe dizer.

— Não é loucura. É a pura verdade — ela afirmou com tristeza. — Infelizmente.

— Mas como seu pai perdeu tanto?

Apavorada com a idéia de que o vício do pai pudesse tê-los arruinado irremediavelmente, ela demorou a responder.

— Não sei — murmurou por fim. — Acho que perdeu o controle, quando Ramón garantiu que perdoaria toda a dívida, no dia em que eu me casasse com ele.

— Mas isso é horrível. Dom Augustino... — o advogado interrompeu-se, talvez restando uma crítica acerba. — Consuelo, você não será capaz de pagar tudo isso. De acordo com suas instruções, transferi todo o dinheiro, menos quinhentos dólares, para a conta da mina *Espana*.

— Eu sei. Foi isso o que decidi. Agora, não sei o que fazer.

— Quer que eu retire o dinheiro da mina? — ele ofereceu.

O coração de Consuelo apertou-se dolorosamente. A mina era sua única esperança de soerguimento. Mesmo que Lathrop ficasse com a maior parte, na divisão de lucros, ela não devia perder sua cota.

— Não, não — respondeu angustiada, limpando a garganta seca, antes de prosseguir: — Prometi a Ramón que pagaria tudo e ele, eu penso, esperará um pouco. Se você falar com ele, talvez consiga um acordo. Ofereça uma parte das

terras da fazenda...

Começou a chorar, incapaz de reprimir a angústia.

— Consuelo... Não chore, por favor — pediu o amigo. — Há sempre uma saída para tudo nesta vida.

— Já não acredito tanto nisso, Vicente. Mas não quero perder minha parte na mina. É tudo o que tenho, para garantir o futuro da minha família. Acertou a porcentagem com Lathrop?

Vicente tomou-lhe a mão e apertou-a, solidário.

— Ele está se mostrando extremamente ganancioso e ainda não chegamos a um acordo. Mas confie em mim e não se preocupe com isso, agora. O mais importante, no momento, é acertar as contas com Ramón Salazar.

— Falará com ele em meu lugar? — ela implorou. — Não posso voltar a vê-lo. Ele me 'faz mal.

— Naturalmente que falarei — o amigo prometeu. — Não posso prever o resultado, porque Ramón não é uma pessoa sensata. Escutei falar que ele se embebedou, ontem, numa taberna e gabou-se de ter rompido o noivado com você. Disse que jamais se casaria com uma mulher que se comporta como um homem, conduzindo boiadas por aí.

Ela enxugou as lágrimas.

— Pouco me importa o que ele fala de mim. Só quero que desapareça de minha vida para sempre.

Risos alegres de mais gente que chegava para a festa, lembrou-os de que deviam voltar para a sala. Vicente deu uma palmadinha no ombro de Consuelo e abriu a porta.

— Esqueça os problemas por hoje, menina. Alegre-se. Por Miguel.

O sol conseguira romper a pesada camada de nuvens e o dia tornou-se claro e agradável. Os convidados espalharam-se pelo jardim, acomodando-se em bancos de madeira, para conversar. Angelita e as outras mulheres arrumaram os pratos trazidos por amigos e parentes na mesa da sala de jantar. O aroma tentador elevava-se das travessas de carne assada, batatas cozidas, *tamales*, e dos tigelões de feijão com carne de porco e macarrão com molho.

Fora estabelecido que cada um se serviria e iria comer onde quisesse, o que

tornara a refeição agradavelmente informal.

Lucas sorriu ao fazer o prato, pensando que as iguarias refletiam as diferentes origens das pessoas que habitavam a região. Essa diversidade era uma das características da costa central que mais o atraía. Italianos, mexicanos, irlandeses, índios e mesmo americanos, olhados com certa reserva pelos nativos, conviviam em paz, influenciando-se mutuamente.

O povo do lugar o respeitava, por tudo o que ele estava construindo. Era proprietário de um porto e uma vila começava a formar-se nas cercanias. A gente do lugar já chamava o vilarejo nascente de "Vila de Morgan". Algo de que se orgulhar, realmente. Era uma pena que a mãe não pudesse vê-lo, erguendo-se vitorioso de um cenário de pobreza e marginalidade. O velho sonho de riqueza e consideração transformava-se lentamente em realidade.

Contudo, o fato perdia boa parte de seu encanto, quando ele pensava que outro sonho, mais precioso, se perdera nas mãos despóticas do destino. Riqueza seria uma vitória fria, sem a presença de Consuelo a seu lado.

Acabou de encher o prato e virou-se, vendo Consuelo sair com Vicente do escritório. No rosto desanimado de Consuelo, sobressaíam-se as faces excessivamente vermelhas. Ela estava perturbada, mas por quê? Mais notícias ruins? Era imperioso falar com ela. Faria o possível para que confiasse nele, acreditando que nunca fora traída.

Esforçando-se para esconder a tristeza que a entrevista com Vicente lhe causara, Consuelo sorria, conversando com amigos e conhecidos, à medida que abria caminho na sala de jantar apinhada. Parou para admirar Miguel, que adormecera no berço levado para a sala, e continuou andando à procura da tia e do pai. Ficou satisfeita ao descobrir que Isabel conseguira arranjar uma cadeira para dom Augustino. O velho mantinha-se ereto, parecendo cansado, mas satisfeito com as atenções que as pessoas lhe dispensavam. No momento, via-se cercado por vários fazendeiros e suas mulheres, gente empobrecida, mas ainda orgulhosa do nome e de suas origens aristocráticas.

Consuelo surpreendeu-se quando viu Lucas parar ao lado de Isabel e os dois iniciarem uma conversa animada. A tia nunca falava demais, no entanto, para espanto de Consuelo, estava falando muito mais que Lucas. Onde fora encontrar tanto assunto? Pelo menos parecia esquecida do abalo que experimentara ao ver o índio Soledad. Outro mistério que Consuelo estava decidida a desvendar.

Dom Augustino chamou a atenção da irmã para um casal de meia idade que os fora cumprimentar. Isabel virou-se para os recém-chegados e Lucas fixou o olhar em Consuelo.

Um calor estranho, como se uma chama se acendesse em seu íntimo, a fez ofegar. Estavam separados por vários metros, mas ela o sentia perto, sentia a mesma emoção que experimentava quando se abraçavam, nus e ansiosos.

— Consuelo... — o padre murmurou-lhe ao ouvido, assustando-a.

Ela desviou o olhar do rosto de Lucas, fitando o padre com certa animosidade. Instintivamente, reunia defesas contra o homem que desejava vê-la casada com Ramón, ignorando o fato de que ela seria infeliz.

— Quer falar comigo, padre Amadeo?

Ele sorriu para ela com bondade, o que a surpreendeu. Podia estar enganada, mas achava que o pároco mostrava-se contrito.

— Quero, filha. Ramón veio falar comigo, ontem à noite. Estava muito irado e, acredito, bastante embriagado — o padre cochichou, forçando-a a inclinar-se para ele. — Se é isso mesmo o que quer, Consuelo, anunciarei a anulação do noivado, no próximo domingo.

— Obrigada, padre — ela sussurrou, pegando a mão enrugada do homem e beijando-a com gratidão.

Ela sofrerá mais do que chegara a perceber, com a falta de compreensão de seu guia espiritual de tantos anos. Padre Amadeo jamais admitiria que estivera errado, mas isso não importava. Era óbvio que compreendera a situação e isso bastava. O sacerdote sorriu benevolente.

— Lucas Morgan pediu-me que o preparasse para o batismo — revelou. — Deseja converter-se à nossa fé. Espere que toda a congregação, e especialmente você, o recebam de braços abertos.

Alguém o chamou e o padre afastou-se. Consuelo refletiu sobre o que ouvira. "Espero que toda a congregação, e especialmente você, o recebam de braços abertos". Especialmente você. A implicação era evidente. Pelo jeito, todo o condado sabia do que se passava entre Lucas Morgan e Consuelo Estrada.

Distraída, Consuelo não percebeu que Lucas saíra de junto de Isabel e fora até ela.

— Posso falar com você em particular?

Ela estremeceu. Reconheceria aquela voz em qualquer lugar, não importando o tempo que transcorresse. Ela a reconheceria depois de uma eternidade, no céu, no inferno, em qualquer parte.

Ficou imóvel, controlando-se. Era uma verdadeira tortura senti-lo tão perto, lembrar-se do paraíso compartilhado e, ao mesmo tempo, saber que ele não merecia, nunca merecera seu amor. Entretanto, agonia maior era reconhecer que ainda o queria.

— Em particular? — ela ironizou, abrangendo com um gesto a sala repleta. — Pede o impossível.

— Lá fora, no jardim — ele sugeriu. — Há gente lá, mas estão mais interessadas na comida e no vinho do que em nós.

Lucas depositou o prato pela metade numa mesinha e pegou-a pelo braço, gentilmente. O contato fez Consuelo estremecer. Ela pensou em resistir, negando-se a acompanhá-lo, mas do jeito como Lucas a segurava pelo braço, era melhor render-se. Chamariam a atenção de todos, se ela tentasse se desvencilhar e ele não a soltasse.

Abrindo caminho pela saía, Lucas conduziu-a ao quintal, atravessando a cozinha. Consuelo seguia-o, meio entorpecida e tropeçou nos degraus da porta dos fundos, pois as pernas ameaçavam dobrar.

A brisa soprava do mar, vencendo o obstáculo dos morros. Balançava suavemente as ramagens verde-escuras dos eucaliptos alinhados no fundo do quintal, espalhando seu perfume. Consuelo segurou um dos ramos, analisando com atenção fora de propósito as folhas compridas e resistentes. Era-lhe impossível olhar para Lucas.

— Você foi injusta comigo, Consuelo — ele começou, hesitante.

— Fui? — ela perguntou, sarcástica. — Você é um santo, com certeza. O empréstimo que conseguiu com Lathrop foi um de seus milagres?

— Foi um empréstimo como qualquer outro — ele se defendeu. — O gerente aprovou a garantia que lhe ofereci. Por que não pergunta a ele?

Ela riu, amarga.

— Perguntar a ele? Mas chega a ser cômico! Vocês foram cúmplices num negócio sujo.

— Consuelo!

— Por que me aborrece, Lucas Morgan? Já não conseguiu o que desejava?

Ele respirou fundo, refletindo sobre o que mais poderia dizer, se ela se recusava a lhe dar até mesmo o benefício da dúvida.

— Perguntou a seu pai a respeito do bilhete que mandei a você, antes de partir para Santa Bárbara? — indagou por fim.

Ela arrancou algumas folhas do ramo, amassando-as entre os dedos. Continuava a evitar o olhar de Lucas. De cabeça baixa, fitava as botas dele, cuidadosamente engraxadas. Ele vestia o mesmo terno que usara em San Francisco. Ela sufocou as lembranças que o fato despertava.

— Papai disse que não se lembrava de nada — respondeu secamente.

— Muito cômodo, não acha? — ele atacou.

— Meu pai estava doente! — ela quase gritou, prestes a perder o controle sobre os nervos.

— Então, se ele não se lembra, por que não acredita em mim?

Ela permaneceu calada, pois passara a acreditar nele. Quando descobrira a dívida enorme do pai, conscientizara-se de que dom Augustino desejava vê-la casada com Ramón a todo custo. Tivera um motivo para destruir o bilhete. Fizera-o deliberadamente, para separá-la de Lucas.

O silêncio estendeu-se penosamente, enquanto Lucas aguardava uma resposta.

— Trouxe algo para lhe entregar — ela informou, tirando do bolso da saia o colar de pérolas embrulhado no lenço chinês. — Ia deixar com Vicente, mas já que estamos conversando... Calou-se, olhando-o pela primeira vez. Nos olhos negros havia um brilho de desafio. Obrigou-o a pegar o lenço.

— Dei-lhe estas coisas de presente, Consuelo. O lenço e o colar são seus.

— Não quero nada de você. Deixei a blusa com Vicente.

— Ele me entregou — Lucas respondeu com voz magoada, mas ensaiando um sorriso. — Receio que não seja de nenhuma utilidade para mim. E ficava tão bem em você, meu amor!

— Pare! — ela gritou, virando-se de costas. — Não fale de amor! Não tem esse direito, depois que me enganou tão desavergonhadamente!

— Eu não a enganei, Consuelo — ele declarou, sereno. — No fundo de seu coração, você deve saber que não trai sua confiança. Assim como deve saber

que amo você com todas as minhas forças.

Consuelo virou-se, encarando-o com frieza. Ele abriu os braços, esperando que ela desse o passo que o tornaria o mais feliz dos homens.

Ela tremia, controlando-se para não se atirar nos braços fortes. Bastaria um passo e todo seu sofrimento estaria terminado. Mas não podia. Lucas Morgan era um mentiroso.

— Ah, você está aí! — alguém gritou da porta da cozinha. Consuelo olhou e viu, atônita, o gordo gerente do banco, Bert Lathrop. O homem sorriu e desceu os degraus, caminhando para eles.

— Estava procurando você, Lucas — explicou. — Temos assuntos urgentes a tratar.

Lançou um olhar indiferente para Consuelo, que fitava Lucas com indisfarçado rancor.

— Mentiroso! — ela sibilou. — Mentiroso! Canalha!

Sob o olhar divertido de Lathrop, correu para dentro da casa.

CAPITULO XXIV

Naquele dia, Consuelo levava as folhas de pagamento para Vicente e ficara em Cambria para almoçar com os amigos.

Depois da refeição, enquanto tomavam café, ela decidiu que precisava pressionar o advogado. Em sua opinião, o gerente do banco estava demorando muito para definir a questão da porcentagem sobre a produção da mina.

— Lathrop está protelando a decisão deliberadamente — ela desabafou. — Enquanto isso, estamos operando a mina com nosso dinheiro.

— Concordo com você — resmungou Vicente. Já redigira vários contratos de arrendamento para a apreciação do gerente, que não aprovara nenhum. — Ele está ganhando tempo, mas não sei qual sua intenção.

— Está tramando alguma coisa — aventou Consuelo. — Talvez não queira arrendar.

— Ele só tem a ganhar com o arrendamento — afirmou o amigo. — Não terá trabalho nenhum e ficará com a porcentagem que estabelecer, desde que não seja absurda.

— E se for?

— Não seja pessimista — o advogado repreendeu-a. — E acalme-se, porque falarei com Lathrop assim que ele retornar de San Francisco. Dessa vez ele assinará o contrato.

Consuelo olhou-o, cética, mas não insistiu. Sabia que Angelita não gostava quando as discussões se prolongavam e a amiga logo voltaria do quarto, onde fora trocar o bebê.

— Falou com Ramón? — perguntou, mudando de assunto.

— Não. Isolou-se na fazenda e ninguém o vê, desde o Natal — respondeu o amigo, brincando com a colherinha de café. — Não se preocupe com ele, Consuelo. A mina despachará o primeiro carregamento de mercúrio, amanhã. Você terá dinheiro suficiente para pagá-lo, muito em breve.

— Terei, se Lathrop deixar alguma coisa para nós — ela observou, azeda.

Viu o amigo franzir a testa, preocupado, e desconfiou que, apesar de seu otimismo, ele não tinha certeza de conseguir um contrato vantajoso. Contudo, decidira esquecer o assunto.

— Disse a Henry que vou acompanhar pessoalmente a entrega do mercúrio — ela anunciou. Vicente riu, finalmente descontraído.

— Não quer perder nada, não é? Não lhe tiro a razão. É nosso primeiro despacho. Fim de uma etapa e início de outra.

Consuelo riu também e tomaram café em silêncio.

— Como vai seu pai? — perguntou o amigo, depois de alguns instantes. — Está melhor?

— Queria que ele viesse comigo, hoje — ela contou com tristeza.

— E ele não quis.

— Não.

Dom Augustino vivia diante da lareira, jogando paciência. Às vezes ordenava que Sancho, o garoto encarregado do estábulo, fosse lhe fazer companhia. Jogavam dama e o velho estava ensinando alguns jogos de cartas ao menino. O

resto do tempo, preferia ficar sozinho. Ela fora convidá-lo para ir à vila e ele respondera que o passeio não lhe interessava.

Na verdade, nada mais lhe despertava o interesse. Desde o Natal, por algum desequilíbrio psicológico, passara a comportar-se como se ainda fosse um rico senhor. Comprara presentes para todo o pessoal da fazenda e blusas ricamente bordadas para Consuelo e Isabel, mandando que Lull, o dono da loja, pusesse tudo na conta da fazenda. As blusas foram devolvidas, mas a conta bancária sofrera um sério desfalque, quando Consuelo tirara dinheiro para pagar os presentes.

Ela repreendera o pai, pedindo-lhe que não fizesse mais extravagâncias, mas o velho limitara-se a olhá-la com altivez e isolar-se no silêncio.

Pensando no Natal, Consuelo lembrou-se de Lucas, que mandara o índio Soledad à fazenda, com a cabia da loja Cidade de Paris e um bilhete.

Em lágrimas, ela abriu a caixa e encontrara a blusa, o lenço de seda e o colar de pérolas. Lera o bilhete chorando, mas o lançara ao fogo em seguida. Contudo, as palavras de Lucas permaneceram gravadas em sua mente.

Estes são os presentes que lhe dei, Consuelo. Por favor, fique com eles, sabendo que representam meu amor por você. Meu amor não mudou e nunca mudará. Continua o mesmo, forte, apesar de sofrido. Estou esperando que você descubra que pode confiar em mim. Embora a ame apaixonadamente, não irei à sua procura. Você deve dar o primeiro passo, confiando em mim. Seu, para sempre, Lucas Morgan.

Enxugara as lágrimas, esforçando-se para ser corajosa diante de mais aquele reavivamento de sua dor e guardara a caixa no baú.

Saíra do quarto a tempo de ver Soledad já na estrada, de volta à baía. Na cozinha, Rosa lhe dissera que dera de comer ao índio.

— Ele morava aqui na fazenda, antes de o pais morrerem — acrescentara. — Era um menino muito bom.

Voltando à varanda, Consuelo vira a tia, que acompanhava o vulto distante com o olhar, alheia ao vento frio e úmido que lhe açoitava o rosto.

A beleza do dia envolveu Consuelo, quando ela saiu de Cambria, rumando para a estrada litorânea. Durante os meses de dezembro e janeiro as chuvas foram constantes, enlameando as estradas e obrigando os moradores da fazenda a restringir suas viagens. Mas as tempestades hibernais beneficiavam a

vegetação e as colinas mostravam-se cobertas de verde brilhante. Com a chegada de fevereiro, o tempo ficara mais quente e as flores silvestres começavam a desabrochar, pontilhando os morros de púrpura, alaranjado e amarelo. Por toda a parte surgiam as corolas aveludadas das papoulas selvagens e das margaridas do campo.

Não era à toa que tanta gente ambicionava possuir a bela terra. O representante de George Hearst fora à fazenda para falar com dom Augustino, que felizmente se negara a vender a propriedade. Consuelo sentia-se mais animada, raciocinando que, não tendo de pagar Ramón imediatamente, o dinheiro do gado supriria as necessidades da fazenda até que a mina comesse a produzir. Começava a acreditar que não. seria necessário vender a propriedade para saldar as dívidas.

Distraída, deixando a égua seguir a passo lento, Consuelo tomou o caminho da direita ao chegar ao cruzamento da estrada do litoral com a da ponte.

Um pouco adiante, tomou a trilha coberta de mato e viu-se ao pé do morro que formava o Cabo da China. No alto, meio escondida pelos eucaliptos, surgia a antiga casa de pedra, quase totalmente arruinada.

Consuelo fez Mirlo parar, descobrindo, de repente, que saíra do caminho mais curto para casa. Olhou para o alto do morro. De lá, poderia ver o cais de Lucas. Incapaz de conter-se, guiou a égua pela trilha que subia a colina.

Muitos anos atrás, um chinês solitário vivera no cabo, dedicando-se a juntar algas marinhas, secá-las e mandá-las para a China, onde eram muito apreciadas. Um dia, ele simplesmente desaparecera, fazendo os habitantes da região supor que voltara para seu país de origem. Ninguém reclamara a propriedade e a casa ficara abandonada.

No fim da trilha, Consuelo desceu do animal e, depois de amarrá-lo a uma árvore, andou até a borda da elevação rochosa. A maré alta produzia ondas gigantescas, que se dissolviam em espuma ao bater com estrondo na encosta. Ela deslizou o olhar pela baía, até divisar o porto de Lucas.

Na distância, os operários trabalhando na construção do cais assemelhavam-se a marionetes, movendo-se de um lado para outro, minúsculas e ágeis. Consuelo, sem perceber a futilidade de seus esforços, apertava os olhos, tentando distinguir o vulto de Lucas. Talvez ele nem estivesse lá.

O cais estendia-se, entrando pelo mar. Mesmo de longe, era possível ver que a

plataforma estava quase pronta. Restavam poucas estacas descobertas, emergindo da água azul.

Vicente dissera que o cais estaria em pleno funcionamento quando a primavera chegasse. Lucas conseguira realizar seu sonho. Seria um homem rico e influente. Teria um porto, um grande armazém e até uma vila com seu nome. Muita coisa, para quem saíra do nada. Fortunas não surgiam por passe de mágica. Ninguém passava clã pobreza à riqueza tão depressa, sendo honesto. Mas Lucas Morgan não era honesto, ela pensou com amargura.

Irritada consigo mesma, imaginou por que se torturava, pensando em Lucas. Que espécie de estúpida era, cultivando a saudade, sofrendo por alguém que não merecia? Voltou a montar e desceu a colina quase a galope.

Os operários da mina encheram o carroção de palha, forrando cuidadosamente o piso e as laterais altas de madeira. Depois, arrumaram os seis engradados que levavam os vidros de trinta e oito quilos, cada um, de mercúrio.

Consuelo acompanhava o trabalho, o primeiro despacho do produto da mina *Espana*. Levantara-se mais cedo que de costume e fora para a mina, ansiosa por participar daquele momento inesquecível.

Henry sorria entusiasmado, ao subir na boléia e tomar as rédeas nas mãos. Os mineiros estavam contentes, rodeando o pesado carro. Seus comentários animados e risos davam ao lugar uma aparência festiva, como se fosse feriado e todos se preparassem para um baile.

Até os empregados chineses, mais comedidos e sérios, juntaram-se aos companheiros, desejando, aos gritos, uma boa viagem a Henry e Consuelo. Ela seguia na frente do carroção para certificar-se de que outros veículos não bloqueavam a trilha estreita.

O sol brilhava no céu muito azul e moitas floridas margeavam o caminho. Um dia perfeito, ela refletiu. Até a pequena égua parecia satisfeita, trotando com animação ao longo da trilha.

Contudo, o coração de Consuelo não estava em harmonia com a beleza do dia. Ao contrário, apertava-se, tenso e angustiado. Já fazia quase dois meses que não via Lucas, mas as recordações dos momentos de amor não desapareciam, por mais que ela tentasse bani-las da mente. E dentro em pouco teria de encará-lo. Não sabia como reagiria ao vê-lo, mas pretendia ser fria e falar exclusivamente de negócios, como se nunca tivessem sido amantes.

Vicente os esperava diante do armazém, no Cais do Morgan. O rosto, mais simpático que bonito, iluminava-se com um sorriso esfuziante. Ajudou Consuelo a descer da montaria e abraçou-a, entusiasmado.

— Nosso primeiro embarque! — cantarolou, sorrindo para as pessoas que os olhavam, curiosas.

Era "dia de navio" e o pátio fronteiro do armazém, assim como o cais, mostravam-se atravancados. Carroções lotados de mercadorias disputavam espaço com mulas carregadas de fardos e comerciantes preocupados com o desembarque de suas encomendas, trazidas pelo vapor. Um navio, o *Vento do Oeste*, já partira, bem cedo, e o *Electra* era esperado no período da tarde. Isso provava que o empreendimento de Lucas estava fadado ao sucesso.

Pelas portas abertas do armazém, Consuelo via Lucas atrás do balcão, emitindo recibos e recebendo as taxas de despacho. A dor familiar alojou-se em seu peito enquanto ela o fitava, lutando contra o impulso de ir até ele e abraçá-lo.

Apressada, guiou Mirlo até o local reservado para animais e amarrou-a a uma argola livre. Felizmente Lucas ainda não vira. Ela precisava de tempo para acalmar-se e assumir uma postura fria, de quem fora ali estritamente por assuntos comerciais.

O único carregamento de mercúrio do dia era o da mina *Espana*. Vicente e Henry andavam ao redor do carroção como pavões orgulhosos, recebendo satisfeitos as congratulações de amigos e conhecidos. Consuelo voltou para junto deles e naquele instante alguém começou a gritar, anunciando a chegada do navio.

Em confusão, as pessoas correram para a praia, querendo assistir à atracação do vapor. O cais ainda não entrara bastante pelo mar para permitir que a embarcação fundeasse junto dele. Soledad e seus homens foram ao encontro dele, a bordo do barco usado para o transporte de mercadorias.

Consuelo não saiu do lugar, zonha com tanto movimento. Assustou-se quando uma carruagem luzidia passou por ela. Olhou para o condutor e viu o gerente do banco, Bert Lathrop. Certamente voltara da viagem a San Francisco a bordo do *Vento do Oeste*, que chegara de manhã. Ela imaginou se ele fora ao cais para assinar o contrato de arrendamento da mina. Fingindo que não o vira, ela deu alguns passos para a praia, colocando-se na ponta dos pés para observar a manobra do navio.

De repente, vozes alteradas ergueram-se de um ponto perto do armazém, chamando-lhe a atenção. Vicente confrontava-se com Lathrop. O rosto, geralmente plácido, mostrava-se lívido e transtornado pela fúria. Henry segurava as rédeas dos animais que puxavam o carroção, olhando a cena com raiva e espanto.

As surpresas do dia não haviam terminado. Para desespero de Consuelo, Ramón, montado em seu belo garanhão, postara-se ao lado do carroção. Ele também assistia à discussão, com um sorriso arrogante no rosto. Abalada, ela teve a sensação de que estavam à beira de um desastre. Algo muito grave acontecia.

Correu para o carroção, mas parou de súbito. O xerife Haines acompanhava Lathrop. Vencendo a apreensão, aproximou-se de Vicente, pegando-o pelo braço.

— O que aconteceu? — perguntou aflita.

Os olhos do advogado não se desviaram do rosto do gerente.

— Esse desgraçado! — insultou, por entre os dentes. — Esse ladrão do Lathrop! Alega que é dono do mercúrio que extraímos, porque possuiu os direitos sobre os minérios da terra!

Com um sorriso sarcástico, o gerente sacudiu os papéis que segurava na mão gorda.

— Ainda bem que voltei de San Francisco a tempo de impedir esse roubo! — declarou. — E é a mim que chamam de ladrão!

— O que está dizendo? — berrou o advogado, fora de si. — Nós assinamos um acordo. Ficaríamos com o produto da exploração da mina e você teria uma porcentagem sobre os lucros!

Lathrop deu de ombros.

— Um acordo? Um pedaço de papel inútil, Vicente Rios! — anunciou, sorrindo para Ramón, que se reunira a ele. — Meu sócio e eu estamos apenas exigindo o que é nosso: o mercúrio.

— Não! — gritou Consuelo, indignada. — Você concordou com um arrendamento e nos incentivou a continuar com os trabalhos de mineração.

Ramón deu uma risada zombeteira.

— O contrato de arrendamento foi assinado? — indagou.

— Desculpe, srta. Estrada — o xerife interferiu. — O sr. Lathrop e o sr. Salazar têm os documentos que provam que são eles os proprietários dos direitos de extração de minérios. Foi tudo registrado em San Luis Obispo.

O representante da lei recitara seu discurso olhando para Lathrop e Ramón com ar carrancudo. Consuelo achou que ele não parecia muito convencido a respeito do assunto.

— Xerife... — ela começou, hesitante. — Eu... Nós...

— Já chega de conversa — o ex-noivo interrompeu-a, grosseiro. — O mercúrio que vai ser embarcado é nosso. — Vocês o extraíram ilegalmente e temos ordem judicial para confiscá-lo.

Henry saltou do carroção e sacudiu o punho no ar, possesso de raiva.

— Quero que o diabo me leve, se eu permitir! — gritou avançando para o gerente.

Ramón se interpôs e imediatamente dois de seus vaqueiros puseram-se junto dele.

— O bandido e seus capangas — murmurou Consuelo, mas não foi ouvida, em meio aos impropérios trocados pelos homens envolvidos na discussão.

Lathrop escondeu-se atrás do xerife como uma galinha assustada, quando Henry tentou mais uma vez alcançá-lo.

— Já chega, Henry — ordenou o xerife. — Não adianta nada usar de violência. A lei está do lado deles e não há nada que você possa fazer.

— Veremos — sibilou o advogado, rubro de raiva. — O carregamento é nosso! A lei pode estar do lado deles, porque foi entortada. Mas isso não vai ficar assim!

— O juiz decidiu que o mercúrio é deles — objetou o xerife. — Estou cumprindo ordens, apenas.

A impressão de Consuelo fora confirmada. O xerife não devotava nenhuma simpatia aos dois canalhas.

O gerente do banco empertigou-se todo e olhou de cima para Vicente, que era ainda mais baixo.

— Quando o velho Estrada vendeu a propriedade a Lucas Morgan, comprei os

direitos sobre os minérios separadamente — explicou com ar de desprezo. — Ramón tornou-se meu sócio, quando a mina foi descoberta. E vocês não tem nem um contrato de arrendamento. Quanto ao acordo que foi assinado, não me custará nada invalidá-lo.

Ramón jurara vingar-se dela, Consuelo refletiu, atônita com o rumo tomado pelos acontecimentos.

— Você é um ladrão, um mentiroso! — o advogado insultou aos gritos. — Vou provar isso, Lathrop, nem que seja a última coisa que eu faça.

Os olhos de Ramón brilhavam de triunfo ao pousarem no rosto pálido de Consuelo. Depois, ele olhou para o advogado com um sorriso maldoso.

— Eu sempre quis quebrar sua cara, Vicente — confessou. — A sua e a de seus aristocráticos parentes sem um centavo no bolso e muita empáfia.

Com um urro de ódio, Vicente atacou-o. Os dois rolaram na areia e o miúdo advogado socou o rosto surpreso de Ramón. Os dois vaqueiros seguraram Henry pelos braços, impedindo-o de ajudar o primo. Antes que Ramón pudesse devolver os golpes, o xerife agarrou Vicente, prendendo-lhe os braços atrás das costas. Falou com Ramón em tom baixo, querendo aplacar sua agressividade, enquanto os vaqueiros soltavam Henry, que correu para o lado de Consuelo.

— O que vamos fazer agora? — lamentou-se o mineiro. Lathrop fora jogado ao chão, quando Vicente atacara Ramón.

Levantou-se, sacudindo a areia das calças e sorrindo para a multidão que se amontoara para ver a briga.

— Sou dono da mina de mercúrio mais rica do distrito de Cambria — jactou-se.

— Queremos ver os documentos — exigiu Consuelo.

Vicente soltou-se do xerife com um repelão e estendeu a mão, esperando que Lathrop lhe entregasse os papéis.

Muito satisfeito consigo mesmo, o gerente abriu os documentos para que Vicente e Consuelo os lessem em suas mãos.

De fato, havia a assinatura de dom Augustino no documento que entregava a Lathrop todos os direitos sobre os minérios da baía Estero. Outro papel estabelecia legalmente a sociedade de Bertram Lathrop e Ramón Salazar. Por fim, um mandado de apreensão do mercúrio extraído fora assinado por um juiz de San Luis Obispo.

Consuelo sentiu-se doente de desespero. A verdade era cruel demais. O pai vendera os direitos a Bert Lathrop, um inglês nojento. Por possuir a ingenuidade conferida aos homens de bem, incapazes de enganar o próximo, Vicente confiara demais em Lathrop, aceitando suas desculpas para não assinar com presteza o contrato de arrendamento.

Como lobos esfaimados, o gerente e Ramón ficaram à espreita, esperando para desferir o golpe mortal quando o mercúrio estivesse pronto para ser despachado, uma prova de que a mina era produtiva.

— Pagaremos todas as benfeitorias que vocês fizeram na mina — prontificou-se o gerente com ar benevolente. — Esqueceremos que foram meros invasores.

Consuelo não respondeu, entregue a seus pensamentos. Lucas estivera presente quando dom Augustino assinara a venda da faixa ao longo da baía. Contudo, ele alegara não ter conhecimento de que os direitos sobre os minérios haviam sido transferidos. Ela olhou em volta, procurando-o. Viu-o no barco que mais uma vez partia na direção do *Electra*.

— Lucas Morgan estava junto, quando meu pai assinou a venda dos direitos de mineração? — ela perguntou ao gerente.

— Naturalmente — o homem respondeu, dobrando os documentos e guardando-os no bolso interno do casaco. — Não fez objeções à transação e eu assumi que já acertara tudo com o sr. Estrada.

— Dom Augustino Estrada — corrigiu Consuelo. — Meu pai tem um título de nobreza.

— Que seja — acedeu o gerente, dando de ombros. — Seu pai estava muito contente, quando vendeu a faixa de terra a Lucas Morgan. Os dois ficaram muito satisfeitos.

Lathrop disse a última frase sugestivamente e Consuelo teve todas as suas suspeitas contra Lucas confirmadas.

Ramón ordenou que seus homens descarregassem o carroção de mercúrio e Henry assistiu à operação, fumegando de raiva.

— Não podemos deixar que esses porcos roubem nosso mercúrio! Precisamos fazer alguma coisa, Consuelo!

— Não toquem nesses engradados! — ela gritou para os vaqueiros. — Xerife!

O xerife foi até ela, acompanhado por Vicente.

— Não há nada a fazer, senhorita. Eles têm uma ordem judicial. Sou obrigado a garantir os direitos deles.

Ela girou nos calcanhares, dirigindo-se para o armazém, já vazio. Ouvia Vicente e Henry discutindo com o xerife, enquanto olhava para o vapor. O barco de Lucas já fora descarregado e recebia carga e passageiros do navio.

A despeito de todos os protestos de inocência, Lucas participara da venda dos direitos de mineração. Sua recompensa fora um polpudo empréstimo bancário a juros baixos e com prazo longo.

Ela procurou rapidamente na pilha de notificações de embarque sobre o balcão. Encontrou o que especificava seis engradados de vidros de mercúrio. O espaço para o nome do cliente estava em branco. Lucas estivera envolvido também naquela última canalhice.

Ela mordeu o lábio para não gritar de desespero. "Eu te amava tanto, Lucas! Confiei em você, esquecida de que não se deve confiar em um inglês. Nunca!"

Pegou um lápis e escreveu o nome da mina *Espana* no espaço em branco. Lucas já deixara a notificação assinada, ela notou satisfeita. Arrancou a primeira via e guardou-a no bolso da saia.

Quando saiu do armazém, Vicente correu para ela, completamente abatido.

— Não há o que discutir, Consuelo, diante de uma ordem judicial. Seremos obrigados a permitir que Lathrop despache o mercúrio, mas quero a notificação de embarque para provar que houve disputa sobre a propriedade da mercadoria.

Sem uma palavra, ela mostrou-lhe a notificação roubada.

— Ótimo — ele aprovou, pegando o papel e colocando-o no bolso.

— Lucas sabia de tudo — ela observou, desejando que o amigo negasse.

Mas o rosto de Vicente fechou-se, enquanto uma sombra de amargura passava por seus olhos escuros.

— Não quero acreditar nisso, sem primeiro falar com ele, Consuelo.

— Eu também preciso conversar com aquele traidor — ela declarou, correndo para o meio da multidão que observava a chegada do barco à praia.

Ela nem se importou com a areia molhada que lhe entrava nos sapatos e grudava-se na barra da saia. Os passageiros, um casal com um menino,

afastavam-se pela praia. Lucas ajudava os empregados a descarregar caixas e barris, que eram levados para um carro baixo puxado por mulas.

Ele virou-se e a viu. Um sorriso esboçou-se nos lábios firmes, mas desapareceu quando ele viu a expressão agitada de Consuelo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou.

— Nunca vai parar de mentir? — ela acusou, ofegante. — Por que diz isso, Consuelo? O que está acontecendo?

— Ramón e Lathrop apareceram aqui com uma ordem judicial para confiscar o mercúrio que extraímos e refinamos. Não finja que não sabia de nada!

Os empregados o chamaram, pedindo instruções, mas Lucas dispensou-os com um gesto impaciente, tornando a olhar para Consuelo.

— Não acredito no que estou ouvindo! — exclamou.

— Não? Você estava presente, quando meu pai vendeu os direitos de mineração a Lathrop. Não pode alegar que não sabia!

Ele abriu os braços, expressando sua perplexidade.

— De que me acusa, exatamente, Consuelo?

— De conspirar com Lathrop para enganar meu pai. De mentir para mim e para Vicente, ajudando Lathrop a roubar nossa mina em troca de um empréstimo. Sabia que Ramón também estava metido na história? Naturalmente que sim! E eu pensava que você o desprezava!

— Nada disso é verdade! — ele gritou, atônito. — Por Deus do céu, Consuelo, até quando será incapaz de confiar em mim?

Ela torceu os lábios com desdém.

— Fui uma idiota em confiar em você, um inglês mentiroso e ávido por dinheiro, como todos os outros! Mais idiota ainda, em me apaixonar por um patife!

— Consuelo...

Ele estendeu a mão para tocá-la, mas ela recuou.

— Eu sabia que você não prestava, desde o dia em que descobri que havia roubado o dinheiro da companhia de navegação. Mas preferi não enxergar a verdade. Fui uma completa estúpida! Agora, estou pagando pelo meu erro.

CAPITULO XXV

Vicente pegou as folhas de pagamento que Consuelo fora levar-lhe e olhou-a com certa apreensão.

— Teremos de comparecer diante do juiz de San Luis Obispo — comunicou. — Mande um mensageiro falar com o juiz Murray, pedindo uma audiência para o mais breve possível.

Henry fechara a mina até que fosse esclarecida a questão da propriedade. Aquelas folhas de pagamento eram as últimas, para tristeza de todos, sócios e empregados. Rafael ficaria como vigilante, para evitar roubo de equipamento e problemas com posseiros. Os outros já haviam partido e iriam receber os salários em Cambría, como de costume.

Vicente mexeu nas pilhas de papel em sua escrivaninha e fez um gesto impaciente.

— Foi uma pena que seu pai estivesse tão louco para pôr as mãos no dinheiro que Lucas lhe oferecia pelas terras! Se não fosse por isso, teria esperado que eu voltasse para efetuar a transação. Nada disso teria acontecido.

— Meu pai foi enganado — ela murmurou. — Ele jura que não assinou documento algum passando os direitos para Lathrop. Lucas estava junto. Tem de saber o que aconteceu realmente.

— Já discutimos isso à exaustão, Consuelo — o advogado lembrou-a, aborrecido. — Ele afirma que não sabia de nada. Acredito nele. E não entendo por que você insiste em acusá-lo.

— Talvez você feche os olhos porque tem negócios com ele — ela desferiu.

Vicente olhou-a, chocado e furioso, fazendo-a arrepender-se do impulso mesquinho de feri-lo. Ele meneou a cabeça com ar de profunda incredulidade.

Ansiosa por fugir da situação desagradável, Consuelo recolheu o poncho das costas de uma cadeira.

— Quer que meu pai também vá à audiência com o juiz? Vicente continuou a fitá-la em silêncio, por alguns instantes.

— Ele terá de ir — respondeu finalmente. — Para prestar depoimento. Iremos em minha carruagem e passaremos a noite na casa dos pais de Angelita.

— Está bem.

— Consuelo... — ele fez uma pausa, hesitando. — Quanto a Lucas...

Sabendo que precisava escapar da persistência do amigo em defender Lucas, antes que tornasse a ofendê-lo, Consuelo dirigiu-se para a porta.

— Dê um abraço em Angelita por mim. Irei ver Miguel na terça-feira.

Vicente permaneceu de pé, atrás da escrivaninha, com expressão sombria, olhando para a porta que se fechava atrás dela.

Consuelo foi buscar Mirlo na estrebaria e dirigiu-se imediatamente para a rua Bridge, que levava à estrada para o litoral. Experimentava uma sensação de vazio. Poderia ter ido almoçar com Angelita, mas prometera a Isabel que voltaria para a fazenda o mais cedo possível.

Pensando na tia, Consuelo franziu a testa, preocupada. O comportamento da mulher mudara drasticamente nos últimos tempos. Desde o Natal, mostrava-se distante, como se vivesse recordando o passado. Consuelo rezeira que a tia estivesse doente, mas tranqüilizara-se ao ver que ela continuava a dirigir a casa com a mesma eficiência de sempre. Era um pensamento estranho, mas concluía que Isabel agia automaticamente, mantendo-se longe de tudo, como se o espírito estivesse em outro lugar.

Naquela manhã, enquanto Sancho arreava Mirlo, Isabel aparecera no estábulo vestida numa roupa de montar antiquada e cheirando a mofo.

— Também vou — anunciara para pasmo de Consuelo. — Peça a Sancho para arrear um cavalo para mim.

Consuelo sorria satisfeita, apesar de surpresa.

— Não quer ir de charrete, tia? Seria mais confortável.

— Não — a mulher recusara, carrancuda. — Prefiro ir a cavalo. Consuelo correria para casa, a fim de pegar um poncho para a tia.

Isabel raramente ia à vila e nem imaginava como ficava frio à tarde, na estrada.

— Não entendo, tia — confessara, entregando o agasalho à mulher. — Por que decidiu ir a Cambria, assim de repente?

— Não vou a Cambria, mas ao porto de Lucas — fora a resposta brusca. — Faz

tempo que estou pensando em ir lá.

Consuelo ficou muda de espanto, observando a tia montar, ajudada pelo garoto.

— O que vai fazer lá? — perguntou, quando se refez. — Falar com Lucas Morgan?

A mulher pôs o cavalo a trote, sem esperar por Consuelo e sem responder a sua pergunta.

Quando a alcançou, Consuelo tentou iniciar uma conversa, inutilmente. A tia olhava em frente, com o rosto fechado, nem vendo a beleza dos morros verdes recortando-se contra o azul do céu.

Na encruzilhada em que deviam separar-se, Isabel olhou quase com dureza para Consuelo.

— Quero ir ao cais sozinha. Pode seguir seu caminho para Cambria.

— Não entendo, tia! — Consuelo exasperou-se. — O que deu em você? Por que deseja falar com Lucas?

— O que vou fazer lá não tem nada a ver com você ou com Lucas Morgan, menina.

Nunca houvera confidências, mas era evidente que Isabel conhecia os sentimentos de Consuelo com relação a Lucas. Corando, Consuelo imaginou se a tia adivinhara até que ponto chegara seu relacionamento.

— Quer que eu a espere na casa de Vicente? — ofereceu.

— Não, Consuelo. Não vou a Cambria, já disse. Lembra-se da casa em ruínas, no Cabo da China?

— Claro.

— Encontre-me lá — a mulher instruiu, partindo a galope.

Lucas fixava uma prateleira na parede do armazém, quando Isabel surgiu na porta. Ele olhou-a completamente atônito. Por fim, pousou o martelo e caminhou até ela, limpando as mãos nas pernas da calça.

— Dona Isabel! Bom dia! — ele saudou-a, estendendo a mão.

O aperto de mãos foi breve e Lucas olhou para fora, esperando ver Consuelo no pátio. Decepcionou-se, pois não havia ninguém.

— Veio sozinha, senhora?

— Vim — ela afirmou, olhando-o detidamente. — Consuelo foi a Cambria, falar com Vicente Rios.

— Então, em que posso servi-la? — ele indagou, cada vez mais perplexo.

Nunca imaginara receber a visita de Isabel Estrada. Esperava por Consuelo, que um dia descobriria que fora terrivelmente injusta com ele. Mas Consuelo não queria vê-lo e não respondia às cartas que ele enviava regularmente. Lucas decidira que Consuelo teria de ir a ele, confiante e pronta para iniciar uma nova vida a seu lado. Mas começava a desanimar e sua resolução enfraquecia à medida que os dias passavam. Vicente devolvera a carta que ela não quisera nem abrir e Lucas ficara furioso. Apesar de dizer a si mesmo que era louco em desejar unir-se a uma mulher tão teimosa, precisava controlar-se para não ir à fazenda e suplicar-lhe que voltasse para ele.

— É sobre um homem que trabalha para o senhor — a mulher explicou. — Eu o vi no batizado do filho de Vicente e também no Natal, quando ele foi à fazenda. Não consigo parar de pensar nele.

Lucas olhou-a espantado.

— Está falando de Soledad, senhora? Ela meneou a cabeça grisalha, assentindo,

— Gostaria de falar com ele — pediu. — Seria possível?

— Ele está trabalhando no cais — informou Lucas, tentando descobrir o motivo do estranho comportamento da mulher. — Vou mandar alguém chamá-lo.

Foi até a porta e chamou um dos meninos índios que brincavam no pátio do armazém.

— Diga a Soledad que alguém deseja vê-lo. — Tornou a entrar e abrangeu o espaço com um gesto amplo. — Neste lado estou montando uma loja. Quer me acompanhar à área de armazenagem? Lá tenho café e chá.

Sem uma palavra, Isabel seguiu-o até o outro lado, separado da loja por prateleiras do chão ao teto. Sentou-se numa cadeira que ele indicou, enquanto Lucas acendia o fogão de ferro. Olhou em volta, vendo que as prateleiras estavam abarrotadas de mercadorias à espera do próximo vapor. O cheiro de queijo e carne salgada permeava o ar.

— Prefere café ou chá? — perguntou Lucas.

— Chá, por favor.

Ela parecia mais relaxada quando ele lhe entregou uma caneca fumegante.

— Por acaso sabe de onde Soledad veio? — ela indagou abruptamente.

Lucas lembrou-se de algo que lançou alguma luz sobre o mistério.

— Ouvi dizer que ele foi criado na fazenda Estrada, mas que saiu de lá quando os pais morreram. Casou-se com uma moça da reserva Bain. É um sujeito muito decente — acrescentou. — Muito trabalhador. Acabou de construir uma casa no lote de terreno que lhe dei.

Isabel sorriu e concordou com um gesto de cabeça. Admirado, Lucas percebeu lágrimas nos olhos escuros. Quando as lágrimas desceram pelo rosto envelhecido, ele desviou o olhar constrangido, sem saber o que dizer.

Isabel olhava para o conteúdo da xícara e chorava em silêncio. Por fim, tirou um lenço do bolso e enxugou os olhos e as faces.

Lucas não sabia a que atribuir a emoção da mulher, normalmente tão fria e controlada. Ele sempre a julgara a típica solteirona, amarga e ranzinza.

— O que direi a ele? — ela murmurou, olhando suplicante para Lucas.

Ele foi até o aquecedor redondo e alimentou-o com mais lenha cortada em pedaços curtos. Quando percebeu que ela ainda o olhava, esperando uma resposta, deu de ombros.

— Não sei o que a trouxe aqui, dona Isabel.

— Não sou *dona* — ela corrigiu asperamente. — Sou a *senorita* Isabel, a tia solteirona.

Apesar da observação irritada, havia sofrimento nos olhos da mulher.

— O que veio dizer a Soledad, srta. Isabel? — perguntou Lucas, gentil.

Ela torceu as mãos nervosamente, mas não teve tempo de responder. O mestiço Soledad aparecera na porta e parara, indeciso.

— Mandou me chamar, *senor*?

— A srta. Isabel deseja falar com você — informou Lucas, saindo do armazém.

Por um longo tempo, ficou olhando para o mar, que se derramava agitado pela praia. Depois olhou para além dos rochedos, no lado norte, onde erguia-se o Cabo da China. As ruínas da casa de pedra eram visíveis através dos eucaliptos.

Os eucaliptos. Fora no abrigo dessas árvores que ele abraçara Consuelo pela

primeira vez, que beijara a boca inocente e no entanto tão apaixonada. Uma profunda tristeza o invadiu, quando ele pensou na felicidade que lhe fugira das mãos. Nunca mais se livraria da amargura. Nunca haveria outra mulher em sua vida. Estava destinado a ser rico, talvez, mas infeliz, com certeza.

Depois de vários minutos, Isabel e Soledad saíram do armazém. O mestiço parecia apalermado e a mulher chorara novamente. Com um breve aceno, o homem voltou apressado para o trabalho no cais. Isabel seguiu-o com o olhar.

— E então? — Lucas quis saber, completamente confuso com o esquisito procedimento dos dois.

A mulher virou-se para ele com um sorriso triste.

— Preciso ir. Consuelo irá se encontrar comigo no Cabo da China. — Havia compaixão nos olhos negros, quando ela continuou: — Se conseguir falar com minha sobrinha, faça-a compreender que vocês não podem viver separados.

Lucas não respondeu, dominado por dolorosa emoção. Se Isabel sabia de seu amor por Consuelo, também devia saber que ele já fizera de tudo para vencer a resistência de sua amada. Por que o aconselhava a não desistir, a engolir o orgulho e fazer nova tentativa?

Observou a mulher afastar-se a trote lento. A tristeza fora substituída por raiva surda. As suspeitas de Consuelo deviam ter contagiado outras pessoas. Ele sentia-se obrigado a provar a todos que não tivera nenhuma participação na falcatura perpetrada por Bert Lathrop.

Veze sem conta rememorara o dia em que fora ao banco com dom Augustino. O gerente fora bajulador, mas Lucas não se lembrava de nada que pudesse incriminá-lo. Se o fazendeiro assinara algum documento sem saber do que se tratava, devia existir um modo de provar.

Vicente dissera que Lathrop seria intimado a comparecer à audiência com o juiz de San Luis Obispo. Seria a oportunidade perfeita para fazer algumas investigações. Na ausência do gerente, Lucas iria ao banco e talvez convencesse algum funcionário a deixá-lo examinar os arquivos.

Tomada a decisão, sentiu-se mais calmo, mas ainda ficou olhando por muito tempo para as águas inquietas do mar. Gaivotas volteavam acima das ondas. Seus gritos agudos sobrepujavam as pancadas dos martelos dos operários e o estrondo das ondas quebrando nas rochas.

Antes de voltar para a loja, olhou mais uma vez para o Cabo da China. Consuelo estaria lá, à espera. Mas não à esfera dele.

Consuelo conduziu Mirlo pela trilha do cabo, subindo em direção à casa de pedra. A tia já devia estar lá, aguardando sua chegada. No alto do morro, amarrou a égua num tronco de eucalipto e atravessou o pátio coberto de mato. Ia apreensiva, ainda sem entender por que a tia marcara encontro num lugar tão inusitado. Além disso, fora obrigada a sair de Cambria antes do horário previsto. Poderia estar tomando chá com Angelita e brincando com Miguel, em vez de vagar por um lugar abandonado, acima do mar espumante.

Preocupou-se, não vendo a tia nos arredores da ruína. Subiu até o ponto mais alto do cabo e suspirou aliviada ao ver o cavalo de Isabel amarrado a uma árvore. Um pouco além, a mulher olhava a paisagem descortinada do topo.

Mas quando se aproximou, Consuelo viu que ela chorava. Correu a abraçá-la, aflita.

— Tia! O que foi? Por que está chorando?

Livrando-se do abraço, Isabel enxugou os olhos com o lenço. Um trêmulo sorriso desenhou-se no rosto úmido.

— contei tudo a ele. Agora ele sabe.

Perplexa com a resposta sem sentido, Consuelo fitou a tia, procurando entender. Por fim, achou que compreendera.

— Está falando de Lucas Morgan, tia?

— Não, não! — replicou a mulher, impaciente. — Estou falando de Soledad.

— Soledad?

— Soledad — confirmou a mulher com um sorriso luminoso. — Ele é meu filho.

Consuelo abriu a boca de espanto, enquanto a tia recomeçou a chorar, rindo ao mesmo tempo, balbuciando palavras completamente ininteligíveis. Muda, Consuelo tentava entender o que ela dizia, imaginando se não estaria louca. Nunca tivera curiosidade de saber sobre a juventude de Isabel. Na verdade, jamais lhe ocorrera perguntar como fora a vida da tia antes de ela ir para o convento. Mas um filho! A revelação parecia completamente insana!

Depois de longos momentos, a mulher acalmou-se e pousou a mão trêmula no braço de Consuelo.

— Vou lhe contar tudo, minha querida. Desvendar um segredo que era para ficar guardado para sempre.

Levou Consuelo até a casa arruinada e sentaram-se lado a lado no que restara da escada da varanda. Isabel perdeu-se na contemplação do mar estendido como um manto azul brilhante sob o sol.

— Apenas Augustino sabe e o pecado parece não lhe pesar na consciência, como pesa na minha — começou a falar, tão baixo, que Consuelo precisou inclinar-se para ela para ouvir. — Amei um homem chamado Francisco.

Recomeçou a chorar e Consuelo afagou-lhe a mão, ternamente.

— Por que deseja falar sobre algo que a faz sofrer, tia?

— Preciso falar, minha filha. — Assoou o nariz no lenço e prosseguiu: — Francisco era índio. Havia um abismo entre nós, mas me entreguei a ele prazerosamente, sem poder imaginar que nosso amor seria sua sentença de morte. Eu tinha certeza de que meu pai me amava e confiava na sua compreensão.

Quase incapaz de acreditar no que ouvia, Consuelo interessou-se pela história de um amor proibido. Francisco era índio. Lucas era inglês. Amor entre pessoas de diferentes raças sempre causaria infelicidade?

— Mas ele não entendeu, não foi, tia? — Consuelo incentivou a mulher a continuar. — O que aconteceu?

— Meu pai, sentindo-se humilhado, ficou furioso. Matou Francisco a tiros, chamando-o de "miserável estuprador". Augustino assistiu ao crime. Alegou que havia tentado impedir nosso pai de atirar, inutilmente. Mas era mentira. Ele foi covarde. Quando o menino nasceu, foi tirado de mim e entregue a um casal índio. No dia seguinte, levaram-me para o convento, em Monterey. Fiquei lá até que Augustino ficou viúvo e mandou me buscar para cuidar de você e de Felipe.

Isabel levantou-se e olhou suplicante para Consuelo.

— Quando vi Soledad em Cambria, foi como se visse Francisco. Soube no mesmo instante que ele era meu filho. Oh, Consuelo, diga-me: fiz mal em contar a ele?

— Não sei, tia, não sei.

Consuelo também se levantou e as duas mulheres se abraçaram. Um novo laço

as unia, embora só Consuelo tivesse plena consciência do fato. Ela quase tivera o mesmo destino da tia. Se houvesse gerado um filho de Lucas, seria impossível ocultar que houvera mais que um namoro inocente entre eles. O que aconteceria, então? O pai mataria, ou mandaria matar Lucas, um estrangeiro que lhe conspurcara a honra?

Quando Isabel recuou, mostrava-se tranqüila.

— Acho que Soledad não acreditou na minha história — comentou com um sorriso. — Amava as pessoas que o criaram e deve achar difícil aceitar que não era realmente filho deles.

— Lucas gosta muito dele — observou Consuelo à guisa de consolo, sorrindo ao ver a expressão de orgulho no rosto da tia. — Confia nele completamente.

— Sabe o que ele disse? O meu filho? Que, mesmo que ele tenha o sangue dos Estrada, nunca exigirá nada de nós. Nem mesmo o nome.

— Muito diferente de Lucas Morgan — comentou Consuelo, cáustica. — O inglês quer tudo o que puder tirar.

Isabel olhou-a chocada e Consuelo lamentou o desabafo.

— Você ama Lucas, minha menina — a mulher sentenciou. — E ele ama você. Eu daria tudo, agora, para voltar no tempo e ir embora com Francisco. Não jogue fora o que a vida lhe deu. Lucas está no cais. Corra para ele.

— Nunca! — exclamou Consuelo, afastando-se alguns passos. — Não entende, tia, que Lucas foi cúmplice de Lathrop? Ambos enganaram papai. Roubaram a mina de nós.

— Nunca conseguirá fazer com que eu acredite nisso — declarou a mulher com veemência. — Lucas Morgan não é desse tipo.

— Como sabe? — Consuelo retrucou. — É inglês, como Bert Lathrop. Pertencem à mesma raça de ladrões gananciosos. Só ficarão satisfeitos quando roubarem tudo dos californianos, quando nos virem na miséria total.

— Não! Não julgue todos por alguns, filha! — implorou a tia. — Lucas ama você, Consuelo. Acredite em mim. Eu sei. Ele a ama e merece sua confiança.

Consuelo apertou os lábios, torturada pelo sofrimento e pela raiva.

— Não confio em ninguém — disse baixinho. — Aprendi que não se deve confiar em ninguém.

CAPÍTULO XXVI

A carruagem de Vicente Rios corria pela estrada que levava a San Luis Obispo. As flâmulas rubras, com o brasão da família, agitavam-se ao vento, orgulhosas. Vicente fizera questão de usar as insígnias de nobreza dos Rios assim que tivera condições de comprar um carro. Sua gente era pobre, mas aristocrática, e ele queria que o mundo todo soubesse.

O primo Henry ia a cavalo, galopando ao lado da carruagem. — Pelo menos, o dia está perfeito para uma viagem — lembrou o mineiro, numa tentativa de erguer o ânimo dos companheiros. De fato, o dia estava glorioso. A primavera, que sempre chegava mais cedo naquela região, já perfumara o ar e espalhara flores no campo. Acima de tudo, o céu sem nuvens, profundamente azul, era uma cúpula translúcida.

O Pico do Bispo erguia-se à frente deles, as encostas bem definidas. O nome derivara de seu formato, que lembrava a nutra episcopal, alta e cônica, tornando-se aguda na ponta.

Os viajantes já haviam parado para um lanche e Angelita amamentara o bebê, que dormia placidamente num cesto aos pés da mãe. Consuelo olhou preocupada para o pai. Dom Augustino cochilava, indiferente aos solavancos do carro. Estava cansado, pois viajavam desde muito cedo, pretendendo chegar a San Luis pelo fim da tarde.

Angelita também cochilava. Vicente lia um maço de documentos, parando às vezes para consultar um compêndio de Direito. Não parecia incomodar-se com o balanço da carruagem, que o cocheiro índio conduzia com perícia.

— A que horas teremos de estar na corte, amanhã? — perguntou Consuelo, quando o advogado ergueu os olhos do livro.

— Às dez — ele respondeu, voltando a examinar os papéis. — Quero que seu pai veja o contrato de transferência de direitos sobre os minérios, só para saber se ele se lembra de tê-lo assinado.

— Meu pai não assinou coisa alguma! — ela retrucou secamente. — Ele se lembraria.

Vicente encarou-a com severidade.

— Ele admite que assinou vários papéis, sem ler antes.

— Papai não lê inglês, Vicente — ela lembrou-o, aborrecida. — Sabe muito bem disso.

— Bem, as assinaturas passarão por um exame, amanhã — o advogado informou. — Tenho certeza de que houve fraude e provarei, de um jeito, ou de outro.

— Não sei como vai fazer isso — ela duvidou.

— Lucas Morgan estará presente na audiência para declarar que ninguém disse coisa alguma sobre a venda dos direitos — o amigo revelou. — A verdade sempre aparece, Consuelo.

— Nem sempre — ela resmungou, virando o rosto para olhar para fora.

Mas nem via os campos semeados de flores, pensando em Lucas. Quando ouviria o nome dele sem se perturbar? Algum dia, o fato de vê-lo deixaria de ser uma tortura? Nunca, soprava-lhe uma voz íntima.

— Por que ele vai depor a favor de meu pai? — quis saber, sem encarar o amigo. — Por acaso, os direitos de exploração de minérios passarão a ser dele? O trato com Lathrop foi bem rendoso para Lucas Morgan. Ele deve estar certo de que terá alguma vantagem muito grande, para mudar de lado, tão subitamente.

Os olhos de Vicente tornaram-se frios e acusadores.

— Só falta você agora dizer que Lucas associou-se a Ramón Salazar.

Consuelo baixou os olhos, sem resposta.

— Não entendo você, Consuelo — o advogado continuou, no tom de um adulto admoestando uma criança rebelde. — Lucas, a ama. Quer se casar com você. Tanto quanto sei, ele nunca fez nada que ofendesse você ou sua família. Seu pai vendeu-lhe a baía Estero de livre e espontânea vontade. Por que o trata como se ele fosse seu pior inimigo?

Lutando desesperadamente para controlar o tremor dos lábios, que prenunciava choro, Consuelo olhou para o pai. Por sorte ele dormia e não podia ouvir a conversa constrangedora.

— O que ele fez, concorreu para a ruína de minha família — disse devagar para

não revelar o tumulto que lhe ia no coração. — Eu é que não entendo você, Vicente. Como pode continuar confiando nele?

O advogado apertou os lábios, desgostoso.

— Você é uma jovem tola e obstinada, Consuelo. Sei que não acredita, mas pode confiar em Lucas Morgan como confia em mim.

— Confiar nele?! — ela explodiu. — Esqueceu que ele roubou o dinheiro da companhia de navegação?

Por um momento, Vicente olhou-a em silêncio. Depois, deu de ombros, desanimado.

— Sei que o que ele fez não foi inteiramente honesto, mas ficou com o dinheiro a título de empréstimo. Devolveu tudo, com o empréstimo do banco.

— O banco de Lathrop! — ela cuspiu as palavras.

— Ôa! Ôa! — o cocheiro gritou, acionando os freios da carruagem.

Vicente e Consuelo calaram-se, vendo que já desciam a última colina na direção da entrada de San Luis Obispo.

Angelita acordou e o bebê começou a gritar, assustado. Dom Augustino despertou sobressaltado e olhou em volta, desorientado.

— Falaremos mais tarde — o advogado cochichou a Consuelo. — Isso, se eu não me cansar de sua teimosia.

Ela empinou o nariz e virou o rosto, dominando a vontade de gritar com ele.

A carruagem entrou na vila e não demorou a chegar ao centro. Consuelo notou que o trânsito ali era bem menos intenso que em Cambria. Havia carros de luxo em profusão, mas também se viam charretes e carroças puxadas por jumentos. Na rua Monterey, passaram pela velha missão, erguida na margem arborizada do rio San Luis. A antiga construção tornara-se acanhada em comparação aos prédios mais novos, apesar de suas clássicas linhas arquitetônicas. A cruz branca, fincada no topo do telhado pontudo, precisava de pintura e as paredes estavam sujas. Os marcos da civilização californiana começaram a ser negligenciados depois da chegada dos americanos.

Do outro lado da rua, enfileiravam-se elegantes casas de comércio: a velha Casa Grande, a loja *Beebe and Pollarcte* o hotel francês, onde Vicente separou-se deles.

— Lucas ficará hospedado aqui — ele explicou ao desembarcar, lançando um

olhar significativo para Consuelo.

Um pouco abaixo, ainda na rua Monterey, a carruagem entrou na alameda larga de uma grande casa de dois andares. Parou diante dos degraus de uma varanda que corria pela frente toda da casa.

Dom Franco de la Guerra deixara a administração da fazenda da família aos cuidados dos filhos e mudara-se com a esposa para a bela casa na cidade. Mas não parará de trabalhar, dedicando-se a investir em ferrovias e imóveis.

Era um homem rico, isso tornava-se evidente. Diferente das casas de adobe do passado, a mansão era de madeira avermelhada, pau-brasil trazido da costa norte. Uma grade de madeira protegia a varanda e fora pintada de branco, como as molduras das portas e janelas em forma de arco. Palmeiras jovens ladeavam a alameda e Consuelo imaginou como ficariam imponentes quando crescessem por completo. Ela achou a casa grandiosa, pois já fazia dois anos que não ia a San Luis Obispo e ainda não a vira.

A sra. de la Guerra, vestida num traje de seda preta e mantilha, no estilo tradicional, saudou a filha e o neto com exclamações eufóricas. O dono da casa era um homem robusto, de estatura mediana e uma cabeça leonina, toda branca. Acolheu os hóspedes com sincera alegria.

Consuelo observava o pai, que tentava bravamente manter conversação, mas era óbvio que estava exausto. Assim que pôde, falou com a mãe de Angelita, que levou dom Augustino para um quarto de hóspedes, no andar superior.

Consuelo acompanhou-os e insistiu para que o pai se deitasse. Ele dormira durante quase toda a viagem, mas seu físico enfraquecido exigia períodos de repouso cada vez mais frequentes e prolongados. A ansiedade da espera pelo que aconteceria no dia seguinte, na audiência, em nada melhorava seu estado, naturalmente.

Lucas entrou no banco e dirigiu-se ao funcionário que ocupava a escrivaninha do gerente.

— O sr. Lathrop viajou — o jovem informou com um sorriso cortês.

Lucas explicou-lhe que precisava urgentemente examinar um documento e pediu licença para procurar nos arquivos. O rapaz sacudiu o cabelo castanho que lhe batia no pescoço, dando-se ares de importância.

— Não posso permitir, sem autorização do sr. Lathrop — declarou.

— Não tenho o direito de ver nem mesmo os meus próprios documentos, que estão sob a guarda do banco? — insistiu Lucas, inclinando-se por cima da mesa de mogno.

— Não, senhor. Sinto muito — o homem resistiu.

Lucas reprimiu o desejo de apagar a arrogância do rosto juvenil com um murro. Afinal, o rapaz estava cumprindo seu dever, apesar de desconhecer certos detalhes da função de gerente. Lathrop jamais lhe negaria acesso aos próprios papéis.

— Está muito enganado sobre a forma de trabalho de Lathrop, meu jovem — avisou com uma leve sugestão de ameaça na voz.

— Meu nome é Hart — informou o funcionário, desviando os olhos.

— Muito bem, sr. Hart, saiba que estou autorizado a ver qualquer documento em meu nome que desejar. Além disso... — Lucas fez uma pausa, captando a idéia que brotou-lhe na mente. — Estou pensando em comprar a fazenda Estrada. Precisarei ver os documentos da propriedade também. Quero ter certeza de que não há nenhuma hipoteca sobre a fazenda.

— Impossível! — horrorizou-se o moço.

Dar-lhe um soco no nariz não resolveria nada, ponderou Lucas.

— Sr. Hart, não me faça perder a paciência — murmurou. O jovem pôs-se de pé, assustado.

— Por favor, senhor, não insista. Terá de voltar quando o sr. Lathrop estiver aqui. Só ele pode resolver este assunto.

Afastou-se da mesa e cruzou o recinto, desaparecendo atrás de uma pesada porta de carvalho, nos fundos do banco.

— Paspalho! — murmurou Lucas, olhando frustrado para a porta fechada.

Tinha de examinar os arquivos, mas não dispunha de muito tempo. Era imperioso estar em San Luis Obispo no momento de depor como testemunha de Vicente, no dia seguinte.

Pensando em como faria para vencer a resistência daquele asno do Hart, foi até o guichê de grade de ferro do caixa. Necessitava de dinheiro para a viagem. Era o turno de Elder McIntire, que vestia o mesmo terno surrado de sempre e que um dia já fora preto. Depois de sabia-se lá quantos anos de uso, a roupa

tornara-se quase marrom. Os óculos de aros de metal encavalavam-se no nariz adunco e o cabelo ralo fora untado com pomada de cheiro enjoativo.

— Bom dia, Elder — Lucas cumprimentou.

— Boa tarde — o caixa corrigiu com um sorriso de dentes amarelados. — Em que posso servi-lo, sr. Morgan?

Lucas explicou que desejava retirar algum dinheiro e o homem começou a contar as notas. Quando terminou, inclinou-se para a grade.

— Estou enganado, ou o senhor estava tendo uma discussão com aquele empregado do Hart? — perguntou num cochicho.

Lucas riu baixinho do modo de o homem expressar-se. Era evidente que Elder não gostava do auxiliar direto de Lathrop.

— Estava, sim — afirmou. — Não gosta muito dele, gosta? Os olhos do homem brilharam de raiva.

— Não gosto? Detesto aquele atrevido. Estou aqui desde que o banco foi inaugurado e ele passou na minha frente, chegando com rapidez suspeita a subgerente. O lugar era para ser meu.

— Que sujeira — Lucas apoiou, imaginando se não poderia transformar o caixa num aliado. — E o sujeito não sabe nada a respeito de uma boa gerência. Teve a petulância de dizer que não tenho acesso aos meus documentos guardados no banco.

Elder lançou um olhar mortífero para Hart, que voltara para seu lugar, na escrivaninha.

— É uma besta. É claro que pode ver seus papéis, sr. Morgan.

— Eu sei que posso, mas o que fazer para convencer o homem a me entregar a chave do arquivo?

— Eu tenho cópias das chaves — anunciou o caixa com um sorriso vitorioso. — Como funcionário mais antigo, recebi essa honra.

A mulher que dirigia a padaria, na esquina da rua, entrou no banco e parou atrás de Lucas, bufando impaciente ao ver que Elder perdia tempo conversando com um cliente.

— Taberna do Pinheiro, depois que o banco fechar — cochichou o caixa para Lucas, voltando sua atenção para a mulher impaciente. — Em que posso servi-

la, sra. Borba?

A taberna recebia novos fregueses a cada instante, Lucas notou, sentado em uma mesa de canto com um copo de uísque. Trabalhadores entravam para tomar um trago, antes de irem para casa. Eram balconistas de lojas, cavaliariços, cocheiros e ferreiros, todos contentes com o fim de mais um dia de trabalho.

Anoitecia e Elder McIntire não aparecia na taberna. Arrependera-se do trato? O homem detestava o jovem Hart e enganá-lo seria uma espécie de vingança, mas poderia ter ficado com medo. Assim como poderia ter esquecido que prometera encontrar-se com Lucas. Era considerado meio lunático, por todos os que o conheciam.

A esposa do taberneiro estava servindo tigelas de ensopado e pão recém-tirado do forno. O cheiro tentador fez Lucas descobrir que se encontrava faminto. Quando a mulher passou perto dele, encomendou uma tigela de ensopado, pão e outro uísque.

Já acabara de comer quando o caixa do banco entrou correndo na taberna e sentou-se junto dele, ofegante.

— A culpa foi do faxineiro — acusou atropeladamente. — Pensei que nunca mais acabaria de varrer o maldito banco.

— Quer uma bebida, Elder? — Lucas ofereceu. — Ou comer alguma coisa?

— Não, obrigado. Minha mulher vai me esfolar vivo por causa do atraso. Vamos logo, por favor.

Saíram da taberna e dirigiram-se para a porta dos fundos do banco, que o caixa abriu sem dificuldade. Levou Lucas por um corredor estreito, até o aposento onde ficavam os cofres dos clientes. Só então acendeu um lampião.

À luz do gás, Lucas viu que o homem já colocara duas pastas numa pequena mesa. Uma guardava os documentos referentes ao empréstimo para a compra da baía Estero e construção do cais. Outra continha o contrato de compra e venda da baía e outros papéis concernentes à transação.

— Elder, você é perfeito! — elogiou, sorrindo para o companheiro. — Posso abusar? Preciso dos documentos da fazenda Estrada também.

— Oh, diabo, sr. Morgan! — o homem reclamou. — Por que não pediu tudo de uma vez?

— Desculpe. Pode pegá-los agora?

Resmungando, Elder tirou uma vela da gaveta, acendeu-a e saiu do aposento, fechando a porta atrás de si.

Lucas lembrava-se de que havia três cópias do contrato de compra e venda da baía. Uma estava na pasta, assinada por ele e por dom Augustino. Lendo-a rapidamente, Lucas certificou-se de que não havia menção a uma transferência de direitos sobre minérios. Onde andaria o contrato que passava esses direitos para Lathrop? Sem dúvida o gerente o levava para San Luis Obispo, para mostrá-lo ao juiz. Lucas praguejou baixinho.

Elder retornou com mais pastas embaixo do braço. Soprou a chama da vela e xingou quando um pingo de cera quente caiu em sua mão.

— Tudo isto é da fazenda Estrada — informou, esfregando a mão.

Havia uma quantidade enorme de documentos em espanhol, provando que os Estrada realmente possuíam a fazenda. Eram lembranças da luta que t* família enfrentara contra os invasores, ávidos por propriedades, principalmente as que pudessem confiscar. Não era por capricho que Consuelo odiava tanto os americanos.

Lucas separou uma pasta fina. No rótulo, um título esclarecia que ali se encontravam os documentos de um empréstimo tomado ao banco pela fazenda. Tudo escrito em espanhol.

Lucas mostrou os papéis a Elder.

— Por que foram redigidos em espanhol? — quis saber. O homem relanceou um olhar pelos documentos.

— O velho Augustino Estrada não lê inglês. O que não é nada raro por aqui.

— Bom Deus! — Lucas não conteve a exclamação de espanto. — Dom Augustino Estrada não lê inglês!

Em conseqüência disso, assinara os documentos inocentemente. Diante de Lucas! Mas como? A resposta surgiu com absoluta clareza. Naquele dia, ele não achara estranho o procedimento de Lathrop, mas acabava de descobrir como o gerente fora astucioso! Lathrop os fizera sentar, um de cada vez, para assinar os papéis. Lucas, na verdade, não vira o que o velho assinara. E dom Augustino não fora nada prudente, ansioso como estava para pôr as mãos - no dinheiro.

Ignorando os resmungos impacientes de Elder, Lucas leu a tradução do acordo e gemeu aflito.

Consuelo saberia que o pai hipotecara a fazenda e que nada fora pago do montante? Todo o dinheiro pago até ali apenas abatera os juros. Lathrop queria não só a mina, como a fazenda também.

— Vou levar isto aqui comigo — avisou.

— Oh, não! — gritou o funcionário, alarmado. — Não pode fazer isso, sr. Morgan!

— Não há perigo, Elder — Lucas afirmou. — Ninguém saberá, a não ser você e eu.

Dizendo a si mesmo que não era suborno, mas uma recompensa por serviços prestados a uma causa justa, Lucas enfiou algumas moedas de ouro na mão do homem.

Elder nem olhou para o dinheiro, mas apertou a mão, com ar de espanto e contentamento no rosto abatido.

— Vai devolver a pasta, não vai, sr. Morgan?

— Talvez isso não seja possível, Elder, mas não se aflija. Nada lhe acontecerá.

CAPÍTULO XXVII

O dia amanheceu claro e brilhante, porque o nevoeiro, típico no litoral, raramente chegava a San Luis Obispo, localizada no interior. Vestindo o conjunto que comprara em San Francisco, Consuelo foi com Vicente e dom Augustino ao tribunal, na esquina das ruas Monterey e Osos.

Era um prédio imponente, de três andares, rodeado por luxuriante gramado e eucaliptos enormes. O andar principal era o do meio, alcançado através de uma longa escadaria de pedra. Na frente, voltado para a rua Monterey, abria-se um balcão e Consuelo imaginou se era dali que o prefeito e outras autoridades falavam ao povo.

Todo o mobiliário era de madeira escura envernizada e o ambiente cheirava a óleo de peroba, usado para limpeza e polimento dos móveis.

Um meirinho explicou que a audiência deles era a única marcada para aquele dia. Sendo assim, o juiz os receberia numa sala menor, adjacente ao salão.

Consuelo sofria os efeitos da tensão nervosa, enquanto seguia Vicente e o pai pelo salão, até a outra sala. Tremia ao cruzar a porta e ver-se num aposento austero, cheio de bancos compridos separados do tablado por uma grade de ferro. Na plataforma, havia mesas e cadeiras destinadas às pessoas envolvidas no caso a ser discutido. O juiz ocuparia uma poltrona atrás da escrivaninha colocada em plano um pouco mais alto.

Vicente parou para conferenciar com Henry, que já se sentara na primeira fila, antes de levar Consuelo e dom Augustino para uma das mesas na plataforma. Com uma afetuosa palmadinha nas costas do velho fazendeiro, o advogado sentou-se e espalhou seus papéis na mesa.

Com um olhar disfarçado, Consuelo viu que Lucas Morgan ainda não chegara. Vicente contava com ele para depor, mas era mais provável que se decepcionasse. Consuelo não acreditava que Lucas se daria ao trabalho de comparecer.

O juiz Murray, alto e de barba grisalha, fazia sua entrada majestosa, dirigindo-se para a mesa principal, quando Ramón Salazar e Bert Lathrop chegaram, esbaforidos. Vinham acompanhados de seu advogado, David Martin, de San Luis.

Consuelo ficou mais apreensiva do que já estava. E se o juiz desse ganho de causa aos adversários? Vicente tentara infundir-lhe confiança, mas ela não conseguia acreditar que venceriam. O pai assinara um documento passando os direitos de mineração a Lathrop. O que poderia ser feito para invalidar a transação?

Preocupava-se também com Ramón, imaginando que papel ele desempenharia no drama. Ele não estivera envolvido na transação. Fizera sociedade com o gerente do banco muito depois, apenas para vingar-se dela, participando dos acontecimentos que levariam a família Estrada à ruína completa. A dívida de jogo do pai não fora paga. E nunca seria, sem a mina. Ramón sabia disso e queria evitar que os Estrada ganhassem a causa. Sem a mina para lhes render algum dinheiro, ele reclamaria a fazenda como pagamento da dívida.

O juiz deu início à audiência, ordenando silêncio. A seguir, deu a palavra a David Martin. O advogado apresentou o contrato de cessão de direitos sobre os minérios em primeiro lugar. O juiz verificou, juntamente com Consuelo, Vicente e dom Augustino, que a assinatura era realmente do fazendeiro.

Quando Vicente pediu ao velho que ocupasse o lugar das testemunhas, Consuelo quase chorou. O pai, cansado e doente, procurava assumir a atitude arrogante de um californiano orgulhoso.

— Dom Augustino Estrada — o advogado começou —, o senhor assinou o contrato sabendo do que se tratava?

O velho olhou para Lathrop.

— Não. O documento era para ser uma simples transferência de terra de minha propriedade para Lucas Morgan. Assinei uma porção de papéis, mas, como sabem, não leio inglês. O fato não me preocupou, porque sempre confiei no sr. Lathrop.

"O senhor confia demais, papai", pensou Consuelo. "E eu, confio de menos. Nenhum de nós dois acertou",

Vicente olhou em volta com expressão intrigada. Consuelo adivinhou que ele procurava Lucas Morgan. "Pobre tolo confiante. Acredita que Lucas virá. Mas o inglês vai decepcioná-lo, como decepcionou a mim."

A névoa desaparecia à medida que Lucas avançava pela estrada, instigando o cavalo a ir cada vez mais depressa. Por fim, quando alcançou o topo da colina que dominava San Luis Obispo, o sol brilhava luminoso nos telhados das casas e na água do rio. Os sinos da missão badalavam e o eco metálico chegava até ele, abafado pela distância.

Continuando o caminho, Lucas não demorou a chegar diante do tribunal. A carruagem de Vicente já se encontrava ali e a de Lathrop também. Lucas franziu o cenho ao ver o cavalo de Ramón, amarrado numa das estacas.

O relógio, na torre do prédio, marcava dez e cinco. A audiência já começara, mas ele esperava ter chegado a tempo para depor. Seria muita ironia, se tudo se arruinasse, por causa de seu atraso. Subiu a escada correndo. O coração batia disparado, cheio de angústia.

Perdeu alguns minutos preciosos procurando a sala da audiência, mas finalmente entrou no recinto, caminhando decidido para sentar-se ao lado de Vicente.

Ignorando o murmúrio dos poucos assistentes, pouco se importando com o juiz, que martelava a mesa, jogou a pasta retirada do banco em cima da mesa, soprando o ar dos pulmões, aliviado.

O rosto de Vicente perdeu o ar preocupado e ele sorriu, apertando a mão de Lucas. Virou-se, então, para o juiz.

— Meritíssimo, por favor. Minha principal testemunha acaba de chegar. Podemos falar a sós, por um momento?

O advogado de Lathrop objetou, mas o juiz deu permissão.

— Sentem-se naquele canto, e sejam breves.

Os dois conversaram em voz baixa por alguns instantes e, quando voltaram para seus lugares, Vicente sorriu para Lucas.

— *Gracias*, amigo. — murmurou. — *Muchas gracias*.

Empertigada na cadeira, e muito nervosa, Consuelo observou os dois homens. O olhar demorou-se, saudoso, em Lucas. O cabelo castanho-claro, quase loiro, encaracolava-se no pescoço que ela beijara tantas vezes, empolgada pela paixão. A linha do queixo era firme, a boca generosa, o nariz denotava forte personalidade. Os olhos magnificamente azuis encontraram os dela e Consuelo sentiu que a vibração entre eles era diferente. Onde um dia existira apenas amor e desejo, delineava-se agora ressentimento e tristeza.

Ele meneou a cabeça num gesto quase imperceptível, cumprimentando-a. Então, Vicente levantou-se e chamou-o ao banco das testemunhas. Consuelo notou que ele vestia o terno que usara em San Francisco. Ela também escolhera o traje com que percorrera a cidade, junto de Lucas. Uma pontada de dor atingiu-lhe o coração.

— Por favor, declare à corte a natureza de sua transação com dom Augustino Estrada, no dia doze de setembro do ano passado, 1870 — pediu o advogado. — Transação efetuada no Coast Bank, em Cambria, Califórnia.

Vicente recuou um passo, apoiando-se de leve na mesa. O sorriso confiante do advogado, porém, não acalmava os receios de Consuelo.

Lucas começou a falar com a voz profunda com que repetidamente declarara seu amor, nos momentos de intimidade. A dor de Consuelo aumentou e ela julgou que seu coração não suportaria.

— Nessa data, no Coast Bank, comprei de dom Augustino Estrada a faixa de terra conhecida como baía Estero. Foi a única transação efetuada. Nenhuma outra foi discutida ou sequer mencionada. Na verdade, os direitos de exploração de minérios deveriam ter sido transferidos para mim, como novo

proprietário.

— Quem preparou os contratos? — o advogado dos Estrada guiou o depoimento.

— O sr. Lathrop fez tudo — respondeu Lucas, com um olhar sombrio para o gerente. — Na ocasião, eu não sabia que dom Augustino não lia inglês. Ele assinou os papéis que o sr. Lathrop lhe apresentou, sem nenhuma pergunta. Quanto a mim, só os documentos que precisei assinar.

— O sr. Lathrop sabia que dom Augustino não lia inglês? — prosseguiu o advogado.

— Isso não posso afirmar, mas na ocasião ele explicou o que os papéis continham. Pensei que fosse em atenção à idade avançada de dom Augustino Estrada.

— Então, é possível que dom Augustino tenha assinado documentos sem saber, realmente, o que estabeleciam? — perguntou habilmente o advogado.

— Disso tenho certeza — afirmou Lucas, sem hesitar. — Dom Augustino confiava no sr. Lathrop.

O gerente olhou furioso para ele. Quando Vicente o chamou para depor, Lathrop ainda demorou-se, confabulando com Ramón e David Martin. Levantou-se, por fim, e foi para o banco de testemunhas.

Vicente analisou-o em silêncio.

— Sabia, sr. Lathrop, que dom Augustino Estrada foi educado na Espanha, e que portanto não lê, nem escreve em inglês? — atacou.

Por trás das lentes dos óculos, os olhos do gerente brilharam, cheios de hostilidade.

— Ele vive num país de língua inglesa — o homem salientou. — Presumi que, não sendo analfabeto, e falando inglês, houvesse aprendido a ler e escrever o idioma oficial dos Estados Unidos.

Com um sorriso triunfante, que lhe dava a aparência de um gato satisfeito com sua habilidade de encurralar um rato, Vicente pegou da mesa os papéis trazidos por Lucas. Depositou-os diante do juiz.

— Esses documentos, sr. Lathrop, são os documentos do empréstimo que fez a dom Augustino, dois anos atrás — explicou, enquanto o magistrado lia os

papéis. — Apenas os juros foram pagos, não a dívida.

Vicente fez uma pausa teatral, olhando para o juiz.

— Como pôde comprovar, meritíssimo, o contrato do empréstimo foi feito em espanhol, prática comum nesta parte da Califórnia, onde um grande número de residentes mais velhos não lê, nem escreve em inglês. Uma cópia traduzida, para uso dos empregados do banco, foi incluída na pasta, mas não está assinada por dom Augustino.

O rosto de Lathrop ficou lívido, quando o homem começou a perceber por onde Vicente pretendia atacá-lo. Olhou suplicante para seu próprio advogado, que o fitava, acusador.

— Foi uma transação perfeitamente legal — alegou o gerente, não muito seguro de si. — O velho vendeu-me os direitos sobre os minérios.

Vicente não reprimiu um sorriso irônico.

— Isso não é verdade, senhor — declarou, — Dom Augustino foi induzido a assinar um papel que não podia ler. Temos testemunha. O sr. Lucas Morgan, bem conceituado comerciante, disse que não houve menção a uma transferência de direitos de qualquer tipo. Na verdade, era o sr. Morgan quem deveria assinar a transferência, visto que era ele quem estava comprando a propriedade. Isso, se fosse uma transação legítima, o que evidentemente não foi.

Suando profusamente, Lathrop ergueu um punho ameaçador para Vicente.

— Isto não vai ficar assim, Vicente Rios! — rosnou, virando-se para o juiz. — Meritíssimo, exijo...

O magistrado franziu a testa, aborrecido.

— Aqui ninguém exige nada, senhor. Apenas a lei faz exigências, na minha corte — repreendeu, dirigindo-se em seguida ao advogado do gerente. — Preciso verificar estes documentos, antes de qualquer outra coisa. Tem algo a declarar em defesa de seu cliente, sr. Martin?

O rosto do advogado era uma máscara de fúria.

— Parece que meu cliente não tem defesa, meritíssimo. A decisão está em suas mãos.

O juiz juntou os documentos e retirou-se para seu gabinete, para lê-los. A

atmosfera tornou-se carregada, na sala de audiências. Lathrop, Ramón e o advogado Martin discutiam em tom baixo, mas contundente. Vicente sorriu para Consuelo.

— Acho que conseguimos, com a ajuda de Lucas — observou. — Nem será preciso chamá-la, ou a Henry, para depor.

"Com a ajuda de Lucas". Ela queria virar-se para ele e fitá-lo, mas não era capaz. Ele não precisaria ter testemunhado em favor dos Estrada. Poderia muito bem aliar-se a Lathrop, do que já fora acusado por ela mesma. Mas ele preferira ajudar, aparecendo com documentos do banco que nem Vicente conseguira examinar. Envergonhada, lembrou-se das acusações terríveis que lhe fizera, da raiva com que retribuía seu oferecimento de amor.

E ela o amava. Muito. Sempre amaria. Mas o perdera, porque não soubera confiar.

O juiz retornou cerca de meia hora depois, declarando que a transferência de direitos sobre os minérios da baía Estero fora fraudulenta. Lathrop ficou de pé num salto, berrando protestos. O advogado Martin precisou agarrá-lo e obrigá-lo a sentar, antes que o magistrado o mandasse prender por desacato.

Com o coração disparado, mas de puro alívio, Consuelo levantou-se. Lucas saía da sala, em companhia de Henry.

O pai puxou-a pela manga, parecendo aturdido.

— Acabou, Consuelo?

— Acabou, papai — ela afirmou, abraçando-o. — Vencemos, graças ao nosso fabuloso advogado.

Abraçou Vicente, cujo rosto corou de prazer pelo elogio.

— Graças também a um verdadeiro amigo — o advogado lembrou-a. — Se não fosse por Lucas... Não acha que deveria agradecer a ele?

— Acho, sim — ela concordou.

Correndo para fora da sala para alcançar Lucas, ela imaginava se ele não rejeitaria seus agradecimentos, tratando-a como fora tratado. No salão, Ramón bloqueou-lhe o caminho.

— Saia da minha frente, Ramón — ela exigiu. — Não temos mais nada a dizer um ao outro.

— Temos, sim, minha bela — ele murmurou com raiva. — Desta vez você venceu, cadelinha, mas a vitória final será minha. Estou farto de esperar que me paguem o dinheiro que seu pai me deve.

Sacudiu-a pelo braço, brutalmente.

— Largue-me! — ela ordenou.

Ramón não pareceu ouvi-la. Os dedos grosseiros enterraram-se no braço delicado.

— Vou tomar a fazenda Estrada, como pagamento. Acha que é boa demais para mim, não é, Consuelo? Pois ficará na miséria e seu orgulho acabará. Vou acabar com você, nem que seja a última coisa que eu faça nesta vida.

CAPITULO XXVIII

Consuelo encostou o rosto no focinho de sua querida Mirlo, acariciando o pescoço aveludado e quente. Ao longe, bem visível do Cabo da China, estendia-se o Cais do Morgan. O lugar estava movimentado, apesar de ser uma tarde cinzenta e não haver nenhum navio ancorado.

Sob o nevoeiro, a água do mar tornava-se opaca e cor de chumbo. Uma paisagem deprimente, principalmente para quem se encontrava tão triste quanto Consuelo.

Ela nem sabia o que a levava ao cabo. Teria prazer em sofrer? Depois do que houvera entre ela e Lucas em San Luis Obispo, era loucura continuar pensando nele.

Os operários agitavam-se incessantemente, trabalhando no cais que corria pelo mar. É dentro, avançando cada vez mais. Apesar da distância, ela distinguia o vulto de Lucas, quando ele saía do armazém, acompanhando um cliente. Era por isso que fora lá. Não o tirava do pensamento e do coração, mas vê-lo de longe era só o que teria, para sempre.

A cena desenrolada em San Luis a perseguia dia e noite, torturando-a até em

sonhos. E ela se via, sem cessar, correndo para fora do tribunal, depois de livrar-se de Ramón. Alcançara Lucas no pátio, quando ele já se preparava para montar. Por um instante, ela parará no alto da escadaria externa, admirando o vulto esguio, os gestos rápidos e decididos. Depois descera correndo, sem incomodar-se com o fato de que despertava a atenção de várias pessoas.

— Lucas! — ela chamara, parando ao lado do cavalo.

Ele já havia montado e olhava para Consuelo de cima, com uma expressão que feria fundo o coração. Mostrava-se frio, meramente polido, como se fosse abordado por uma estranha. Ela quase chorou de arrependimento, reconhecendo que matara os sentimentos de Lucas com sua obstinação e orgulho.

— Lucas, muito obrigada pelo que fez por nós — agradeceu com a voz embargada. — Ficaremos eternamente gratos.

— Não seja por isso, *senorita* — ele respondeu em tom gélido. — Lathrop traiu a confiança de seu pai e acontece que não tolero injustiças.

Consuelo curvou a cabeça, pesarosa e envergonhada. Ela fora tremendamente injusta com Lucas e ele devia ter sofrido muito. Não podia culpá-lo pela atitude de rejeição.

— Lamento muito, Lucas — murmurou com lágrimas nos olhos. — Perdoe-me, se puder.

— Também lamento muito — ele replicou rispidamente, pondo o cavalo em movimento e partindo a galope assim que chegou à rua.

Consuelo julgara que ele fosse jantar na casa dos Ia Guerra, mas Lucas não aparecera. Mais tarde, Vicente dissera que ele retornara a Cambria.

Desde aquele dia, Consuelo chorara por seu amor perdido, furiosa consigo mesmo por sua cegueira. Fora incapaz de reconhecer que Lucas era honesto e, que a amava de verdade. Restava-lhe apenas o consolo de vê-lo de longe e sonhar com um milagre. Talvez ele a perdoasse, talvez...

Com relutância, subiu para o lombo de Mirlo e dirigiu o animal para a trilha, morro abaixo. Pensava no que acontecera em Cambria, onde fora buscar dinheiro. Chegara ao banco e não vira Lathrop. O velho caixa, Elder McIntire, informara, aos cochichos, que o gerente fora despedido.

Em seguida, ela comprara mantimentos, que teria de levar à mina, no dia

seguinte. Rafael continuava lá, vigiando, na companhia de seu cão fiel, Bolo. Henry percorria a região, procurando novos trabalhadores para reabrir a mina, que finalmente fora arrendada do legítimo proprietário dos direitos, Lucas Morgan.

Vicente ficara empolgado com a generosidade de Lucas, que pedira uma porcentagem mais que razoável dos lucros.

— Está vendo como ele não é o ganancioso sem escrúpulos que você o julga? — o amigo a repreendera, aumentando o remorso de Consuelo.

A galope, Consuelo entrou no pátio da fazenda, provocando um verdadeiro alarido. Galinhas corriam para todos os lados, cacarejando assustadas, enquanto os cães latiam, dando-lhe as boas-vindas. Sancho foi encontrá-la, segurando uma *tortilla* recheada com feijão apimentado em uma das mãos.

Consuelo largou as rédeas e correu para dentro de casa, esperando que estivesse enganada e que o cavalo amarrado na grade da varanda não fosse o de Ramón Salazar.

Mas não teve sorte. Quase perdeu o fôlego ao entrar no salão e encontrar o pai, jogando cartas com o odioso Ramón.

— O que está fazendo aqui? — ela inquiriu, tentando ocultar o medo.

— Consuelo... — o pai ralhou. — Que modos são esses?

O ex-noivo recostou-se displicentemente na cadeira, soprando a fumaça do charuto para o teto.

— Como vai, Consuelo? — engrolou com um sorriso irônico. — Esperava que ficasse contente com minha visita.

— Você é muito cínico. Falei sério quando ordenei que não pusesse mais os pés em minha casa. Agora, suma. Já!

O sorriso desapareceu do rosto do homem e os olhos maldosos fulguraram de raiva.

— Vim cobrar o que me devem, *senorita*.

— Ramón me contou que também foi enganado por Lathrop — apartou o velho. — Pensou que fosse um negócio limpo, do contrário não teria comprado os direitos de sociedade com aquele canalha.

— Ele está mentindo, mais uma vez! — Consuelo não se deixou convencer. —

Sabia muito bem que estava se metendo numa sujeira contra nós. Vá embora, Ramón.

Com um olhar de desdém na direção dela, ele juntou as cartas espalhadas na mesa.

— Só sairei quando me pagarem — declarou. — Seu pai disse que vão ficar ricos, explorando a mina. Por que não paga a dívida agora? Logo entrará mais dinheiro e vocês não morrerão de fome.

— Eu lhe pagarei, Ramón — ela afirmou, aparentando extrema segurança. — Tão logo receba o cheque de pagamento do mercúrio, que vendemos para San Francisco.

Dando de ombros e com um sorriso desdenhoso, Ramón começou a embaralhar as cartas.

— O representante de George Hearst esteve aqui, hoje. Acho que os Estrada deviam aceitar o que o homem oferece pela fazenda. Poderiam pagar suas dívidas imediatamente. Vocês são cheios de orgulho, mas não se envergonham de ficar devendo.

— O que o agente de George Hearst queria, papai? — perguntou Consuelo, como se não acreditasse no que o ex-noivo dissera.

— Não ouviu o que Ramón disse? — o velho resmungou. — Hearst quer comprar a fazenda, naturalmente.

Ramón distribuiu as cartas e o fazendeiro pegou as suas, olhando-as atentamente.

— E o que o senhor disse, pai? Que parassem de insistir? Que a fazenda não está à venda?

— É claro. Disse que estamos ricos e não precisamos mais vender nossas terras.

Ramón riu e o velho acompanhou-o.

Pela primeira vez, Consuelo percebeu que o pai pouco entendera da situação. Com o arrendamento, a mina lhes pertencia para exploração mas, até o momento, só dera despesas. Não estavam ricos, absolutamente. Não podiam pagar nem mesmo as dívidas que ele contraíra no jogo.

Havia ainda o empréstimo bancário de que ela tomara conhecimento apenas no dia da audiência. Ela usara o dinheiro do gado para financiar a extração de

mercúrio e estariam sem um centavo, até que a mina começasse realmente a produzir, o que poderia levar meses. Não tinham nada, além das terras que o abutre do George Hearst desejava tão vorazmente.

Ramón soltou uma baforada de fumaça, um sorriso sarcástico no rosto.

— Lathrop disse que a hipoteca sobre a fazenda Estrada venceu há um bocado de tempo. O banco vai iniciar o processo de desapropriação.

— Lathrop foi despedido — Consuelo disparou a informação, esperando para ver como o ex-noivo reagiria.

Ramón deu de ombros, nada impressionado.

— A hipoteca foi feita pelo banco, não por Lathrop — considerou.

Consuelo sentiu-se abalada, mas fingiu calma.

— Os juros foram pagos — alegou, olhando para o pai, que se mexia na cadeira, inquieto.

Ramón olhou-a com desdém.

— Grande coisa. — zombou. — Você só tem uma saída, menina. Entregue a fazenda como pagamento das dívidas de dom Augustino. Eu não me importo de pagar a hipoteca.

Consuelo reteve o fôlego, compreendendo num lampejo o plano de Ramón. Ele receberia a fazenda como quitação da dívida e depois a venderia a Hearst ou qualquer outro especulador, conseguindo um lucro considerável.

O ódio ardia como ácido em seu peito. Inclinando-se para a mesa, ela arrancou as cartas das mãos do pai e atirou tudo no chão.

Ramón praguejou e levantou-se. O rosto transfigurado era uma máscara de fúria. Por um instante, Consuelo receou que ele fosse agredi-la fisicamente, mas ainda assim, encarou-o, desafiadora.

— Preciso voltar a lembrá-lo de que você não é bem-vindo em nossa casa, Ramón? Meu irmão começou a andar com você e foi assassinado. Eu nunca o perdooarei por isso, mesmo que meu pai o tenha perdoado. Agora, está fazendo tudo o que pode para nos arruinar. Sabe por quê? Porque nos odeia e morre de inveja de nós, do nosso nome!

Ela parou para respirar fundo, sabendo que perder o controle seria perder tudo.

— O médico disse que jogar faz mal a meu pai — pegou o velho pelo braço. —

Venha, papai, vou levá-lo para o quarto. Precisa descansar.

Dom Augustino perdeu o ar de arrogância. Trôpego por causa do conhaque que Ramón o induzira a beber, deixou que Consuelo o guiasse através do salão. Na porta, ela olhou para trás.

— A dívida será paga, sr. Ramón Salazar. Os Estrada são gente honrada. Agora, retire-se, por favor. Sua presença nos faz mal.

— Eu darei um jeito em você, cadelinha — ele disse entre os dentes. — Já disse mil vezes que me pagará por toda a insolência. E pagará. De um jeito, ou de outro.

Pegou o chapéu e passou por eles, saindo da casa.

Dom Augustino arquejava, quando Consuelo deitou-o na cama e cobriu-o com uma colcha. Isabel entrou no quarto, olhando preocupada para o irmão.

— O que foi, Consuelo?

— Ramón veio exigir o pagamento da dívida. Eu o expulsei daqui — explicou Consuelo, começando a tremer, extenuada pelos acontecimentos. — Papai estava jogando e bebendo com ele.

— Você não vai aprender nunca, Augustino? — repreendeu a mulher. — Quando, vai criar juízo?

O velho resmungou e virou o rosto.

— Descanse, papai — Consuelo murmurou, afagando-lhe o cabelo branco. — Eu lhe trarei o almoço, mais tarde.

Tomou a tia pelo braço e as duas saíram do quarto.

— Ouvi você gritando com Ramón, filha — comentou a mulher com voz trêmula. — Fiquei com medo.

Entraram no salão e Consuelo viu que a tia já recolhera o baralho, os copos e limpou os cinzeiros. O fogo brilhava na lareira, mas nenhuma chama afastaria o frio que se instalara em seu coração.

Por um longo momento, fitou as labaredas, consciente de que a tia aguardava que ela falasse. Hesitante, a princípio, depois com crescente raiva, ela contou a Isabel tudo o que se passara. A mulher desabou numa poltrona, como se as pernas não mais a sustentassem, e juntou as mãos enrugadas.

— Meu Deus, Consuelo! O que vamos fazer, minha filha?

— Não sei, tia.

— Um dos vaqueiros me contou, um dia, que Ramón gabava-se de que ganharia a fazenda Estrada e você, no jogo de cartas.

Consuelo empalideceu de ódio.

— Por que nunca me disse, tia? Ou a papai?

— Augustino ficaria furioso comigo. Ele jamais acreditaria — a mulher justificou-se. — Seu pai acha que Ramón é seu amigo. Mais que isso, deixou que o maldito assumisse o lugar de Felipe, em seu coração.

— Às vezes papai age como um tolo — Consuelo comentou com profunda tristeza.

— A discussão deve ter sido terrível para você, querida — observou a tia. — Espere aqui. Vou buscar chá.

Desgastada pela avalanche de problemas que pareciam não ter fim, Consuelo recostou-se na poltrona, olhando para o fogo e ouvindo os sons da fazenda. Mulheres conversavam na cozinha, crianças riam, brincando no pátio. Os cães ladravam alvoroçados, talvez acuando uma galinha. Eram sons familiares e muito queridos. No colégio do convento, em Monterey, ela muitas vezes chorara de saudade, desejando que o verão chegasse depressa para que pudesse voltar para casa.

No entanto, se não acontecesse um milagre, os Estrada perderiam a fazenda. Ficariam sem lar. Retendo as lágrimas, pois estava cansada de chorar, Consuelo imaginou se não seria possível renovar a hipoteca. Quanto à mina, Henry afirmara que ela voltaria a funcionar naquela semana. Mas precisavam de dinheiro, pelo menos para pagar os operários.

O pensamento errante acabou por fixar-se em Lucas. Mais precioso que bens materiais, ela perdera também o amor de Lucas.

Uma fria e terrível sensação de desamparo apossou-se de seu coração. Estava sozinha diante do mundo e dos revezes. Completamente sozinha.

Na manhã seguinte, quando ela chegou na mina, Rafael foi ao seu encontro com um sorriso largo no rosto bronzeado. O cachorro amarelo seguiu-o, abanando a cauda suja de terra. Os dois passavam a maior parte do tempo sentados no chão, no galpão da cozinha, perto do rifle encostado na parede.

— Bom dia, senhorita — o velho cumprimentou, levando a água para o cercado

onde seu próprio cavalo relinchava baixinho. — Trouxe boas notícias?

Só então Consuelo lembrou-se de que Rafael ainda não conhecia o resultado da audiência.

— Trago, sim, Rafael. Vamos reabrir a mina. Dentro de um ou dois dias Henry aparecerá por aqui com novos trabalhadores.

— Eu sabia que tudo ia acabar bem — assegurou o homem. — Acho muito bom que tudo volte ao normal. Estou me sentindo solitário.

Voltaram para a cozinha e Consuelo desembulhou a comida que a esposa do empregado, Rosa, preparara. Enquanto almoçavam, comendo as deliciosas *tortillas* recheadas, Bolo gania, pedindo um pedaço. Consuelo deu-lhe uma *tortilla* inteira, voltando-se para Rafael.

— Tem aparecido algum intruso por aqui? — quis saber.

— Um mineiro procurando emprego esteve aqui e passou uma noite comigo, antes de continuar viagem. Fora isso, não apareceu ninguém. — O velho hesitou. — Bem, acho que vi um cavaleiro rondando, no alto daquele morro.

Consuelo olhou na direção que ele apontava, uma elevação coberta de mato, perto do riacho.

— Acha que viu, Rafael?

— Eu vi, mas o homem já estava indo embora. Foi Bolo quem deu o alarme. É um bom cão de guarda, esse vagabundo.

Rafael riu afetuosamente, mas Consuelo ficara preocupada.

— Tenha cuidado, Rafael. Não deixe que nada de mau lhe aconteça.

— A Virgem me protege, senhorita — respondeu o homem, tranquilo em sua fé ingênua.

Começou a falar como seria bom quando a mina reabrisse, sonhando com centenas de carretas carregadas de mercúrio rumo ao porto, para embarque. Ouvindo-o, Consuelo deixou-se contagiar pelo otimismo e sua esperança renasceu. A mina seria a salvação de sua família. Quanto a Ramón tomar-lhes a fazenda, era uma possibilidade que discutiria com Vicente, no dia seguinte. Voltaria a Cambria e juntos, ela e o advogado, encontrariam uma saída.

Quando terminaram de comer, ajudou Rafael a guardar os mantimentos em barris que se fechavam hermeticamente, contra a ação de animais selvagens.

— Gostaria de ver a mina por dentro, senhorita? — o empregado ofereceu. — Quando voltar a funcionar, não será possível.

— Gostaria, sim, Rafael — ela entusiasmou-se. — Gostaria muito.

Cautelosamente, acompanhou o velho para dentro do túnel. Estava escuro e forte cheiro de mofo permeava o ar. Rafael acendeu o lampião e seguiu na frente, com o cachorro nos calcanhares. Alertou Consuelo contra o desnível do piso e as pedras soltas, que poderiam fazê-la tropeçar. Na escuridão total, o facho de luz do lampião iluminava precariamente as paredes escuras e as traves que sustentavam o teto.

Era um lugar assustador e Consuelo não podia entender como os mineiros viviam ali, dia após dia. Talvez, absorvidos no trabalho, eles não tivessem tempo de pensar nas trevas que os rodeavam e no perigo de um desabamento.

De súbito, um ruído a fez saltar de susto.

— O que foi isso, Rafael?

O homem riu baixinho.

— Acho que foi uma pedra que rolou — explicou. — Sempre rola alguma, apesar do madeiramento.

Estalou os dedos para chamar Bolo, que rosnava, e seguiu em frente. Consuelo não teve outra escolha a não ser segui-lo.

— Olhe — o homem apontou para o fim do túnel. — Azougue. Há tanto, que brota da terra, sem precisar de refinamento. Ou quase, como Henry costuma dizer.

O brilho prateado a fez recordar o dia em que fora com Rafael até o lugar onde ele caíra, sujando-se todo. Lembrou-se da amostra que recolhera no lenço para mostrar a Vicente. Fora ali que o sonho começara. Um sonho apenas, até o momento. Mas um dia se tornaria realidade, Consuelo animou-se, mesmo com todas as dificuldades que ainda teriam de vencer.

Novo barulho, como se algo arranhasse as paredes, no lado da entrada do túnel, apavorou Consuelo e ela agarrou-se ao braço do velho.

— Vamos embora, Rafael. Este lugar me assusta.

Ficou com mais medo ainda quando ele virou o facho de luz na direção do ruído, parecendo intrigado. O cachorro estacou, com o pêlo eriçado e rosnando

ferozmente.

— Por favor, Rafael, vamos sair — ela implorou.

— Vamos, sim — ele concordou, tenso. — Vamos voltar. Consuelo tinha vontade de sair correndo pelo túnel escuro, mas

o companheiro andava devagar, segurando o lampião acima da cabeça. Foi com imenso alívio que ela vislumbrou a luz, na abertura do túnel.

Quando chegaram mais perto, porém, viram o vulto de um homem, bloqueando o caminho. Consuelo sentiu-se enregelar de pavor. Se fosse alguém conhecido, teria chamado para anunciar sua presença. Tremendo incontrolavelmente, ela pensou no rifle. Nem ela nem Rafael haviam lembrado de levar a arma e estavam desprotegidos, à mercê, talvez, de um malfeitor.

Bolo latiu e correu para a figura recortada contra a luz.

O retinir de esporas e a voz irritada, traíram a identidade do intruso. Consuelo sabia, antes mesmo de Rafael dirigir o foco de luz para o rosto do homem, que se tratava de Ramón.

O ex-caixa, Elder McIntire, ocupando o lugar que um dia fora de Bert Lathrop, sorriu para Lucas.

— Você deve estar ganhando muito dinheiro com o porto, para querer resgatar uma hipoteca que não é sua.

Do outro lado do estabelecimento, Hart os olhava com ar carrancudo. Os banqueiros haviam colocado Elder como gerente, até que outro nome fosse indicado e aprovado para o cargo. Era óbvio que o jovem petulante não ficara nada satisfeito com a decisão.

Elder prendeu juntos os papéis preparados por Vicente e entregou as cópias a Lucas.

— Muito bem, senhor, já sabe que terá muito trabalho para cobrar isto de dom Augustino Estrada — comentou o falante bancário. — O homem está praticamente arruinado.

Lucas dobrou os papéis e guardou-os no bolso, sem responder. O funcionário lançou-lhe um longo olhar avaliador.

— Suponho que esteja fazendo isso mais pela srta. Consuelo do que por dom Augustino.

Espantado com a observação, Lucas encarou o homem. Todo mundo, no litoral inteiro da Califórnia, saberia que existia alguma coisa entre ele e Consuelo?

— E um bom investimento. — replicou com frieza. Você fala demais, Elder.

Mas o fato era que o nome de Consuelo despertava sempre a antiga dor que ele tentava ignorar. A mais bela, a mais perfeita etapa de sua vida, terminara porque Consuelo era incapaz de confiar nele, em seu amor e sua honestidade. Ela lhe pedira desculpas na porta do tribunal, mas parecera forçada a isso. As palavras não fluíram naturalmente e com a sinceridade que ele ansiara por captar. E depois de tudo o que ele sofrerá naquela manhã, vendo-a sem poder tocá-la, sua amargura ultrapassara os limites suportáveis.

Com uma boa dose de teimosia, ele atinha-se à idéia de que ela não o amava. Se amasse, confiaria nele, não o acusaria de tantos horrores. Contudo, quem poderia negar que ela o amara em San Francisco? Nenhuma mulher conseguiria fingir tão bem. Muito menos uma jovem inexperiente, que fora virgem para os braços dele.

— Ramón Salazar esteve aqui esta manhã — informou o funcionário, interrompendo-lhe as reflexões. — Queria comprar essa mesma hipoteca. Ficou muito nervoso quando eu disse que já havia sido vendida.

Lucas olhou-o, apreensivo.

— Ele queria comprar a hipoteca? — perguntou, esquecendo de acender o charuto que tirara do bolso. — Tem certeza?

— Queria. Na verdade, desejava casar-se com Consuelo Estrada, ou melhor, com a propriedade do pai dela, mas a moça o rejeitou.

— Maldito! — Lucas praguejou, acendendo o charuto e tragando longamente. — Ele não desiste!

Fora uma sorte Vicente ter-lhe dito que a hipoteca poderia ser comprada, já que o prazo de pagamento se extinguiu. A compra quase deixara sua conta bancária a zero, mas ele não podia deixar que a família Estrada continuasse a ser ameaçada por Ramón Salazar.

— Saiu daqui como um touro acossado — o bancário continuou, rindo. — Gritando que ia dar um jeito nos Estrada, de uma vez por todas.

Lucas experimentou um arrepio de apreensão. Lembrou-se de que Vicente explicara que iria com Henry até a mina, naquela tarde, levar a nova equipe de

operários. Com um olhar sugestivo, o amigo acrescentara que Consuelo também estaria lá. Perguntara se podia revelar que ele comprara a hipoteca, mas Lucas fora categórico. Consuelo não devia saber, em hipótese alguma.

— Por que não vai até a mina? — convidara o advogado, desempenhando o papel de casamenteiro sem o menor constrangimento.

— Não — respondera Lucas, sombrio. — Para quê?

Tudo, porém, se modificara. Consuelo iria sozinha ao encontro de Vicente e Henry. Ramón, furioso, estava à procura dela. Os amigos, com os trabalhadores, haviam partido cerca de meia hora atrás. Levavam carretas pesadas e muitos dos homens iriam a pé. Demorariam no mínimo duas horas para chegar à mina. E se Consuelo estivesse lá sozinha e Ramón a descobrisse?

Durante os anos no mar, Lucas aprendera a jamais ignorar a voz da intuição. Consuelo estava em perigo. Não era uma suposição, mas uma certeza.

Saltou da cadeira.

— Até logo, Elder. Sim, você fala demais, mas isso é bom, às vezes.

Saiu correndo do banco, sob o olhar assombrado do homem.

CAPITULO XXIX

O silêncio, carregado de pavor, pesou na fria escuridão da mina. Ramón sorria malignamente, encarando Consuelo e Rafael que o fitavam, mudos e paralisados de choque. Na luz bruxuleante do lampião, o rosto refletia ódio.

Saindo do estado de estupor, Consuelo encarou o adversário em atitude de corajoso desafio. Apertava as mãos para vencer o tremor e quando falou, não reconheceu a própria voz, estrangulada e rouca.

— O que está fazendo aqui, Ramón?

— É assim que recebe um velho amigo, Consuelo? — ele zombou.

— Não somos amigos, Ramón Salazar. O que deseja?

— Você, Consuelo — ele declarou, ameaçador. — Quero você e quero a fazenda Estrada. Admito que ficou meio difícil de realizar meu desejo, depois que o

intrometido do Vicente Rios resgatou a hipoteca do banco.

— O quê? — ela perguntou, atônita. — Vicente...

— Isso não vem ao caso, agora — ele prosseguiu, — Seu pai ainda me deve uma fortuna e vai ter de me pagar. Sem você para atrapalhar, vai ser brincadeira de criança.

Ela reconheceu a cruel ameaça e estremeceu.

— Deixe-a em paz, seu maldito! — berrou Rafael. — Saía daqui. Já!

Consuelo viu que o velho apanhara uma grande pedra do chão e avançava para Ramón. Teria enlouquecido? Não vira as armas, uma de cada lado, nos quadris do infeliz? Aterrorizada, ela viu Ramón deslizar a mão direita para o coldre. Ele ria, como apenas um demônio poderia rir, antecipando um ato de covarde maldade.

Sem se importar com o gesto do inimigo, Rafael avançou. Ramón pegou a arma e ergueu o braço. Consuelo gritou, quando a pesada coronha atingiu o velho na têmpora. Rafael caiu, derrubando o lampião, que continuou a brilhar, mas fracamente.

O cachorro investiu contra Ramón. A coronha do revólver produziu um som oco ao bater no crânio do animal, que caiu imóvel ao lado do dono.

— Agora, mocinha, estamos a sós. Você será minha, finalmente. Não há mais ninguém para me impedir.

Luxúria brutal brilhava nos olhos dele. Em pânico, Consuelo recuou, olhando em volta, desesperada, à procura de uma possibilidade de fuga. Tentou correr, mas a mão grosseira pegou-a pelo ombro, machucando-a.

Ramón puxou-a para abraçá-la e Consuelo debateu-se inutilmente. Um beijo selvagem esmagou-lhe a boca. Naquele instante, Bolo voltou a si e saltou sobre as costas de Ramón, fazendo-o perder o equilíbrio e soltar Consuelo. O homem praguejou e sacou o revólver, tentando livrar-se do cachorro. O sangue escorria do ombro, onde Bolo cravara os dentes,

O som do tiro reverberou através do túnel, causando um pequeno desabamento de terra do teto. A chama do lampião apagou-se e o estreito corredor mergulhou na escuridão.

Consuelo correu, fugindo para o fundo da mina, na esperança de poder esconder-se do atacante.

— Consuelo! — ele gritou, furioso. — Não tente escapar que será pior!

Ela colou-se na parede úmida, mal respirando, sabendo que o silêncio era sua maior defesa.

— Cadela! — ele insultou. — Cachorra maldita, prostituta! Novo tiro ecoou no escuro e Consuelo mordeu os lábios para não gritar.

— É a última vez que me faz de tolo, eu juro! — ele continuou furioso.

No silêncio que se seguiu, ela julgou ouvir passos. Ramón estaria correndo para fora da mina? Um gemido elevou-se na escuridão. Rafael. Depois, mais nada. Apenas silêncio e trevas. Consuelo lutava bravamente para manter-se sobre as pernas enfraquecidas.

De repente, tudo explodiu entre estrondos ensurdecedores e um violento tremor de terra. O madeiramento estalou e desabou numa avalanche de terra e pedras.

Consuelo sentiu-se sufocar de horror, percebendo que estava sendo soterrada. Mas seu sofrimento durou pouco. Inconsciente, deslizou para o chão.

Já na metade do caminho até a mina, Lucas alcançou o grupo de Vicente. O cavalo cansado e coberto de suor emparelhou com o do amigo, que orientava os condutores das carretas abarrotadas de suprimentos e ferramentas. Trabalhadores chineses seguiam a pé, andando o mais depressa que podiam e tagarelando entre si em sua língua incompreensível. Alguns dos mineiros mexicanos montavam seus próprios cavalos, atrás de Vicente e Henry, que lideravam a caravana.

— Consuelo está sozinha na mina? — indagou Lucas, sem nem mesmo cumprimentar os amigos.

— Rafael também está lá — respondeu o advogado, intrigado com a pergunta.
— Por quê?

Um velho e uma mulher não eram adversários para um animal como Ramón, pensou Lucas, começando a se desesperar.

— Ramón saiu do banco, esta manhã, furioso com Consuelo — explicou. — Não sei o que poderá acontecer, se ele a encontrar.

Antes que os companheiros pudessem responder, o som, mais forte que de qualquer trovão, rolou pelas encostas da colina. Os cavalos empinaram, relinchando assustados, forçando seus cavaleiros a hábeis manobras para não

cair. Os jumentos que puxavam as carretas estacaram, baixando as orelhas e com os olhos esbugalhados de medo. A caravana parou e os homens entreolharam-se, chocados.

— *Dios!* — gritou Henry, empalidecendo. — Foram os explosivos da mina!

O coração de Lucas disparou e ele reteve um grito na garganta. Estalou o chicote no ar, incitando o cavalo a partir a galope. Deixando os companheiros para trás, praticamente voou pela trilha, na direção da mina.

Consuelo recobrou a consciência, lentamente. Olhou em volta, esgazeando os olhos, mas tudo era a mais impenetrável escuridão. Sentiu-se presa num túmulo e o pânico ameaçou dominá-la. Rezando para controlar-se, imaginou que houvera uma explosão.

— Rafael! — gritou, começando a chorar. — Rafael, pelo amor de Deus, responda!

A única resposta foi o ruído da terra que continuava a deslizar do teto arruinado.

— Preciso encontrá-lo, Virgem Santa — murmurava, enquanto andava cautelosamente para o lugar onde haviam se defrontado com o louco que a quisera matar. — Rafael, responda!

Tateando as paredes, andou até tropeçar em algo macio. Agachou-se e apalpou, descobrindo tratar-se do velho empregado, de bruços no chão. Não conseguiu virá-lo, mas ficou aliviada ao ouvi-lo gemer de dor. Pelo menos, não morrerá.

A parte inferior do corpo do homem ficara soterrada sob pedras e terra e Consuelo começou a cavar com as mãos. Tinha de soltar o velho e arrastá-lo para fora. Quem lhe garantia que não haveria nova explosão? Logo as mãos delicadas ficaram dilaceradas e o sangue escorria dos ferimentos causados por pedras de arestas agudas. Experimentou amarga derrota quando percebeu que parte do madeiramento caíra sobre o companheiro, prendendo-o no chão. Não tinha mais forças para tentar arrancá-lo da armadilha. As mãos doíam horivelmente e o medo causava-lhe ondas sucessivas de náusea. Por um instante, sentiu que a mente fraquejava, como se fosse enlouquecer. Então, tudo se apagou de seu cérebro e ela desmaiou novamente.

Jamais saberia dizer quanto tempo depois voltou a si. Rafael gemia alto. Fraca e dolorida, ela sabia que precisava tirá-lo de lá, embora não soubesse como. Talvez estivessem destinados a morrer ali. Não havia nenhuma luz, o que

sugeria que a entrada da mina fora destruída.

— Lucas... — Ela ouviu-se chamando pelo único homem a quem amara. — Lucas, meu amor...

No momento em que acreditava estar à espera de morte certa, cenas de uma época distante e feliz voltaram-lhe à mente. Lucas e ela, em San Francisco, amando-se com imensa paixão, trocando promessas. Ela daria qualquer coisa para ter oportunidade de dizer a ele que o amava, que nunca deixara de pensar nele, um só instante. Queria pedir perdão pelas injustiças que praticara, por sua falta de confiança, pela natureza impulsiva que a fizera destruir o sonho mais lindo de suas vidas.

"É tarde demais". Ela julgou ouvir a condenação, pensando que algum espírito das trevas regozijava-se em atormentá-la. Não. Era sua própria consciência murmurando palavras fatais.

""É tarde demais". Com um grito de desespero, entregou-se às lágrimas.

Descobria finalmente, quando nada mais importava, que não conseguira confiar em Lucas porque não podia confiar na própria família. O pai a traíra. Na verdade, até a colocara a prêmio, num jogo de cartas. O irmão, jamais dera provas de que um dia seria um homem de bem, responsável e íntegro. Por isso, ela julgara que todos os homens eram iguais e fechara o coração, não acreditando na honestidade de Lucas.

Com medo da miséria e de um casamento indesejável, ameaças provocadas por sua própria gente, centralizara sua desconfiança, sua profunda amargura em Lucas. Chamara-o de traidor, ladrão e mentiroso. Ele, em troca, o tempo todo só pensara em dar-lhe amor e proteção.

— Oh, Lucas! — soluçou, sufocada sob o peso da angústia. Longos minutos arrastaram-se e Consuelo acalmou-se. De repente sentou-se, animada pelo desejo de lutar pela vida.

— Ainda não morremos, Rafael — declarou em tom firme, embora não esperasse que o velho respondesse. — Precisamos tentar sair daqui.

Arrastou-se no chão e agarrou-o pelos ombros, procurando arrastá-lo. Um grito de dor a fez soltá-lo. Não desanimou. Voltou a puxar os pedaços de madeira que o recobriam. Depois de muito tempo, exausta e compreendendo que seus esforços eram inúteis, estendeu-se ao lado do velho, passando o braço por suas costas.

O silêncio tornou-se tão profundo quanto a escuridão, quando Rafael parou de gemer e sua respiração tornou-se quase imperceptível.

Se tinham uma chance de sair dali, cabia a ela continuar lutando, refletiu Consuelo. Esquecendo o cansaço e a dor nas mãos, voltou a sentar-se. A cabeça girou, impedindo-a de tentar se levantar. Girou vertiginosamente, cada vez mais depressa.

— Lucas! — ela gemeu, antes de cair novamente ao lado do velho, sem perceber mais nada.

Vicente foi o primeiro a fazer a curva e deparar com o desastre.

— Santa *madrecita*! — exclamou estarrecido. — Que horror!

A encosta da colina deslizava, arrastando de roldão pedras e arbustos desenraizados, em meio a avalanches de terra vermelha. Uma enorme rocha oscilava no topo e de repente rolou, até pousar no pé da colina com um baque surdo. O silêncio que se fez era de mau agouro. Num gesto instintivo, o advogado fez o sinal da cruz.

A entrada do túnel desaparecera sob o entulho. As cabanas dos mineiros jaziam desabadas e o telhado da cozinha pendia num ângulo absurdo, afundado no centro. A explosão fora violenta.

No cercado atrás da cozinha, dois cavalos, loucos de pavor, pinoteavam, escavando o chão. Dois cavalos. Um de Rafael, certamente. O outro, de Consuelo!

Henry saltou da montaria e correu pelo terreno, desnorteados.

— Rafael! — começou a chamar. — Rafael! Onde está você, seu velho maluco?

Lucas permanecia parado, olhando para os dois cavalos no cercado.

— Aquela é Mirlo, a égua de Consuelo — disse para o advogado, em tom monótono, como se quisesse fugir da realidade.

— É Mirlo, sim, Lucas — confirmou o amigo. — Deus bendito! Será que ela e Rafael estavam na mina? Não pode ser!

Banhado de suor, Lucas continuava imóvel, petrificado. Era bem possível que Consuelo acompanhasse Rafael numa incursão pela mina. Seria próprio dela, uma criatura ousada, curiosa e irrequieta. Uma criatura adorável, que era sua vida.

Reagindo de súbito, virou-se para Henry, que parará a seu lado, passando a mão pelo cabelo como se fosse arrancá-lo.

— Precisamos desobstruir a mina — decidiu. — Rafael e Consuelo devem estar presos lá dentro.

— E melhor começarmos a cavar imediatamente — concordou o mineiro. — Se estiverem mesmo lá dentro, qualquer minuto é precioso. Se... se ainda não...

Henry calou-se, incapaz de colocar em palavras o horrível pensamento.

Com o coração apertado pela aflição, Lucas pegou a pá que um dos homens lhe entregou.

"Consuelo, meu amor. Já estamos indo, querida. Agüente firme, por mim, por nós!"

Correu para a entrada da mina e começou a trabalhar com os outros. Lentamente, iam retirando o monte de terra e rochas que tapava a boca do túnel. Lucas não falava. Pálido e desfigurado pela angústia, ignorava a dor nas mãos, não acostumadas a trabalho tão bruto.

As horas passavam e o sol já descia para o horizonte, mas Lucas continuava cavando, sem sentir a dor nos músculos e nas mãos feridas. Parou por alguns segundos para tomar o café que o cozinheiro chinês servira a todos. Olhou para o sol, que prosseguia em sua marcha inexorável. A cada hora, as chances de vida de Consuelo diminuía. Ele não queria pensar que ela estivesse morta, para não enlouquecer.

Devolveu a caneca ao chinês e retomou a pá, enfiando-a mais uma vez no entulho. À medida que o tempo passava, os mineiros, exaustos, paravam de falar. Logo, todos trabalhavam em silêncio. Foi assim que o grito inesperado de um dos mineiros assustou a todos.

— Corram! Encontrei um corpo!

Os trabalhadores pararam de cavar. Lucas olhou para o local indicado pelo homem, rígido de medo. Por um rápido instante, o coração parou de bater, para depois disparar, descompassado. Dois mineiros correram para auxiliar o companheiro e Lucas ficou olhando, quando arrastaram um corpo para fora dos escombros. Um corpo de homem. O do pobre Rafael, talvez. Ainda havia esperança para Consuelo.

— Está morto — anunciou um dos trabalhadores.

Mais uma vez, Lucas enterrou a pá na sujeira, procurando não pensar.

Vicente aproximou-se para examinar o morto. Depois foi até Lucas, que continuou cavando, como um autômato.

— É Ramón Salazar — o amigo revelou, chocado. — Ele deve ter dinamitado a mina. Henry disse que o paiol de explosivos foi assaltado. Pelo jeito, Ramón não conseguiu sair antes da explosão.

Lucas apoiou-se no cabo da pá e encarou o advogado.

— Se ele não estivesse morto, eu o mataria agora — disse friamente, voltando a cavar.

A equipe já entrava pelo túnel, retirando o entulho que caía para dentro. As vigas principais do madeiramento estavam intactas, de modo que havia relativa segurança contra um desabamento. Mas o chão era um mar de escombros. Empurrando os mineiros para abrir caminho, Lucas pegou o lampião da mão de um deles e entrou no túnel. Atirou-se de barriga no chão, começando a rastejar por cima das pedras e dos pedaços de madeira.

— Consuelo! — chamava, esperando uma resposta. Mas ouvia apenas o eco de seu próprio grito. — Consuelo! Onde você está? Rafael!

Prosseguiu em seu penoso avanço, parando de vez em quando para ouvir. Quando a última chama de esperança ameaçava apagar-se em seu coração desesperado, ele percebeu um som abafado. Com força renovada, arrastou-se mais depressa, mal notando que ainda caía terra do teto abalado, entrando-lhe pela boca e pelos olhos. As pedras rasgavam-lhe as roupas e o sangue corria de vários pontos da pele.

Viu-a, por fim. O corpo esbelto, sujo de terra e sangue, encontrava-se prostrado ao lado do de Rafael.

— Consuelo! — chamou num gemido.

Ela estava imóvel. Morta? Oh, Deus, não! Inconsciente, talvez. Ela precisava estar viva! Frenético, ele cavou o caminho até ela com as mãos, insensível à dor. Finalmente, num momento que jamais esqueceria, por mais que vivesse, enlaçou-a nos braços e sentiu o suave calor de sua respiração.

— Graças a Deus! — agradeceu, percebendo que as lágrimas o cegavam. — Consuelo, meu amor.

Examinou-a, compadecido. O cabelo negro estava empastado de terra. O rosto,

sujo. As mãos feridas, cobertas de sangue seco, testemunhavam sua luta pela vida. Mas tudo aquilo passaria. O importante era que ela estava viva!

Vários mineiros chegaram logo atrás de Lucas e reuniram esforços para erguer a armação de madeira que prendera Rafael. O velho gemeu de dor. Também escapara da morte!

Lucas olhou novamente para o rosto de Consuelo, aninhada em seus braços. Pousou os lábios de leve nos dela. Era um beijo reverente, uma prece de agradecimento a uma força superior que não o julgara, merecedor de um sofrimento insuportável.

Consuelo era o amor de sua vida, sua alegria e sua esperança. Ele lamentava não tê-la ouvido, quando, na porta do tribunal, ela tentara acabar com os desentendimentos. Mas, egoisticamente, ele se fechara em sua mágoa e sua raiva, nascidas do orgulho ferido. Orgulho, nada mais, nada menos. Precisara de uma dura lição para aprender que o orgulho não convivia com o amor verdadeiro.

A seu lado, os mineiros acabavam de livrar Rafael. A perna do velho pendia, quebrada. Na cabeça, os ferimentos produzidos pelas pedras sangravam, e na têmpora direita erguia-se um horrível inchaço.

— Olhem! — exclamou um dos mineiros que participara da construção da mina. — O cachorro do velho Rafael, Bolo. Está ferido e desacordado. Vamos tirá-lo daqui.

— Ainda bem que não morreu. O velho ficaria inconsolável — comentou outro, também da antiga equipe.

Lucas mal os ouvia, alheio a tudo o que não fosse a mais maravilhosa das realidades. Sua amada Consuelo vivia. Nada mais os separaria. Depois daquela provação, não tinham mais o direito de brincar com a felicidade, desafiando estupidamente o destino que os protegia.

Lenta e penosamente, começaram a voltar pelo túnel em escombros. Outros trabalhadores haviam limpado o chão e puderam sair andando, carregando os feridos. Lucas começava a sentir dor por todo o corpo, mas nenhum sofrimento o atingiria, ao abrigo de sua alegria e gratidão.

Quando saiu da mina, olhou para o sol, que quase tocava o horizonte. Lágrimas escorriam por seu rosto enegrecido de sujeira.

Henry estendeu um cobertor perto da fornalha e Lucas deitou Consuelo com extremo cuidado. Sentou-se junto dela, sem desviar o olhar do rosto querido, pálido e ferido. Depois de muito tempo, ela abriu os olhos, mas não o focalizava.

— Consuelo...

Ela gemeu e virou o rosto. Lucas pegou o pano molhado que Henry lhe apresentou e passou-o pelas faces sujas de terra e sangue. Consuelo gritou e tornou a perder os sentidos.

Vicente, que acabara de chegar perto deles, agachou-se ao lado da amiga.

— Acha que houve alguma fratura? — perguntou a Lucas.

— Não sei. Posso verificar.

Num outro cobertor os homens rodeavam Rafael. Um deles levantou-se e foi até Vicente.

— Precisamos entalar a perna do velho. Quer ajudar? O advogado assentiu e afastou-se.

Lucas corria as mãos pelos braços de Consuelo, com infinita ternura. Os ossos estavam intactos. A seguir, ergueu a saia rasgada e imunda, para examinar as pernas esguias. Sem que pudesse evitar, lembrou-se das outras vezes em que acariciara aquela pele morena e quente. Momentos gloriosos de amor e prazer, que eles voltariam a experimentar, unidos para sempre.

Satisfeito com o exame, que não revelou nenhuma fratura, Lucas arrumou a saia em volta do corpo imóvel. Apalpou as costelas por cima da blusa em frangalhos e não encontrou nada anormal.

— Lucas? — o advogado chamou baixinho, voltando para junto deles.

— Nada fraturado — Lucas anunciou com um sorriso cansado. — Mas será bom levá-la ao médico, da mesma forma.

— Estamos mais perto da fazenda do que da vila — o amigo lembrou-o. — Vou mandar alguém buscar o dr. Frame e iremos para a fazenda Estrada.

— Precisamos de uma carreta para transportar os dois feridos — observou Lucas.

— Três — corrigiu o advogado.

— Três? — Lucas estranhou. — Mas... mas Ramón está morto.

— Não estou falando de Ramón, mas do cachorro de Rafael — o amigo explicou com um sorriso.

Lucas também sorriu, menos tenso. O pior já passara.

— Vou mandar descarregar uma carreta — avisou o advogado.

Sozinho, Lucas voltou a fitar o rosto de Consuelo. Ela estava tão imóvel, tão silenciosa. Mas a natureza era sábia, ele considerou. Depois de tanto horror, ela precisava de repouso. Afagou o cabelo emaranhado, colocando todo seu carinho no gesto.

Vicente gritava ordens, mandando descarregar uma carreta e pedindo cobertores. Lucas pensou no longo caminho acidentado que o veículo teria de percorrer, até a fazenda Estrada. Para uma pessoa ferida, os solavancos representariam um grande desconforto. Decidiu que iria a cavalo, levando Consuelo com ele, abrigada contra seu peito.

— Eu cuidarei de você, meu amor — prometeu, curvando-se para beijar o rosto maltratado.

Levantou-se e foi pegar o cavalo, que alguém amarrara para ele no cercado. Não fora ele, certamente. Desde o instante em que vira a mina obstruída, só tivera um pensamento: salvar Consuelo. O resto perdera-se na bruma espessa de seu desespero.

Puxando o animal pelas rédeas, acercou-se de Vicente.

— Vou levar Consuelo a cavalo — comunicou. — A carreta demorará muito a chegar à fazenda. Além disso, a viagem é muito desconfortável.

Vicente olhou-o, espantado.

— Acha que vai dar certo? Não será melhor ela ir deitada?

— Ela não fraturou nada, Vicente. Está apenas desmaiada. Quero entregá-la aos cuidados de Isabel o mais rápido possível.

— Está bem — concordou o advogado por fim. — Não vou discutir com você, apesar de achar que não vai ser fácil.

— Ora, Vicente, que dificuldade poderia haver?

— Já disse que está bem, Lucas. Se quer assim, deve saber o que está fazendo.

— Chame outra pessoa para ajudar a pôr Consuelo no cavalo — pediu Lucas, pondo fim à discussão.

Montou e esperou que Vicente e um mineiro erguessem Consuelo, embrulhada num cobertor. Pegou-a e içou-a para a sela, aconchegando-a de encontro ao peito.

Ajeitando-se na sela, Lucas segurou as rédeas e tornou a olhar para o rosto adormecido. Soubera que ela seria sua amada desde o primeiro instante em que a vira. Mas até aquele dia terrível, em que temera perdê-la para sempre, ele não tivera consciência de como era profundo esse amor. Consuelo fazia parte de seu ser. Sem ela, ele seria um homem pela metade.

Sérios e comovidos, os homens reunidos em volta de Lucas o viram beijar a testa de Consuelo.

Depois, ele virou o cavalo e partiu na direção d*rio, rumo à fazenda Estrada.

CAPITULO XXX

O vento soprava do continente, carregando os perfumes da primavera, que cobria as colinas de flores. Era quente, aquecendo as massas de ar sobre o mar muito azul. Como sempre, nos dias em que ventava assim, Consuelo sentia-se nervosa. Mas precisava cumprir as tarefas que lhe cabiam, esquecendo o desconforto. E, pensando bem, não tinha o menor direito de queixar-se de coisa alguma, depois de escapar da morte prematura. Devia estar grata e aceitar tudo da vida como uma dádiva preciosa.

Mais bem disposta, dirigiu-se à casinha onde Rafael vivia com Rosa, para levar o almoço ao velho empregado. Encontrou-o irritado e lamentoso. Depois de duas semanas preso ao leito, encarava a inatividade forçada como um castigo. Nunca, em sua vida de vaqueiro, tivera um osso fraturado e raramente sentia alguma indisposição.

Ao ver Consuelo, os olhos escuros encheram-se de lágrimas.

— Pobre do meu cachorro Bolo — lamentou. — Rosa disse que ele perdeu o movimento da perna atingida pelo tiro. Nunca mais vai poder correr atrás de mim.

— Mas já está andando, Rafael. E Bolo já está velho. Por que teria necessidade de correr por aí? — Consuelo pousou a bandeja na mesa ao lado da cama. —

Vamos trazê-lo aqui, mais tarde, para que você veja que ele teve muita sorte de estar vivo.

— Ele nos ajudou, atacando Ramón — o velho comentou com um sorriso.

— Claro — ela concordou. — Bolo ficou marcado pela batalha, mas é um herói.

O velho sorriu, mas logo ficou pensativo.

— Se eu tivesse levado o rifle, teria acabado com Ramón. Ele não teria explodido a mina.

— Mas não levou, Rafael. O que importa, meu amigo, é que estamos vivos.

Consuelo dizia a mesma coisa, todos os dias, quando o empregado lamentava o estrago causado por Ramón. Mas ele continuava a sentir-se culpado por ter entrado na mina com ela, sem levar a arma.

Como de costume, enquanto comia, ele desfiou a ladainha de reclamações contra a própria imprudência e Consuelo deixou-o falar, mas já não o ouvia. Rememorava o dia terrível em que se defrontara com a morte. Sempre desconfiara do caráter de Ramón e nos últimos tempos concluía que ele era realmente mau. Mas jamais imaginara que a maldade e a sede de vingança o transformariam num assassino tão frio. Não conseguira matá-la e a Rafael, mas apenas por alguma espécie de milagre.

Ramón dinamitara a mina, mas, como Henry explicara, tinha pouco conhecimento a respeito de explosivos. Calculara mal o tempo e não pudera sair antes da explosão. O destino era mesmo irônico. Ramón atentara contra a vida de Consuelo e Rafael e tornara-se a única vítima da própria loucura.

— Graças a Deus, Henry e Vicente chegaram com os mineiros logo depois do desmoronamento — o velho dizia, talvez pela centésima vez naqueles quinze dias. — Lucas Morgan também estava lá.

— Eu sei — ela respondeu, um pouco asperamente.

— Henry disse que Lucas parecia ter perdido o juízo, cavando sem descanso, não falando com ninguém.

— Acabou de comer? — perguntou Consuelo, querendo sair dali antes que começasse a chorar diante do velho.

— Acabei — ele afirmou, olhando-a atentamente. — Senhorita... Ela pegou a bandeja e correu para fora.

Depois de duas semanas desde o trágico acontecimento, seus ferimentos já estavam quase curados. Mas seu coração ainda sangrava. Lucas não fora vê-la uma única vez. Por quê? Seria incapaz de perdoá-la? E ela, poderia culpá-lo? Não. Fora injusta em sua cegueira. Não reconhecera o amor verdadeiro que ele lhe dedicava e matara o sentimento com suas acusações horríveis.

Guardava lembranças confusas da viagem da mina até a fazenda. Lembrava-se vagamente de estar amparada entre os braços de Lucas. Ele beijara-lhe o rosto várias vezes, murmurando palavras de amor, ou tudo não passara de ilusão criada por sua mente perturbada?

As lágrimas rolaram pelas faces ligeiramente mais magras e ela enxugou-as, irritada. Sabia que Lucas sempre perguntava por ela, procurando notícias com Vicente e com o dr. Frame, mas nunca fora à fazenda. Contudo, lutara como um louco para retirá-la da mina. Não podia odiá-la. No entanto, também não a amava. Se amasse, não ficaria longe tanto tempo.

— Por que fui tão estúpida? — queixou-se baixinho, parando na porta da cozinha para apagar os últimos vestígios de lágrimas. — Por que não confiei nele?

Pensara muitas vezes em ir procurá-lo, mas desistia quando se lembrava de que pedira perdão, em San Luis Obispo, e ele a tratara friamente. Não suportaria ser rejeitada novamente. Teria de contentar-se. com lembranças e resignar-se a conviver com o arrependimento.

Entrou na cozinha e colocou a bandeja na mesa. Nesse momento, um cavalo a galope entrou no pátio e Consuelo sentiu o coração dar um salto.

Seria Lucas?

Foi até a porta, escondendo-se para não ser vista. Tia Isabel estava ao lado de um cavalo cinzento, olhando para o homem forte que o montava. Consuelo reconheceu-o. Soledad! Talvez o mestiço trouxesse um recado de Lucas!

Ela saiu correndo para o pátio, mas quando acercou-se do cavaleiro, ele tocou respeitosamente a aba do chapéu largo e bateu no pescoço do cavalo, que partiu em trote rápido.

— O que Soledad queria, tia? — perguntou, não disfarçando a ansiedade.

Isabel sorriu ternamente,

— Acho que ele apenas queria ver a mãe.

— Tia, ele a chama de mãe? — quis saber Consuelo, comovida com a expressão enlevada da mulher.

— Ainda não, minha querida. Mas estamos nos tornando amigos. Talvez, um dia...

— Tia... — Consuelo interrompeu-a, impulsionada por uma louca esperança que se recusava a morrer. — Foi só para vê-la que ele veio aqui? Não trouxe um recado de...

— De Lucas? — a tia antecipou, com um brilho malicioso no olhar.

— De Lucas — Consuelo admitiu, desviando o olhar.

O sol batia na videira que crescia pelos pilares da varanda, arrancando doce aroma das folhas verde-escuras. Na mureta ao redor do pátio, um gato dormia de barriga para cima.

Isabel abraçou Consuelo pela cintura.

— Lucas mandou Soledad perguntar se você está bem de saúde, minha querida.

— Por que não veio pessoalmente? — protestou Consuelo, decepcionada.

— Talvez ele pense que não será bem recebido — sugeriu a tia em tom levemente repreensivo. — Você já pode montar, minha filha.

— O que está querendo dizer, tia? — indagou Consuelo desnecessariamente.

— Não fui bastante clara, menina? Estou sugerindo que vá procurar Lucas Morgan.

Consuelo andou até a mureta e acariciou o gato, que se espreguiçou, bocejando.

— Não posso — declarou num fio de voz. — Tia, já lhe contei o que aconteceu em San Luis Obispo. Pedi perdão, mas ele foi embora. Lucas não quer me perdoar. Seria inútil falar com ele outra vez.

— Ah, minha filha, minha tolinha! — A mulher voltou a abraçá-la. — Não existe lugar para o orgulho, quando se ama. Você ama Lucas e ele a ama. Precisava ver em que estado ele chegou aqui, quando a trouxe da mina. Nunca vi tanta angústia e tanto amor no olhar de um homem.

Consuelo não respondeu, olhando para a tia por entre lágrimas.

— Corra para Lucas, menina — a mulher insistiu. — Não perca a oportunidade de ser feliz, ou se arrependerá pelo resto de sua vida.

Consuelo entrou no salão. Dom Augustino jogava paciência, espalhando as cartas na longa mesa de jantar. Esperando que ele não fizesse perguntas, ela abriu o baú chinês que pertencera à mãe. Retirou o lenço de seda, onde embrulhara o colar de pérolas. Antes de baixar a tampa pesada, acariciou a mantilha que a mãe usara no dia do casamento. Um dia ela também a usaria para ficar linda para Lucas. Nesse dia, os dois se uniriam para sempre e começariam uma vida de pura felicidade.

Consuelo esforçava-se para não permitir que as sombras da dúvida arruinassem esse sonho maravilhoso. Lucas a perdoaria. Acreditaria em seu amor e a aceitaria de volta.

Num dos cantos do baú, brilhava o frasco de mercúrio que Henry lhe dera. Outro sonho que se tornaria realidade. A mina já voltara a operar e a produção prometia ser mais compensadora do que Henry ousara imaginar.

— Aonde você vai? — perguntou o pai, finalmente notando que ela estava vestida para sair.

— Dar um passeio a cavalo — ela respondeu vagamente.

— Tenha cuidado — recomendou o velho. — Esta região ficou cheia de ladrões, de repente.

Ela quase retorquiu que o maior ladrão de todos morrera, mas conteve-se. O pai chegara a considerar Ramón um verdadeiro amigo e custara-lhe muito aceitar a dura realidade de que confiara num canalha. Consuelo sabia que a maldade de Ramón nascera de sua revolta contra a pobreza amargada na infância. Mas isso não o desculpava. Depois que enriquecera, não conseguira vencer a inveja e a cupidez. Ela não lamentava a morte dele. Nunca mais precisaria preocupar-se com o ódio de Ramón, com seu desejo insano de vingança.

— Sossegue, papai. Terei cuidado — respondeu apenas. Guardou o lenço com o colar no bolso da saia e aproximou-se do pai para beijá-lo. Depois, antes que perdesse a coragem, saiu para o pátio, onde Sancho a esperava, segurando as rédeas de Mirlo.

Lucas saiu do armazém e encostou-se na parede, procurando sombra. O vento do continente, quente e constante, tanto irritava como deixava o corpo mole, cansado.

Não havia movimento, pois o próximo navio só chegaria dentro de três dias. Mas a atividade dos operários continuava. Lucas acendeu uma cigarrilha,

observando os trabalhadores afixarem tábuas no cais quase pronto.

Ele calculava que o trabalho de construção terminaria em um mês. Os navios, então, ancorariam no porto, o que tornaria imensamente mais fácil a operação de carga e descarga. Quando começara a planejar o cais, tudo não passava de um sonho audacioso. Trabalhara muito para pô-lo em prática. Não se poupava, viajando para comprar material e ferramentas, ajudando os operários quando havia necessidade de um trabalho rápido. Além disso, o projeto o desgastara, pois no começo, fora obrigado a pedir empréstimos e ele sempre achava que preocupação com dívidas era muito mais extenuante que o trabalho braçal.

Finalmente, o sonho transformava-se em realidade. Lucas devia, estar feliz, animado e cheio de planos. Mas não estava. Conhecía muito bem o motivo de sua insatisfação. Tudo o que conseguisse, até mesmo fortuna, nada significaria sem Consuelo. As lembranças jamais o deixariam. Não havia uma única noite em que ele não sonhasse com ela. Às vezes a via meiga e apaixonada, suspirando de prazer em seus braços. Em outras, o rosto lindo mostrava-se frio e acusador, o que o feria até o fundo da alma. O mais terrível, porém, era quando ele sonhava com o dia da explosão na mina.

A tortura que conhecera nos momentos de incerteza, sem saber se Consuelo vivia, ou se ele a perdera para sempre, voltava impiedosamente. E ele despertava, banhado em suor, sentindo dificuldade em respirar. Depois lembrava-se de que tudo acabara bem, mas mesmo assim não conseguia dormir outra vez. Não foram poucas as vezes, naqueles quinze dias, em que ele vira o sol nascer, andando à beira do mar.

Ele sabia que Consuelo recuperava-se rapidamente dos ferimentos sofridos. Vicente e o dr. Frame sempre tinham notícias animadoras. Isabel também fazia relatos detalhados do estado de saúde de Consuelo, através de Soledad. De forma que, por esse lado, tudo ia bem.

O que ia mal, era que Consuelo ainda não aprendera a lição. Continuava a colocar o orgulho estúpido acima do amor. Ele reconhecia que também era orgulhoso. Se não fosse, já teria ido à fazenda e pedido a ela que esquecessem o passado e iniciassem uma vida nova, baseada no amor e na confiança.

Mas que inferno! Ele fora insultado, sofrera rejeição, sentira-se humilhado com abomináveis acusações. Não lhe cabia dar o primeiro passo. Já tentara uma aproximação e fora inútil. Que Consuelo, dessa vez, tomasse a iniciativa. Se não tomasse... Bem, ele encontraria uma forma de continuar vivendo.

Para isso, precisava aprender a esquecer. Pelo menos, tinha de parar de pensar nela a cada segundo do dia. Com essa decisão, desceu para a praia, pretendendo verificar o trabalho dos operários. Parou no meio do caminho ao ouvir o galope de um cavalo. Por um instante, encheu-se de esperança, mas era apenas Soledad, que retornava da fazenda.

Contudo, esperança era algo difícil de matar. Podia ser que o empregado estivesse voltando com um recado de Consuelo.

Esperou que o mestiço parasse junto dele e descesse do cavalo. Estranhou o sorriso no rosto moreno. Era um sorriso diferente, como se o homem estivesse se divertindo com algum pensamento secreto.

— Por que essa cara de gato que comeu um rato gordo, Soledad? — indagou, vagamente aborrecido.

— Ah, patrão, foi muito engraçado.

— O que foi engraçado, homem? Fale logo.

— A senhorita veio atrás de mim.

— Que senhorita? Isabel?

— Não, senhor. A srta. Consuelo. Ela me alcançou com aquela eguinha rápida. E mandou um recado.

A esperança renasceu, gloriosa, no coração de Lucas.

— O que... O que foi que ela disse, Soledad?

O amigo fez um gesto, apontando para o outro lado da baía.

— Está à sua espera, sr. Morgan, no Cabo da China. Pediu que o senhor fosse encontrá-la lá, na casa em ruínas.

Lucas olhou para o promontório, distinguindo a mancha verde-escura formada pelos eucaliptos. As ruínas da casa do chinês quase não eram visíveis entre as árvores, mas era possível captar o brilho do sol batendo numa das paredes de pedra.

— Posso usar seu cavalo? — perguntou, já pegando as rédeas.

— E claro, senhor — respondeu o mestiço com um sorriso largo. Lucas montou e o animal aprumou-se, pronto para partir.

— Cuide de tudo por aqui, Soledad. Pode ser que eu demore para voltar.

— Vá sossegado, sr. Morgan.

Com as rédeas soltas e incitado pelo chicote que Lucas estalou acima da cabeça, o cavalo disparou no galope pela trilha ao longo da praia.

Consuelo desceu de Mirlo em frente à casa arruinada. Perdera grande parte do ímpeto que a levara até lá, começando a temer o momento em que encararia Lucas. Receava muito mais, porém, que ele desprezasse o recado e não fosse a seu encontro.

Olhou para o céu, onde as gaivotas descreviam curvas graciosas, os gritos melancólicos ecoando como tristes presságios. Lentamente, caminhou para a escadaria arruinada e subiu alguns degraus para olhar a imensidão do oceano. A trilha acompanhava a faixa branca de areia que emoldurava a baía.

Acariciando as pérolas do colar ao redor do pescoço, ela olhava ansiosamente para o caminho estreito, ansiando por ver o vulto de Lucas correndo na direção do cabo. Fora com tanto amor que ele lhe dera o colar, naquele dia distante! Ela conheceria a felicidade de um dia voltar a ser acariciada por ele? Teria chance de se fazer perdoar, dedicando-lhe todo o amor que ele merecia?

Perdida em suas amargas reflexões, ela não ouviu a batida dos cascos na terra macia. Foi só quando o cavalo bufou, chegando ao topo do promontório, que ela virou-se para a trilha que terminava no jardim abandonado.

Poderia estar sonhando, mas o cavaleiro era Lucas! Alegria e apreensão atropelaram-se no coração de Consuelo. Mas não precisava ter medo, refletiu. Se Lucas não a amasse, não iria ao seu encontro. Contudo, só teria certeza quando ele dissesse que tudo voltaria a ser como fora antes. Dias de amor e paixão, por todo o tempo que estivessem juntos.

Lucas desceu para o chão e ela o acompanhou com o olhar, incapaz de decifrar a expressão dos olhos azuis que ela adorava.

Ele parou a alguns metros de distância, esperando em silêncio. Consuelo teria de dar o primeiro passo. Ele não correria para ela, como ansiava fazer.

Então, um grito sufocado escapou dos lábios de Consuelo e ela correu para ele, jogando-se em seus braços. Lucas amparou-a, abraçando-a com força contra o peito. Consuelo agarrou-se a ele, erguendo os olhos para os dele, brilhantes de amor e alegria.

Lucas esmagou-lhe a boca num beijo ardente, quase desesperado. A paixão que

ele conhecia tão bem ardia em seu corpo, dominadora e faminta.

— Consuelo... — ele murmurou por fim, fitando-a maravilhado. — Consuelo, meu amor. Estamos juntos. Nunca mais ficaremos separados. Você é meu amor, meu único e eterno amor.

— Querido... — Ela enlaçou-o pelo pescoço e acariciou o cabelo farto, enterrando os dedos nas mechas curtas da nuca. — Você me perdoa, Lucas? Eu te amo! Amo, amo, amo!

Lucas segurou o rosto macio entre as mãos, procurando nos olhos escuros uma última resposta.

— Confia em mim, Consuelo?

Lágrimas desceram pelo rosto de Consuelo, quando ela pensou que fora sua falta de confiança que os separara, causando tanto sofrimento.

— Confio — afirmou com fervor. — Confio, Lucas. Para sempre. Confiarei em você até o fim da vida.

— A vida é longa — ele comentou com um sorriso brincalhão. — De acordo com a fé católica, que abracei, é eterna. E acredito que ficaremos juntos, pela eternidade. Pode prometer que sempre confiará em mim?

— Posso, Lucas! Claro que posso, meu amor!

Com uma risada triunfante, Lucas ergueu-a do chão e rodopiou com ela, extravasando a euforia.

— Pare, Lucas! Estou ficando tonta! — ela protestou, rindo como uma criança.

Ele colocou-a no chão e guiou-a até a beira do penhasco, onde ficaram olhando o mar. O sol, quase sumindo no horizonte, riscava uma trilha cintilante na água prateada.

— Veja, querido — ela disse com ar sonhador. — O mar parece feito de mercúrio.

Ele sorriu.

— O coração da minha mulher também. Difícil de prender.

— Mas você o conquistou, Lucas. Nunca duvide disso, meu amor. Ela acariciou o rosto bronzeado, oferecendo os lábios, linda e tentadora.

O vento quente agitava os eucaliptos, espalhando seu perfume no ar, quando

Lucas a deitou na grama alta, apertando-a contra o corpo.

Lá embaixo, as ondas batiam nas rochas da praia, música selvagem acompanhando os gritos das gaivotas. Não eram mais sons melancólicos, pensou Consuelo. Eram alegres e prenunciavam um novo tempo em sua vida.

— Desta vez será para sempre — cochichou, antes de silenciar sob os beijos de Lucas.

Clássicos da Literatura Romântica

Elizabeth

Maura Seger

ORGULHO E PAIXÃO TRAVAM GUERRA EM SEUS CORAÇÕES

A elegância e a agitação social de Boston contrasta fortemente com o lugar em que Elizabeth Calvert foi criada, na Virgínia, onde a serenidade superficial esconde a luta ferrenha pela sobrevivência. Elizabeth deixa-se encontrar pelo luxo e pela riqueza desta sofisticada cidade do Norte. E sente-se personagem de um conto de fadas quando se casa com o mais fascinante magnata da região, Drake Bennington. A certeza de ter encontrado um amor especial sofre seus primeiros abalos quando ela e o marido se descobrem verdadeiros estranhos num casamento tão cheio de conflitos quanto o Norte e o Sul do país, recém-saído da guerra.

Desiludida, Elizabeth será tentada a voltar para a tranquilidade da terra natal, e para os braços de seu antigo amor. Sob os efeitos dramáticos do pós-guerra, dois amantes lutam para manter vivo seu amor!